**Casa de Oswaldo Cruz - FIOCRUZ**
**Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde**

# COMO FLECHAS DE PUSHKIN: OS DIAS ENTRE A CIÊNCIA E A GUERRA NOS CAMINHOS, PERSPECTIVAS E PRÁTICAS DA SEGUNDA EXPEDIÇÃO RUSSA À AMÉRICA DO SUL (1914-1915)

**LUCAS ALVES FIRME CARNEIRO**

**Rio de Janeiro**
**2023**

**LUCAS ALVES FIRME CARNEIRO**

# COMO FLECHAS DE PUSHKIN: OS DIAS ENTRE A CIÊNCIA E A GUERRA NOS CAMINHOS, PERSPECTIVAS E PRÁTICAS DA SEGUNDA EXPEDIÇÃO RUSSA À AMÉRICA DO SUL (1914-1915)

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz - FIOCRUZ, como requisito parcial para obtenção do Grau de Doutor. Área de Concentração: História das Ciências.

Rio de Janeiro
2023

**LUCAS ALVES FIRME CARNEIRO**

# COMO FLECHAS DE PUSHKIN: OS DIAS ENTRE A CIÊNCIA E A GUERRA NOS CAMINHOS, PERSPECTIVAS E PRÁTICAS DA SEGUNDA EXPEDIÇÃO RUSSA À AMÉRICA DO SUL (1914-1915)

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz - FIOCRUZ, como requisito parcial para obtenção do Grau de Doutor. Área de Concentração: História das Ciências.

BANCA EXAMINADORA

Profa Dra Magali Romero Sá (Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz) – Orientadora

Profa. Dra. Juliana Manzoni Cavalcanti (Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz) – Coorientadora

Prof. Dr. João Pacheco de Oliveira (Programa de pós graduação em Antropologia Social/PPGAS/Museu Nacional/UFRJ)

Prof. Dr. Luiz Barros Montez (Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada PIPGLA/UFRJ )

Profa. Dra. Lorelai Brilhante Kury (Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz)

Prof. Dr. Ricardo Ventura Santos (Escola Nacional de Saúde de Pública/ENSP-Fiocruz)

Suplentes:

Prof. Dra. Kaori Kodama Flexor (Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz)

Prof. Dr. Bruno Barretto Gomide (Departamento de Letras Orientais/ DLO-USP)

Rio de Janeiro
2023

C289c Carneiro, Lucas Alves Firme.

Como flechas de Pushkin: os dias entre a ciência e a guerra nos caminhos, perspectivas e práticas da segunda expedição russa à América Latina (1914-1915) / Lucas Alves Firme Carneiro. – Rio de Janeiro, 2023.
277 f. : il.

Orientadora: Magali Romero Sá.
Tese (Doutorado Acadêmico em História das Ciências e da Saúde). Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz.
Bibliografia: f. 249-276.

1. Expedições. 2. Antropologia Cultural. 3. I Guerra Mundial. 4. História do Século XX. 5. Brasil. 6. Rússia (pré-1917).

CDD 362.1

# AGRADECIMENTOS

Pesquisando sobre a ciência como uma crônica de rotinas, de surpresas boas e ruins, de doses tão diversas de pessoas, outros animais e coisas, consegui guardar a versão propriamente minha de tudo e todos que fizeram a intensidade desses anos de trabalho junto comigo. Com palavras bem simples e sentimentos grandes, eu gostaria de agradecer:

Às queridas professoras que me orientaram neste processo: minha orientadora, professora doutora Magali Romero Sá, e minha co-orientadora, professora doutora Juliana Manzoni Cavalcanti. Eu não poderia ter tido melhores mentoras, que, desde o mestrado, me acolheram e me ensinaram tanto. Tendo vindo da biologia, as inseguranças me acompanham até hoje, mas vocês me ajudaram a caminhar com elas.

Às instituições que financiaram este trabalho, à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e, com carinho especial, à Fundação Oswaldo Cruz e à Casa de Oswaldo Cruz.

Aos professores e demais funcionários ligados ao PPGHCS, pela formação de excelência e apoios em todos os níveis.

Ao Arquivo Central do Poder Judiciário do Estado do Rio de Janeiro, Marco Antônio, Gilberto, Henry e demais funcionários que abraçaram a colaboração que propusemos com a Fiocruz ainda em 2018, concedendo-me o acesso e as ferramentas para que eu pudesse digitalizar a documentação essencial à minha pesquisa. Reitero a gratidão por essa contribuição já antiga e tão determinante para mim.

À professora doutora Elena Stanislavovna Soboleva, pela honra de tê-la como contato acadêmico e pelas oportunidades mais recentes de intercâmbio de materiais e indicações por e-mail.

Aos meus amigos, os antigos e os novos, de quem eu senti tanta falta por longos períodos do trabalho. Alguns insistentes apareceram e salvaram momentos com risos e abraços. Os que fiquei mais tempo sem ver me ajudaram simplesmente por existirem. Penso em vocês sempre e isso faz toda a diferença.

Aos meus companheiros de quatro patas, morem comigo ou não. Kisa, Krigor, Napoli, Alaska, Chiquito Melão, Thor, Mini Thor, Noru e meu anjinho eterno Sarajevo. Quem me

conhece de perto sabe o quanto essas e outras criaturas me dão sentido e força, então precisava trazê-las aqui.

À minha fada madrinha Fátima Branquinho, que é tanta coisa para mim em uma só pessoa. Fátima é mãe, tia, amiga, conselheira acadêmica que eu venero e por aí vai. Obrigado por tanto amor e, principalmente, por ter tido a Paula, a minha manita. Ainda bem que encontrei vocês nesta vida.

À toda a minha grande família, em Pernambuco e no Rio. Especialmente a meus pais, minha Zefinha, meu irmão caçula Levi e meu outro irmão Helânio, que veio mais tarde, pegou meu posto de primogênito e me jogou para o meio do trio. Através dele, ainda ganhei minha cunhada de coração, Andressa. Agora que tenho morado longe, os seis têm sido um farol e tanto. Amo vocês e tenho muitas saudades.

…e àquela que esteve comigo todo o tempo, minha esposa e companheira Janayne. Meu amor, muito obrigado pela força que teve para você mesma e ainda para o Lucas inseguro, o irritado, o triste, etc. Os anos do doutorado foram os mesmos de muitas mudanças para nós, sem falar no que aconteceu com o mundo. Nesse tempo, você foi amiga, parceira acadêmica e, de quebra, me deu uma família piauiense novinha, bem maior do que posso citar aqui: Maria Helena, Titia, Alan, Martin, Izzy e meu doce Pietro, o primeiro ser humano que vim a considerar um filho. Vocês me deram base e amor em uma terra nova e quando mais precisei.

## RESUMO

Este trabalho concentrou-se nas cartas, relatos e ensaios de uma expedição russa transcorrida entre 1914 e 1915 na América do Sul, e teve o objetivo principal de analisar o empreendimento - seu formato, práticas e conhecimentos produzidos - através dos diferentes contatos locais travados pelos viajantes. Em maio de 1914, cinco estudantes de São Petersburgo - dois etnógrafos, dois zoólogos e um economista e antropólogo amador - desembarcaram em Buenos Aires para iniciar suas atividades, estipuladas para um período de seis meses. Financiados por algumas instituições acadêmicas e apoiadores privados do Império Russo, eles deveriam coletar material etnográfico e natural localmente. Os dias na capital argentina conduziram a reformulações fundamentais, sobretudo quanto à região de interesse para os estudos de campo. É a partir desse momento que o Brasil - mais precisamente o sul do estado de Mato Grosso - passa ao olhar dos russos, que iniciaram suas explorações desde a cidade de Corumbá. Por fim, a expedição durou cerca de um ano além do esperado e os russos se separaram em diferentes momentos. A presente tese examina essas distintas parcelas das coletas e observações, que incluíram um significativo número de países sul-americanos. O Brasil se destaca principalmente através do etnógrafo e linguista Genrikh Manizer, que teve profícua atividade entre o centro-oeste e sudeste do país. As investigações deste trabalho permitiram afirmar que a expedição foi, de fato, compreendida e desenvolvida pelos viajantes russos em função das relações forjadas na América do Sul. Indígenas, cientistas, imigrantes e outros habitantes das regiões visitadas representaram as redes que tornaram possível a produção intercultural de caminhos e conhecimentos na viagem científica. Ainda percebe-se que a deflagração da Primeira Guerra Mundial, enquanto os viajantes estavam em atividade, impactou positivamente os resultados e a relevância do empreendimento. O conflito adiou o retorno do grupo à Rússia e impôs grandes limitações à comunicação por cartas, induzindo a busca por soluções locais para a continuidade do trabalho. Esse contexto viabilizou novas e importantes contribuições, como a redescoberta ocasional da expedição liderada pelo naturalista Langsdorff no Brasil da década de 1820, comissionada pelo Império Russo mas esquecida no início do século XX. Esta tese indica que um primeiro esforço de resgate partiu desse momento, através de coleções do Museu Nacional do Rio de Janeiro e com a contribuição vital de cientistas da instituição.



Palavras-chave: Viagens científicas, Rússia, Brasil, América do Sul, Langsdorff, etnografia, coleções, Primeira Guerra Mundial, Primeira República.

## ABSTRACT

This work focused on the letters, reports and essays of a Russian expedition that took place between 1914 and 1915 in South America, and had the main objective of analyzing the enterprise - its format, practices and knowledge produced - through the different local contacts made by the travelers. In May 1914, five students from St. Petersburg - two ethnographers, two zoologists and an amateur economist and anthropologist - landed in Buenos Aires to begin their activities, stipulated for a period of six months. Funded by some academic institutions and private supporters of the Russian Empire, they were supposed to collect ethnographic and natural material locally. The days in the Argentine capital led to fundamental reformulations, especially regarding the region of interest for field studies. It was from that moment on that Brazil - more precisely the south of the state of Mato Grosso - entered the Russians`s perspective, who began their explorations from the city of Corumbá. Ultimately, the expedition lasted about a year longer than expected and the Russians broke up at different times. This thesis examines these distinct portions of collections and observations, which included a significant number of South American countries. Brazil stands out mainly through the ethnographer and linguist Genrikh Manizer, who had fruitful activity between the center-west and southeast of the country. The investigations of this work allowed us to state that the expedition was, in fact, understood and developed by the Russian travelers due to the relationships forged in South America. Indigenous peoples, scientists, immigrants and other inhabitants of the visited regions represented the networks that made possible the intercultural production of paths and knowledge in the scientific journey. It is also clear that the outbreak of the First World War, while the travelers were active, had a positive impact on the results and relevance of the enterprise. The conflict postponed the group's return to Russia and imposed major limitations on letter communication, prompting the search for local solutions to continue the work. This context enabled new and important contributions, such as the occasional rediscovery of the expedition led by the naturalist Langsdorff in Brazil in the 1820s, commissioned by the Russian Empire but forgotten at the beginning of the 20th century. This thesis indicates that a first rescue effort started from that moment, through the collections of the National Museum of Rio de Janeiro and with the vital contribution of scientists from the institution.

Keywords: Scientific travels, Russia, Brazil, South America, Langsdorff, ethnography, collections, World War I, First Republic.

## SUMÁRIO

**Introdução** **1**
- Tese e objeto em linhas gerais 1
- Antecedentes históricos: contatos entre Rússia e Brasil por meio de expedições 6
- Fontes e trajetória da pesquisa 12
- Referenciais teóricos e conteúdo dos capítulos 14

**Parte 1 - Sociedade, instituições e ciências no Império Russo: uma apresentação** **20**
Capítulo I - Uma expedição no ocaso da autocracia russa 20
1.1 Pedro, o Grande, a Academia Imperial de Ciências e ideais de ocidentalização 22
1.2 A ciência, os burocratas e o Estado russo 24
1.3 O caminho até as Grandes Reformas dos anos 1860-70 30
1.4 As Grandes Reformas entre autocracia e mudança 33
1.5 O novo mapa moral das ciências russas nas Reformas 39
1.6 As formas da ciência russa das universidades aos governos locais 45
1.7 Da Kunstkamera aos museus públicos do Império Russo 60
1.8 O início da renovação do Museu de Antropologia e Etnografia 64
1.9 As novas práticas e apoiadores do MAE até 1914 70
1.10 O MAE e o projeto da expedição de 1914 77

**Parte 2 - A etnografia da expedição em prática no Brasil** **86**
Capítulo II. Os etnógrafos russos em Mato Grosso 87
2.1 Novas conexões e mudança de planos entre Buenos Aires e La Plata 87
2.2 Pela remota fronteira oeste brasileira 93
2.3 Nalike e os Kadiwéu 101
2.4 Encontro, símbolos e significados nas experiências de Guido Boggiani e Darcy Ribeiro com os Kadiwéu 109
2.5 Retratos indígenas e sua viagem do céu ao inferno 112
2.6 Fragmentos da guerra: silêncios, caminhos fechados e soluções locais 120

Capítulo III. Os passos de *cané iúro*: Manizer no sudeste do Brasil 132
3.1 O espaço entre duas “Vilas”: Kaingang, funcionários estatais e protocolos 132
3.2 O “índio” na sala de espelhos do debate republicano 139
3.3 Um pequeno empurrão amigo até o rio Doce: os meses com os Borum 147
3.4 Manizer, indígenas e uma reflexão sobre a história presente de nossos “pessimismos sentimentais” 158
3.5 A expedição além da coleta etnográfica: materiais, práticas e compreensões de

**Parte 3 - A expedição através de outras redes sul-americanas 179**
Capítulo IV. O elemento imigrante na expedição e os caminhos de Sergei Geiman 181
4.1 As redes sul-americanas da imigração 181
4.2 Imigração russa e primeiras contribuições à expedição em Buenos Aires 187
4.3 Entre irmãos: A teia russa de soluções e interesses de Geiman 194

Capítulo V: Coleta natural e fronteiras sul-americanas na jornada dos zoólogos 208
5.1 Prática de campo, agentes e travessias entre Corumbá e Bolívia 212
5.2 Ciência na Tríplice Fronteira: conhecendo Puerto Bertoni 224
5.3 Encontros, mediação e vidas fluviais nas explorações do Alto Paraná 230

**Considerações Finais 242**

**Referências Bibliográficas 249**
Trabalhos em russo 249
Demais trabalhos 253
**Fontes 267**
Publicações dos membros da expedição referenciadas no trabalho 267
Documentos no Fundo Langsdorff 268
Outras fontes utilizadas 274
Sites 275

# Introdução

## - Tese e objeto em linhas gerais

Este trabalho é dedicado à análise da segunda expedição científica russa que esteve em atividade na América do Sul, entre 1914 e 1915, com a proposta de compreendê-la a partir de seus diferentes encontros e suportes locais. Paralelamente, se avalia como o empreendimento foi afetado e lidou com a deflagração da Primeira Guerra Mundial.

Em fins do mês de maio de 1914, um quinteto de jovens pesquisadores russos desembarcou na região portuária de Buenos Aires. Todos eles eram estudantes ligados, basicamente, a cursos superiores da Universidade Imperial de São Petersburgo e do Laboratório Biológico P.F Lesgaft[1], na mesma cidade. A ideia inicial da expedição, imaginada no âmbito de um grupo de discussões noturnas entre jovens em formação acadêmica, logo foi adaptada e redefinida no seio de apoios institucionais. Entre os financiadores na Rússia, o mais importante foi o Museu Pedro, o Grande, de Antropologia e Etnografia (MAE), entidade filiada à Academia Imperial de Ciências da Rússia e que, então, era bastante relacionada à Universidade de São Petersburgo. O MAE não apenas acolheu e patrocinou a campanha, como também orientou sua preparação inicial, angariou outros suportes e forneceu conexões fundamentais. O plano traçado a partir dessas relações incumbia os cinco viajantes (Figura 1) de reunir coleções de valor etnográfico e natural dos trópicos, a princípio em partes argentinas do Chaco. Pode-se, nesse sentido, dizer que as atribuições dialogavam com a composição do grupo enviado. Fiódor Fielstrup (1889-1933) e Genrikh Manizer (1889-1917) vinham em formação na etnografia, Nikolai Tanasiichuk (1890-1960) e Ivan Strelnikov (1887-1981) na zoologia, enquanto Sergei Geiman (1887-1975) não tinha vínculo formal com essas áreas, mas já havia demonstrado grande capacidade para vivências de campo e negociação de materiais.

[1] Fundado, em 1893, pelo médico, anatomista e professor russo Piotr Lesgaft (1837-1909). A iniciativa era sustentada por particulares, tendo recebido recursos de figuras como o comerciante e filantropo Nikolai Meshkov (1851 – 1933), que participou do financiamento da expedição de 1914-1915 (SOBOLEVA, 2016).

Figura 1. Acima: Fiódor Fielstrup (à esquerda); Genrikh Manizer (no centro); Sergei Geiman (à direita). Abaixo e juntos na imagem: Nikolai Tanasiichuk (à esquerda, de óculos) e Ivan Strelnikov (à direita). Fontes - Fielstrup e Manizer: Korsun, 2015, p.451; Geiman: Taksami, 2010, p.272; Tanasiichuk e Strelnikov: Cherlin, 2018, p.122.

Apesar da preparação, uma série de transformações cruciais já começaria a ser produzida nos primeiros dias de contatos entre os russos, agentes e dinâmicas sul-americanas. Ao invés do Chaco, os estudantes acabam sendo direcionados a Corumbá, no sul do que era o grande estado brasileiro de Mato Grosso à época, e ali começam a se dividir por diferentes caminhos. Na prática, e também por força da guerra na Europa, a expedição permaneceu em campo durante cerca de um ano além do que se planejava, tendo elaborado coleções e outras formas de conhecimento sobre países como Brasil, Paraguai, Bolívia, Argentina e Chile. Os processos e resultados relacionados ao contexto brasileiro foram particularmente consistentes, destacando a atuação do jovem etnógrafo Manizer. Ele foi o único membro da expedição a conduzir sua pesquisa de campo essencialmente no Brasil, onde produziu registros valiosos através do convívio com diferentes sociedades indígenas, primeiramente em Mato Grosso e depois na região sudeste. Nesse processo, mais precisamente durante passagens pelas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, Manizer ainda debruçou-se sobre acervos e contatos em instituições locais, que lhe foram imprescindíveis e agregaram fôlego a seus estudos e documentos. Em momentos e de lugares distintos, os viajantes iniciaram seus retornos à Rússia na segunda metade de 1915, à exceção de Geiman, que ainda levaria tempo nas Américas.

O saldo de coleções etnográficas depositadas pelos membros da expedição em instituições de seu país contabiliza mais de 500 objetos no MAE e cerca de 100 entregues ao Museu de Antropologia da Universidade de Moscou. Além disso, o Museu Pedagógico dos Estabelecimentos de Ensino Militares recebeu por volta de uma centena de fotografias (SOBOLEVA, 2020, p.2097). Quanto à coleta natural, um relatório elaborado pelos zoólogos logo após a viagem informa sobre 16 caixas de coleções de fauna, 13 latas metálicas contendo espécimes em álcool, 190 jarras de vidro, 180 peles de pássaros e 20 de mamíferos, além de cerca de 15.000 exemplares de insetos e objetos como casas de cupins, entre outros. O número de plantas, entre trepadeiras e as de valor medicinal, não foi identificado na documentação, mas foi cedido ao Jardim Botânico de Petrogrado[2]. Além desses materiais na Rússia, museus no Brasil e na Argentina, que auxiliaram a expedição, receberam exemplares. O Museu Nacional do Rio de Janeiro registrou 58 peças etnográficas provenientes do período de Genrikh Manizer entre grupos de indígenas botocudos Borum, entre Minas Gerais e Espírito Santo (SOBOLEVA, 2020, p. 2101). O Museu Etnográfico da Universidade de

[2] Relatório dos zoólogos para o laboratório Lesgaft, 2 de novembro de 1915. Rolo 14, Im. 3802.

Buenos Aires também viu a entrada de coleções, algumas das quais encomendadas pelo então diretor Juan Ambrosetti, importante apoiador dos viajantes russos na época.

Considera-se que, apenas nas últimas décadas, as viagens russas começaram a distinguir-se como tema independente de pesquisa naquele país. Uma tradição de estudos das expedições à América Latina foi iniciada na década de 1960, quando a política soviética passava a dialogar com a emergência do interesse por histórias de países do dito Terceiro Mundo. Por muito tempo, porém, a presença de viajantes russos na porção sul das Américas foi abordada sob a ótica da produção de contatos amigáveis e relações diplomáticas, ou como pano de fundo para fins de coleta etnográfica, botânica e outras (BUYNOVA, 2014, p.6; p.13). O primeiro impulso na organização e publicação de materiais da expedição de 1914-1915 na academia soviética concentrou-se a partir de 1965, marco de cinquenta anos do empreendimento (SHPRINTSIN, 1947, 1952; LUKIN, 1964, 1965, 1977; KOMISSAROV e LUKIN, 1965; SMIRNOVA, 1966). Além dos trabalhos com a proposta direta de lembrar o feito, começaram a ser produzidas investigações mais detalhadas, tratando do valor da viagem para o reabastecimento de museus russos e da cooperação dos cinco integrantes com cientistas latino-americanos na ocasião. Com relação a períodos anteriores, é relatada uma expansão na historiografia mais recente das viagens russas, através de ativa publicação de fontes desconhecidas dos leitores em geral (BUYNOVA, 2014, p.11). A partir da década de 1990, tal movimento pôde ser muito observado no que se refere à expedição de 1914-1915 (DRIDZO, 1996a, 1996b, 1996c, 1997, 1998, 2000, 2001). Algumas obras de caráter biográfico também foram produzidas no período, por descendentes de membros da expedição (TANASIICHUK, 1966, 2001, 2003; STRELNIKOVA et.al., 2017). As mais atuais iniciativas russas na divulgação de fontes específicas da viagem destacam as pesquisadoras Elena Soboleva e Sofia Sorokina - com os arquivos dos etnógrafos Manizer e Fielstrup (SOBOLEVA, 2016, 2018; SOBOLEVA e SOROKINA, 2022) e outros mais gerais sobre a expedição (SOBOLEVA 2020; SOBOLEVA e SOROKINA, 2020) - além de Natália Taksami com os diários de Geiman (TAKSAMI, 2010, 2011). Abordagens mais sucintas e passagens da documentação de membros da expedição ainda foram mobilizadas como parte de coletâneas e teses sobre viagens russas (BELOV et.al., 2014; BUYNOVA, 2014).

A historiadora russa Cristina Buynova (2014, p.6) destacou a especificidade da temática da América Latina como razão para sua modesta presença na historiografia das viagens russas. Nesse contexto historiográfico particular russo, a autora considera que a expedição de 1914-1915 alcançou importância significativa. Por outro lado, as pesquisas dedicadas à expedição eram inéditas no Brasil até minha dissertação de mestrado

(CARNEIRO, 2019). No Centro de Memória da Universidade de Campinas (Unicamp), algumas pesquisas foram conduzidas no âmbito de seu Instituto de Estudos da Linguagem, debruçadas sobre a parte linguística do que foi produzido pelo etnógrafo Genrikh Manizer em um momento específico da expedição, quando viveu com grupos de indígenas Borum, na bacia do rio Doce, entre os estados de Espírito Santo e Minas Gerais (PESSOA e SEKI, 2014). Os demais trabalhos brasileiros com menções à expedição de 1914 também o fazem em referência a Manizer e, principalmente, a essa parte de seu trabalho etnográfico (SEKI, 1992; VEIGA, 1994; MATTOS, 1996; SILVA, 2003; RODRIGUES, 2007; PASCOAL, 2010; 2012).

Por fim, a produção historiográfica russa sobre suas próprias expedições pode ser agrupada em objetos e períodos amplos de investigação, trazendo as explorações de fins do século XVIII, as primeiras circum-navegações do início do XIX, o empreendimento liderado pelo naturalista Georg Heinrich von Langsdorff (1774-1852) no Brasil, e as viagens de meados dos 1800 ao princípio dos 1900 (BUYNOVA, 2014, p.7). A dimensão e a relevância da campanha científica do grupo de Langsdorff justificam o destaque, ainda maior levando em conta ter sido a primeira expedição russa à América do Sul. Nesta tese, ela terá uma primeira inclusão no item a seguir, em breve discussão do histórico da presença russa no continente através de expedições.

## - Antecedentes históricos: contatos entre Rússia e Brasil por meio de expedições

Partilhando a condição de nações marcadas por suas dimensões continentais, Brasil e Rússia apresentam uma convivência histórica com as diversas particularidades que são proporcionadas pelas grandes extensões territoriais. O trabalho de integrar esses espaços acaba por envolver, necessariamente, a elaboração de soluções para a melhor assimilação e utilização de seus recursos e características físicas naturais, além da articulação de mecanismos de incorporação dos diferentes setores da população às dinâmicas do desenvolvimento. As buscas pelas fórmulas que melhor pudessem responder por esses objetivos produziram, nos contextos russo e brasileiro, padrões próprios para a importante relação entre ciência e expedições. Conforme apontou João Marcelo Ehlert Maia (2005, p. 198), é possível vislumbrarmos uma ligação entre Rússia e Brasil como nações cujas geografias e expedições configuraram forças sociais imprescindíveis a seus respectivos caminhos de modernização.

Em comparação com contextos europeus ocidentais, são pouco conhecidas no Brasil as histórias das iniciativas e pretensões coloniais russas, bem como os impulsos proporcionados por essas dinâmicas à formação de sua tradição expedicionária. A primeira metade do século XVIII marcou a própria declaração de um Império Russo (1721), pelo czar Pedro, o Grande, no seio de reformas que traduziram a ferrenha perseguição do governante à ampla implementação local de modelos europeus (GRAHAM, 1993). Na São Petersburgo projetada e construída segundo esse propósito (1703), uma das muitas novidades do monarca Romanov foi sua própria versão dos gabinetes de curiosidades da Europa, a Kunstkamera. A partir dali, seu espaço abrigaria uma diversidade de aquisições, entre as presenteadas e as que evidenciavam a era das grandes expedições comissionadas pelo Império, entre aquele século e o seguinte (SLEPKOVA e YUSUPOVA, 2018) As duas expedições oficiais pioneiras ao Kamchatka, no extremo leste russo, lideradas pelo almirante dinamarquês Vitus Bering na década de 1730, inauguraram um projeto imperial muito voltado à colonização de regiões no Pacífico Norte, entre a Ásia e a América (FARRIS, 1997; VINKOVETSKY, 2011; POSTNIKOV e FALK, 2015). Sendo assim, a maior parte do que foi depositado na Kunstkamera até meados dos 1800 veio desses lugares. Entretanto, os materiais também

começaram a refletir relações russas com a América Latina, incluindo o Brasil (KORSUN, 2015).

No final do século XVIII, a princípio, apenas alguns poucos objetos foram registrados como provenientes dessa parte do mundo. Os itens especificamente do Brasil foram fornecidos pelo diplomata e intelectual português Antônio Araújo de Azevedo (1754-1817), que teve uma série de nomeações pela Coroa, inclusive a de primeiro Conde da Barca, recebida em 1815[3]. Após presentear a Kunstkamera, Araújo de Azevedo ainda teria alguns anos de atuação diplomática junto aos russos, quando foi transferido para a corte de São Petersburgo em 1802, ficando até 1804. Sergei Korsun (2015) descreve:

> Em 10 de abril de 1790, a Kunstkamera recebeu uma pequena coleção de vários minerais e um recipiente com tampa feito do fruto da lecythis (Lecythis zabucajo). Foi apresentado ao museu pelo vice-almirante português de Brito. Ele adquiriu essa coleção na América do Sul, provavelmente no Brasil. A coleção seguinte sobre os índios do Brasil chegou à Kunstkamera em 10 de outubro de 1791. Foi entregue pelo naturalista, historiador, matemático e diplomata português António Araújo de Azevedo (1754-1817). A coleção era composta por quatro peças de vestuário e nove "coisas brasileiras diversas". [...] É possível que, juntamente com o acervo, A. Araujo de Azevedo tenha enviado à Kunstkamera um livro sobre os índios do Brasil. Em 1791, ele foi eleito correspondente estrangeiro da Academia Imperial de Ciências, e, em 1802-1804, ele era o enviado português à Rússia. (KORSUN, 2015 p.17,18).

As histórias da presença russa na América do Sul por meio de expedições devem ser consideradas tratando do marco representado por suas importantes campanhas de circum-navegação, no início do século XIX. A primeira delas durou de 1803 a 1806, protagonizando os navios Nadejda, comandado por Adam Krusenstern, e Nevá, que teve à frente Iúri Lissianski[4]. Contudo, a chave das relações entre Rússia e Brasil destaca um naturalista a bordo, o médico alemão Langsdorff, que ingressou no empreendimento quando era membro-correspondente da Academia de Ciências da Rússia. A circum-navegação incluiu um período em que Nevá e Nadejda estiveram atracados na Ilha de Santa Catarina, entre 20 de dezembro de 1803 e 4 de fevereiro de 1804, período em que o Brasil causou a primeira grande impressão em Langsdorff (SEVCENKO, 1996). Em 1813, o alemão encontra-se de volta ao país, tendo produzido trabalhos e se relacionado em São Petersburgo, ao ponto de

[3] Links sobre Antônio Araújo de Azevedo:
https://bndigital.bn.gov.br/projetos/200anos/araujense.html, acesso em 29 de maio de 2023.
http://mapa.an.gov.br/index.php/publicacoes/70-assuntos/producao/publicacoes-2/biografias/387-antonio-de-araujo-e-azevedo-conde-da-barca, acesso em 29 de maio de 2023.

[4]https://br.rbth.com/arte/historia/2017/08/07/neste-dia-comecava-a-primeira-viagem-russa-de-navio-ao-redor-da-terra_816998, acesso em 29 de maio de 2023.

trazer aos trópicos, desta vez, o título de cônsul-geral da Rússia no Rio de Janeiro. Nessa posição e por quase uma década, Langsdorff estabeleceu morada no Brasil, cumpriu atribuições oficiais, interessou-se pela imigração europeia, produziu estudos e coletas, mantendo remessas de espécimes e informações para o Império Russo.

Uma licença viu o cônsul cientista de volta à Europa e Rússia temporariamente, entre 1820 e 1821. No retorno dessa viagem, Langsdorff carregava novas honrarias russas - os títulos de Conselheiro de Estado, de membro efetivo da Academia de Ciências e a Ordem de São Vladimir - e  a missão, encomendada pelo czar Alexandre I, de realizar uma expedição ao interior do Brasil. Posteriormente conhecida como a primeira expedição russa no Brasil, a empreitada liderada pelo cônsul e barão explorou partes do sudeste, centro-oeste e norte do país, perfazendo quase 17 mil quilômetros entre 1822 e 1829. Os principais viajantes europeus envolvidos em diferentes momentos nesse período foram o cartógrafo russo Néster Rubtsov, os desenhistas franceses Hercule Florence, Aimé-Adrien Taunay e o alemão Johann Moritz Rugendas, o botânico alemão Ludwig Riedel e o zoólogo entomologista francês Edouard Ménétriès (KOMISSAROV, 1994; FIGUEIRÔA, 1997; LUVIZOTTO, 2007; BASARGINA et.al., 2012) .

Há autores que consideram-na "talvez a expedição científica mais importante" (ALENCAR e SOARES, 2019, p.4) do século XIX. Para Nicolau Sevcenko, porém, não há dúvidas de que foi "a mais ampla e arriscada" delas (SEVCENKO, 1996, p.117). A morte do artista Adrien Taunay, afogado no rio Guaporé, e a malária, que, entre outros, acometeu gravemente o próprio Langsdorff, são faces mais conhecidas dos resultados trágicos da viagem. Esse triste desfecho é entendido como causador do esquecimento da expedição através de um século, principalmente em função das sequelas de Langsdorff, que não foi capaz de supervisionar e processar seus escritos no envio à Rússia. Uma fala do sertanista Cândido Rondon, em 1910, demonstra que a expedição Langsdorff podia ser mencionada no Brasil décadas depois, mesmo que como algo lendário e sempre ligado à tragédia. Nas palavras de Rondon, enquanto enumerava outras viagens, havia o "malogrado Langsford [sic]"[5].

Um dos outros membros da expedição, o botânico Ludwig Riedel, traz mais uma contribuição importante para o quadro de intercâmbios científicos entre Brasil e Rússia no século XIX. Riedel foi quem levou a maior parte das coleções da expedição Langsdorff de

[5] Rondon, C.M.S. 1946. Conferências realizadas em 1910 no Rio de Janeiro e em São Paulo, pelo Tenente-Coronel Cândido Mariano da Silva Rondon. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, p. 5 e 6. (apud. COSTA, 2017, p.50).

volta a São Petersburgo, em 1830. O então diretor do Jardim Botânico imperial, Fiódor Fischer (1782-1854), impressionou-se com o herbário reunido e defendeu a continuidade das pesquisas no Brasil. O czar Nicolau I aprovou a proposta, Riedel foi admitido à equipe do Jardim Botânico e atuou como enviado de 1831 a 1836, quando seu financiamento foi interrompido. A serviço do Império Russo, o cientista alemão excursionou algumas vezes pelos estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais e Goiás, coletando espécimes para o Jardim e para o Museu Zoológico da Academia russa (KORSUN, 2015). Quando não recebia mais o apoio russo, Riedel seguiu vivendo no Brasil, onde produziu uma série de contribuições fundamentais. Antes mesmo de juntar-se à expedição, ele já havia elaborado registros no sul da Bahia, por três anos. Segundo a historiadora Lúcia Maria Guimarães (2001, p. 1066), o período mais prolongado de Riedel ali havia sido provocado, a princípio, pelo fato do alemão ter tido bagagem e dinheiro roubados no caminho para o Rio de Janeiro. O "Diário de viagem e relação de plantas colhidas pelo dr. Luiz Riedel, na Bahia, de 1820 a 1823" é considerado muito valioso por seu conteúdo sobre a vida da região de Ilhéus na época (AUGEL, 1979; GUIMARÃES, 2001).

Assim, temos elementos de contato direto que ajudaram na formação de imagens russas do Brasil, sua natureza e habitantes. Com efeito, é importante reforçar que os exemplos trazidos para esta introdução são destaques no contexto amplo das várias expedições marítimas russas do século XIX, que consolidaram paradas regulares e obrigatórias no Brasil. De acordo com a historiografia, as visitas russas à América do Sul eram quase anuais durante as primeiras décadas dos 1800. Na primeira metade do século, "foram levadas a efeito 35 destas expedições, das quais 27 nos primeiros trinta anos" (VÁSSINA, 2009, p. 103). Sem dúvida, essa informação indica horizontes interessantes para maior compreensão dos encontros interculturais. A familiarização com os documentos da expedição de 1914-1915 ainda permitiu visualizar como boa parte da atividade científica foi atravessada por expectativas e repertórios imagéticos fundados em obras literárias vulgarizadas no meio russo e que falavam dos trópicos, sua natureza e habitantes.

Nesse sentido, as fontes apresentam referências ao protagonista e obra homônima Robinson Crusoé, do inglês Daniel Defoe. Originalmente publicado em 1719, sua primeira edição russa começaria a circular em 1762, com muito sucesso. Segundo explica Elena Vássina, professora de Literatura e Cultura Russa na Universidade de São Paulo, esse clássico foi o motor para a primeira construção de uma representação paradigmática russa do Brasil, a partir do final do século XVIII. A autora completa sobre esse forte impacto local, que resultou em muitas imitações na produção literária popular daqueles anos. Baseados na

parte em que a obra fala de um período de quatro anos do herói da narrativa no Brasil, algumas dessas versões alternativas de Robinson eram voltadas às costas de nosso país. O resiliente paradigma em questão envolveu, nessa relação entre as descrições do Brasil e seu descobrimento pelos leitores, dois processos fundamentais: à medida que havia "uma operação de distanciamento exótico e de cunho legendário", o Iluminismo da época "reatualizou" utopias geográficas da Rússia medieval sobre um paraíso terrestre, muito associado à fertilidade e à grande distância, e que passava a ter muito eco no olhar ao Brasil (VÁSSINA, 2009, p.102,103).

A figura do indígena era essencial nessa paisagem retratada e imaginada. Veio de títulos como Robinson Crusoé, portanto, o indígena que os cinco russos ansiavam por ver, os "de verdade"[6] para o zoólogo Strelnikov. Quando eles estiveram na América do Sul, levou algum tempo para que pudessem encontrar essa aparência que tiravam dos livros, "esse índio da cor de uma velha moeda de cobre, com arco e flechas no meio de um pântano"[7]. Em outra passagem, Strelnikov demonstra a importância daquele universo de representações que o havia movido:

> Para mim, este encontro foi a realização de um sonho da juventude, estimulado por leituras de obras de Mayne-Reid e Fenimore Cooper sobre indígenas. Aqui iniciou-se a vida com os indígenas, que eu considerava necessária antes de voltar à Europa. Nos anos da minha mocidade, muitos rapazes do ensino médio fugiam de casa…para a América…Tendo acumulado algum dinheiro e biscoitos, eles às vezes viajavam para cidades portuárias, onde acabavam detidos para serem devolvidos aos pais. Nós, mesmo adultos agora, estávamos às portas da realização de sonhos infantis, entrando no país dos índios.[8]

Há o detalhe interessante de que os dois autores citados por ele eram norte-americanos, também altamente difundidos no meio russo (NAUGHTON e NAUGHTON, 2013, p.143,144). A referência contida nessas descrições de indígenas da América do Norte, mobilizadas no olhar a autóctones sul-americanos, permite o gancho para que se aponte, por fim, um fragmento do etnógrafo Fielstrup, em que destaca o "erro popular" de confundir ambas as partes do continente americano. Não é claro se a afirmativa é direcionada à população russa, mas o documento planejava uma aula no interior do território[9].

---

[6] Trabalho datilografado de Strelnikov, intitulado "Da minha vida com os povos indígenas Cainguá nas florestas tropicais do Paraguai". 1920. Rolo 13, im. 3387.

[7] Carta de Strelnikov para Sergei Ivanovich Metalnikov, Alto Paraná, 24 de março de 1915. Rolo 12, im.10366

[8] Trabalho datilografado de Strelnikov, intitulado "Da minha vida com os povos indígenas Cainguá nas florestas tropicais do Paraguai". 1920. Rolo 13, im. 3387.

[9] Fielstrup, Universidade de Tomsk, 1920. Rolo 15, im.11006.

Estava em jogo na expedição, propriamente para seus integrantes, o sentido de concluir, por si mesmos, do que o indígena era realmente feito, a despeito do que já haviam lido ou escutado:

> Nosso sonho, nosso objetivo era penetrar profundamente nas florestas tropicais até as tribos de índios ainda não afetados pela civilização européia. Essas tribos primitivas são geralmente chamadas e consideradas "selvagens", pessoas más e hostis; você sempre pode esperar ações hostis deles, pode esperar um tiro de um arco na floresta [...] Queríamos saber se os povos primitivos e intocados dos índios são realmente "selvagens" e maus; ou se são iguais a nós, ou seja, combinam o bem e o mal.[10]

Eram do conhecimento de todos eles as histórias de viajantes assassinados durante os contatos na floresta. Apesar delas e provavelmente pensando nelas, Strelnikov e também Manizer escreveram que, em seus caminhos, os russos frequentemente entoaram determinados versos de um clássico de sua terra. Vinham de "Evgeny Onegin", de Aleksandr Pushkin (1799-1837), e falavam sobre o destino, sobre pequenos detalhes e seus desdobramentos, em conveniente alegoria para a expedição: "Cairei eu, perfurado por uma flecha, ou ela passará por mim voando?"[11]. O título da tese veio desse importante aporte cultural às conjecturas dos jovens viajantes. "Como flechas de Pushkin", pensei no traçado dos dias de sua prática científica na expedição.

[10] Trabalho datilografado de Strelnikov, intitulado "Da minha vida com os povos indígenas Cainguá nas florestas tropicais do Paraguai". 1920. Rolo 13, im. 3390.
[11] Manizer, 1916a.
Strelnikov: Trabalho datilografado de Strelnikov, intitulado "Da minha vida com os povos indígenas Cainguá nas florestas tropicais do Paraguai". 1920. Rolo 13, im. 3390.

## - Fontes e trajetória da pesquisa

As fontes primárias que compõem o cerne documental da presente tese foram localizadas, por mim, minha orientadora e co-orientadora, na Base Arch, o repositório do Departamento de Arquivo e Documentação da Casa de Oswaldo Cruz, em 2017. Mais precisamente, elas eram parte do fundo da Associação Internacional de Estudos Langsdorff (AIEL), composto por microfilmes de fontes originais sobre viagens científicas russas, trazidos para o Brasil na década de 90 pelo pesquisador e então presidente da Associação, Boris Komissarov (1939-2021). Nesse processo, uma cópia do material foi cedida e incorporada ao arquivo da Casa de Oswaldo Cruz e outra ao Centro de Memória da Unicamp. Os originais russos haviam sido recuperados e organizados ao longo de décadas do século XX, por pesquisadores da Academia de Ciências da URSS - como o próprio Komissarov e a pesquisadora Noemi Shprintsin antes dele - e no compilado se destacam numerosos documentos da primeira expedição russa pelo Brasil, liderada por Langsdorff na década de 1820 (SOBOLEVA, 2016). Aproveitando minha proficiência em língua russa e os potenciais de análise oferecidos pelas fontes, passei a me dedicar à segunda expedição, que acabávamos de descobrir.

Meu mestrado na instituição, iniciado naquele ano, apoiou-se em investigações preliminares desse achado. O ponto de partida para os estudos, porém, demandou solucionar questões práticas sobre o acesso aos microfilmes descritos na base de dados digital. Nesse prolongado processo, nossa primeira medida se deu no sentido de reaver o material, que tempos antes havia sido retirado da Fiocruz para passar por restaurações. O retorno do fundo acompanhou novas questões técnicas, desta vez para a utilização dos microfilmes. Diante disso, consegui articular uma parceria entre o arquivo da COC e o Arquivo Central do Poder Judiciário do Estado do Rio de Janeiro. Esta última instituição concedeu-me entrada a suas instalações e, já em 2018, me dediquei pessoalmente a operar a digitalização de todas as microfilmagens do fundo Langsdorff, incluindo aquelas que traziam registros da expedição de 1914-1915.

O mapeamento, as transcrições e traduções iniciais das fontes deram origem à dissertação defendida no Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde (PPGHCS), em fevereiro de 2019. A partir dos meses seguintes, o doutorado implicou na ampliação e aprofundamento dos olhares a elementos da extensa documentação que ainda careciam ser explorados. Além dos diários, cartas, mapas, desenhos, ensaios e rascunhos nos

microfilmes digitalizados, a pesquisa também contou com documentação complementar fornecida pela doutora Elena Soboleva, referência russa no estudo da expedição e pesquisadora sênior do MAE.

Meu primeiro contato com a professora Soboleva se deu no final de 2018 e foi mediado por Marisa Scarafoni, com quem me comunicava para consultas remotas ao Arquivo Fotográfico e Documental do Museu Etnográfico "Juan B. Ambrosetti" da Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires. Através dessa conexão, soube que a acadêmica russa acabava de deixar a Argentina, faria breve passagem pelo Rio de Janeiro e havia sido informada das minhas pesquisas. As condições de agenda impediram um encontro pessoal àquela altura, mas a professora foi muito gentil em separar cópias de fontes primárias às quais eu não tinha acesso e deixá-las, em meu nome, no hotel onde se hospedara. Dali em diante, pudemos manter o diálogo remoto e o intercâmbio de informações. Nesse sentido, a pesquisadora compartilhou bibliografia e algumas atualizações em primeira mão, enquanto também pude auxiliá-la a elucidar um e outro ponto na documentação, referente ao português e demais elementos do contexto brasileiro.

Até certo momento da formulação de ações para o doutorado, minhas orientadoras e eu consideramos diferentes possibilidades concernentes a um período sanduíche na Rússia, mas os planos já começaram a se complexificar no início de 2020, diante do cenário de pandemia da Covid-19. Um ano depois, a consolidação de relações de guerra entre Rússia e Ucrânia nos confirmou a inviabilidade das perspectivas de viagem e intercâmbio na região.

Como sucinta orientação quanto ao aspecto das fontes primárias utilizadas, devo destacar que estabeleci um padrão específico para referenciá-las nas notas de fim de página ao longo da tese. A criação dessa linguagem reporta-se ao conteúdo digitalizado e foi necessária para dar possibilidade ao leitor de acessar qualquer passagem indicada no trabalho. No formato digital, o fundo arquivístico ficou separado em pastas correspondentes ao que era cada um dos rolos físicos de microfilme. São 25 pastas, intituladas "Rolo 1", "Rolo 2" e assim sucessivamente. No interior de cada pasta, as páginas das fontes são melhor localizadas por seus respectivos números como arquivo de imagem. Assim, cada exemplar de documentação contido no fundo será apontado conforme o seguinte esquema: *Descrição ou nome da fonte, com data e página, se houver. Rolo (número), im. (número)*. No mapeamento do fundo, identifiquei que os rolos contendo fontes sobre a expedição russa de 1914-1915 são os de número 7, 8, 9, 10, 12, 13, 15 e 21. O russo é o idioma quase exclusivo das fontes, que busquei traduzir para a língua portuguesa corrente, assim como o fiz para toda a bibliografia estrangeira - em russo, inglês e espanhol - empregada na tese.

## - Referenciais teóricos e conteúdo dos capítulos

Os esforços de compreensão das fontes documentais estiveram baseados em um conjunto limitado de perspectivas teóricas. Sendo assim, as noções principais que guiaram o interesse analítico pela expedição foram a da produção do conhecimento através de sociabilidades; a do contato intercultural; e a das fronteiras. Todas elas tiveram centralidade nas últimas décadas de debates contemporâneos no campo das humanidades e podem ser utilizadas como balizas para o estudo das atividades dos viajantes russos.

Nesse sentido, uma das principais contribuições a este trabalho foi obtida em formulações do filósofo das ciências Bruno Latour. Dentre as diferentes questões com as quais se preocupou em sua produção intelectual, Latour discutiu as camadas de relações sociais que dão sustento ao exercício científico. O autor indica que rotinas, técnicas e agentes encontram-se traduzidos nos conhecimentos desenvolvidos, contidos sobretudo em sua materialidade. Latour se refere a essa materialidade por nomes como "veículos", "formas" ou "inscrições". Dos termos, o último foi privilegiado nesta tese, buscando um alinhamento à proposta do autor sobre esses produtos da ciência e "insistir em seu aspecto material". Segundo Latour, as inscrições - um livro, um mapa, uma coleção, um catálogo - oferecem a vantagem da mobilidade de um lado a outro, sempre levando informação. Esta, por sua vez, é entendida por ele enquanto "relação" produzida entre dois lugares, para que um deles possa ter ideia do outro. As bibliotecas e museus, como espaços de memória e também de conhecimento, integram esse circuito, no qual não configuram simples terminais para as inscrições e informação, mas eixos capazes de reprocessa-las, ressignificá-las e retransmiti-las (LATOUR, 2000, p. 22, 23).

Através desta chave, foi possível identificar que algumas instituições tiveram ativa influência na produção, modificação e circulação de materiais da expedição. Em nosso caso, as instituições destacadas são museus de etnografia e de história natural. De maneira geral, os museus de ciências no início do século XX buscaram legitimar-se enquanto locais de conhecimento e pesquisa, conformando seus espaços e práticas segundo a inspiração de modelos e instalações experimentais. Assim, a antropóloga e historiadora das ciências argentina Irina Podgorny fornece base para analisarmos o museu que se pretendia moderno nesse período a partir do interesse em definir-se como "complexo de laboratórios" (PODGORNY, 2005, p.233). É importante complementar que, ao longo do século XIX, outro elemento a ganhar força gradativa na agenda desses museus foram debates sobre seu papel

público e educacional, conduzindo a reformulações em exibições e políticas de visitação (SLEPKOVA e YUSUPOVA, 2018).

O historiador Steven Shapin ajuda a reforçar a proposta de que esses e outros "sítios específicos" imprimem-se nas ciências produzidas (SHAPIN, 1995, p. 306). No contexto dessa influência, segundo Latour, uma biblioteca, um laboratório, um museu "curva o espaço e o tempo ao redor de si" (LATOUR, 2000, p. 21). À medida que esses locais mostram-se um caminho para a compreensão das ciências e seus produtos, estes, por sua vez, também podem alimentar perspectivas. Na leitura de Latour, as inscrições guardam uma "conéctica", como cabos que ligam esses materiais aos mundos, fenômenos e situações que representam (LATOUR, 2000, p. 26). Esse princípio de comunicação entre mundos por meio da materialidade também foi trabalhado pelo historiador polonês Krzysztof Pomian. Nesta tese, Pomian fornece aparato para o olhar às coleções formadas pelos viajantes russos, bem como àquelas com as quais esses personagens interagiram em diferentes instituições.

Segundo o autor, um objeto passa a fazer parte de uma coleção normalmente através da perda de seu "valor de uso", ou seja, quando ele é deslocado dos contextos em que tinha sentido prático. Pomian explica que, no espaço expositivo, o objeto perde seu valor de uso, mas valores simbólicos, científicos ou de troca são agregados a ele (POMIAN, 1984). Quando a existência de um objeto está pautada naquilo que representa para o olhar, em como transporta essa perspectiva e permite conexões, surge o conceito de "semióforo". Como semióforos, os objetos de uma coleção têm, segundo Pomian (1984, p.66), a função de mediadores entre o mundo do observador e um outro que pode representar. Essa relação foi importante para as percepções construídas pelos russos sobre a ciência, a natureza e as populações da América do Sul, também informando os viajantes a respeito do que coletavam e do que já possuíam em seu país.

Entre os mundos que se pode alcançar a partir das inscrições, é fundamental destacar aquele de sua produção e circulação. De acordo com Latour, essa perspectiva de análise revela uma série de agentes, humanos ou não, que foram essenciais à trajetória da informação em momentos distintos. A mente individual do cientista e a solidão do viajante nas narrativas tradicionais aparecem, então, cercadas pela rede conceituada por Latour. Seus "tributários, aliados, cúmplices e ajudantes" são diversos e vitais ao ponto do autor tê-la qualificado como um "complexo ecológico". As redes segundo Latour são fundamentadas na "ação redistributiva", que confere o imprescindível à "subsistência" de uma entidade, produto ou informação, que é "auto-referente" à primeira vista (LATOUR, 2013, p. 25-27). Por esse

ângulo, foi possível observar a expedição russa a partir da noção de dependência da combinação específica de muitas ações redistributivas.

A temática das sociabilidades e codependências na produção do conhecimento foi integrada aos esforços transdisciplinares das últimas décadas por epistemologias descentralizantes em relação a referenciais europeus ocidentais. O plano que dá visibilidade às trocas, apoios e conflitos - aquele onde, segundo Latour (2013, p. 25), a ação é "localizável e alocável" - foi objeto de muitas formulações e recebeu diferentes denominações. Uma delas foi a "zona de contato", conceito cunhado pela linguista estadunidense Mary Louise Pratt, em sua proposta ampla de desconstruir experiências coloniais a partir da análise de discursos naturalistas e da literatura de viagens. Apoiada nesse contexto, a ideia de Pratt sobre o contato descreve os complexos espaços sociais que teriam configurado os sujeitos coloniais, frequentemente no seio de relações assimétricas de poder. A perspectiva do estabelecimento desses encontros e padrões de relação entre sociedades apartadas traz para o centro do debate uma noção de fronteira como destacada dimensão cultural. A zona de contato, nos termos desta fronteira, confere formas específicas de autoridade a certas práticas e conhecimentos (PRATT, 1999).

Com base em Pratt e outros autores, temos, em suma, uma fronteira que caracteriza "o surgimento de algo novo, híbrido, diferente, mestiço, um "terceiro", que se insinua na situação de passagem" (HANCIAU, 2005, p.9). A presente tese buscou ter essa fronteira, onde o filósofo Martin Heidegger (1971, p.9) considera que "se inicia a natureza de algo", no horizonte de interpretação dos intercâmbios culturais que alicerçaram a expedição russa. Em alguns momentos do trabalho, a fronteira entendida assim ainda esteve em interseção com aquela depositada nos traçados políticos e territoriais. Em tais pontos, portanto, são identificadas incongruências entre a fluidez associada à lógica de atores locais e os ideais de controle e soberania nutridos pela lógica estatal. Por último, é importante destacar que os conhecimentos produzidos e transmitidos no contexto discutido até aqui iluminam a atuação crucial dos mediadores. Segundo o historiador indiano Kapil Raj, esses personagens são aqueles cujas habilidades de comunicação e correção dão sustentação ao tráfego de informações e produtos entre culturas (RAJ, 2016). A função mediadora definida nesses termos esteve associada a determinados agentes na expedição, inclusive aos próprios viajantes russos. Muito caracterizados pela mobilidade que possuem ou pela que podem proporcionar, eles ajudam a redefinir limites culturais ao articularem soluções e espaços de intercâmbio (SAUNIER, 2005).

Ao longo das etapas de pesquisa e escrita, o conteúdo da tese foi pensado em um bom número de versões. O formato final traz cinco capítulos, distribuídos em três partes. A opção por essa configuração não se deu propriamente pela extensão do trabalho, mas como maneira julgada mais adequada para organizar os recortes temáticos e geográficos.

Assim, a primeira parte da tese compreende um único capítulo, dedicado a introduzir diferentes ângulos da história das ciências e suas instituições no Império Russo. A principal função dessa seção da tese é situar o leitor no quadro de tradições e problemas a que pertenciam os membros da expedição, em um recorte que percorre desde as primeiras iniciativas do czar Pedro, o Grande, no início do século XVIII, até a própria organização inicial da viagem científica de 1914-1915. No decorrer do capítulo, serão discutidos momentos, atores e relações fundamentais para a constituição de perfis científicos e institucionais no Império Russo. A partir dessas considerações, será analisado o planejamento inicial da expedição em São Petersburgo e indicado como foram cruciais para a viabilidade do projeto uma série de importantes reformulações produzidas no Museu de Antropologia e Etnografia (MAE) durante as duas primeiras décadas do século XX.

A segunda parte do trabalho possui dois capítulos, dedicados às trajetórias dos etnógrafos da expedição - Fielstrup e Manizer - e complementares entre si pela busca de diálogos com alguns autores do campo da Antropologia.

Primeiramente, o capítulo II concentra-se na chegada dos russos a Buenos Aires, em maio de 1914, examinando os contatos e dinâmicas na cidade até a partida do grupo para Mato Grosso. O enfoque nos etnógrafos é iniciado a partir de Corumbá, no mês de julho, quando a expedição começa a formar segmentos distintos. Então serão descritos os passos da dupla até sua separação, em dezembro de 1914, iluminando práticas de coleta, histórias e representações das sociedades indígenas visitadas, além das escassas notícias que tinham sobre o início da Primeira Guerra Mundial. O último tópico do capítulo tratará dos principais elementos do restante da viagem de Fielstrup, de dezembro de 1914 até novembro de 1915, período que passou em um circuito ao redor da América do Sul, a bordo de um navio de exercício militar. Nas breves escalas do percurso, destacaram-se os intercâmbios que o russo foi capaz de produzir como agente científico do diretor do Museu Etnográfico de Buenos Aires, Juan Ambrosetti.

O capítulo III segue do ponto em que os etnógrafos separam-se, para tratar do restante da produção científica de Manizer no Brasil, até outubro de 1915. São analisados os períodos em que o russo viveu nos postos Vila Kaingang e Pancas, estruturas pertencentes ao Serviço de Proteção aos Índios (SPI), respectivamente no oeste do estado de São Paulo e na bacia do

Rio Doce, entre Minas Gerais e Espírito Santo. Discute-se as interpretações de Manizer sobre as políticas ali presentes, os sentidos de tutela e as controvérsias republicanas em torno da questão das populações nativas. A seguir, o trabalho de Manizer e alguns de seus comentários acerca da situação dos indígenas no país fornecem base para que se debata algumas marcas gerais produzidas na constituição das perspectivas historiográficas e antropológicas sobre culturas tradicionais através do século XX. O último item do capítulo é dedicado a analisar as investigações pioneiras de Manizer sobre vestígios da expedição de Langsdorff, enquanto esteve em instituições das cidades de São Paulo e, principalmente, do Rio de Janeiro. Nesse sentido, são demonstrados os papéis determinantes de sujeitos e espaços brasileiros no resgate dessa história comum aos dois países. O completo esquecimento de Langsdorff na Rússia é discutido para chegarmos ao argumento de que uma variedade de questões práticas ligadas à organização do jardim botânico e museus imperiais russos foram cruciais para a perda e depois para o reencontro com esses materiais no país, apenas na década de 1930.

A terceira parte da tese, por fim, traz dois capítulos que deixam a ênfase no recorte territorial brasileiro para tratar, respectivamente, dos caminhos e coletas de Geiman e dos zoólogos Strelnikov e Tanasiichuk em outros espaços sul-americanos. A proposta que acompanha e liga os dois capítulos é a da identificação das redes fundamentais através das quais foram produzidas suas abordagens de campo e resultados.

O capítulo IV tematiza as contribuições locais fundamentais das comunidades imigrantes, produto dos vertiginosos fluxos daqueles anos para as Américas, para os desenvolvimentos da expedição. A partir de uma discussão introdutória mais geral sobre a questão migratória de finais do século XIX e início do XX - sobretudo tratando desses processos em Buenos Aires, onde os russos registram seus contatos próximos com essa circulação de pessoas, os protocolos e problemas - o capítulo volta-se mais às presenças russas que cresciam no continente, em posições científicas, oficiais e na imprensa, instrumentais para a expedição na capital argentina. Então, a segunda metade do capítulo discute os movimentos e coletas de Geiman, muito marcados por uma série de relações com esses imigrantes. No início de agosto de 1914, Geiman deixa Manizer e Fielstrup na aldeia Nalike, dos Kadiwéu de Mato Grosso, e daí começamos a analisar seu caminho próprio. Considerando-se os interesses particulares de Geiman como agente no campo, é demonstrado que foi nos intercâmbios com compatriotas que o russo obteve condições de dar continuidade e, inclusive, grande impulso à sua viagem. Com seu interesse político e social, Geiman entrega sua principal contribuição em olhares a dinâmicas pouco acessadas de grupos mais interioranos de imigrantes, na Argentina, Paraguai e Chile.

Já o capítulo V versa sobre a vida nas florestas tropicais e as coletas naturais da dupla de zoólogos da expedição. O início do capítulo retoma a primeira fragmentação do grupo em Corumbá, no mês de julho de 1914, para então dividir a expedição dos zoólogos em dois momentos. O primeiro deles dura de julho a outubro de 1914, período em que os russos montam acampamento e fazem várias excursões nas matas entre Corumbá e Bolívia, inclusive fazendo travessias entre os países. Após breve escala em Assunção, a segunda etapa de suas coletas e vivências vai de novembro de 1914 a julho de 1915, na Tríplice Fronteira entre Paraguai, Brasil e Argentina. Nesse tempo os zoólogos já relatam esgotamentos em suas vestimentas e ferramentas de coleta, situação que imprimiu impasses à continuidade do trabalho. Apesar disso, os dois viajantes tiveram, naqueles meses, hospedagem e outros suportes na colônia e estação de pesquisas agrícolas criada pelo imigrante suíço e naturalista Moisés Bertoni. Além do contato com Bertoni e sua família, essa parte da viagem incluiu novas excursões de coleta através dos rios Alto Paraná e Monday, onde tiveram sua própria experiência de convívio com indígenas - os Caingua ou Kaah-iwá[12] Guarani. A análise das fontes no capítulo se apoiará na compreensão das fronteiras internacionais como interseção entre ideais políticos e a lógica das populações locais. Assim, será argumentado que as dinâmicas de tais espaços conferiram redes essenciais aos russos, principalmente aos zoólogos, que estiveram sempre nessas regiões.

[12] A primeira maneira de escrever aparece em um trabalho de Ambrosetti, que foi referência para os russos (Ambrosetti, 1894). Já a segunda versão de escrita é a forma transliterada de como os próprios russos reproduziram a sonoridade do nome desses indígenas (Strelnikov 1926, 1928b). Ambas as versões ocorrerão durante a tese.

# Parte 1 - Sociedade, instituições e ciências no Império Russo: uma apresentação

## Capítulo I - Uma expedição no ocaso da autocracia russa

Em um primeiro momento, os limites temporais da presença da segunda expedição russa na América do Sul provavelmente nos remetem ao contexto das tensões europeias que, em 1914, inauguraram oficialmente a Primeira Guerra Mundial. Veremos, ao longo desta tese, que efeitos do conflito conseguiram encontrar os cinco viajantes russos mesmo no interior do continente sul-americano, enquanto o trabalho de campo e os deslocamentos da expedição nos entregam detalhes sobre relações, valores e desafios latentes das regiões percorridas no início do século XX, aqui com ênfase para as primeiras décadas do Brasil republicano. De volta ao ponto de partida do empreendimento, ainda localizamos a decadente autocracia russa, abalada pelas convulsões dos anos que Daniel Aarão Reis propõe como "ciclo revolucionário", período crítico iniciado em 1905 e concluído não em outubro de 1917, mas, segundo ele, apenas em 1921 (REIS, 2017).

A reflexão de Reis aparece encadeada pelo argumento de que um quadro verdadeiramente compreensível da Revolução de Outubro só é viável no âmbito de uma sucessão de outras revoluções na Rússia das duas primeiras décadas do século XX. Pensando como o autor, os desdobramentos daquele mês específico de 1917 passam a integrar um enredo do qual não são o ponto de partida - como evidenciam os movimentos sociais da primeira dessas revoluções, ao longo de 1905 - e nem mesmo o momento culminante para a consagração do modelo socialista autoritário soviético das décadas seguintes (REIS, 2017, p. 67, 68). Para Reis, esse estado irreversível foi de fato alcançado no decorrer de uma "revolução na revolução" (Ibidem, p. 71), entre 1918 e 1921. Nesses anos, a "Grande Aliança social e política" forjada pelos decretos revolucionários de outubro de 1917 entre o governo bolchevique recém-instalado e diversos setores da vida política e social russa foi dissolvida em uma profusão de guerras civis, dissidências e contradições, que revelam a crescente centralização e verticalização das ações e estruturas do poder soviético em nome de sua permanência e integridade em tempos instáveis (Ibidem, p. 72). A presença de 1921 na

extremidade final desse período revolucionário reflete, enfim, o destaque do autor à malfadada insurreição de marinheiros da cidade portuária de Kronstadt - cujo amplo programa democrático foi sufocado pelo Exército Vermelho em maio daquele ano - como marco ainda mal apreciado pela historiografia para o padecimento russo de qualquer "hipótese de combinar revolução social com liberdade política" (Ibidem, p. 73).

Considerando como o trabalho de Reis destrincha o período, é notável como uma profusão e diversidade de partidos, uniões sindicais, assembléias e comitês munidos de interesses agrários, operários e militares tenha conferido à organização social verdadeiro protagonismo na Rússia do início do século XX. No entanto, o franco debate público que formou esse ambiente revolucionário vivido pelos jovens membros da expedição aqui tratada parece um mundo à parte do conhecido e resistente *status quo* representado pelo eixo autocrático russo, equilibrado por séculos entre czarismo e ortodoxia cristã. A fórmula básica da sociedade russa imperial marcava, nesse sentido, imensas distâncias entre o centro do poder e uma sociedade massivamente camponesa, iletrada e confinada à servidão nos limites de terras particulares e do Estado. O esmagamento do regime às liberdades civis foi o principal elemento a desenhar, de maneira particular, o longo caminho que partia das altas camadas russas - aristocracia, burocracia estatal e elite religiosa - à miserável população, limitando qualquer expressão de classe média a uma existência sem coesão, autonomia ou força política (HACHTEN, 2002, p. 174).

Em meio a esse cenário, formas significativas de organização de uma arena pública independente do Estado - ou o desenvolvimento do peculiar arranjo civil que Elizabeth Hachten cunhou de "espaço social e moral situado entre Czar e povo" (Ibidem, p. 174) - calharam apenas ao longo da segunda metade do século XIX e a partir de cruciais mudanças conduzidas na administração do Império sob Alexandre II (LINCOLN, 1990; EKLOF, BUSHNELL, ZAKHAROVA, 1994). Iniciada em 1861, a abolição do regime de servidão foi a mais impactante das muitas iniciativas conduzidas no período (HACHTEN, 2002, p. 177). Apesar de pouco difundida no Brasil, a chamada "Era das Grandes Reformas" - situada entre as décadas de 1860 e 1870 - é intensamente debatida por historiadores russos e de outros países não apenas por sua importância para o desenrolar dos fatos no início do século XX, mas, antes, pela própria complexidade e alcance das transformações sofridas por uma estrutura autocrática profundamente relutante em conceder meios políticos e culturais a seus súditos (Ibidem, p. 178). Interessa à historiografia das ciências, neste ponto, percorrer o caminho das concepções e atitudes desse poder tradicional em relação ao conhecimento e à

prática científica, a fim de se compreender o papel fundamental das ciências na sociedade russa durante a passagem entre os séculos XIX e XX.

## 1.1 Pedro, o Grande, a Academia Imperial de Ciências e ideais de ocidentalização

Os conhecimentos russos sobre sua natureza, língua e história estiveram distantes de integrar um sistema coerente de valores e métodos científicos até o século XVIII, quando o czar Pedro I, "o Grande", levou a cabo uma série de iniciativas que visavam perseguir os modelos da modernização europeia ocidental. O projeto e a construção da cidade de São Petersburgo no início daquele século estabeleceu um dos principais símbolos do ideal de ocidentalização vislumbrado por Pedro (Pyotr) Romanov, que também buscou incorporar à sua nobreza desde sentidos estéticos europeus até novas regras de comportamento e etiqueta. No entanto, muito desse ambiente renovado seria constituído pela própria presença estrangeira, no caso dos intelectuais recrutados pessoalmente pelo czar para que desenvolvessem suas carreiras e servissem à construção da ciência do Império Russo (HACHTEN, 2002).

A maior e mais concreta representação da maneira como Pedro I estabeleceu essas fundações científicas fica evidente na criação da Academia Imperial de Artes e Ciências, em 1725. Pioneira em propósitos de formação e pesquisa científica no Império, a instituição desenvolveu um vínculo histórico com a imagem de Pedro, o Grande e se tornou fértil para uma historiografia sobre a influência das iniciativas do czar sobre concepções das gerações seguintes (AJDUNOVA, 2019). No momento de fundação da Academia, a Rússia não possuía universidades, quase não havia escolas, a pouca instrução era doméstica e geralmente não ia além de se aprender a ler e escrever. Antes do czar ter tentado estabelecer, no início do século XVIII, organizações como as primeiras escolas navais, de artilharia e medicina, além de um fracassado início para a educação primária, eram academias teológicas de Kiev e Moscou que forneciam ensino, no campo linguístico e religioso (GRAHAM, 1993; ZARETSKY, 2012). O projeto aprovado por Pedro, portanto, trazia a consciência dessa realidade e incumbia a nova instituição de bem mais que pesquisa:

> A organização inteira consistiria em três camadas, com a superior inteiramente estrangeira e a base essencialmente russa. O nível mais alto seria composto de acadêmicos que investigariam as ciências e também serviriam como professores de suas especialidades. Esses acadêmicos trariam consigo estudantes universitários da Europa Ocidental, que formariam, junto aos estudantes russos, o segundo nível, ou universidade. Os estudantes da universidade (adjuntos), por sua vez, atuariam como professores no terceiro nível, o ginásio, cujos alunos seriam todos russos (GRAHAM, 1993, p. 19).

Foi vislumbrando a ascensão gradual de seu povo nesse esquema de "cultivo da ciência nativa com sementes importadas" que o monarca havia se empenhado em viagens e troca de correspondência, estudando modelos acadêmicos em interlocução com personagens como os alemães Leibniz (1646-1716) e Wolff (1679-1754). Em 1725, chegaram os primeiros estrangeiros - principalmente de origem germânica - para ocupar posições na Academia. Com a morte de Pedro I antes da primeira reunião do grupo naquele ano, seu projeto foi sabotado desde o princípio e lideranças arbitrárias tomaram o controle da instituição que, na prática, apenas funcionou em seu topo. O domínio acadêmico estrangeiro, paralelo à crítica escassez de estudantes e de um sistema educacional até o início do século XIX, minaram a produção de graduados e de uma ciência propriamente russa, que só passou a controlar espaços como a Academia a partir de meados dos 1800 (Ibidem, p. 18-19).

Apesar da importância do entusiasmo de Pedro I em suas iniciativas, ele e outros czares do século XVIII precisaram despender esforços para tornar a aristocracia russa mais receptiva e interessada nas novidades representadas pela Academia e pela educação universitária. Com uma população em grande parte vinculada ao status de servo, a formação era destinada a essas elites que, no entanto, vinham se aproximando da ciência ocidental mais como objeto de distinção e lazer intelectual, então Pedro I instituiu um sistema de carreiras obrigatórias para nobres junto ao Estado, na burocracia civil ou militar (GRAHAM, 1993; ZARETSKIY, 2012). Nos anos 1750, logo após a fundação da Universidade de Moscou (1755), o governo de sua filha Elizabeth I (1741-1762) lançou decretos que equipararam a formação universitária ao serviço militar, conferindo aos graduados patentes oficiais subalternas (ZARETSKIY, 2012, p. 4). Essas medidas representaram o início da construção de uma sólida cultura de serviço que, no início do século XIX, entendia as universidades como ferramenta produtora de funcionários competentes para a autocracia. Para Loren Graham, a inconsistência e desigualdade dos processos educacionais e científicos na Rússia do século XVIII não devem nos impedir de reconhecer que, nesse período, começava a se

assentar o fundamento da educação como atribuição do Estado russo. (GRAHAM, 1993, p. 27).

Ao fim dos 1700, os dispositivos acadêmicos existentes não tinham sido eficientes em criar condições para a formação de russos, mas aqueles anos permitiram que o domínio estrangeiro na Academia iniciasse tradições científicas na Rússia, principalmente nos campos da matemática e exploração de recursos naturais, além de ter conferido a base para subsequentes avanços. Embora, essencialmente, esse começo não tenha sido protagonizado por russos e muitos dos acadêmicos fundadores tenham voltado para a Europa em algum tempo, seus assistentes ficaram. Durante a estadia no Império, esses cientistas de fora precisaram instruir pupilos para auxiliarem nas pesquisas. Assim, puderam despontar os primeiros russos que buscaram acompanhar o processo. A Academia naquele momento também colaborou com questões de governo e contribuiu para que muitos textos europeus fossem traduzidos para o russo (GRAHAM, 1993, p. 29-31).

## 1.2 A ciência, os burocratas e o Estado russo

A historiografia viveu um processo muito recente de revisão do que representaram as Grandes Reformas da segunda metade do século XIX para a ciência russa. Um dos principais efeitos gerais desse movimento foi a suavização da fronteira narrativa entre um período pré-reformas esvaziado de prática científica substancial e reduzido diante de todo advento atribuído às mudanças das décadas seguintes. Os autores responsáveis por essa nova escrita identificaram elementos científicos nos esforços pela articulação de pessoas, linguagens e locais antes de 1860 e além dos limites da Academia de Ciências e dos estrangeiros introduzidos no Império cerca de cem anos antes. O exercício de observarmos a própria estrutura do poder autocrático como arena onde isso pode ter ocorrido nos conduz, invariavelmente, à imagem e história dos ministérios imperiais. Sobretudo entre as décadas de 1830 e 1840, a administração consolidava a agenda de levantamento das características naturais das vastas regiões sob seu domínio.

Até o início dos anos 1850, coube aos ministérios e seus comitês de burocratas a compilação de uma variedade de informações, tendo o governo comissionado nessa época a produção dos primeiros mapas sobre clima, solo e relevos do Império (LOSKUTOVA, 2012; 2014). Essas atividades ganharam força e substância a partir de 1837, quando o recém-criado

Ministério dos Domínios de Estado (1837-1894) - criado para controlar terras e outras propriedades do governo - se tornou o principal dispositivo por trás da elaboração e execução dos projetos (MIRONOS, 2000; FEDOTOVA, 2014; LOSKUTOVA, 2014). Um ponto importante para nota está na novidade que os ministérios ainda representavam naquelas décadas, já que o órgão supracitado aparecia para integrar um grupo que havia sido criado e organizado em 1802, sob Alexandre I (1801-1825). Com esse primeiro estabelecimento de um conjunto ministerial no início do século XIX, apenas vislumbramos uma das propostas para inquietações administrativas dos czares russos desde Pedro I - quando de fato se fundou o Império, com sede em São Petersburgo - até Catarina II (1762-1796), última a governar por longo período antes de Alexandre I (LEDONNE, 2002).

Do que se pode identificar como inquietações administrativas russas - entre os czares desde o século XVIII até Nicolau II (1894-1917) - se destacavam os propósitos de harmonização das relações com a aristocracia do Império e o gerenciamento de uma vastidão de domínios terrestres. À sua própria maneira, o regime que emergiu das revoluções do início do século XX continuou a tentar lidar com o problema territorial, que até mesmo entre historiadores representa um desafio particular e delicado (LOSKUTOVA, 2002). Segundo nos informa Marina Loskutova, essas dificuldades se revelam para a historiografia da Rússia muito quando se busca tratar do conceito de "região". Além de raras, as abordagens disponíveis acabam vinculando a ideia de regiões à história dos embates entre as políticas nacionais do Estado russo e nacionalismos emergentes entre grupos étnicos não-russos. Considerando-se a natureza dessas relações enquanto limiares culturais e geográficos das conquistas militares russas, a autora sugere que "as regiões parecem apenas existir nas fronteiras do país" e se pergunta sobre sua existência na Rússia em si como algo maior que "meras divisões administrativas" (Ibidem, p. 7).

Entre a regionalização como problema mais conceitual ou na forma de "meras divisões administrativas", seguiremos com o enfoque nesse último aspecto prático para o Império Russo ao longo dos oitocentos e a partir das formulações pioneiras de Catarina II no fim do século anterior:

> Por volta do início do século XIX e certamente após 1815, uma fragmentação regional do Império havia se tornado necessidade para os administradores imperiais. Mesmo na Rússia propriamente dita, a distinção ecológica entre as zonas de floresta e as de estepe florestal; a factual existência de duas capitais, em Petersburgo e Moscou; e a individualidade territorial dos Urais criavam uma grade regional natural. Mais significante era a distinção entre a Rússia e suas regiões fronteiriças, desde a Finlândia até o Cáucaso, compreendendo terras lituanas e ucranianas. E havia o simples fato de que o crescente número de províncias fez de sua

> consolidação como um número menor de regiões administrativas uma questão de conveniência (LEDONNE, 2002, p. 6).

Vemos, por esse trecho, que parte dessas incipientes unidades fragmentadas do território já contavam com certas marcas conhecidas, na vegetação, no relevo ou em cidades. Esses foram elementos presentes quando Catarina II - "a Grande" - imaginou e buscou aplicar a ideia de províncias e de representantes locais - os governadores gerais - pela primeira vez no Império. Nesse sentido, a organização e atuação de ministérios nos anos que vieram com Alexandre I deu contornos mais reais e pragmáticos a uma Rússia pensada em partes. Esse mesmo processo, no entanto, expôs gradativamente os inconvenientes estruturais de um sem número de problemas regionais. Passando a buscar o efetivo gerenciamento de recursos e situações em nível de províncias e distritos, o Império se revelava definitivamente imenso e, de acordo com John P. LeDonne, começava a se equilibrar entre desconcentrar o poder central e concentrar sua administração nas novas regiões. É fundamental percebermos que esse dilema ainda girava em torno de um mesmo poder decidindo a aplicação de seu controle em temas que recaíam sobre seus respectivos ministérios. LeDonne explica que ainda não podemos falar em "descentralização" nesse momento, uma vez que esse debate envolvia uma atribuição mínima de responsabilidades dos ministérios às regiões, e que mesmo essa limitada parcela seguia circunscrita ao governo do Império. O corpo das agências provinciais nem mesmo tinha qualquer possibilidade de intervir nos assuntos dos ministérios aos quais apenas respondiam e, portanto, LeDonne troca a descentralização pelo que chama de "desconcentração vertical", destinada a uma integração de partes que deveriam, idealmente, funcionar como um todo e por esse todo (Ibidem, p. 6).

O "regionalismo administrativo" russo pode enunciar toda uma discussão sobre a relação entre o regime e sua autoridade. Essa autoridade russa pretendeu se manter íntegra no controle de espaços territoriais no mesmo sentido em que se sustentava sobre o domínio do patronato e a força de seu exército imperial (Ibidem, p 6). Tudo o que a anexação de territórios nutria em termos de notoriedade ao Império Russo, porém, ela mesma descontava em desafios à integridade de seu poder efetivo, e então se aplica a ideia de que "freqüentemente, o que o Estado ganha em escopo, ele perde em autoridade"[13] (APPERT, 1938, p. 226 apud LEDONNE, 2002, p. 6).

[13] Tradução livre do original: "souvent ce que l'État gagne en étendue, il le perd en autorité." B. Appert, Le régionalisme administratif (Paris, 1938):226, apud. Ledonne , 2022, p.02)

Loskutova atribui a tendência historiográfica de marginalizar a atividade científica gestada em órgãos dessa autoridade, precisamente, à sua identificação com o regime (LOSKUTOVA, 2014). A autora explica que esse mecanismo é herdeiro de narrativas construídas pela intelligentsia pré-revolucionária russa, que começou a constituir seu papel social e cultural a partir da metade do século XIX - justamente na atmosfera das Grandes Reformas - e foi a primeira a escrever a história de suas próprias atividades, conquistas e aspirações, sempre em oposição ao Estado czarista. Os discursos e perfis sociais cultivados pelas correntes reformistas que se proliferaram na Rússia letrada entre a segunda metade do século XIX e as revoluções do século XX não poderiam, dessa forma, dar enfoque à parte de suas atuações profissionais que era vinculada ao Estado, ao invés da Academia de Ciências, sociedades intelectuais e universidades (LOSKUTOVA, 2014, p. 231).

Conforme demonstra Anastacia Fedotova, perceber a relação entre ciência russa e Estado no século XIX apenas como oposição não é suficiente. Os responsáveis pelas atividades em ciências naturais - muitos dos quais também acumulavam alguma posição acadêmica - detinham altos cargos na administração do Império Russo, principalmente no Ministério dos Domínios de Estado (FEDOTOVA, 2014, p. 268). Nesses órgãos, porém, a atuação dos funcionários era normalmente circunscrita ao que seria melhor considerado catalogação do que pesquisa científica. A dinâmica daquele momento, no entanto, também era caracterizada pela designação de correspondentes locais para coleta e remessa de dados de diferentes províncias do Império. O desenvolvimento desses intercâmbios entre burocratas nos ministérios e agentes de campo buscou responder diretamente a problemas de interesse do Estado, como o controle de pestes agrícolas e o incremento da silvicultura a partir de meados do século XIX (FEDOTOVA, 2014; LOSKUTOVA, 2014).

Podemos pensar no esforço por esse tipo de rede de troca e colaboração como passo importante para a consolidação de práticas e valores científicos. Tendo em vista a história dos estudos das relações entre florestas, clima e cultivo nas terras do Império no século XIX, Fedotova descreve a importância da difusão de uma "atitude renovada relativa aos padrões de evidência científica", sobretudo a partir da década de 1870. Esse processo foi muito marcado pela transição de atividades que confiavam no caráter qualitativo de informações históricas, para abordagens cada vez mais criteriosas e quantitativas - "as assim chamadas observações científicas sólidas" - baseadas em instrumentos e medidas no campo ou laboratórios (FEDOTOVA, 2014, p. 267). Embora se possa notar a influência gradual de métodos e projetos científicos europeus na Rússia do século XIX, o outro lado dessa moeda vem com a

realidade da ampla desvalorização do exaustivo trabalho empreendido pelas pessoas encarregadas de reunir dados, fazer coletas e experimentos.

Essa contradição indica que o desenvolvimento de uma cultura da ciência não apresentou o mesmo compasso que seus métodos e técnicas, tendo enfrentado a resistência de valores já consolidados sobre identidades profissionais e atribuições. Nessas condições, persistiu a compreensão de que a incumbência das medições de campo nas províncias não demandava treinamento ou remuneração adequada e assim prevaleceu, pelo menos até o fim do século, a utilização de voluntários locais como recurso. Ao longo dos anos 1870, associações de entomologia, silvicultura e agronomia discutiram e propuseram ao governo, em seus respectivos planos, a implantação e distribuição de estações experimentais no território, onde a prioridade seria a pesquisa científica, sublinhando a necessidade de pessoal treinado e bem pago para conduzir o trabalho que, segundo afirmaram, não funcionaria pelo voluntariado. No entanto, as estações não se tornaram realidade naquele momento e o interesse do Estado só viria nas décadas seguintes (FEDOTOVA, 2014).

Sobre essa situação, é interessante frisar que nem mesmo entre os envolvidos na proposta havia consenso sobre o benefício real das estruturas concebidas, o que nos revela dentro de que categorias se costumava pensar a ciência russa. O trabalho desses profissionais nos ministérios era circunscrito a um universo que, segundo se acreditava, não comportava o interesse pela pesquisa científica (FEDOTOVA, 2014, p. 265). Quando o assunto era a organização de instituições de pesquisa na Rússia, Fedotova afirma que “nós podemos ver que a situação não era mais dificultada para as ciências fundamentais ou para o ambiente universitário, mas para aqueles que trabalhavam com o conhecimento aplicado”(Ibidem, p. 256). Isso acontecia porque havia uma compreensão bem assentada de que pesquisas eram para o “tempo livre” de acadêmicos ou daqueles pessoalmente interessados. A própria preocupação e grande dependência dos proponentes das estações experimentais em relação ao financiamento estatal para indivíduos no campo e laboratórios nos reforça a imagem da pesquisa científica russa constituída apenas enquanto atividade dos naturalistas ricos e independentes (Ibidem, p. 260).

Em um sentido mais geral, a história das ciências acaba funcionando como um lembrete de que certos valores e estruturas a que estamos habituados são desenvolvimentos muito recentes e originados de contextos que, em graus variados, valorizavam professores em universidades pelo ensino e funcionários nos governos por sua experiência e serviços, restando o que se entendia por interesse ou pesquisa científica, muito associados à abstração, como algo mais deslocado e que acabava nas mãos dos que dispusessem de tempo e recursos

(FEDOTOVA, 2014, p. 267). Na sociedade solidamente estratificada russa, essas tendências eram bastante pronunciadas e esse status da ciência ofereceu obstáculos importantes já na segunda metade do século XIX. As grandes fronteiras sociais, educacionais e a censura do regime acentuavam a complexidade implicada na disseminação de valores e métodos da ciência, além de proporcionarem falhas em dinâmicas de troca já conhecidas e correntes.

Loskutova nos permite observar um panorama do balanço entre os desafios e potenciais dos intercâmbios realizados em nome de assuntos como, por exemplo, o controle de pestes no Império (LOSKUTOVA, 2014). Embora pudessem significar uma possibilidade de aliar incremento econômico à conformação de um interesse científico que incluísse pessoas de diferentes estratos sociais e regiões, essas redes primeiro se depararam com todas as diferenças que separavam os russos, traduzidas em ruídos na comunicação. Os burocratas dos ministérios - além dos acadêmicos externos que eventualmente fossem consultados - estavam inseridos em práticas e linguagens particulares, não conseguindo se fazer entender por completo em suas demandas para os agentes locais. Esses encarregados nas câmaras provinciais, por sua vez, não registravam suas próprias observações ou os relatos de camponeses dentro das categorias desejadas pelos funcionários dos departamentos e ministérios, enviando relatórios que careciam de detalhamento e informações fundamentais. Essa necessidade de se articular pessoas e localidades na busca de soluções práticas para a agricultura do Império mobilizou atores que, como Peter Koeppen[14] para a entomologia, enxergaram o valor da publicação de materiais acessíveis e disseminação de conhecimentos e linguagens sobre história natural entre os russos instruídos, incluindo camponeses alfabetizados (LOSKUTOVA, 2014, p. 238, 239).

Tais primeiros impulsos dessa prática inserida nas atividades de Estado em direção ao emergente, mas ainda muito limitado, público instruído russo são evidências de maiores interações entre esses espaços já durante a década de 1840. Em paralelo a essas dinâmicas, as poucas sociedades intelectuais e organizações profissionais que haviam conseguido se estabelecer até ali - entre elas, a Livre Sociedade Econômica Imperial e a Sociedade Imperial Geográfica Russa, em São Petersburgo, além de associações agrícolas e sociedades ligadas a universidades em outras partes do território - desempenharam um papel fundamental no fomento a uma importante área precursora de atuação civil autônoma, anterior à geração que

[14] De acordo com Loskutova (2014, p.236), Peter Koeppen (1793-1864) é mais conhecido como um dos fundadores da sociedade Geográfica Russa (1845), por ter publicado o primeiro mapa etnográfico do Império (1851) e outros materiais sobre estatística populacional e antiguidades. Ainda segundo a autora, Koeppen costuma ser mais lembrado pela parte de sua vida como membro da Academia de Ciências, desde 1843, mas foi um ativo e requisitado burocrata do Ministério do Interior e do Ministério dos Domínios de Estado.

viveria as cruciais “Grandes Reformas” administrativas a partir de 1860. Essas mudanças na estrutura tradicional da autocracia finalmente dariam alguns meios à capacidade de organização de setores mais amplos da sociedade russa, além de viabilizar a produção de uma cultura pública da ciência (HACHTEN, 2002, p. 182).

## 1.3 O caminho até as Grandes Reformas dos anos 1860-70

Uma variedade de tensões ligadas a conflitos militares externos e instabilidades internas no Império atravessaram o governo de Alexandre I até sua morte, em 1825. Foi no vazio dessa transição de poder que emergiu, em dezembro do mesmo ano, uma primeira tentativa de derrubada do regime autocrático, protagonizada por grupos de jovens russos instruídos e inspirados por sua vivência como oficiais militares em enfrentamentos recentes na Europa, além de leituras em línguas como francês e alemão[15]. Os responsáveis pela conspiração ficaram conhecidos como Dezembristas e, apesar de derrotados, presos e exilados em poucas semanas, aqueles poucos indivíduos marcariam as fundações do que Daniel Beer chamou de “genealogia revolucionária” russa (BEER, 2013).

O sucessor e irmão mais novo de Alexandre, Nicolau I (1825-1855), assumiu a posição de czar no contexto do impacto provocado por esse movimento e intensificou a vigilância do regime sobre qualquer perspectiva de mudança política. O agravamento dessa postura veio a partir do espírito liberal de uma série de insurgências nacionalistas na Europa central e oriental durante o ano de 1848, que se tornaram conhecidas como Revoluções de 1848 ou Primavera dos Povos. A resposta repressiva do czar russo nesse momento, segundo Hachten, dedicou-se a “isolar a Rússia do contágio do liberalismo”. (HACHTEN, 2002, p. 180). Pensando nessas atitudes mais gerais do governo russo, vale reforçar que o endurecimento e a crescente aversão a perturbações da ordem não chegaram a excluir as agendas administrativas e civis do interesse de Nicolau I. Lembremos, inclusive, que foi na década de 1840 o momento privilegiado de atuação do recém criado Ministério dos Domínios de Estado que, vimos anteriormente, foi fundamental em aproximar o Império das extensas

[15] Conteúdo produzido pelos professores Hugh Seton-Watson e Nicholas Riasanovsky na Encyclopedia Britannica, 2021. Link: https://www.britannica.com/place/Russia/History..

terras às quais se intitulava. Recuperando a lógica de LeDonne, temos os ministérios e suas competências como princípio de controle importante, mesmo quando estabelecem novos espaços de troca e padrões de relação (LEDONNE, 2002).

Quando a autocracia russa encontrou esse clímax de censura e isolamento no final da década de 1840 e ao longo dos anos 1850, muito se evoca uma descrição contemporânea que dizia ter o Império, naquele momento, adquirido "a quietude de um cemitério, podre e fétido, tanto física quanto moralmente"[16]. Nas ciências, Nicolau I chegou a proibir que os acadêmicos russos viajassem ou estudassem na Europa (GRAHAM, 1993, p. 36). Foi nesse ambiente, então, que o Império Russo obteve derrotas militares sucessivas durante o longo cerco terrestre e naval à cidade portuária de Sevastopol - base russa fortificada no mar Negro - durante a Guerra da Criméia (1853-1856). O bloqueio de cerca de um ano de duração foi o momento decisivo dos conflitos que haviam se iniciado apenas contra forças do Império Otomano em regiões dos Balcãs e posteriormente integrados por uma aliança entre França, Reino Unido e Reino da Sardenha, somando ao lado turco. Essa interferência conduziu a uma grande derrota para os russos e, como colocou Douglas Borer, escancarou para a autocracia o "poderio técnico militar do Ocidente modernizado" (BORER, 1997, p. 352). De maneira ampla, a historiografia da Rússia no século XIX detectou um momento culminante para o Império nos efeitos imediatos dessa guerra.

Inserida entre outros confrontos internacionais em recorte temporal mais extenso, a Guerra da Criméia aparece como um dos exemplos mais sólidos quando Borer propõe um "padrão" onde derrota militar e reforma política teriam criado um forte vínculo relacional na história da Rússia. Em sua análise, o autor afirma ser evidente que o fracasso e as baixas de uma campanha não são os únicos gatilhos, mas entende que "maiores mudanças políticas na história russa nunca ocorreram na ausência de derrota em guerra estrangeira" (Ibidem, p. 345). Borer completa seu raciocínio, então, com a percepção de que ambientes russos de estabilidade militar ou de vitórias recentes resultaram, por sua vez, em tentativas falhas de rompimento com a ordem estabelecida. O longo percurso temporal do texto se inicia com as reformas impostas por Ivan III no fim do século XV - depois de mais de duzentos anos de ocupação mongol na Rússia - e alcança a dissolução do regime soviético, como processo

[16] A frase é de Mikhail Petrovich Pogodin (1800-1875), importante historiador e jornalista eslavófilo russo do século XIX. Entre o final dos anos 1820 e a década de 1850, Pogodin dividiu com Nikolai Ustryalov (1805-1870) o domínio da historiografia russa imperial. Entre 1826 e 1844, Pogodin foi professor da Universidade de Moscou. O trecho extraído compõe suas "istoriko-politicheskie pisma" ("cartas político-históricas"), escritas por ele no curso da guerra da Criméia, entre 1853 e 1856, mas apenas publicadas em 1874.
Pogodin, M.P. 1874. Istoriko-politicheskie pisma ("Cartas político-históricas").
https://runivers.ru/upload/iblock/42c/Istoriko-politicheskie%20pisma.pdf, acesso em 15 de setembro de 2022.

impulsionado pela desocupação militar no Afeganistão, após decisão do então dirigente Mikhail Gorbatchev em 1986. Nesse recorte de séculos, temos a instauração do modelo altamente centralizado e feudal dos governos czaristas, quando Ivan implementou uma única estrutura hierárquica - da aristocracia vassala aos camponeses legalmente confinados a ela - ; continuidade, fraturas e declínio da autocracia; e, enfim, caminho análogo para os soviéticos. Ao longo desse trajeto, portanto, Borer demonstra como não apenas as guerras e seus resultados, mas todo o elemento militar - tanto o reformista quanto o reacionário - nunca deixou de ser uma base volátil no termômetro de relações russas (BORER, 1997).

A Guerra da Criméia foi mais um desses momentos nos quais o que quer que ocorresse militarmente falando, teria refletido pesadamente sobre os ânimos de todos os demais setores da sociedade russa e na legitimidade dos dispositivos autocráticos. Mais adiante, o êxito do Império na guerra turco-russa (1877-1878) incluiu seu apoio à liberação búlgara do domínio otomano e ao estabelecimento da Bulgária como Estado constitucional. Essa atitude do governo russo desencadeou fortes reações de setores liberais por uma constituição para o Império. A radicalização de alguns grupos nesse momento agravou o embate entre reformistas e discursos reacionários até o assassinato de Alexandre II em ato de terrorismo político. No mesmo dia de sua morte, porém, o czar havia lançado um decreto para formação de um Comitê Representativo auxiliar ao Conselho de Estado, em resposta às pressões constitucionalistas (Ibidem, p. 353). Seu filho Alexandre III enterrou o decreto, mas o caminho representado pelo documento sinaliza que, embora muitas das liberdades tenham sido logo revogadas entre 1880 e o fim do século, as relações nunca voltariam ao que haviam sido antes de 1860. Os tópicos a seguir tratarão, respectivamente, de bases gerais sobre as Grandes Reformas e do que se tornaram, nesse período, as práticas, o status e os locais do novo espírito científico e reformista russo que, segundo Hachten, já parecia inevitável: “apesar de seus perigos, uma elite treinada tecnicamente e cientificamente havia se tornado uma necessidade urgente demais para o Estado” (HACHTEN, 2002, p. 181).

## 1.4 As Grandes Reformas entre autocracia e mudança

Depois de expostas as fragilidades russas na derrota em Sevastopol, a morte de Nicolau I em 1855 acabou tendo o efeito de antecipar a formulação de novas políticas com a transição de poder para Alexandre II. Os efeitos das reformas iniciadas já a partir dos primeiros anos do governo do novo czar devem ser considerados com nuance e cautela, pois muito se transmite uma impressão quase "estática" das ordens política, econômica e social antes de 1860 (BORER, 1997, p. 352). Peter Gatrell analisou o cenário dos números e relações de produção no Império e suas províncias ao longo do século XIX, concluindo que não houve descontinuidade econômica provocada pelas reformas. Para Gatrell, "as reformas não iniciaram, mas coincidiram com uma aceleração no crescimento econômico" que já se manifestava gradualmente na realidade pré-reformas, inclusive na modernização de interações no nível institucional e individual (GATRELL, 1994, p. 99). Também na educação e nas ciências, avanços importantes ocorreram antes de 1860. Nas primeiras duas décadas dos 1800, Alexandre I e seu comitê privado de inspiração liberal enfim fundaram um sistema educacional em quatro níveis abertos às diferentes classes sociais, um ministério para a educação e estabeleceram algumas universidades. Nicolau I intensificou o controle do regime a partir de 1825, mas seu governo incluiu períodos de grande favorecimento ao sistema educacional e instituições científicas pela administração ministerial do conde Sergei Uvarov (1786-1855) (GRAHAM, 1993; ZARETSKIY, 2012). Na maior parte do tempo, porém, os efeitos práticos de novos princípios como o das escolas e universidades abertas e bolsas estatais para estudantes eram cerceados por elementos antigos como a servidão, perseguições acadêmicas e fechamento de instituições (GRAHAM, 1993. p. 33-34). Veremos que essas estruturas permaneceram no caminho das inegáveis mudanças propostas à organização social e política do Império na década de 1860.

A Guerra da Criméia foi eficiente em trazer a compreensão da urgência de se estabelecer condições para a modernização industrial na Rússia. Segundo análise de Jacob Kipp (1994), a metalurgia russa havia sido capaz de garantir uma posição para o Império entre os principais produtores de ferro no século XVIII, mas não houve como se manter um ritmo até meados do XIX, ainda praticamente sem uma marinha mercante, apenas as duas capitais conectadas por ferrovia e uma indústria de todo incipiente. Esse conjunto de elementos teria transparecido na Criméia, em cenas descritas por Kipp, quando "colunas russas armadas com mosquetes de calibre liso e aço frio se desfizeram sob o fogo de rifle dos

britânicos e franceses", que além de possuírem frota mais moderna, conseguiam abastecer suas forças com mais eficiência, já que o Império Russo não podia contar com um sistema que comunicasse seu território e escoasse humanos e produtos para as linhas de guerra (KIPP, 1994, p. 116).

Uma série de forças convergiu nas origens das deliberações e iniciativas por um caminho diferente de desenvolvimento para o Império. Além do pesado golpe que acabava de sofrer sobre sua reputação militar, dominava a preocupação do governo a necessidade de se recuperar uma melhor imagem internacional para a Rússia depois da intensa repressão e censura dos anos de Nicolau I, com destaque para o período final entre 1848 e 1855, os "sombrios sete anos". Essa preocupação com o olhar externo encontrava respaldo em outros aspectos de sua situação doméstica, pois além da crise de sua posição de grande poder, instabilidades políticas internas e crítico déficit econômico marcaram a saída russa da Guerra da Criméia e a ascensão de Alexandre II (ZAKHAROVA, 1994. p. 21). A partir da inquietação generalizada nas esferas superiores do poder russo e das cada vez mais frequentes manifestações que - como a do já citado historiador contemporâneo Mikhail Pogodin - prescreviam que o velho sistema já não cabia mais, emergia uma Rússia que precisava de paz em suas relações externas para preparar e aplicar profundas reformas internas (KIPP, 1994, p. 117). Enquanto se preocupava ativamente em superar seu isolamento e aspectos negativos da opinião pública europeia ainda ligados ao governo de Nicolau I, a Rússia de Alexandre II já começava a conceder liberdades em direção ao final da década de 1850:

> A inovação na política doméstica encontrou expressão no relaxamento ou eliminação de uma multitude de restrições. Passaportes para viagens ao estrangeiro agora podiam ser livremente expedidos; [...]. A censura foi relaxada, bem como várias restrições sobre as universidades. Súditos russos passaram a ser encorajados a "fortalecer nossos laços comerciais com nações estrangeiras e a adotar, nesse sentido, os avanços científicos conquistados nos últimos anos na Europa". As flexibilizações também assumiram outras formas, como na abolição das colônias militares, diminuição no tamanho do exército, suspensão do recrutamento por três anos e anistia para comunidades que não tivessem cumprido suas cotas de recrutas. Mais importante, na ocasião da coroação, em agosto de 1856, uma anistia foi declarada para prisioneiros políticos - Dezembristas sobreviventes, Petrashevtsy e participantes da insurreição polonesa de 1831; ao todo, nove mil pessoas foram liberadas do controle da polícia e da burocracia (ZAKHAROVA, 1994, p. 22-23).

Tanto pelo propósito de fazer valer uma imagem mais liberalizada do Império Russo naquele momento, quanto pela viabilização das reformas e dos fins de modernização industrial e capitalista a que se propunha, o governo precisou se concentrar, primeiramente, nos velhos pilares de seu sistema econômico. Para finalmente introduzir práticas de mercado

no Império, o movimento vertical das reformas teve seu início pelo fundamental e delicado problema da abolição do regime de servidão camponesa. Natalia Ustiantseva apresenta elementos do que chamou de uma "pré-história maior da Emancipação de 1861", ou seja, da preparação para que se implementasse essa nova realidade nas províncias russas (USTIANTSEVA, 1994, p. 162). Não apenas a aplicação da abolição foi objeto de muitos debates, mas também a associação de muitas das demais reformas a essa primeira (EKLOF, 1994). A política de abolição da servidão na Rússia abriu caminho, então, para a instituição das demais reformas que se seguiram nas décadas de 1860 e 1870, nos âmbitos militar, universitário, jurídico e da administração das províncias e das cidades (AFANASEV, 1994, p. 214).

É ressaltado por Ustiantseva o lugar da burocracia liberal como grupo social mais ativamente envolvido nesse momento de formulação e aplicação de mudanças importantes na legislação e outros dispositivos da administração russa. Foram esses funcionários da autocracia, e não uma classe média independente, os principais agentes das reformas, convocados pelo governo para as deliberações do processo (USTIANTSEVA, 1994, p.161). Essas pessoas que impulsionaram a aplicação do espírito reformista a partir de 1860 tinham suas raízes fincadas em identidades profissionais formadas no contexto de expansão do serviço civil russo entre as décadas de 1830 e 1840. O já aqui abordado e restrito grupo de servidores dos ministérios construiu suas carreiras nos comitês acadêmicos desses órgãos, enquanto suas atribuições de inventário respondiam ao intervencionismo do Estado russo e, paradoxalmente, fomentavam uma participação pública pioneira na ciência, nos necessários intercâmbios com as províncias (LOSKUTOVA, 2014).

A análise de Marina Loskutova define o perfil geral desses homens, que "ocupavam uma posição liminar entre um círculo muito pequeno de acadêmicos e um serviço civil em rápida expansão" (Ibidem, p. 249). Devemos nos atentar a essa dualidade para buscarmos compreender os elementos presentes no corpo burocrático russo durante a elaboração das reformas e entender melhor a natureza e desdobramentos dessas últimas. Os processos fundamentais conduzidos por esse reduzido número de altos oficiais liberais de dentro da estrutura do governo russo adquiriram dimensões e objetivos tão diversos quanto os de idealismo reformista, construção de carreiras públicas e identidades profissionais, com um misto de verticalização e paternalismo (HACHTEN, 2002). É discutido por Ustiantseva que esse último aspecto das reformas teria sido necessário na garantia de sua aplicação consistente e irreversível, já que, nos lembra a autora, a "maior energia" e condições de iniciativa estiveram concentradas no corpo liberal do governo e, a partir do aparato de poder e

por sua designação, puderam se converter em uma "revolução a partir do alto" (USTIANTSEVA, 1994).

Apesar da importância de se destacar o governo russo enquanto estrutura que diretamente condicionou a aplicação das reformas, em muitos casos sua eficiência dependeu de características pessoais dos oficiais encarregados. Essa foi uma situação comum, por exemplo, no contexto da atuação dos funcionários chamados "mediadores da paz", personagens centrais do processo de emancipação da população camponesa e designados para conduzir sua política nas províncias russas e seus distritos. Atuando como intermediários no estabelecimento das novas relações entre nobres e camponeses, os mediadores trabalharam em uma posição delicada. De um lado, havia a grande pressão e descontentamento das elites tradicionalmente baseadas na servidão e, do outro, os desafios para conquistar a confiança e compreensão dos camponeses, pois, como destacou Daniel Field, não importava o quanto se sentisse próximo ou simpático àquele povo, o mediador era, a um só tempo, burocrata e proprietário de terras, duas categorias com limites não muito claros, mas facilmente reconhecidas por quem era subjugado (FIELD, 1994, p. 42).

Refletindo a importância depositada pelo governo na função regulatória e apaziguadora desses funcionários, o interesse do corpo liberal por trás da emancipação estabeleceu seu ideal de mediador que, especialmente nos anos iniciais, deveria ser educado, imparcial, alcançar boas relações com os camponeses e apresentar dedicação genuína à causa. Com o respaldo oficial, essas qualidades em nível individual deram a tônica das relações práticas estabelecidas em cada contexto local e, além disso, proporcionaram grande número de candidatos ao posto. Nem a extensão dos territórios, nem a complexidade da atividade ou mesmo as grandes disputas sociais envolvidas foram capazes de represar o fluxo de inspiração abolicionista de russos liberais instruídos e jovens estudantes que decidiram deixar universidades e gabinetes governamentais de lado para participar ativamente da liberação dos servos no campo[17]. Em todos os espaços afetados pelas reformas e seus estatutos, o processo

[17] A então chamada "Khozhdeniye v narod" - a " ida ao povo" - começou a se manifestar logo a partir de 1861, quando uma agitação universitária contra medidas do governo foi reprimida. No contexto da emancipação dos servos camponeses, os anos seguintes viram um primeiro contingente desses jovens estudantes expulsos das universidades e decididos a migrar para as aldeias, onde encontrariam o povo ao qual serviriam como professores rurais ou paramédicos. Já no início da década de 1870, meios clandestinos da intelligentsia russa fortaleceram diferentes ideais voltados a mobilizar a massa camponesa para uma revolução social. Piotr Lavrov (1823-1900), Mikhail Bakunin (1814-1876) e Piotr Kropotkin (1842-1924) foram alguns dos nomes que debateram e informaram vieses para o movimento, cujo estopim foi em 1874. Apesar de ter atingido cerca de quarenta províncias do Império, os esforços encontraram resistência e desconfiança por parte da própria população, que chegou a denunciar muitos revolucionários à polícia do czar. Até 1878, a "ida ao povo" foi liquidada (ARBEX JR. e NAKAMURA, 2017).

se deu nos limites entre a atuação regulatória e precavida da autocracia e um furor público alimentado, inclusive, no seio de seus quadros funcionais. Esse último eixo das movimentações das décadas de 1860 e 1870 é muito destacado pela historiografia e tratado como uma espécie de fenômeno participativo no meio social russo.

Natalia Ustiantseva se refere a essa dinâmica indicando que a "onda de ativismo social que varreu a Rússia após o período de estagnação e obscurantismo sob Nicolau I se estendeu até os recantos mais distantes da Rússia provincial" (USTIANTSEVA, 1994 p. 167). Nas palavras de Elizabeth Hachten, os anos de reforma marcaram uma "explosão de atividades associacionais", também por ela chamada de "impulso associacional que agarrou a sociedade educada" (HACHTEN, 2002, p.178, 182). Já Marina Loskutova caracteriza o mesmo período como de "vibrante iniciativa civil" (LOSKUTOVA, 2014, p. 247). O ambiente informado nesses termos - ou essa "geração dos anos sessenta" - não tem uma origem de simples explicação, mas Larissa Zakharova identifica, assim como Ustiantseva, uma importante relação entre o que foi observado a partir de 1860 e os fechados últimos anos de Nicolau I:

> A vedação imposta por Nicolau I sobre a palavra impressa, e especialmente o "terror de censura" dos "sete anos sombrios" (1848-1855), foi destruído pela sociedade educada e sua apaixonada e irrepreensível necessidade de falar, tendo produzido um efeito totalmente contrário, a circulação de literatura manuscrita em uma escala até então desconhecida. A glasnost emergiu espontaneamente, e não "por disposição do czar". O governo estava seguindo o fluxo dos eventos quando levantou as restrições extraordinárias à imprensa. Somente mais tarde ele se apropriaria da glasnost como arma para seu próprio arsenal político (ZAKHAROVA, 1994. p. 21).

Essa visão de Zakharova também é corroborada pelo trabalho de Adele Lindenmeyr sobre a dramática ascensão de associações públicas e privadas diversas - das profissionais às filantrópicas e de caridade - à condição de principais manifestações do espírito cívico nas Grandes Reformas. Nesse sentido, Lindenmeyr também fala em uma importante "quebra de silêncio" a partir de anos de crítica repressão sobre o pensamento independente e qualquer forma privada de organização e atividade, mas delibera sobre outros elementos na base do que considerou um "ethos único" que se desenvolveu nesse momento no meio educado formal russo (LINDENMEYR, 1994, p. 270). A autora reconhece o papel crucial desempenhado pelas reformas e suas políticas de maior tolerância como facilitadores ou inspiradores desse processo intelectual. Diante de uma atmosfera menos reticente às formas da opinião pública, se avolumou nos novos espaços e instituições o sentido de serviço ao melhoramento da sociedade, constituído como dever principalmente entre os mais jovens. As

atitudes e propósitos de organização social do período se assentavam sobre uma sólida dimensão moral - em muitos casos ligada a sentimentos de culpa e à necessidade de se compensar ou reparar privilégios - que promovia a participação civil em suas medidas de obrigação e satisfação pessoal (Ibidem, p. 271).

O movimento de proliferação das arenas autônomas de atuação pública a partir da década de 1860 não somente evidencia esforços por papéis sociais, mas também condições de afirmação de identidades profissionais (HACHTEN, 2002). Como indica Loskutova, muitas das novas e diversas associações daqueles anos buscaram legitimar suas atividades pelo bem comum com base em seus conhecimentos e especialidades (LOSKUTOVA, 2014, p. 247). Como centro formulador e gerenciador das reformas, o governo russo buscou sempre estar no controle das descentralizações a que se dispôs, nos centros urbanos em expansão e nas províncias rurais. Considerando o ideal da autocracia em estabelecer uma medida segura de liberdades civis e o mínimo de mudanças sociais, devemos cultivar a compreensão de que a vida pública que finalmente se estabelecia na Rússia do final do século XIX ainda era restrita a uma série de limitações. Mesmo assim, não pode ser ignorado o fenômeno social contido nessas fronteiras e todas as formas de pressão política exercidas por sua conta até as revoluções do início do século XX (HACHTEN, 2002).

Antes mesmo de percebermos qualquer desdobramento desse processo em ação política concreta, o impulso participativo em si já trouxe o peso dessa conotação para o contexto russo, onde "toda iniciativa pública independente era política, mesmo que não fosse abertamente oposicional, porque desafiava, indiretamente senão diretamente, o controle da autocracia sobre a sociedade" (LINDENMEYR, 1996, p. 196 apud. HACHTEN, 2002, p. 178). Veremos como a controversa coexistência desse Estado vigilante com autonomias e descentralizações imprimiu suas marcas especificamente nas ciências, seus novos valores e ambíguas relações com a autoridade. A segunda metade do século XIX e seus novos estatutos inauguraram uma delimitada geografia russa de instituições científicas que nos ajudará a entender a distribuição de suas práticas até o início dos 1900, bem como a vinculação de diferentes centros de produção do conhecimento no território ao projeto de modernização do Império. Com as possibilidades de atuação e organização que começavam a ganhar substância externamente ao serviço burocrático, uma renovada apologia à ciência foi crucial na multiplicação, na Rússia, de "pontos nodais críticos" - como Samuel Kassow chamou as universidades - "onde muitas das tensões geradas pelo choque entre o autoritarismo paternalista oficial e desenvolvimentos sociais autônomos convergiram em um padrão de desentendimento e confronto" (KASSOW, 1994, p. 259).

## 1.5 O novo mapa moral das ciências russas nas Reformas

A campanha vitoriosa contra os avanços de Napoleão Bonaparte em 1812 alavancou o prestígio externo do Império e as formulações domésticas da identidade nacional russa. Em 1825, porém, o movimento Dezembrista pôs em evidência outro efeito da guerra - esse perigoso para a autocracia - no contágio dos conspiradores por valores liberais do Ocidente europeu. Apesar do fracasso da insurreição, nem mesmo a dureza e a vigilância do governo de Nicolau I conseguiram impedir o avanço das ideias que a motivaram. Dentre elas, Edouard Kolchinsky, Uwe Hossfeld e Georgy Levit destacam a compreensão do progresso político e social como fim intimamente ligado ao desenvolvimento das ciências (KOLCHINSKY et.al., 2018). A ciência importada como entretenimento educado, ligada à distinção social e ao domínio de nomes estrangeiros de origem germânica nas instituições da Academia de Ciências já se tornava, aos poucos, mais vinculada a atores russos e interesses mais práticos, tendo a década de 1860 e suas flexibilizações impulsionado o processo. É importante, no entanto, observarmos que o sentido tradicional apenas deixou de predominar na Rússia, mas seguiu existindo em contraste com a expansão de uma ciência cada vez mais identificada com visões de mundo modernas, racionalistas e progressistas (HACHTEN, 2002).

Enquanto isso, o ambiente mais relaxado e participativo condicionado pela dedicação do governo à dinâmica das reformas também possibilitou que práticas e agendas concentradas no aparato de Estado passassem a ser desenvolvidas em outros níveis na sociedade. Uma das novidades mais importantes para a conformação de relações científicas menos centralizadas ao longo da segunda metade do século XIX foi a multiplicação de patronos. Além do financiamento estatal revitalizado, novas fontes privadas e públicas não estatais de investimento e apoio institucional, como sociedades e associações agrícolas, médicas e naturalistas, foram fundamentais na elaboração de uma cultura pública das ciências. Para Elizabeth Hachten, o principal motor desse renovado alcance das buscas científicas russas esteve na relação entre sentidos cívicos e utilitaristas que, segundo identifica, refletiram nos tipos de projetos apoiados. O expandido patronato que marcou a economia russa a partir de 1860, portanto, se concentrou nos potenciais e retornos práticos da ciência, mas ganhando terreno na arena pública russa em formação, essa prática útil e seus agentes também legitimaram-se sobre compromissos de melhoria social. Com o passar dos anos, os padrões e valores atrelados a essa ampla esfera de financiamento influenciaram carreiras e disciplinas científicas (Ibidem, p. 184).

Conforme se consolidava, essa ciência vista como instrumental para a modernização adentrou o repertório de uma variedade de linhas políticas na Rússia, carregando promessas de renovação nas escalas de indivíduo e sociedade. O estreitamento entre essa cultura científica participativa e o pensamento político ocorreu de maneira intensa nos choques com a realidade russa e muitas vezes se converteu em atitudes mais radicais. Boa parte da autoridade do discurso científico entre o público educado russo, sobretudo durante a década de 1860, foi auferida nos volumes positivistas que chegavam traduzidos ao Império. Nesse sentido, Hachten destaca a grande influência do britânico Henry Thomas Buckle e a circulação da primeira edição russa de seu *History of Civilization in England* a partir de 1863, antes de traduções de Auguste Comte. Ainda segundo a autora, os fortes elos entre progresso científico, rebelião e liberdade em Buckle, bem como sua teoria da evolução social baseada em "conhecimento positivo, ceticismo e racionalidade", foram muito influentes para a crítica russa a seu próprio contexto, inclusive ajudando a formar o cientismo mais extremo e politizado de uma parcela da juventude instruída (HACHTEN, 2002, p. 185). As apropriações radicais positivistas e de outras ideologias[18] dos anos 1860 atravessaram ponderações variáveis nas décadas seguintes, mas persistiram as associações entre ciência, coesão e transformação social (Ibidem, p. 186).

Antes do agravamento da censura e controle da autocracia sob Nicolau I, uma tradição vinda dos anos de Pedro, o Grande, havia estabelecido algum tempo no estrangeiro como condição fundamental para que as elites russas conquistassem posições profissionais (KOLCHINSKY, et.al., 2018, p. 5). Então, em intensidade semelhante ao que se deu com a circulação de textos, um grande fluxo de pessoas deixou a Rússia para estudos em questão de semanas após a morte de Nicolau I, em 1855, muitos desses indivíduos com destino a laboratórios mais próximos na Alemanha (HACHTEN, 2002, p. 188). Até as reformas, era para lá e para a França que normalmente se dirigiam os russos em formação. No entanto, com a noção de urgência por treinamento e inovação técnica, as décadas a partir de 1860 expandiram o horizonte russo de colaboração científica, incluindo, por exemplo, maiores

[18] Após a guerra da Criméia, também circulou a influência de filósofos materialistas como Karl Vogt (1817-1895), Ludwig Büchner (1824-1899) e Jacob Moleschott (1822-1893), além dos russos Nikolai Chernyshevsky (1828-1889) e Dimitri Pisarev (1840-1868) (Hachten, p. 185).

diálogos com os ingleses[19] em campos como construção naval, química[20] e biologia[21] (KOLCHINSKY, et.al., 2018). Segundo Hachten, "esses cientistas retornaram como especialistas altamente treinados, orientados para pesquisa e mais identificados com a comunidade internacional, que determinava problemas científicos e distribuía status". Uma vez de volta ao Império Russo e suas instituições, essas pessoas passaram a pressionar o governo por investimentos, laboratórios e equipamentos para acompanhar as condições de trabalho e pesquisa usufruídas por seus pares europeus, além de reivindicarem possibilidades de publicação em meios especializados dentro e fora do território (HACHTEN, 2002, p. 188).

A historiografia também associa as iniciativas de organização difundidas no meio russo nesse momento a um movimento pela formação de carreiras e identidades baseadas no sentido de comunidade profissional. O caso da retardatária experiência russa com congressos científicos no século XIX denuncia as barreiras habitualmente interpostas pela autocracia no caminho desses fóruns e de outras formas de articulação social. O primeiro dos congressos russos de naturalistas ocorreu em São Petersburgo apenas no inverno entre 1867 e 1868, autorizado pelo relutante Ministério Imperial da Educação após cerca de uma década de reivindicações (LOSKUTOVA, 2011, p. 154). A ocasião do anúncio do evento expressa a narrativa dos organizadores:

> A Rússia, mais que qualquer outro país da Europa, precisa unir e fortalecer sua capacidade científica: suas imensas distâncias e a dificuldade de comunicação isolam cada um de nossos centros científicos e frequentemente envolvem o investigador solitário por um verdadeiro deserto. Portanto, um sentimento muito familiar entre nós é o desejo pela aproximação com outros cientistas. É essa cooperação o objetivo central do Congresso de Naturalistas Russos. Que cada um de nós, que nos dedicamos ao estudo da natureza, possa gozar da convicção de que há um elo comum e de que não haverá recanto remoto em que algum trabalhador isolado não possa esperar ser ajudado pela palavra ou pela ação[22].

[19] Apesar dos contatos com os britânicos terem sempre estado presentes desde Pedro, o Grande, sua representação entre os membros da Academia Russa era bem menor que a dos alemães e franceses. Segundo Kolchinsky et al (2018, p.05), eram raras as traduções de trabalhos russos para o inglês e, entre 1730 e 1877, apenas Friedrich Von Struve (1793-1864), seu filho Otto (1819-1905), Adam Krusenstern (1770-1846) e Karl Von Baer (1792-1876) - todos membros da Academia Russa de origem germano-báltica - haviam alcançado projeção na Europa.

[20] O russo Dimitri Mendeleev, o criador da tabela periódica, ganhou proeminência e protagonismo nas relações científicas europeias, especialmente a partir do final dos anos 1870 (Kolchinsky et al ,2018, p.6).

[21] A recepção do Darwinismo entre biólogos e outros cientistas russos é um elemento fundamental e será discutida no segundo capítulo desta tese.

[22] Anúncio do congresso, reimpresso em N. Kin., "Sovremennaia zapadnaia nauka na russkoi pochve," Otechestvennye zapiski (1870): otd. 2, 204-5. (KIN, 1870 apud. HACHTEN, 2002, p. 188).

Os cerca de 465[23] participantes, 6 sessões e 153 papers desse primeiro congresso deram partida a uma nova realidade em que encontros nacionais puderam ser sediados em intervalos regulares por diferentes universidades do Império Russo até a deflagração da Primeira Guerra Mundial. A análise produzida por Marina Loskutova foi conclusiva quanto ao grande crescimento geral da audiência e à ramificação disciplinar cada vez mais marcante nessas convenções que, até o início do século XX, "começaram a atrair um estrato social de profissionais diferenciados, especialistas em disciplinas aplicadas, como agronomia, veterinária, silvicultura e estatística, que frequentemente viviam e trabalhavam externamente aos bancos das universidades". Em meio às nuances sociais e geográficas de seu levantamento, Loskutova percebeu alguns padrões, como a hegemonia do colegiado universitário nas funções de organizadores e principais comunicadores dos eventos, à medida que os professores de escolas secundárias se revelaram o grupo mais expressivo entre o público (LOSKUTOVA, 2011, p. 166). Depois de permitir os congressos, o Ministério da Educação se tornou seu principal financiador e também começou a incentivar a participação desses professores da educação escolar - além daqueles ligados ao colegiado superior - através da concessão de licenças remuneradas. A dinâmica desses encontros se estendeu até os anos finais da autocracia[24], sempre abertos ao amplo público de "interessados pelas ciências naturais" que pudessem pagar uma pequena tarifa de adesão (Ibidem, p. 155).

Das últimas décadas do século XIX em direção aos anos críticos desencadeados no Império em 1905, os congressos de naturalistas se consolidaram como centros fundamentais para socialização intelectual e encontro entre carreiras em ascensão na sociedade russa. Se observa um processo de ramificação disciplinar a partir desses eventos, que incluíam cada vez mais seções e acirraram uma queda de braço entre ciência teórica e aplicada. Por um lado, a organização dos congressos era dominada por acadêmicos das universidades, os mais criticados como alienados do cotidiano russo. Por outro, crescia a pressão por mais seções em ciências aplicadas como higiene, agronomia e estatística. Todo o debate refletia a diversificação do público dos encontros e girava em torno de afirmações do que cada linha científica teria a oferecer à sociedade. A perseguição a essa retórica se explica, em parte, pela intensa crítica aos cientistas pelos enfoques profissionais demonstrados inclusive no anúncio

[23] Em sua apuração, Elizabeth Hachten utiliza esse número, " apesar de relatórios publicados indicarem que não menos que 2.500 pessoas estiveram presentes em algumas das sessões gerais." (HACHTEN, 2002, p.188).
[24] Os dois primeiros foram, respectivamente, em São Petersburgo (1867-1868) e Moscou (1869), no final da década de 1860. Nos anos 1870, as sedes deixaram de ser as capitais: Kiev (1871), Kazan (1873), Varsóvia (1876). Em 1879, o 6°congresso retornou a São Petersburgo. A partir daí, os congressos fora de Petersburgo e Moscou foram apenas o de Odessa (1883), novamente Kiev (1898) e o último deles em Tbilisi (1913). (LOSKUTOVA, 2011).

e anais do primeiro congresso. As opiniões eram céticas quanto a demonstrações de ativismo social e previam o auto isolamento de cientistas, sobretudo dos dedicados à chamada "ciência pura" (HACHTEN, 2002, p. 190-191). Elizabeth Hachten nota um aspecto fundamental dessa justificação intelectual das ciências russas, que já há muito declarava seu valor aos desejos do Estado e agora se voltava ao conjunto da sociedade. A lógica do serviço social, portanto, dava àqueles cientistas a possibilidade de construir uma identidade que os libertasse do estigma de burocrata - o então chamado *chinovnik -,* mesmo que ainda fossem dependentes do governo em vários sentidos (Ibidem, p. 192-194).

Anastasia Tumanova e Aleksandr Safonov consideram as últimas décadas da autocracia russa como a "época das convenções públicas", muito divulgadas em nível nacional e local, e agregadoras de representantes dos setores diversos da economia do Império (TUMANOVA e SAFONOV, 2021, p. 327). Os mesmos espaços de diálogo oferecidos por esse e outros encontros públicos profissionais foram cada vez mais tomados pela dimensão de plataforma política. Muito movidos pela perseguição a valores e modelos profissionais ocidentais, esses ambientes se tornaram fecundos em linhas liberais de pensamento político e social que apareciam na imprensa censurada e entre círculos revolucionários. Desse meio cristalizou-se uma classe política russa e os grupos precursores dos partidos políticos que, moderados ou radicais em seus programas, passaram à legalidade em 1905 (Ibidem, p. 328).

Não à toa, portanto, a postura da autoridade russa esteve sempre voltada a definir os limites que, desejavelmente, confinariam as identidades profissionais, os novos potenciais de articulação e, acima de tudo, os flertes com a ação política ao nível do seu olhar. Para tanto, a autocracia demarcava seu controle sobre congressos e convenções designando funcionários - precisamente do Ministério de Instrução Pública - para supervisionar e pré-aprovar tópicos e comunicadores. Se ouvintes e convidados eram mais amplamente aceitos no quórum dos eventos, a participação em apresentações e até mesmo em discussões era sujeita a muitas restrições. Inclusive o congresso inteiro poderia ser cancelado por decisão do governo[25]. A ciência divulgada e organizada era ambivalente para os burocratas a serviço da censura, porque reconheciam tudo o que se tinha a ganhar com técnicos e especialistas bem instruídos, desde que se garantisse a inocuidade dos seus espaços de formação e interação profissional e acadêmica. Uma das principais características das disposições do Estado em relação à vida pública russa naquele momento era a especial desconfiança e reticência que despendia aos

[25]Isso aconteceu com o 12° encontro - que deveria ocorrer em Odessa - quando o clima político se tornou crítico em 1904. Essa edição do congresso só foi de fato realizada em 1909 (HACHTEN, 2002, p. 189).

encontros e organizações nacionais. Essa atitude[26] foi encontrada pelos próprios organizadores dos congressos de naturalistas todas as vezes em que lhes foi negado converter seus esparsos encontros em uma entidade ou associação permanente e nacional responsável pela realização dos eventos e por promover projetos mais elaborados, como expedições científicas e estações de pesquisa (HACHTEN, 2002, p. 189).

A relação entre o poder central e a conformação dos espaços e práticas da ciência russa da segunda metade do século XIX foi regulada pelo favorecimento a campos aplicados do conhecimento - com destaque para a agricultura, medicina e saúde pública -, bem como a organizações e fóruns regionais em detrimento dos nacionais (HACHTEN, 2002, p. 182, 183). Como notou Adele Lindenmeyr, a autocracia mais permissiva seguia mantendo a plena liberdade de ação social como um ideal distante dos russos, mas a escalada da pressão por parte desse público que precisava se organizar em função de fins sociais diversos serviu de plataforma para opiniões independentes, novas consciências civis e profissionais, todas refletidas nos grupos heterogêneos que se espalhavam (LINDENMEYR, 1994). As buscas científicas que avançaram na esfera pública russa já a partir do final da década de 1850 devem muito às centenas de sociedades intelectuais e associações profissionais formadas onde antes apenas poucas delas haviam vingado (HACHTEN, 2002, p. 182). Conforme a proposta deste capítulo, de ilustrar as marcas maiores do cenário científico que se estabeleceu até a derrubada da autocracia, a seguir serão destacados os círculos intelectuais e profissionais filiados às universidades russas; e as sociedades agrícolas que atuaram junto às chamadas "zemstvos", administrações locais instituídas em 1864.

[26] No 8° congresso, em 1890, foi proposta a criação de um comitê organizador permanente e de uma Associação Russa Para o Avanço da Ciência, mas ambas as ideias foram recusadas pelo Ministério de Instrução Pública (HACHTEN, 2002, p. 189).

## 1.6 As formas da ciência russa das universidades aos governos locais

O caso dos congressos de naturalistas é a história da conquista de um local e de uma oportunidade - externa ao Estado, embora ainda muito limitada por ele - para o debate público e trocas científicas. Além de um avanço em si mesmo, esses congressos e outros menos amplos ainda fomentaram uma grande rede de novas sociedades intelectuais baseadas nos centros universitários do Império e um sentido de colaboração entre esses grupos mesmo fora do contexto dos encontros (HACHTEN, 2002, p. 188). Depois de fundada em meados do século XVIII, a Universidade de Moscou teve uma existência solitária até o governo de Alexandre I, que estabeleceu mais três dessas instituições, nas cidades de Kharkov e Kazan (1804), e finalmente em São Petersburgo (1819). Na mesma época, Vilna (Vilnius) e Dorpat - atual Tartu, na Estônia - se juntaram ao grupo de territórios do Império com universidades, respectivamente de domínio e língua polaca e germano-báltica (GRAHAM, 1993, p. 33). Mais adiante, Kiev[27] (1834) e Odessa (1865) - esta já na esteira da política reformista de Alexandre II - integraram essa base fundamental de epicentros russos de produção de conhecimento e que, até o início do século XX, gestaram as relações mais maduras de uma comunidade científica (GRAHAM, 1993; HACHTEN, 2002).

O ambiente universitário foi mais um dos setores da vida russa a contar com um estatuto formulado entre o fim dos anos 1850 e a década seguinte. Com sua versão final levada a cabo em 1863, ele não foi o primeiro e nem o último documento regulatório para o colegiado e estudantes, mas as opiniões sobre sua elaboração extrapolaram, de maneira notável, os limites da comissão ministerial encarregada do processo e apareceram na imprensa, em artigos sobre a "questão da universidade". Esse movimento de deliberação e crítica pública sobre o novo estatuto foi estimulado por atores envolvidos na produção da reforma, entre eles professores que participaram da própria comissão do Ministério da Educação. Apesar de disputarem medidas para a educação superior e questões objetivas, como manter um alinhamento ao modelo alemão ou migrar para os parâmetros franceses - tema que, inclusive, dividiu acadêmicos no momento - o debate se aprofundava em projeções mais amplas sobre a vida pública russa. Discutindo aquela pauta educativa, então, é bem colocado por Samuel Kassow que aquelas pessoas também se debruçavam sobre "a complexa

[27] A Universidade estabelecida em Kiev era, originalmente, a de Vilnius. Até a década de 1830, a Universidade Imperial de Vilnius era a maior da Império Russo, mas foi desmontada por Nicolau I em 1832 e reorganizada em Kiev (GRAHAM, 1993, p.36; KAMUSELLA, 2013, p.13).

interação entre problemas como educação superior, disciplina, autoridade e ascensão de uma cultura pública" (KASSOW, 1994, p. 250).

Ass relações específicas entre a autocracia e as universidades assumiram formas mais violentas rumo às décadas finais do século XIX, tendo inspirado maiores recuos e repressão por parte do poder russo (KASSOW, 1994; HACHTEN, 2002). A indicada complexidade sobre a qual se equilibravam, juntas, essas instituições e as categorias reacionárias da autoridade russa começa no impasse entre a natureza do criador e a da criatura. A autocracia estabeleceu a universidade, buscou moldá-la às circunstâncias, mas se deparou com um produto de essência fluida, pertencente tanto ao Estado regulador quanto ao público, muito dependente desse mesmo governo ao qual reivindicava algum grau de autonomia. Elizabeth Hachten explica a difusão de uma sólida dicotomia que delimitava o "serviço ao Estado" e o público na Rússia, este setor emergente simbolizado por atividades culturais e de imprensa, unidades representativas como as zemstvos e as profissões "livres" (aspas da autora). Nesse arranjo, a posição da universidade era ambígua e refletia em seus professores: por definição, eles eram servidores do governo - *chinovniki* - mas, sobretudo a partir das reformas dos 1860, vinham buscando um distanciamento desse vínculo, almejando a imagem de *obshchestvennye deiateli* - ativistas sociais, mesmo que ainda muito limitados (HACHTEN, 2002, p. 194).

Em função de objetivos em que o Estado autoritário não era capaz de confiar, o projeto intelectual e institucional de universidade desafiou czares, burocratas e seus conceitos políticos mais básicos a fazê-la caber em uma sociedade estamental, como vizinha da inviolável Igreja Ortodoxa e das prerrogativas da aristocracia russa (KASSOW, 1994, p. 248, 249). A história das universidades na Rússia nos reporta a como a longeva autocracia confrontou o problema da expansão e amadurecimento de suas instituições sociais tardiamente em relação aos Estados e sociedades ocidentais debatidos como inspirações. Já no século XIX, o desafio russo ainda era o de assimilar padrões de organização civil em um ambiente que proporcionava grande instabilidade entre períodos curtos de difíceis avanços e fortes retrações. O primeiro estatuto universitário da Rússia data do ano de 1804 e foi seguido por outro de 1835, ambos responsáveis pelo esforço de ancorar um sistema de educação superior e, assim, modeladores de uma política para essas instituições. Esse enquadramento tinha contornos mais definidos em 1863 e as universidades haviam conquistado maior complexidade e reconhecimento àquela altura. O novo estatuto prometia progressos importantes:

> O Estatuto Universitário de 1863 chegou muito perto, mesmo com todas as suas falhas, de refletir as visões da maioria do professorado russo. O documento proporcionava eleições de reitores e decanos; jurisdição disciplinar da faculdade sobre ofensas estudantis; eleições internas de novos professores, sujeitas a certas condições procedurais e aprovação ministerial; duplicação do suporte financeiro para as universidades; maior provisão para suporte e treinamento de estudantes; e ampla autoridade da instituição sobre conteúdos de cursos e cronogramas letivos (KASSOW, 1994, p. 249).

Os direitos concedidos pelo texto do estatuto de 1863 às universidades, de acordo com Kassow, não deixavam a Rússia para trás em comparação ao que se havia estabelecido em contextos como o alemão, o inglês, o francês e o estadunidense. Os avanços foram muito significativos, se analisados desde o primeiro dos estatutos (Ibidem, p. 249). No decorrer do século, as universidades se consolidaram e mesmo o viés mais conservador do estatuto de 1835 - com Sergei Uvarov como principal formulador e chefe da política educacional sob Nicolau I - foi capaz de contribuir para a qualidade da educação russa. Gradativamente, aumentaram tanto a proporção de acadêmicos nativos no professorado quanto a de funcionários do serviço civil formados em nível superior (GRAHAM, 1993; KASSOW, 1994). Alguns fatores, entretanto, minaram a aplicação do estatuto, sua credibilidade e abreviaram sua duração.

Os passos importantes dados até ali, na década de 1860, não deixavam escapar que a compreensão da ideia de uma intelligentsia russa ainda era incipiente e complexa também para os próprios acadêmicos. Na comunidade que começava a se formar, esses indivíduos estavam longe de algum consenso sobre as funções adequadas de um estatuto e, nesse sentido, era complicado até mesmo lidar com suas próprias autonomias, muitas delas novidades incluídas em 1863. O professor e cirurgião Nikolai Pirogov (1810-1881) foi uma das vozes que, naquele momento, rejeitaram o lugar central de um *ustav* - o estatuto russo - como regulador essencial das relações entre as universidades e o Estado. Para Pirogov, nenhum estatuto seria o mesmo que atividades baseadas em mútua confiança, menos burocracia e liberdade de adaptação das instituições a condições locais. Além disso, ele era um crítico do que o estatuto representava como esforço de se delimitar com rigidez aquele elemento da sociedade, tarefa desafiadora até fora da Rússia:

> Se é difícil definir as universidades da Europa ocidental, então é ainda mais difícil definir as nossas[...] A universidade russa não é uma instituição de ensino aplicado, mas também não é instituição de pesquisa científica. Ela não fornece educação geral, mas tampouco é a educação moral seu propósito principal. Quanto ao caráter, não é baseada no princípio estamental; nem é uma instituição da Igreja, privada-filantrópica, puramente burocrática ou modelada no aspecto de uma

> corporação medieval. Ainda assim, em níveis variados, cada um dos princípios acima é incorporado na estrutura de nossa universidade[28].

Mas esse posicionamento de Pirogov ainda não era o da maioria dos profissionais ligados às universidades. Embora diversos acadêmicos demonstrassem insatisfação com o ímpeto estatal por controle e precisassem defender a pesquisa diante da insistência pela estrita função letiva da universidade russa, a autoridade e as formas dos estatutos tinham o respaldo da grande dependência financeira dessas instituições em relação ao governo. A intensa presença da autoridade nas universidades e sua grave situação quanto a soluções alternativas de investimento - ao lado da ausência de tradições sólidas que guiassem uma opinião pública em sua defesa - aumentavam a rigidez e a necessidade do que era contido no estatuto. O poder do documento era conveniente para que o Estado mantivesse a universidade "por perto" - inclusive tendo apontado, e não eleito, os professores participantes da elaboração do estatuto - mas o professorado também sentia que precisava dele. Sem a confiança idealizada por Pirogov, o estatuto era a esperança da categoria assegurar que ao menos um mínimo de determinações fossem cumpridas. Além de divididos com respeito à sua própria autonomia, os acadêmicos viram sua nova jurisdição de 1863 entrar em choque com a tradicional figura do curador[29], funcionário apontado pelo Estado e cujos amplos poderes na universidade continuaram sem limites claros (KASSOW, 1994, p. 249, 254, 255).

As ameaças do que não estava esclarecido entre o colegiado universitário, curadores e governo se complicaram ainda mais pelo elemento estudantil, que se tornou uma realidade importante na Rússia a partir da metade do século XIX. Durante as fases de produção do estatuto - entre o final dos anos 1850 e início dos 1860 - recorrentes protestos elevaram os estudantes à condição de problema primário nas discussões do estatuto universitário, antes e depois de sua divulgação. O documento regulatório que viu a luz do dia em 1863 foi influenciado por esses movimentos, negando a identidade coletiva dos estudantes e seus direitos de organização. A projeção da questão estudantil em meio aos outros embates universitários chegou a aproximar Estado e professorado em torno do desejo de contê-la, mas a reincidência e gravidade desses eventos ao longo da década produziu uma tentativa fracassada de assassinar o czar Alexandre II, em 1866. O crescimento do movimento de deslegitimação do estatuto de 1863 afetou opiniões sobre a competência administrativa dos

[28] Pirogov, N.I, Izbrannye pedagogicheskie sochineniia (Moscou: Pedagogika, 1985), p. 322.
[29] De acordo com Zaretskiy (2012, p.4-5), o curador era um dos símbolos da concepção tradicional de funcionamento das universidades como "parte inseparável da máquina burocrática imperial". Os curadores, entre outros funcionários, eram apontados pelo czar para supervisionar as instituições.

conselhos das universidades e demandas reacionárias pressionavam pelo retorno às limitações impostas pelo documento de 1835. Professores buscaram defender as autonomias conquistadas, mas os ataques conservadores - inclusive partindo de acadêmicos - conduziram a um novo estatuto, aprovado por Alexandre III e lançado em 1884.

Os problemas de coesão interna e os ataques do Estado acompanharam a formação dos perfis acadêmicos russos até 1917. Nesse caminho, o ideal de autonomia das universidades ganhou força em seu estreitamento com lutas políticas por liberdades individuais (ZARETSKIY, 2012, p. 9). O estatuto de 1884 continuou em vigor até a queda da dinastia Romanov, mas mudanças foram condicionadas até lá. Uma de suas medidas mais importantes havia sido a substituição das muito criticadas cortes disciplinares de professores por inspetores apontados pelo Estado, além da realização de exames estatais, propostas conservadoras para um maior controle de estudantes e currículos. Em 1902, porém, a restauração das cortes de professores e o reconhecimento da ineficiência dos exames estatais mostram como o novo estatuto não se sustentou em seu projeto original de regulação (KASSOW, 1994, p. 258). Já em 1914 - ano em que os jovens Manizer, Fielstrup, Geiman, Strelnikov e Tanassichuk partiram para a América do Sul - a universidade havia se tornado uma força fundamental, com dez instituições e mais de 37.000 alunos admitidos de maneira mais ampla entre camadas da sociedade russa (ZARETSKIY, 2012, p. 9).

As questões impostas às universidades e ao Estado russo na segunda metade do século XIX e início do XX não apenas servem para compreendermos um quadro de relações, mas dão conta da evolução dos debates no tempo. Apoiado na historiografia, Yuri Zaretskiy aborda a cronologia histórico-científica russa com base na imagem de suas universidades. Dentre as fases da vida dessas instituições na Rússia, interessam-nos diretamente a primeira e a segunda, quando elas foram, respectivamente, um “projeto de monarcas ilustrados” - entre 1724 e o início do século XIX - e "um empreendimento estatal voltado à modernização” - no restante dos 1800 (Ibidem, p. 2-9). Ao considerarmos os elementos em disputa apenas no século XIX, a grande arena pública de discussão do estatuto de 1863 e a consistente realidade da problemática do corpo estudantil expressam a vertiginosa transformação da sociedade russa, da natureza e valor da universidade entre os momentos delimitados por Zaretskiy. Como colocado por Samuel Kassow, a Rússia das décadas de 1860 e 1870 - com seus professores nativos[30] e convulsões estudantis - já teria dificuldade em lembrar que os

[30] Kassow reforça que a oferta de professores para as universidades não deixou de ser um desafio até 1917, mas entende que as Reformas nesse campo foram viabilizadas por avanços importantes anteriores. Segundo o autor, “o Ministério da Educação podia apontar alguns sucessos notáveis entre 1804 e 1863”, entre eles a consolidação

desafios do início do século tinham sido tais como a insuficiência de alunos e o próprio nascimento de seu sistema nacional de educação (KASSOW, 1994).

Ainda durante a década de 1860, as universidades foram uma das plataformas utilizadas pela autoridade russa no intuito de reforçar sua presença nas províncias ocidentais do Império, especialmente depois da insurreição polonesa da passagem entre 1863 e 1864. O fechamento da recém-criada Escola Principal de Varsóvia em virtude da deflagração do movimento e sua posterior substituição por uma universidade imperial de língua russa, em 1869 - ano em que o Império também fundou um Instituto Agrícola russo em Nova Alexandria, atual Puławy - foram mostras da política acadêmica conduzida pelo Ministério da Educação. As relações instáveis entre a Rússia imperial e seus domínios poloneses a oeste já haviam se convertido em conflito entre 1830 e 1831, ocasião em que o então czar Nicolau I cerceou autonomias e já intensificava esforços em estabelecer um conjunto administrativo, jurídico e educacional unificado de língua russa nas províncias ocidentais. Boa parte do que foram as fronteiras da Rússia europeia no século XIX - e que hoje correspondem a regiões da Polônia, países bálticos, Belarus e Ucrânia - constituíam, até o final do século XVIII, a chamada Comunidade das Duas Nações[31], entre o Reino da Polônia e o Grão-Ducado da Lituânia. A história dos embates e da anexação de partes dessa região vem do processo de partilhas sucessivas (1772, 1793, 1795) que distribuíram a unidade do Estado polaco-lituano entre Rússia, Prússia e os domínios da dinastia austro-húngara Habsburgo (KAMUSELLA, 2013).

As relações entre a estrutura imperial russa e esses novos domínios foram construídas ao longo do século XIX, alternando períodos mais flexíveis com os de rápida repressão e confrontos, muito marcantes nas respostas às insurgências. A anexação desses territórios produziu um cenário contraditório, porque os dominados da vez tinham, segundo apontou Tomasz Kamusella, "melhor desenvolvimento econômico, social e cultural em comparação aos próprios russos" (KAMUSELLA, 2013, p.10). Façamos um adendo à afirmação do autor, que utilizou a ideia de "desenvolvimento" sem apontar os critérios eurocêntricos nela embutidos, apesar de mais adiante retomar a mesma ideia com a palavra "modernização" e aí sim explicando-a como "ocidentalização". Nesse sentido, portanto, as diferenças entre russos e polaco-lituanos também se manifestavam em termos de educação formal. Lembrando-nos

da presença dos professores nativos. Em 1861, praticamente metade dos docentes universitários tinham entrado na profissão nos últimos cinco anos (KASSOW, 1994, p. 254).

[31] Também tratada por nomes como República das Duas Nações e Comunidade Polaco-Lituana, a autodenominada Rzeczpospolita foi um dos maiores Estados europeus entre 1569 e o final do século XVIII (KAMUSELLA, 2013).

da situação russa a esse respeito, Kamusella informa que a maior parcela da população letrada do Império Russo no início do século XIX era a que lia e escrevia em polonês. Além disso, na Rússia daqueles anos havia mais pessoas com educação superior em língua polonesa do que em russo. Nos períodos em que czares russos foram mais receptivos a diferentes autonomias para essas regiões, a autoridade do Império negociava um equilíbrio com a tradicional elite polaco-lituana e dela tirava proveito com vistas à modernização em moldes europeus. Esse esquema se fez insustentável à medida que sobrevivia uma cultura cada vez mais avessa à presença russa e inspirada, na segunda metade dos 1800, por um momento em que "o nacionalismo etnolinguístico se tornava significante instrumento de mobilização política em massa e legitimação de poder" (Ibidem, p.15).

Até meados do século XIX, esses sentimentos nacionalistas se articularam na formação de uma intelligentsia polaca em instituições da porção ocidental do Império Russo, favorecendo situações de fechamento e deslocamento de universidades nos tempos de crise. Na esteira do discurso imperial oficial - que em suas versões antagonizava o "ser polonês" ao "ser russo" - Nicolau I fechou as universidades de Varsóvia e Vilnius, entre 1831 e 1832, e logo depois estabeleceu a de Kiev (1833-1834), de língua russa. Naquele momento, tanto Kiev como as demais cidades com universidades russas - Moscou, São Petersburgo, Kazan e Kharkov - receberam um enorme contingente de estudantes de origem polaca (PAVLENKO, 2011, p. 338). Conforme explica Mikhail Dolbilov, a intensificação dessa retórica da "ameaça polaca" fez com que a mobilização do sentido nacional russo no oeste do Império se desse, cada vez mais, como influência sobre imaginários do que em reconfigurações de espaços etnopolíticos. O poder imperial estava em disputa com a expansão do nacionalismo polaco e precisou investir no estereótipo desse inimigo, que deveria ser visto como uma eterna e profunda negação dos valores oficiais russos. Assim, a elite insurgente que havia vivido além da finada Rzeczpospolita foi muito associada à imagem gótica do vampiro, na literatura, imprensa e documentos burocráticos (DOLBILOV, 2007, p. 147). Mikhail Pogodin, o mesmo historiador e jornalista contemporâneo que descreveu o "cemitério" dos últimos anos de Nicolau I, também foi um dos que elaboraram esse retrato polonês: "Nossos inimigos não têm nomes. Seus paradeiros desconhecidos. Eles nem mesmo têm um corpo. Eles são sombras, lançadas à noite de algum mundo abissal para desaparecerem aos primeiros raios de Sol"[32].

[32] Pogodin, M.P. Pol`skii vopros. Sobranie Rassuzhdenii, zapisok i zamechanii. 1831-1867 (Moscou, 1867), p. 146.

A postura do governo russo e seu Ministério da Educação a partir da década de 1860 caracterizou uma retomada dos ataques das décadas anteriores, mas agora com um número bem maior de acadêmicos de etnia russa à mão. Além da substituição da Escola Principal de Varsóvia, com Alexandre II, seu sucessor ainda nos permite outro exemplo. Já no final da década de 1880, o Ministério da Educação de Alexandre III se empenhou em converter a Universidade báltica de Dorpat em uma instituição regular russa. Em 1893, muitos professores de origem germânica haviam debandado, russos chegavam, enquanto o local e a própria cidade eram rebatizados com o nome Yuriev (LOSKUTOVA, 2011, p. 163). Pelo caso de Dorpat, percebemos que uma dinâmica semelhante chegou a atingir os encontros políticos entre o Império Russo e a influência germano-báltica nas fronteiras a noroeste. Assim como os territórios da antiga aliança polaco-lituana, as províncias bálticas mais a norte confrontavam os russos com modelos mais consolidados de economia, organização sócio-política, sistemas legal e educacional desde sua incorporação no século XVIII. Para além da constante presença de profissionais e cientistas das elites germano-báltica e polonesa na Academia de Ciências, nos departamentos universitários e no serviço civil russo até meados do século XIX, o estatuto da servidão já havia sido abolido entre 1816 e 1819 em terras letãs e estonianas, abrindo caminho para a expansão das escolas rurais (PAVLENKO, 2011, p. 336).

De maneira simplificada, Aneta Pavlenko identifica dois comportamentos distintos da autoridade russa para com territórios incorporados entre 1721 - a "data da transformação oficial da Rússia em Império", com Pedro, o Grande - e 1830. Até onde não ofereceram ameaças mais graves, os dispositivos pré-existentes nos limites ocidentais foram úteis como modelo e contribuição para propósitos modernizantes. Quanto aos territórios a sul e leste - "menos desenvolvidos" no padrão europeu - a proposta fora, de antemão, impor diferentes dimensões da presença russa (Ibidem, p. 337). Nesses casos, os intelectuais e oficiais da autocracia estiveram "convencidos de sua superioridade cultural e material" e não hesitaram em buscar a implementação das próprias estruturas e programas de desenvolvimento (SUNY et.al., 2001, p.51). A "conquista" russa do Cáucaso foi uma das dinâmicas que envolveram esse olhar e que também se utilizaram da universidade. Segundo Loren Graham, a criação da universidade de Kazan (1804) no contexto das políticas educacionais de Alexandre I foi muito direcionada pelas preocupações em sobrepor a cultura russa à tradição islâmica na região no início do século XIX (GRAHAM,1993, p. 39-40).

Desde a reabertura dos arquivos das ex-repúblicas soviéticas no início dos anos 1990, um renovado esforço de pesquisa visou aprofundar olhares sobre as mútuas e complexas

influências estabelecidas entre os processos nacional e imperial russo (autores). As disputas e pactos forjados nos contatos políticos e culturais que discutimos aqui, são exemplos importantes de um desses eixos de debate, que a historiografia cunhou de "russificação"[33]. A evolução no tratamento desse conceito à luz dos espaços onde esforços de assimilação étnica estiveram no horizonte da autocracia russa, deu origem a abordagens com maior nuance. Assim, tornam-se mais perceptíveis as diferentes estratégias ou dimensões da russificação, na linguagem, na religião e nas ciências. Tendo assumido formas diferenciadas nos diversos conjuntos de províncias do Império e seus valores polacos, germânicos ou tártaros, por exemplo, o termo russificação não pode designar um projeto pré-concebido, consistente e duradouro. Seguindo as palavras de Mikhail Dolbilov, o exame crítico do processo deve ramificá-lo em "uma complexa interação entre agentes e objetos de políticas assimilacionistas que podiam alterar significativamente a própria identidade dos russificadores, bem como suas noções de "russianidade"" (DOLBILOV, 2004, p. 246). Através dos casos que abordamos brevemente, podemos ver que os "objetos" dessas políticas da autocracia impuseram parte dessa complexidade, enquanto outra foi encontrada na natureza das investidas, segundo Pavlenko, "apenas parcialmente conscientes (no que diz respeito à desnacionalização), nunca consistentes e definitivamente não duradouras" (PAVLENKO, 2011, p. 332).

De fato, esse aspecto é bem visível na maneira como o poder russo buscou imprimir a hegemonia de sua linguagem oficial na educação das províncias ocidentais. Não havia padrão ou unidade na política linguística do Império, que variava muito entre momentos e regiões. A falta de financiamento adequado e de um sistema consistente de ensino primário russo também não deixava a autocracia fazer frente às realidades mais consolidadas da educação em alemão, polonês ou sueco. Além disso, a Rússia não instituiu a educação elementar compulsória até depois da Revolução Bolchevique, enquanto essa realidade já havia sido "extenuantemente implementada e reforçada na Prússia e Áustria-Hungria" durante o século XIX. Assim se sustentaram barreiras importantes entre as autoridades e os milhões de camponeses que habitavam o Império, entre eles os não-russos (PAVLENKO, 2011; KAMUSELLA, 2013). Essas falhas e o fato de a perseguição a abordagens russificantes e desnacionalizantes por parte do Império nas fronteiras ocidentais terem ganho fôlego em resposta a levantes nos conduzem a uma expressão mais "reativa" do que "proativa" da russificação (PAVLENKO, 2011, p. 332).

[33] Na historiografia, leituras críticas do termo "russification"- criado na escrita em língua inglesa - o consideram limitado em face às particularidades das abordagens às quais se refere (SUNY et.al.,2001; PAVLENKO, 2012).

Em uma análise anterior, Theodore Weeks foi categórico e concluiu, de maneira ampla, que "mais correto seria dizer que não existia uma "política de nacionalidade" propriamente dita no Império Russo", mas diferentes "necessidades" relacionadas a populações "mistas" ou "não-russas" no território (WEEKS, 1996, p. 70). A esse respeito, me alinho à posição de Mikhail Dolbilov e concordo que esse tratamento "confere ao nacionalismo russo da época o aspecto de resposta forçada e imitativa a um desafio externo" (DOLBILOV, 2007, p. 144). Nas narrativas intelectuais russas do século XVIII, a legitimação dos fundamentos da autocracia começava a incluir a tendência europeia de pensar as diferenças entre características nacionais. Partindo da elaboração desses critérios, obras do início do século XIX - muitas delas a serviço do czar - buscaram consolidar a especificidade russa como Estado nacional, em diálogo com o conceito ocidental[34] (SUNY et.al., 2001, p. 42). Iniciada no contexto da repressão aos Dezembristas, em 1825, a administração de Nicolau I intensificou o estreitamento com discursos e teorias sobre a composição nacional russa para "modernizar os enquadramentos legitimadores da autocracia" (DOLBILOV, 2007, p. 141). Nessa época, se desenhou a "nacionalidade oficial", que condicionava historicamente a existência da identidade russa ao sistema de governo e à religião, unidos no lema proposto pelo ministro Uvarov: "ortodoxia, autocracia e nacionalidade" (SUNY et.al., 2001, p. 54).

Acompanhando essa cronologia, portanto, e por mais que venhamos a questionar a consistência do repertório nacional russo movido naquele momento, não devemos confina-lo aos limites das respostas de curto prazo e sim entender seu lugar na estrutura que formou políticas e mentes no serviço ao Império. Em suas atribuições, as elites burocráticas se apropriaram cada vez mais desses sentidos nacionais, trabalhados na retórica oficial, nos símbolos de poder - fossem eles cerimônias ou a geografia imaginada do Império, com territórios habitados pelos chamados "russos" e pelos "outros" - e na institucionalização de disciplinas científicas como a etnografia (KNIGHT, 1998; DOLBILOV, 2007, p. 141). As "necessidades" de que falou Weeks, porém, nos remetem corretamente a uma objetividade, segundo Dolbilov, "intrínseca a um modo burocrático de pensar", mais voltado a desfechos e resolução de tarefas do que a processos e mudanças (DOLBILOV, 2004, p. 247). Já na segunda metade do século XIX, as ciências e a educação russas se repensavam tensionando e desgastando esse traço, típico do projeto que as havia produzido como ferramentas formadoras de oficiais competentes e leais (HACHTEN, 2002).

[34] Os diferentes momentos dessa relação com o parâmetro europeu foram essenciais na formação de um conceito nacional russo, elaborado e reelaborado nas narrativas históricas, nas emergentes disciplinas etnográficas e geográficas e também nas artes e literatura (SUNY et.al., 2001).

Trazendo a discussão de volta ao caso polonês, Dolbilov busca diluir o papel predominante da insurgência de 1863-1864 para o caráter russificador das medidas imperiais no oeste durante aquela década. Para isso, o autor pensa a russificação no contexto mais amplo de um impulso nacionalista russo associado às Grandes Reformas do período e destaca a escala imperial da emancipação camponesa de 1861. O evento teria veiculado a "representação da descoberta das massas populares pelas mentes nacionais de burocratas e intelectuais, uma espécie de encontro do Estado com o povo" (Ibidem, p. 145). As orientações da russificação nos anos 1860 foram motivadas pelos novos estatutos e por aqueles novos tempos, invadidos pela retórica de uma identidade russa - o "frouxo" conceito de "russianidade"[35] - "ligada às raízes, antiguidade, autenticidade, à terra, às pessoas e, enfim, à vida e à "verdade"[36]" (Ibidem, p. 146). Na plataforma do movimento abolicionista, o regime imperial russo buscou se promover como mais próximo e favorável às necessidades de seu povo, trazendo para si, por exemplo, o campesinato de suas bordas ocidentais e opondo sua lealdade, fé e outras virtudes ao corrupto "jugo polonês" sob o qual viviam há séculos (DOLBILOV, 2004, p. 246, 247).

A intensa especialização e profissionalização da produção do conhecimento de meados do século XIX ao início do século seguinte ainda notabilizou a imagem das zemstvos, um "arranjo peculiarmente russo para as buscas públicas da ciência" (HACHTEN, 2002, p. 183). A *zemstvo* foi uma das principais criações das reformas de Alexandre II. A partir de 1864, um estatuto específico instituiu as *zemstvos* (o plural também pode ser *zemstva*) como entidades auto-governáveis e encarregadas da administração comunitária no nível das províncias e também de seus distritos. Cada zemstvo, provincial e distrital, elegia suas próprias assembléias com a participação dos diferentes setores da sociedade russa e tinha o poder de cobrar impostos em suas jurisdições. Assim, passou a caber a esse corpo representativo supervisionar e apoiar serviços locais como manutenção de vias, educação

[35] Falando nessa frouxidão, Dolbilov nos indica como a "russianidade" foi uma criação frequentemente ressignificada para exceções convenientes, processo que muito instrumentalizou levantamentos estatísticos imperiais. Considerando as disputas nas províncias ocidentais, boa parte da população rural cabia na categoria de russianidade e podia ser chamada "russa". Havia, porém, uma minoria católica entre esses camponeses, fator de ligação com os poloneses. Oficialmente, a russianidade era identificada com a fé ortodoxa mas, nesse caso, por exemplo, a manobra da burocracia do Império consistiu em utilizar outros parâmetros, ou seja, os pontos que integrariam essas pessoas aos números da identidade russa (DOLBILOV, 2007, p. 148).

[36] Essa "verdade", destacada em aspas pelo autor, é aquela pregada pela Igreja Ortodoxa. O lugar fundamental do sentido de verdade na fé ortodoxa é marcado no próprio termo que dá nome a essa religião em russo: *pravoslavnaya* - o adjetivo que traduzimos em português como "ortodoxa"- pode ser lido como "verdadeiramente gloriosa". O fragmento *pravo*, especificamente, denota o que é "correto" ou "verdade". Segundo Chalina (2019, p. 256), "a sinceridade (abertura) e a verdade são componentes do núcleo moral do discurso ortodoxo, formam sua base."

primária e secundária, comunicações, caridade e saúde pública. Para o governo central do Império, era interessante poder delegar essas responsabilidades - inclusive valendo-se dos perfis ativistas cultivados na atmosfera pública das reformas -, embora muito se discuta a autonomia prática usufruída pelas zemstvos, por muitos ângulos mais semelhantes a projeções dos ministérios.

As ações permitidas a esses órgãos com relação a escolas, por exemplo, eram apenas aquelas ligadas à sua construção, enquanto o Ministério da Educação controlava o processo educacional. Às zemstvos também não era concedida representação em nível nacional e eram repetidamente rechaçadas as demandas por congressos gerais para debater problemas de agricultura, educação pública, combate a epidemias, entre outros. Logo de sua implantação na realidade do Império, a zemstvo foi constantemente atacada nos direitos que lhe eram previstos, através da censura de publicações e relatórios, exílios, intervenções sobre taxas levantadas e direitos de voto nas assembléias, e até com a proibição de qualquer contato entre unidades provinciais, mesmo em casos urgentes. As políticas reacionárias que se seguiram sobretudo ao assassinato de Alexandre II, em 1881, também atingiram as zemstvos. Apesar da repressão típica, as décadas pós-1860 eventualmente marcaram medidas e tendências mais permissivas por parte do governo, que reconhecia a necessidade de calcular reformulações na administração central e local.

Tanto as zemstvos quanto a reforma jurídica que aboliu as tradicionais cortes feudais no mesmo ano de 1864 - além dos conselhos urbanos (*dumas*), entre as novidades de 1870 para a administração das maiores cidades russas - foram experimentos fundamentais da autocracia a partir de 1860. O estatuto das zemstvos não apenas proveu a ideia base de autogoverno para as novas instituições jurídicas e urbanas, mas também inspirou, nas palavras de Valéria Nardova, "um novo tipo de estrutura social, alicerçado na ampla representação, em qualificações burguesas de propriedade e autonomia municipal sobre decisões econômicas" (NARDOVA, 1994, p. 183). Mesmo diante de obstruções e contradições em sua incorporação e aplicação, esses princípios proporcionaram muitos avanços. Por exemplo, segundo Joan Neuberger, os reformistas consideravam que a transição para um novo sistema legal deveria versar o povo em suas categorias, pensamento que originou os *mirovoi sud*, cortes que lidariam com crimes menores de forma didática e informal, como "uma sala de aula ideal" para "ensinar a lei às pessoas" (NEUBERGER, 1994, p. 231-232). Apesar da nova instituição não ter produzido o efeito desejado, a introdução de pequenas autonomias locais desse tipo começou a desbravar o terreno da

educação política de uma massiva população que tinha acabado de deixar a servidão (PETROV, 1994, p. 198).

As zemstvos fizeram parte desse processo e aproximaram toda a sorte de indivíduos na ocasião de seus encontros, publicações e outras atividades, onde se discutia assuntos de interesse da comunidade, especialmente aqueles relacionados à saúde e agricultura. Até o final do século XIX, a articulação entre zemstvos e sociedades agrícolas consolidou sua liderança na ciência agrícola russa. As sociedades agrícolas eram das mais tradicionais associações voluntárias do Império e originalmente reuniam as elites educadas - entre aristocratas, funcionários do Estado e membros da Academia de Ciências - para debater experimentos que faziam em suas propriedades e os avanços internacionais das ciências da agricultura. A primeira delas - a Livre Sociedade Econômica, que logo deixou de ser independente e agregou "Imperial" ao seu nome - foi fundada em 1762 e apenas 30 funcionavam no início da década de 1860. Segundo Olga Elina, elas se multiplicaram para mais de 250 no fim do século e já eram 5.745 em 1915 (ELINA, 2014, p. 308). Esse impulso das sociedades agrícolas ao patamar de maior setor público organizado na Rússia foi acompanhado pela expansão das zemstvos e ambas as instituições se encontraram no objetivo comum de reestruturar a agricultura local com base na ciência. Subsidiados pelas zemstvos, os projetos conjuntos compreendiam a realização de encontros e exposições, apoio a escolas agrícolas, publicação de periódicos e até a instalação de estações de pesquisa.

A parceria entre sociedades e zemstvos dominou todas essas frentes e foi a maior responsável pelo crescimento e institucionalização de campos experimentais, da comunicação e da educação em ciência agrícola. Esse desenvolvimento foi mais pronunciado nas províncias do que, na época, era chamado de "Sul da Terra Negra". As províncias da Terra Negra eram consideradas o principal celeiro do Império e se estendiam a sul e sudoeste do território, onde questões relativas à produção - como combate a estiagens, geadas e melhoramento de sementes - fizeram produtores se voltarem às sociedades, zemstvos e a perspectivas de inovação. Um importante alimentador desse ímpeto por pesquisas aplicadas em cultivo foi o senso de competição e inspiração em relação aos bem sucedidos modelos e produtos agrícolas dos Estados Unidos (HACHTEN, 2002; ELINA, 2014). Elina ainda fala sobre o contexto de disputas gerado, entre diferentes zemstvos e sociedades agrícolas nas províncias da região, em pesquisas e pela assistência a produtores (ELINA, 2014, p. 316-317). A institucionalização das pesquisas agrícolas nas décadas de 1880 e 1890 também ganhou muito com a compreensão dos potenciais de estudos bacteriológicos, sobretudo a partir da demonstração pública da vacina contra o antrax por Louis Pasteur (1822-1895) na

França, em 1881 e, posteriormente, os avanços de suas inoculações contra a raiva. A notoriedade de Pasteur se amplificou nesse momento, mas o francês já vinha muito presente nas publicações russas em agricultura desde meados dos 1870 (HACHTEN, 2002, p. 197-198).

O desenvolvimento desse diálogo entre agricultura e bacteriologia influenciou o trabalho de figuras como os biólogos Lev Tsenkovskii (1822-1887) e o prestigiado Ilya Mechnikov (1845-1916), apenas dois dos muitos intelectuais do Império Russo cujas carreiras acadêmicas e posições em universidades passavam a dividir espaço com atuações mais próximas da sociedade. O movimento desses cientistas, nos informa Hachten, foi além do plano retórico do bem comum e fez com que de fato emprestassem seus conhecimentos a causas mais imediatas do cotidiano russo e alguns, inclusive, iniciaram uma segunda carreira em algum campo aplicado. Um ponto notável sobre esses últimos é que eles publicavam suas pesquisas "primárias" em línguas estrangeiras e também em russo, mas as "secundárias" eram específicas para o público local (HACHTEN, 2002, p.195). Todo esse processo de conformação de uma cultura das práticas experimentais nos vastos domínios russos também se relacionou com a produtividade das terras na dimensão de desígnios mais humanitários. A perda de colheitas para pestes agrícolas e outros fatores ambientais tradicionalmente e periodicamente desencadeavam grandes ondas de fome que, por sua vez, agravavam os problemas sociais do Império. Através do investimento em novas pesquisas, instalações e na educação agrícola, a parceria entre zemstvos e sociedades buscou ativamente por soluções para os camponeses em suas regiões. As sessões de assembléias das zemstvos foram fóruns que discutiram e manifestaram a relação das crises camponesas com a falta de lotes aráveis entregues a essa população após a emancipação, enquanto as comissões de saúde desses órgãos reivindicavam por direitos de articulação entre si no combate a epidemias como a do cólera, em 1879 (PETROV, 1994, p.202, 207, 208).

Embora tenha sempre recusado ou censurado essas perspectivas de intercomunicação - o que não impediu que se organizasse clandestinamente alguns congressos gerais de zemstvos - o governo demonstrou maior interesse e reconhecimento pelo pioneirismo e consolidação não estatal de campos experimentais agrícolas no início da década de 1890. Segundo Elina, essa vantagem das sociedades e zemstvos na ciência agrícola se deu, em parte, pela própria atitude do Estado russo, que vinha mais concentrado nas questões acadêmicas das cidades principais. Além de ineficiente na atenção às províncias e regiões mais afastadas, a máquina autocrática preservou por mais tempo a visão tradicional da agricultura como ofício camponês que se mantivera até ali sem apoios oficiais ou científicos.

Porém, no universo de uma percepção pública que tomava corpo a partir das novidades sociais dos anos 1860, essa realidade rural se revelou um local de interlocução e aplicação de avanços e inspirações científicas internacionais (ELINA, 2014).

Diferentes apologias das ciências e da experimentação - evocando nomes como o do químico alemão Justus von Liebig (1803-1873) e seus estudos sobre fertilizantes - circularam por sociedades agrícolas, universidades e invadiram a literatura clássica russa, estruturando personagens como Evgeniy Bazarov, protagonista de Pais e Filhos (1861), romance de Ivan Turguêniev (1818-1883) (HACHTEN, 2002; ELINA, 2014). A formação de perfis intelectuais nas conexões entre profissionalização e atuação civil alavancou a notável dimensão política das zemstvos, que começaram a organizar oposições liberais ao regime ainda na década de 1870 (PETROV, 1994). No início do século XX, a diversidade de congressos profissionais e científicos funcionou como ponto de encontro da intelectualidade ligada às zemstvos, universidades e outras instituições, tendo aos poucos se convertido em espaços para agendas sócio-políticas e meios de mobilização da opinião pública pela reforma constitucional do Império (TUMANOVA e SAFONOV, 2021).

## 1.7 Da Kunstkamera aos museus públicos do Império Russo

Enquanto implementava seu projeto de ocidentalização das instituições e elites russas, Pedro I vislumbrava claramente o incremento a suas tropas e navios, embora a fundação da Academia de Ciências, baseada no estudo dessa experiência intelectual em outros contextos, já nos permita concordar quando Loren Graham considerou inadequado retratá-lo como um "simples utilitarista" (GRAHAM, 1993, p. 17). Durante as visitas que fez a centros europeus de pesquisa e ensino em três períodos - entre 1697 e 1698; 1712 e 1714; e de 1716 a 1717 - o monarca também foi um observador de outros espaços, como jardins e museus de história natural (ELINA, 2018, p. 259-260). Dessas excursões, a longa tradição bizantina clerical da jardinagem russa viu a chegada de técnicas e valores dos movimentos "ilustrados" e o czar criou a Kunstkamera, seu Gabinete de Curiosidades, em 1714 (ELINA, 2018; SLEPKOVA e YUSUPOVA, 2018).

Naquele momento, Pedro, o Grande, perseguia a consolidação do status imperial para a Rússia, o que incluiu desde vitórias militares a esforços por integração administrativa. O czar entendeu a cultura e educação "modernas" como parte desse projeto maior de fundar um Estado competitivo e prestigiado no jogo político ocidental e que esse resultado não viria apenas no fortalecimento das armas russas (GRAHAM, 1993, p. 17; ELINA, 2018, p. 260). A transformação da Kunstkamera em instituição científica quando vinculada à recém inaugurada Academia de Ciências (Figuras 2 e 3), em 1724, bem como a proliferação de jardins e herbários públicos e privados, pertencentes a aristocratas e à própria dinastia Romanov - principalmente Catarina II, que ficou conhecida por sua "paixão por plantas" - expandiram os limites dos espaços de lazer, curiosidade e diplomacia nobre para incluir fins de estudos e experimentação (ELINA, 2018; SLEPKOVA e YUSUPOVA, 2018). Ao longo da segunda metade do século XVIII, as práticas associadas às levas de estrangeiros convidados à Academia e, depois, à Universidade de Moscou, também foram requisitadas por esse renovado interesse científico aristocrático em suas propriedades e projetos particulares. Nos anos de Catarina II, a força desse elemento privado foi amplificada pelo "Manifesto de 1762", que rompeu com a obrigatoriedade do serviço burocrático para a nobreza - provisão de Pedro I -, conferindo maiores autonomias a essa camada social até o fim do século (ELINA, 2018, p. 261).

Figura 2: Fragmento da gravura em cobre "Descendo o rio Nevá entre a Residência de Inverno de Sua Majestade Imperial e a Academia de Ciências". MI. Makhaev, G. A. Kachalov. São Petersburgo, 1753. A construção com a torre alta é onde ficava a estrutura original da Academia de Ciências da Rússia, com a Biblioteca e a Kunstkamera.
Fonte - Portal da Kunstkamera https://www.kunstkamera.ru/exposition/kunst_hist/3, acessado em 5 de junho de 2023.

Figura 3: Atualmente, a sede da Academia em São Petersburgo (à esquerda) está situada ao lado de seu antigo local (à direita), este que hoje é o Museu de Antropologia e Etnografia (oficialmente muito chamado Kunstkamera).
Fonte - Kulture.ru https://www.culture.ru/institutes/13785/kunstkamera-i-akademiya-nauk, acessado em 5 de junho de 2023.

A mobilidade profissional alimentada entre os circuitos oficial e particular de mecenato do Império sustentou uma cultura científica elitizada e introduziu uma primeira comunidade - dominada por estrangeiros - de zoólogos, botânicos e outros naturalistas, que trabalharam com coleções privadas, hortos e jardins do Estado e de aristocratas, além das primeiras expedições de reconhecimento do vasto território russo. Muitas das raridades obtidas e identificadas a partir de explorações, trocas e as presenteadas por governantes e outras figuras proeminentes naquela época foram parar na coleção de curiosidades do czar. Ainda no século XVIII, os diferentes tipos de materiais retidos em grande volume na Kunstkamera começaram a ser tratados separadamente. Esse processo contou com personagens como o renomado Peter Simon Pallas (1741-1811), naturalista alemão que integrou a Academia de Ciências a partir de 1767 e publicou em diferentes campos do conhecimento sobre o Império Russo. Esse escrutínio de objetos e informações acompanhou o processo gradual de distinção de disciplinas e especialidades científicas, que produziu espaços próprios para as coleções a partir da década de 1830 (SLEPKOVA e YUSUPOVA, 2018).

Daquele momento em diante, a base fundamental da Kunstkamera foi progressivamente fragmentada em novos museus mantidos pela Academia e destinados a áreas como zoologia, botânica, antiguidades, mineralogia e etnografia. Essa conformação de museus como instituições mais especializadas para pesquisa também estava acontecendo junto a universidades do Império Russo e pela Europa. A noção de museus abertos ao público leigo russo foi encorajada pelas reformas sócio-políticas e a inspiração liberal dos 1860. Opiniões contrárias a repensar os museus para a população emanaram de setores intelectuais reacionários que, por sua vez, foram intensamente criticados. A Academia de Ciências era a instituição tradicionalmente mais acusada de isolamento e elitização da comunidade científica. Sediada em São Petersburgo, ela e seus museus ficaram pressionados quando foi Moscou que deu partida à democratização do acesso aos acervos por volta de 1862 (SLEPKOVA e YUSUPOVA, 2018). Essas disputas - já antigas àquela altura - travadas entre a “germânica” Academia e as universidades “russas” eram símbolo do imaginário de coexistência das duas capitais do Império: de um lado a velha Moscou das tradições e ortodoxia russas e, do outro, a recente e ocidental São Petersburgo (KRIVOSHEINA, 2014).

Até o início do século XX, os museus ligados à Academia e às diferentes universidades passaram por reformulações que refletiram o desafio de incluir o interesse público e a educação popular em suas prioridades. Chegando aos 1900, essas instituições haviam produzido as primeiras exibições públicas do Império em diferentes cidades,

ampliado os dias e horários abertos à visitação, com gratuidade em alguns casos, e reavaliado seu espaço pensando nessa diversificação de atividades. O crescimento da audiência e do tamanho das coleções através das últimas décadas do século XIX levou diretores a insistirem por maior apoio financeiro e soluções logísticas junto ao Ministério da Educação, que despendeu diferentes atitudes em relação à educação pública e aos museus. Os projetos de reestruturação, a contratação de funcionários e a aquisição de novas instalações eram muito afetados pelas inclinações específicas de quem fosse o ministro ou o presidente da Academia de Ciências em cada momento e houve períodos que não deixaram opção além de fechar as portas para retomar as atividades anos depois (SLEPKOVA e YUSUPOVA, 2018).

Nessa dinâmica, personagens como o Grão-duque Konstantin Romanov - que assumiu o comando da Academia a partir de 1889 - contribuíram para que museus alcançassem maior autonomia administrativa e relevância no sistema educacional russo. Romanov pertencia à família imperial e, como tal, foi capaz de favorecer essas instituições e seus projetos junto ao governo durante sua gestão, que durou até 1915. É importante registrar que o que acontecia a essas estruturas da Academia de Ciências da Rússia na virada entre os séculos buscava estar *pari passu* com cidades como Paris, Viena e Londres. O período entre 1880 e 1920 viu museus famosos da Europa se estenderem em número e tamanho, enquanto preparavam reformas que separariam áreas de exposição e armazenamento das coleções. Slepkova e Yusupova consideram esse momento como de expansão da democratização mais ampla dos museus, que esteve ligada a programas liberais europeus e norte-americanos desde o final do século XVIII. Assim, desde 1793, quando o Louvre foi aberto ao público na França revolucionária, o “movimento dos museus” do século XIX confrontou alguns intelectuais russos em viagem com a possibilidade de uma apropriação doméstica do processo (SLEPKOVA e YUSUPOVA, 2018, p.295).

## 1.8 O início da renovação do Museu de Antropologia e Etnografia

Parte do conjunto de instituições da Academia de Ciências, o Museu de Antropologia e Etnografia (MAE) viveu, a partir da década de 1890, mudanças fundamentais que influenciaram na organização da expedição à América do Sul, em 1914. Na introdução do seu volume pioneiro sobre a história do americanismo na Academia de Ciências da Rússia, Sergei Korsun apresenta uma cronologia em "etapas" principais, das quais a segunda tem início em 1894, quando Vassili Radlov (1837-1918) se tornou diretor do MAE. Segundo Korsun, o interesse de cunho etnográfico pelo continente antes disso - a partir da criação da Kunstkamera, em 1714 - produzira ativa coleta, especialmente nas terras da chamada América Russa[37] durante a primeira metade do século XIX (KORSUN, 2015). Os objetivos explícitos da Academia de Ciências em suas requisições do período - por exemplo, para a importante viagem de Ilya Voznesensky[38] (1816-1871) à América do Norte em 1840 - eram apenas de coleta para suprir os museus (LYAPUNOVA, 1967, p. 7). Korsun confirma essa característica e afirma que isso se nota pelas esparsas descrições de campo produzidas (KORSUN, 2015, p. 9).

Quando Radlov assumiu o MAE e as coleções derivadas desses anos precedentes, o desafio geral era palpável:

> [...] milhares de itens datavam da época de Pedro, o Grande, e sua Kunstkamera. Os documentos para eles perdidos há muito tempo ou desconhecidos; escassas e antigas etiquetas traziam números enigmáticos que nada diziam ao registrador. Havia algumas descrições para as enormes coleções do Departamento do Almirantado e a de I.G. Voznesensky, mas faltava numeração nos próprios itens e foram necessários grandes esforços, por vezes infrutíferos, para encontrar as peças a que se referiam.[39]

---

[37] A denominação América Russa abrange a história da presença dos russos no continente, desde os primeiros esforços de viagem exploratória no Pacífico Norte com o dinamarquês Vitus Bering, na primeira metade do século XVIII, até a negociação do atual Alasca para os Estados Unidos, em 1867. Além do Alasca, esses antigos domínios russos incluíram assentamentos no sul da atual Califórnia e no Havaí. Voltado a expandir e monopolizar o comércio de peles, o Império criou a Companhia Russo-Americana em 1799, enquanto ocorriam enfrentamentos e negociações com povos indígenas locais, como os tlingit. Para mais informações sobre a América Russa, ver: Farris, G. 1997. The age of russian imperialism in the North Pacific. Kroeber Anthropological Society Papers, n.81, 1997. pp. 187-194; Foster, M., Henrikson, S. 2009. Symbols of Russian America: Imperial crests and possession plates in North America. Concepts, n. 5, 2009. pp. 1-8 ; Vinkovetsky, I. 2011. Russian America: An Overseas Colony of a Continental Empire, 1804 – 1867. New York: Oxford University Press, 2011.

[38] Ilya Voznesensky tinha apenas onze anos quando começou a ser instruído nas seções zoológicas da Kunstkammer, ainda antes da criação dos museus separados nos anos 1830. Em sua primeira expedição, Voznesensky acompanhou o francês Édouard Ménétriés (1802-1861) ao Cáucaso, entre 1829 e 1830. Àquela altura, Ménétriés havia participado, como zoólogo, da expedição liderada por Langsdorff no Brasil e, logo depois, sido apontado curador das coleções zoológicas da Academia em São Petersburgo. Já Voznesensky foi nomeado assistente em 1834 (LYAPUNOVA, 1967, p. 6).

[39] Shternberg, 1917 apud. Korsun, 2012, p. 66.

O Museu Etnográfico e o Anatômico, dois dos sete museus que dividiram tudo o que havia na Kunstkamera até 1836, foram unidos entre 1879 e 1880 para formar o MAE, Desde 1865, quando Fiódor Russov (1826-1906) ficou responsável pelo Museu Etnográfico, era apenas ele quem detinha a memória e compreensão das coleções ali presentes e seu único ajudante no local foi Prokopy Saminov, a partir de 1882. Originalmente médica, a etnógrafa Evgenia Petri (1856-1923) foi colaboradora do MAE a partir de 1896 e publicou um trabalho sobre a carreira do curador científico Russov, em 1911. Nele, a autora descreve as limitações do antigo funcionário nas instalações do museu:

> Pensar em qualquer processamento científico das coleções, mesmo no simples registro, parecia completamente impossível devido à completa ausência não apenas de uma sala de trabalho separada, mas também de espaço livre para a disposição dos itens processados. Neste estado de coisas, o papel do curador do Museu não ultrapassou o estreito quadro criado pela força das condições desfavoráveis.[40]

Entre todas as questões operacionais e organizacionais, o espaço disponível para o museu talvez tenha sido a barreira primordial. Quando se deu a fusão que originou o MAE, o Anatômico estava confinado a algumas poucas salas no edifício da Kunstkamera, bem próximo ao Museu Zoológico. Já o Etnográfico da época, segundo autores, poderia ser comparado a um "depósito" (KORSUN, 2015, p.190) ou "armazém temporário" (BASARGINA et.al, 2012, p.114) para objetos difusos. Ainda segundo Korsun (KORSUN, 2015, p. 190), a maior parte do espaço do velho gabinete de curiosidades de Pedro, o Grande, era ocupada pela Biblioteca da Academia Imperial de Ciências na segunda metade do século XIX. É importante observar que, desde a década de 1860, o problema do aproveitamento do espaço povoou debates mais gerais sobre as funções dos museus russos (SLEPKOVA e YUSUPOVA, 2018). A questão das instalações persistia, portanto, como um traço comum ao conjunto dos museus de São Petersburgo e também a outros, ligados às universidades imperiais.

O quadro mais geral descrito por Sergei Kan ainda nos oferece uma antropologia e, principalmente a abordagem mais etnográfica, como "bastante marginal" na academia russa mesmo no começo do século XX, quando ainda não contava com elementos básicos de estrutura e institucionalização. Nas universidades, apenas Moscou tinha cursos ligados à "antropologia cultural" - dentro da cátedra de geografia - ficando a instrução da maioria dos

[40]Petri E.L. Fiódor Karlovich Russov. Perviy utchoni khranitel Museya antropologii i etnografii pri Imperatorskoy Akademii nauk // Sbornik MAE. 1911. T. 1.Vip. 10. S. 1–8.

futuros antropólogos vinculada a disciplinas mais presentes na época, como linguística e estudos orientais. A pesquisa etnográfica ainda era muito devedora do interesse amador e suas instituições eram, sobretudo, sociedades científicas independentes. O isolamento era um problema comum entre os museus russos naquele momento, ainda mais no caso da estrutura da Academia de Ciências, em São Petersburgo, com relação a Moscou e às demais províncias. Dentre as instituições, a Academia era a que gozava de maior autonomia para seus possíveis trabalhos antropológicos, mas o MAE era seu único espaço devotado à pesquisa etnográfica e sofria da mesma carência geral de fundos e funcionários (KAN, 2003).

Conforme indicado por Korsun, todo o processo iniciado por Radlov no MAE a partir de 1894 esteve apoiado no seu propósito de formar ali uma instituição própria para pesquisas complexas sobre os povos de todo o mundo (KORSUN, 2015, p. 9). O novo diretor, no entanto, identificou a necessidade de reformulações profundas em nome das funções científicas e educacionais do museu, o que envolveria todo o caminho desde as coletas e transporte até o processamento e exposição (Idem, 2012, p. 66). Ao longo da gestão que durou até sua morte, em 1918, Radlov conseguiu elaborar a estrutura que sustentaria o MAE e suas coleções (SOBOLEVA, 2015, p. 156). Em 1894, logo que passou a ocupar o posto do ex-diretor Leopold von Schrenck (1826-1894), Radlov fez um circuito por algumas cidades europeias, com o intuito de investigar diferentes museus e formular seus próprios planos iniciais. Dentre os sistemas de registro de coleções estudados, incluindo instituições em Paris, Londres, Viena e Berlim, Radlov escolheu o Museu Real de Copenhagen como modelo a ser seguido. O processo de registro das coleções do MAE, segundo esse princípio, foi inaugurado em 1896 (KORSUN, 2015, p. 216, 217).

Mas aplicar um padrão e organizar tudo o que já estava no museu, além do que começasse a entrar, exigiria muito trabalho. O modelo dinamarquês previa a numeração geral de cada coleção, enquanto cada um de seus respectivos objetos seria associado a ela e teria um número de série (Ibidem, p. 217). O esforço começou, então, com base na contratação temporária de pessoas totalmente estranhas às práticas que Radlov visava inserir e que precisariam, portanto, de muito treinamento e orientação. Essa era a única alternativa face aos limitados recursos do museu e à ausência de pessoal qualificado. Além de tudo, os antigos funcionários Russov e Saminov estavam muito doentes na época e não houve muito o que fazer. Essa situação serviu, no entanto, para que o MAE tenha sido o local de formação de uma prática que foi compartilhada e mobilizada entre os colaboradores recrutados. Essa seria mais ou menos a moral transmitida por Radlov ao recém-chegado Lev Shternberg (1861-1927), em 1902. Muito experiente no campo, mas ainda verde para um lugar como o

MAE, ele ouviu do diretor que "não há quem nasça para o museu, ele é que faz surgir essa pessoa no processo de trabalho"[41] (Figura 4).

Figura 4. Vassili Radlov (à esquerda) e Lev Shternberg (à direita).
Fonte- Korsun, 2015, p.450.

Na mesma época, Radlov entregou à Academia de Ciências um programa de desenvolvimento, no qual solicitava o direito de estabelecer contatos com pessoas que, de qualquer parte da Rússia, pudessem ajudar no abastecimento dos fundos do museu. Esses indivíduos estariam associados ao MAE e seriam reconhecidos oficialmente com título e diploma de correspondente. De 1898 - quando o título foi de fato introduzido - até 1914, vinte e uma pessoas se tornaram membros correspondentes do museu de São Petersburgo, entre elas nove estrangeiros e duas mulheres (SOBOLEVA, 2015, p. 157). O impulso mais ativo das reformas do MAE se deu já no início do século XX e, segundo Korsun, por conta de dois elementos que considera principais: a aproximação do aniversário de duzentos anos de São Petersburgo, em 1903, e a entrada do etnógrafo Shternberg para o quadro funcional do museu, em 1901 (KORSUN, 2015). Amplamente discutidas, as festividades do bicentenário

[41] Ratner-Shternberg, 1928, p.35 apud. KORSUN, 2012.

da cidade agregaram uma dimensão de resolução objetiva à agenda do MAE. Uma das medidas mais importantes daquele momento foi a solicitação, por Radlov, da inclusão de Pedro, o Grande, em um novo nome[42] para o MAE, resolução aprovada em 1902. Também pensando na movimentação promovida pelo evento, Radlov iniciou o plano de uma nova exibição e foi capaz de expandir os espaços para expor, bem como seu grupo de funcionários.

Além do sentido de oportunidade contido nas discussões preliminares do bicentenário da cidade, podemos pensar na proximidade física de museus da Academia como importante elemento de influência mútua. De acordo com Korsun (2015, p. 190), essa relação já aparecia nos tempos do Museu Anatômico, que ganhava visibilidade nos dias de funcionamento de seu vizinho, o Museu Zoológico. Durante os anos 1890, este museu era um dos espaços que, como o MAE, começavam a se reformular, em um processo que envolveu a circulação de mais cientistas como Radlov. Eles eram agentes atentos às técnicas e construções, porém cada vez mais suas viagens se voltavam às últimas tendências européias na montagem de exposições e sua acessibilidade (SLEPKOVA e YUSUPOVA, 2018). Assim, é de se imaginar a importância das presenças ilustres - incluindo Nicolau II, sua família e altos oficiais do governo e da Academia - e da grande cobertura de imprensa na cerimônia e exposição de reabertura do Museu Zoológico em novo prédio, em 1901 (Ibidem, p. 307). Esse mesmo museu seria seguido pelo MAE no estabelecimento de tarifa para visitação. Por sua vez, a conquista pioneira do nome de Pedro, o Grande, pela instituição de Radlov, em 1902, reverberou no Museu Geológico da Academia. Este recebeu o nome do czar em 1903 e, como o MAE fez em 1909, criou seu próprio Conselho de Curadores em 1917 (SOBOLEVA, 2016, p. 16, 17). Também em outros aspectos, aquele momento começava a propor contatos cruciais entre as experiências de cada museu da Academia de Ciências. Como consequência, essas instituições se forjaram em elos de uma rede de legitimidades, alimentadas a cada novo precedente criado.

O MAE trabalhou na sua própria exibição entre 1902 e 1903, em diálogo com esse movimento mais geral por novas lógicas e autonomias. Desde 1895, um novo regulamento concedia ao Museu Zoológico um orçamento à parte do da Academia e Radlov se baseou nesse aspecto para reivindicar a liberdade de direcionar partes dos recursos estatais do MAE para as práticas que julgasse mais necessitadas. Shternberg começava a se tornar o "assistente insubstituível" do diretor na transformação do MAE. Ao lado de outros companheiros do

[42] Nesse momento, a instituição passou a ser chamada Museu de Antropologia e Etnografia Imperador Pedro, o Grande. Atualmente, o nome oficial completo é Museu de Antropologia e Etnografia Pedro, o Grande da Academia Russa de Ciências. O local, por sua origem histórica, também é chamado de Kunstkamera.

museu, eles trabalharam na nova exibição entre 1902 e 1903. A tarefa primordial da equipe, então, foi bolar divisões e subdivisões para categorizar o que tinham à disposição, com base em territórios e grupos étnico-culturais. Fazendo isso, Radlov e Shternberg perceberam grandes discrepâncias e carências nos materiais como os das Américas do Sul e Central, que Korsun descreve:

> As centenas de povos dessa região eram representadas por 257 peças, em meio às quais apenas a coleção de G.I. Langsdorff havia sido obtida em uma expedição científica. O restante dos itens consistia em aquisições aleatórias que não poderiam dar a noção da cultura tradicional de povos distintos (KORSUN, 2012, p. 67).

O assunto da ligação fundamental entre a expedição russa de 1914-1915 e os passos de Langsdorff e seu grupo na década de 1820 será abordado mais adiante nesta tese. Por hora, é importante delimitar que Langsdorff era, no momento destacado, um desconhecido em etiquetas da primeira metade do século anterior, situação que começaria a mudar a partir do retorno da expedição que é objeto desta tese. Diante do estado do que continha o museu, Radlov e Shternberg entenderam que seguir adiante demandaria pessoal especializado e pesquisar os métodos e modelos aplicados em instituições estrangeiras similares. Na década que se seguiu, as necessidades percebidas durante os preparativos do bicentenário nortearam providências internas e a realização de viagens para contatos e parcerias.

## 1.9 As novas práticas e apoiadores do MAE até 1914

Quando a expedição de 1914 à América do Sul tomou forma, o MAE havia atravessado cerca de uma década de reestruturação mais intensa. O sucesso na obtenção de alas adicionais representou um aumento das áreas de exposição, que chegaria a ser de quatro vezes até 1918 (SOBOLEVA, 2016, p. 16). Com mais espaço, se tornava viável a organização especializada das coleções etnográficas, o que determinou a ampliação da equipe do museu. Em 1912, Radlov finalmente iniciava o procedimento de registro das coleções, conseguindo concretizar a divisão do acervo em departamentos por região e designar supervisores para cada um. Desde 1836 até a gestão de Radlov, o quadro de colaboradores teve o mesmo tamanho, e então o grupo cresceu em 1899, 1902, 1912 e 1914. Um desses novos membros da equipe do museu foi Sara Arkadyevna Ratner-Shternberg (1870-1942), esposa e colega de Lev Shternberg, que contribuiu ativamente nas atividades do MAE a partir de 1910. Entre 1886 e 1890, Ratner-Shternberg foi uma das alunas dos cursos superiores Bestuzhevskiy para mulheres e, diplomada, foi atuante científica e pedagogicamente, conduzindo e organizando cursos para mulheres e trabalhadores, escrevendo e traduzindo textos para publicação, inclusive junto ao marido. Sara Shternberg construiu sua carreira no MAE, foi "uma das primeiras pesquisadoras russas das religiões" e a maior responsável pelo resgate e organização de materiais de Lev Shternberg, após o falecimento deste (KHORINA, 2018).

Segundo Shternberg, Radlov incumbiu-se da que considerava a "mais desagradável e, talvez, mais difícil parte do trabalho" no MAE, isto é, atuar junto às autoridades russas, peticionando e levantando toda a sorte de recursos. A já mencionada aprovação para criação de um Conselho de Curadores, em 1909, foi um passo fundamental dessa busca por contatos importantes e apoios. Aqueles nomeados ao Conselho eram colecionadores, banqueiros, burocratas e industrialistas, que injetaram recursos para viagens, coleta e compra de coleções. Pelo suporte material, esses homens esperavam sua "recompensa moral", na forma de honrarias, patentes e ordens conferidas pelo governo czarista (KORSUN, 2015, p. 234). No entanto, Sara Ratner-Shternberg reitera que essas compensações recaíam, mais uma vez, sobre Radlov e não costumavam partir das autoridades com muita facilidade. Mesmo assim, ela demonstra o quão determinantes foram esses mecenas do MAE, uma vez que "75% das coleções sul americanas foram recebidas como presente dos próprios colecionadores ou de doadores"[43]. Um pouco depois de sua criação, o Conselho incluiu a categoria de membro

[43] Ratner-Shternberg, 1928 apud. Korsun, 2012 p.75.

honorário, conferindo mais substância a uma rede de apoios e atividades que se desenvolvia além das paredes do museu.

As possibilidades representadas por esses atores não se limitaram ao aporte financeiro. Principalmente os membros honorários também agregaram prestígio à teia de relações da qual passavam a fazer parte. Entre 1911 e 1913, depois de muito insistir e interpor pedidos às instâncias superiores da Academia de Ciências e ao Ministério Imperial da Educação Pública, Radlov conseguiu promover a entrada e subsequente nomeação de Sua Alteza Imperial Aleksandr Georgievich, Príncipe Romanov e Duque de Leuchtenberg como presidente do Conselho de Curadores (SOBOLEVA, 2016, p. 37). Em 1914, foi a vez da Kunstkamera completar dois séculos e o MAE recebeu a visita do czar Nicolau II (KORSUN, 2015, p. 256). Ter um príncipe Romanov como cabeça de um conselho institucional, além da presença pessoal do próprio governante foram elementos fundamentais de favor do Estado ao museu. A compreensão real desse valor dialoga com uma sociedade que, apesar dos períodos de convulsão, não deixava de ter sido estruturada muito em função do serviço à autocracia e da imagem dos czares. Soboleva afirma que carregar o histórico nome de Pedro I, sobretudo, incrementou o alcance dos projetos do MAE, mas também fez crescer as exigências ali depositadas (SOBOLEVA, 2015, p.157). Ainda vale assinalar que, de 1889 a 1915, o presidente da Academia de Ciências era o Grão-duque Konstantin Konstantinovich, outro aristocrata Romanov (SLEPKOVA e YUSUPOVA, 2018, p. 306).

Segundo alerta Irina Podgorny (2005, p. 234), a longeva tendência a se pensar os museus por sua dimensão metafórica ou monumental demonstrou "obscurecer" a história desses locais enquanto instituição e prática científica. Não se trata, no entanto, de negar como o plano representativo muitas vezes encontrou inserções importantes no âmbito do cotidiano de trabalho. Radlov buscou ativamente forjar alianças e agregar ao MAE símbolos convenientes à viabilidade de sua nova agenda de atividades. Apesar da possibilidade de contar com alguns apoios externos à esfera oficial, o MAE seguia sendo parte da Academia de Ciências, que respondia ao governo. Os fundos que o museu recebia do Estado eram insuficientes, segundo Sergei Kan (2003, p. 28), mas ainda assim necessários a qualquer pretensão substancial de se conduzir a pesquisa etnográfica e manter funcionários. O caminho entre os planos e sua aplicação demandava trâmites excessivos para obtenção de todo tipo de permissões oficiais, mesmo sendo esse núcleo institucional da Academia de Ciências - localizado em São Petersburgo e do qual o MAE fazia parte - onde se "gozava de uma boa autonomia para desenvolver estudos antropológicos com seriedade e independência" (Ibidem, p.28).

Uma das muitas questões trabalhadas por Bruno Latour fala - aqui colocando de maneira simplificada - na materialidade dos conhecimentos como guia para os processos de sua produção e circulação (LATOUR, 2000). Essa noção pode ser aplicada aos museus nas análises de autores como Podgorny. A autora considera que um "outro mundo invisível" estaria escondido por detrás da aparente inércia contida nos museus e em suas coleções. Esse mundo, segundo afirma, conta histórias de uma sociedade conforme constrói e se vincula de diferentes maneiras a esses lugares e produtos da cultura, da pesquisa e do conhecimento (PODGORNY, 2005, p. 234). Assim são revelados os conflitos, estratégias e necessidades no funcionamento de uma instituição que, por sua vez, modifica e retrata o espaço social. Como apontou Latour, um lugar desses - uma biblioteca, um laboratório, um museu - "curva o espaço e o tempo ao redor de si" (LATOUR, 2000, p. 21).

Quando vislumbrou e perseguiu mudanças para seu museu, o diretor Vassili Radlov devia conhecer bem o estigma que a investigação etnográfica praticada no Império Russo arrastava atrás de si naqueles anos. Como mencionado anteriormente, o interesse e a prática da etnografia russa se desenvolveram de maneira relativamente marginal durante a segunda metade do século XIX. Um motivo importante para isso esteve em suas associações à população exilada pelo Estado. Esse grupo era majoritariamente composto por judeus e polacos, dois povos muito subjugados no Império. Atravessando seus longos anos de condenação, os exilados por vezes transformaram as remotas paragens a leste do território em campo privilegiado para produzir conhecimentos e impressões sobre sociedades locais (KAN, 2003; SIRINA, 2022). Nos 1900, Radlov já cultivava algumas amizades de longa data entre aqueles que haviam sido enviados ao exílio como terroristas e revolucionários. O judeu Lev Shternberg era apenas um desses indivíduos, cujas experiências de campo e materiais coletados se tornaram aquisições valiosas para o MAE, uma vez que Radlov "não temia trazer ex-exilados para o trabalho no museu" (KORSUN, 2015, p. 218). Mesmo que por muitos anos não tenham podido ser nomeados para postos efetivos ou oficiais em instituições estatais como o MAE, os chamados "etnógrafos inevitáveis" viram em sua nova prática um meio de acesso a museus, sociedades científicas e universidades quando voltaram a suas antigas vidas e cidades (KORSUN, 2015, p. 218; SIRINA, 2022, p.93).

A contradição que podemos identificar entre esses etnógrafos e a estrutura ao redor do czar, ambos os mundos articulados no projeto de Radlov, evidencia a complexidade prática de fazer valer a capacidade do museu de jogar ativamente com símbolos que reajustam sua imagem nas relações sociais. De fato, essa dimensão vem caracterizar as atividades de um MAE movido em direção às tendências e influências que, desde fins do século XIX,

veiculavam um conceito de museu de ciências que, entre outros aspectos, buscou se revestir de estrutura e procedimentos experimentais emuladores de outros espaços do conhecimento, “pela vontade de se parecerem com eles”. Podgorny, nesse sentido, entende que esse museu moderno passa a se definir como “um complexo de laboratórios” (PODGORNY, 2005, p.233). Segundo reitera Korsun, havia no horizonte do MAE daquele momento a perspectiva de “transformar o museu em uma instituição onde seriam conduzidas investigações científicas complexas no campo da etnografia dos povos de todo o mundo” (KORSUN, 2015, p. 9). Podgorny considera que “esses laboratórios, embora possam armazenar objetos e informação, não são espaços da memória, e sim de um presente em contínua transformação” (PODGORNY, 2005, p. 233, 234). Mas a oposição entre esses dois elementos torna-se elaborada ao constatarmos que parte importante daquele presente prático do MAE foi construída precisamente através da mobilização do lado inerte de sua imagem, como monumento e produto de memória.

Nessa incansável busca por caminhos adequados e coerentes com sua realidade, a administração do MAE identificou melhor as próprias deficiências quando entendeu o que interessava aos museus etnográficos europeus e como variavam suas estratégias para conseguir coleções. Shternberg foi o principal agente em excursões, quando visitou e trabalhou como correspondente em museus na Alemanha e Estados Unidos, participou de eventos e conheceu cientistas renomados. Deve ser sublinhada sua atuação nos Congressos Internacionais de Americanistas sediados em Stuttgart (1904), Viena (1908) e Londres (1912), quando não somente garantiu a presença russa, como também parcerias que seriam críticas para a expedição de 1914. Foi nesses encontros que Shternberg conheceu e se articulou com Juan Bautista Ambrosetti (1865-1917), Samuel Alejandro Lafone Quevedo (1835-1920) e Robert Lehmann-Nitsche (1872-1938) - expoentes dos estudos etnográficos da Argentina - e o jovem explorador tcheco Albert Vojtěch Frič (1882-1944), que avolumaram a seção sul-americana do MAE naquele momento e serão personagens importantes nos próximos capítulos desta tese (Figura 5).

Figura 5. Albert Vojtěch Frič (à esquerda), Juan Ambrosetti (ao centro), Robert Lehmann-Nitsche (à direita).
Fontes - Frič: Korsun, 2015, p.450;
Ambrosetti: https://pueblosoriginarios.com/biografias/ambrosetti.html, acesso em 4 de junho de 2023.
Lehmann-Nitsche: https://en.wikipedia.org/wiki/Robert_Lehmann-Nitsche, acesso em 4 de junho 2023.

Outro intermediário fundamental das coleções latinoamericanas para o MAE naquele 1momento foi o geógrafo alemão Hermann Meyer (1869-1932), irmão mais novo do explorador Hans Meyer (1858-1929). O Meyer caçula entra em cena a partir de uma das excursões de colaboradores do MAE, no verão europeu de 1903. Nela, Shternberg se viu acompanhado de Bruno Friedrich Adler (1874-1942), que supervisionou as coleções sobre povos da China e Japão no MAE até 1911. A dupla realizava observações da dinâmica dos museus alemães, quando Adler e Meyer iniciaram negócios em Leipzig. Cerca de dois anos antes, Bruno Adler havia atuado no Museu de Etnologia da universidade alemã local (KORSUN, 2015, p. 222). Fazia poucos anos que Hermann Meyer estivera duas vezes (1895-1896; 1898-1899) entre indígenas no Equador e Brasil, neste percorrendo a região do alto rio Xingu (FRANK, 2005; NEUMANN, 2021). Esse diálogo inicial com Meyer rendeu ao MAE 206 objetos dessa expedição e viriam muitas outras contribuições. Em pouco tempo, já se poderia considerar que ele tinha assumido a condição de "principal intermediário entre o MAE e os museus europeus", conectado a cientistas e colecionadores, financiando

expedições, aquisição e transporte de coleções (KORSUN, 2015, p.222, 235). Em 1912, o alemão passou a fazer parte do Conselho de Curadores do museu (SOBOLEVA, 2015, p.158).

Todos esses intercâmbios confirmaram que o MAE precisava estar mais conectado a circuitos amplos de trocas, pois eram insustentáveis a logística e os gastos para trazer material diretamente das Américas, por exemplo. Tomar parte nesses trâmites científicos e institucionais também exigiu que o MAE percebesse a necessidade de oferecer algo valioso a seus pares. Os estrangeiros expressavam o desejo por objetos de povos siberianos, mas os fundos do museu eram carentes em peças de povos da própria Rússia, o que pressionou a pauta de novas expedições ao interior do Império. Com notabilidade e mais recursos, o museu atraiu o interesse de um número crescente de pessoas, tendo condições de estabelecer sua própria agenda de expedições, sustentando as atividades de coletores russos e estrangeiros, que assim garantiram novas aquisições e intensas trocas com outros agentes (KORSUN, 2015, p.235; SOBOLEVA, 2015, p.158). Mais um avanço foi a consolidação do periódico *Sbornik MAE* ("Coletânea do MAE"), que havia sido iniciado em 1900, na divulgação de pesquisas, materiais de campo e descrições de coleções ligadas ao museu (KORSUN, 2015, p. 9). Na expansão de sua lista de apoiadores em diferentes níveis, o MAE fomentou um sistema de motivação de coletores e colaboradores, através de títulos, premiações e outras honrarias, também passando a solicitar as permissões oficiais chamadas *otkritie listy* (em tradução literal: "folhas abertas") para agentes em expedições. Os membros da expedição de 1914 contaram com esses papéis quando foram à América do Sul.

Toda a dinamização de contatos e atividades implicou, paralelamente, providências para que os caminhos de indivíduos, cartas e caixas com coleções encontrassem o tanto de facilidades quanto fossem possíveis. E nesse campo Radlov também intercedeu pessoalmente, participando de reivindicações e da formação de acordos entre a Academia de Ciências e a administração estatal e particular de ferrovias do Império, frota comercial e de passageiros, alfândega e serviço postal. Vantagens como isenções, tarifas preferenciais e certa flexibilização da censura na circulação de impressos[44] - algumas delas já antigas provisões para instituições da Academia de Ciências - em alguns momentos chegaram a não ser praticadas adequadamente e até mesmo retiradas pelo governo (SOBOLEVA, 2015, pp. 160-162). Isso aconteceu, por exemplo, durante as rebeliões rurais e urbanas do ano crítico de

[44] Essa permissão se aplicava apenas a periódicos e livros científicos enviados à Academia, muitos dos quais ainda passavam pelo Comitê de Censura Estrangeira, para que averiguasse a natureza do material (SOBOLEVA, 2015, p. 160).

1905, quando foi publicada uma lei “Sobre o envio preferencial de itens postais dentro do Império”[45]. Para apenas começar a contornar esse “duro golpe”, a Academia - e Radlov, à frente da comissão que tratou do assunto - precisou elaborar um projeto em que defendia as contribuições dessas instituições científicas, em suas práticas de articulação com correspondentes locais e viajantes, para solicitar a mudança do novo regulamento. Os avanços nesse sentido acabaram servindo a seus próprios objetivos e aos de outros museus da Academia de Ciências (Ibidem, p.160).

O MAE da gestão Radlov contribuiu muito na introdução de procedimentos que foram sistematizados pela Academia de Ciências. Muitas de suas experiências em áreas como registro, coleta e treinamento foram estudadas e aplicadas por outros museus russos. Em 1916, Radlov apresentou um documento com instruções para o registro de coleções, baseado no trabalho conduzido pelo MAE. No mesmo ano, foi aprovada sua impressão e distribuição como manual, que foi utilizado inclusive por muitos museus provinciais no Império (SOBOLEVA, 2016, p. 18, 19).

[45] Lei de 16 de junho de 1905, publicada na edição 163 do “Boletim do Governo”(“Pravitelstveny Vestnik”) no dia 29 de julho do mesmo ano (Ibidem, p. 160)

## 1.10 O MAE e o projeto da expedição de 1914

Também em 1912, os cientistas que haviam acabado de participar da edição londrina do Congresso Internacional de Americanistas visitaram museus europeus. Nesse contexto, o MAE recebeu Juan Ambrosetti e o tcheco Aleš Hrdlička (1869 – 1943), à época chefe do departamento de antropologia física do Museu Nacional de História Natural de Washington. Hrdlička pretendia realizar uma expedição na Rússia naquele momento e lhe recomendaram Fiódor Fielstrup para auxiliá-lo como intérprete. A indicação partiu do botânico estadunidense Frank Nicolas Meyer (1875-1918), que havia contado com traduções de Fielstrup em parte de suas viagens pela Ásia entre 1909 e 1911. O envolvimento de Fielstrup na campanha a serviço do Museu de Washington proporcionou ao jovem etnógrafo em formação a chance de ser apresentado a Radlov, com quem Hrdlička vinha mantendo contato durante os preparativos. Naquele tempo, Fiestrup havia sido aluno da faculdade de línguas orientais e, em seguida, do departamento romano-germânico da faculdade histórico-filológica, ambas na Universidade Imperial de São Petersburgo (KORSUN, 2015). Outro estudante daquela universidade na época era o ativo Genrikh Manizer, que se dedicava simultaneamente a aulas e palestras ligadas às ciências biológicas, antropologia e linguística nos departamentos da instituição. De acordo com Elena Soboleva, as reformas do MAE tinham levado à maior acessibilidade de seus espaços e coleções para trabalhos e estudos. Entre os maiores beneficiados por essa possibilidade, estavam aqueles vinculados à Universidade de São Petersburgo, tendo sido nesse contexto que Manizer e Fielstrup recorreram ao museu quando precisaram de orientação para seus planos, no início de 1914. Antes disso, porém, Manizer já havia frequentado o MAE em função de uma pesquisa, que elaborou a partir de 1912, sobre a antropologia dos *gilyak*, povo que habitava o extremo leste do Império (SOBOLEVA, 2016, 2018).

Esse trabalho lhe rendeu o diploma universitário e foi muito conduzido pela experiência de Lev Shternberg. O antropólogo, naquele momento, começava a chefiar dois departamentos no museu - o da América do Norte e o da Rússia Asiática - e tinha sido nomeado vice de Radlov em outubro de 1912, mas sua vida anterior tinha sido bem distante do MAE e de São Petersburgo. Quando estudante, Shternberg fez parte de um grupo revolucionário chamado *Narodnaya Volya* (“Vontade do povo”), foi preso em 1886 e esteve exilado na remota ilha Sakhalin entre 1889 e 1897, período em que se interessou por estudar

culturas locais, principalmente os *gilyak* ou *nivkh* que vieram a ser tema de Manizer. É importante notarmos que Shternberg não tinha uma formação etnográfica e suas atividades nesse sentido começaram durante o exílio[46]. Essa sua bagagem de estudos de campo seria a base inicial de instrução das coletas e encontros etnográficos realizados pelos membros da expedição de 1914. Além de ter dado orientação a Manizer, Shternberg conduzia cursos e círculos informais nas dependências do MAE através dos quais também contribuiu para o interesse etnográfico de Fielstrup (KORSUN, 2015; SOBOLEVA, 2016).

Em fevereiro de 1914, a ideia de uma expedição à América do Sul surgiu durante uma das reuniões do "círculo de jovens biólogos" ligado aos cursos fornecidos pelo laboratório P.F. Lesgaft desde 1910. Fielstrup, assim como Manizer, era parte do grupo e já conhecia um dos outros membros de longa data: Nikolai Tanasiitchuk também era aluno da universidade e tinha estudado com ele na escola. Tanasiitchuk e Ivan Strelnikov - que era assistente do professor Sergei Metalnikov (1870-1946) naquele laboratório - integrariam a expedição como seus membros mais voltados à zoologia como disciplina e à coleta de material natural. Em 1910, Strelnikov já havia trabalhado na costa mediterrânea da França e na Alemanha e, em 1913, no laboratório de Ilya Mechnikov no Instituto Pasteur. O quinto membro da campanha seria Sergei Geiman, aluno do Instituto Psiconeurológico Bekhterevskiy[47], que dividia o prédio com o laboratório Lesgaft e que Manizer também frequentava (Figura 6). Em março de 1913, quando o MAE conseguiu autorização para que um grupo de alunos do Bekhterevskiy viajasse por países como Japão e Índia, Geiman era um deles. Além de ter trazido peças para o museu na ocasião, ele posteriormente chegou a guiar visitantes pelas coleções da instituição (SOBOLEVA, 2016).

[46] O exílio é ressaltado por Kan como elemento crucial na fundação dos estudos etnográficos da Sibéria. Muitos dos exilados, como Shternberg, estavam no extremo leste por suas ações revolucionárias. Os populistas russos enxergavam e exaltavam a comuna camponesa e o povo - *narod* - como "instituição quasi-socialista". No exílio e por esse viés político, portanto, eles puderam se aproximar desses grupos e também de populações indígenas para estudar suas estruturas sociais (KAN, 2003, p. 27).

[47] Fundado em 1908 pelo prestigiado psicólogo e neurologista russo Vladimir Bekhterev (1857-1927), o Instituto Psiconeurológico também dependia do apoio de pessoas privadas.

Figura 6. Prédio que abrigava o Laboratório Biológico P.F Lesgaft e o Instituto Psiconeurológico Bekhterevskiy. São Petersburgo, 2022.
Fonte - https://www.citywalls.ru/photo562413.html?s=ahd0du2jckelkkq2hhns2dh4gs, acesso em 5 de junho de 2023.

A partir das deliberações originais acerca da região a ser escolhida para as pesquisas da expedição de 1914, a primeira ideia considerava a viagem ao rio Orinoco, na Venezuela. Essa escolha demarca a influência das impressões e trabalho da campanha de Alexander von Humboldt (1769 – 1859), entre 1799 e 1804. Um dos membros dessa expedição, o botânico francês Aimé Bonpland (1773-1858), havia chamado a região de "paraíso na Terra" (SOBOLEVA, 2016, p. 51). Mas esse plano não durou muito. Na correspondência com seu irmão Emil, Fielstrup atribui tal desistência às dificuldades que enfrentariam diante do cenário de grande instabilidade e forte oposição revolucionária aos governos militares venezuelanos instaurados em fins do século XIX:

> Nossos recursos de trabalho e o curto tempo à nossa disposição fizeram com que os "adultos" no Museu nos dissuadissem de ir àquele país; a Argentina parece oferecer maiores vantagens no que toca os modos de viajar. Além de tudo, estando o governo venezuelano em um de seus surtos revolucionários no presente, um explorador que

> havia sido enviado pelo Museu Etnográfico de Washington teve de retornar após vãs tentativas de obter permissão das autoridades para viajar para o interior: as portas da Venezuela foram fechadas na cara dele.[48]

O fragmento acima nos permite chamar a atenção para dois pontos muito importantes relacionados a todo o processo de preparação da expedição. Em primeiro lugar, a referência feita aos "adultos" do MAE - com atenção para as aspas usadas por Fielstrup - reflete uma proximidade no diálogo estabelecido entre os estudantes e essa instituição, mas traça a fronteira entre eles e a experiência e posições de Radlov e Shternberg, que lhes conferiam autoridade e poder de decisão. O outro destaque a ser feito se refere aos critérios envolvidos na escolha do destino da expedição, que, naturalmente, deveriam passar pela consideração dos recursos e do tempo disposto para o trabalho, em face das circunstâncias locais a serem encontradas. Quando Fielstrup menciona que a Argentina "parece oferecer maiores vantagens no que toca os modos de viajar", vemos a entrada do elemento prático na decisão, lembrando dos recentes anos de parceria e trocas entre o MAE e o então diretor do Museu Etnográfico da Universidade de Buenos Aires, Juan Ambrosetti, além do contato com outros acadêmicos que lá atuavam.

Enquanto buscavam definir para onde iriam os estudantes, angariar recursos era outro dos elementos práticos da preparação. Para além do próprio MAE e do laboratório Lesgaft, o Museu Zoológico da Academia Russa de Ciências, a Sociedade Antropológica Russa da Universidade de São Petersburgo e o departamento de antropologia física da Universidade de Moscou foram as instituições envolvidas no apoio inicial à campanha (BELOV et al., 2014, p. 265; SOBOLEVA, 2016, p. 53). Doadores individuais, como o etnógrafo Dimitri Anuchin (1843-1923) - membro da Sociedade Geográfica Russa - e o inventor, engenheiro e industrialista Immanuel Nobel (1801-1872), também fizeram contribuições ao projeto. Especificamente para os dois biólogos da expedição - Strelnikov e Tanasiichuk -, ainda houve um complemento fornecido por Nicolai Meshkov, comerciante e filantropo que já apoiava os cursos do laboratório Lesgaft (SOBOLEVA, 2016, p. 53-54).

A assistência veio em dinheiro, em ferramentas de trabalho e, também, com contatos e abertura de portas. Fielstrup fala em cerca de dez cartas de recomendação, fornecidas por figuras como o geólogo sueco Helge Backlund (1878-1958) e o arqueólogo, presidente da Sociedade Antropológica Russa e professor da Universidade de São Petersburgo Fiódor Volkov (1847-1918), para colegas cientistas na Argentina. O jovem indica que outro contato fundamental foi travado com o sacerdote Konstantin Izrastsov, que vivia em Buenos Aires há

[48] Carta de Fielstrup a Emil Fielstrup, 28 de março de 1914, p.1. Rolo 8, im. 1526,1527.

vinte e três anos como abade enviado pela Igreja Ortodoxa da Rússia e que havia prometido recebê-los e apresentá-los a pessoas importantes. Por fim, é importante destacar que o próprio Fielstrup conhecia o cônsul russo na capital argentina, que havia sido um colega veterano do departamento romano-germânico da faculdade de filologia da Universidade de São Petersburgo. No entanto, o processo de conquistar essa rede de suporte foi muito dificultado, sobretudo, pela incerteza com que era percebida uma expedição para tão longe e integrada por cinco estudantes desconhecidos (SOBOLEVA, 2016; CARNEIRO, 2019). Mais tarde, Manizer escreveria que o projeto dele e dos companheiros tinha sido organizado "como se organizam todas as excursões estudantis na Rússia: com simpatia moral geral e muito pouco dinheiro"[49]. Essa fala de Manizer sintetiza a ideia do razoável número de apoiadores envolvidos, cada um rendendo somas muito modestas. Em parte de uma carta enviada para Aleš Hrdlička a cerca de um mês da partida para a América do Sul, Fielstrup relata a situação:

> Nossa rota ainda não foi claramente definida, amanhã ou um dia nos próximos dias iniciaremos o seu desenvolvimento com a ajuda de um certo Sr. Backlund (engenheiro)[50] que acaba de regressar de uma viagem de dois anos às regiões que pretendemos visitar. Repito, ficaríamos muito gratos por qualquer conselho que você pudesse nos dar. Rota, meio de transporte, clima, etc, etc. Seremos 3-4 pessoas. Além de coletar material etnográfico, daremos a devida atenção ao mundo dos animais e insetos (um de nós é naturalista). Nossos bolsos não estão cheios e agora estamos tentando encontrar a maneira mais barata de chegar à América do Sul. E também não somos ricos em tempo: do começo ao fim, não devemos ultrapassar 6 meses. Sendo desconhecidos do Museu à luz de um trabalho sério de busca, podemos esperar uma ajuda muito modesta deles. Semana passada passei 3 dias em Moscou e conversei com várias pessoas que prometeram fazer o melhor por nós. Acabei de escrever para a Dinamarca para ver se teríamos uma chance de resolver nossa passagem, ou pelo menos passar como passageiro a um custo menor do que em um navio de passageiros comum. Meus camaradas têm visitado representantes da Argentina aqui para receber cartas confirmando que não somos imigrantes, etc.[51]

Nessa carta, as expectativas de Fielstrup já se mostravam baixas em relação aos auxílios que teriam. Mesmo com o que acabaram recebendo, a expedição precisou contar, ainda, com a contribuição pessoal de 300 rublos dos recursos de cada um dos próprios

[49] Manizer, 1917, p. 620, apud. Soboleva, 2016, p.53.

[50] Há muito pouca informação disponível sobre Backlund. Segundo consta em pequeno artigo no recurso eletrônico Wikipédia em sueco (https://sv.wikipedia.org/wiki/Helge_Backlund_(geolog)), ele teria sido um geólogo que trabalhou na Argentina entre 1912 e 1913, depois viajando pela América do Sul e do Norte até o ano seguinte, quando voltou para a Rússia. No artigo, não há indicações da função de engenheiro. Em nota, Sobolova, 2016, p. 55, diz que Backlund era "geólogo, membro do Museu Geológico da Academia de Ciências. Esteve na América do Sul de 1910-1913, onde estudou petrografia e a estrutura geológica dos Andes. Essa carta é anterior a quando o próprio Fielstrup também se refere a Backlund como geólogo na já citada carta ao irmão. Considerando que outro dos apoiadores da expedição, I. Nobel, era engenheiro, possivelmente Fielstrup confundiu a ocupação das duas pessoas.

[51] Carta de Fielstrup a Hrdlička, 4 de março de 1914. apud. Soboleva, 2018, p. 221.

membros (SOBOLEVA, 2016, p. 53; CARNEIRO, 2019). O problema da credibilidade produziu exemplos como o da carta de Immanuel Nobel endereçada a Radlov em 1 de abril:

> Profundamente respeitado Vasily Vasilyevich,
> Vieram até mim hoje S.V. Geiman e F. A. Fielstrup, afirmando que eles foram enviados em uma expedição perseguindo fins científicos na América do Sul, e me pediram para ajudá-los financeiramente. Tendo em vista que gostaria de auxiliá-los, permito-me dirigir-lhe um pedido, perante cumprimento do qual ficarei extremamente grato, para que dê instruções sobre como devo proceder neste caso, e diga-me qual seria a finalidade científica de uma expedição composta por 5 humanos. Por favor, telefone-me, pois esses jovens estão saindo no dia 8 do mês e eu gostaria de ajudá-los antes disso.
> Queira aceitar as garantias do mais alto respeito de Vossa Excelência, muito humilde servo[52]

Não somente Nobel, mas o próprio Radlov entendia com alguma cautela os resultados científicos possíveis (SOBOLEVA, 2016, p. 54). Em momento posterior, uma correspondência de Manizer a Shternberg relata que uma carta havia chegado a Buenos Aires, endereçada a Fielstrup e na qual a direção de um determinado museu russo se desculpava pelo contato tardio e oferecia uma quantia em dinheiro para custos de viagem. É interessante notarmos que o referido museu justifica seu atraso declarando que "não havia pensado em tomar o empreendimento por oficial"[53]. Em outras situações, alguns apoios acabaram não vindo. Na correspondência mantida entre Fielstrup e seu irmão Emil, o jovem etnógrafo fala de alguns dos financiadores em uma de suas primeiras cartas e destaca o Jardim Botânico de Batumi, na atual Geórgia, como patrocinador de um momento da viagem em que dois deles deveriam ir ao Chile para coleta de exemplares florísticos[54]. Porém, na já abordada carta de Manizer para Shternberg, é mencionado o fato de, até aquele momento, eles ainda não terem recebido o dinheiro do referido Jardim Botânico para o trabalho no Chile. Na carta de Fielstrup ao irmão, ele menciona a expectativa do grupo quanto ao recebimento de um subsídio por parte do Museu Etnográfico de Hamburgo, para os custos da parte transatlântica da viagem de Southampton, na Inglaterra, a Buenos Aires. Ao que parece, no entanto, esse financiamento extra não foi concedido, uma vez que os cinco russos acabaram fazendo o trajeto da forma mais barata possível.[55]

---

[52] Carta de I. Nobel a V. Radlov, 1 de abril de 1914. apud. Soboleva 2016, p. 53-54.
[53] Carta de Manizer a Shternberg, 18 de junho de 1914, p.3. Rolo 10, im.2345-2348.
[54] Carta de Fielstrup a Emil Fielstrup, 28 de março de 1914. Rolo 8, im. 1526,1527.
[55] Não encontrei mais referências a esse museu ao longo das investigações. A bordo do navio de imigrantes Arlanza, os membros da expedição usavam bilhetes mais baratos de terceira classe (Diário de Manizer no navio Arlanza, maio de 1914 p.4.).

Apesar desses problemas, a expedição se concretizou e encontraria soluções pelo caminho. Para a obtenção de seus documentos de viagem, o grupo contou novamente com o auxílio dos serviços e contatos burocráticos de Radlov (SOBOLEVA, 2016, p. 52). De acordo com o plano enfim traçado, a partida dos membros da expedição ficou fixada para o dia 8 de abril de 1914, com chegada a Buenos Aires projetada para meados de maio e previsão de retorno à Rússia em outubro ou novembro daquele ano. Em uma de suas cartas a Emil, Fielstrup comenta que cada um dos viajantes teria "mais ou menos sua especialidade". Em outro momento, Manizer detalha essa divisão de atribuições[56], na qual dividia com Fiódor Fielstrup - amante da literatura e das letras e o que melhor dominava línguas - o posto de "diplomatas" no que eles chamavam de "ala linguística" do grupo. O próprio Manizer também seria o mais próximo de um desenhista, pela ligação de família que carregava em relação às artes plásticas. Nicolai Tanasiichuk respondia pela alcunha de "Paganel da expedição"[57], sempre mexendo "com sua espingarda e tubos de ensaio". Ivan Strelnikov - com sua farmácia portátil - era o "médico" ou "enfermeiro" da campanha, enquanto Sergei Geiman - por sua experiência em viagens de campo ao exterior - "era o propagandista ou secretário da expedição, o que era ainda facilitado por seu jeito para os negócios e proximidade com o jornalismo e o comércio".

Esse tipo de passagem indica como toda a racionalidade que acompanhou o planejamento não fez com que os membros da expedição perdessem de vista os imaginários e expectativas que cultivavam e que os moveram desde o início:

> Nós não tínhamos preparadores, artistas, nem fotógrafos e isso limitou a quantidade de material coletado. Mas, para nós, as coleções eram o que menos interessava. O que, de fato, nos atraiu foi o conhecimento e observar a vida da natureza e a vida dos indígenas. Viver junto aos índios.[58]

As aspirações pessoais dos estudantes russos tornaram-se palpáveis à medida que se relacionaram com as agendas de seus apoiadores. A expedição não foi apenas viabilizada, mas notamos suas primeiras transformações quando repassada às orientações do círculo científico presente no MAE. A partir daquele momento, todo o plano ganhou os novos ares das relações daquela instituição, que cumpria sua natureza de órgão científico vinculado à

[56] Manizer, 1916a.

[57] Referência a Jacques Eliacin François Marie Paganel, um dos personagens principais da obra do escritor francês Júlio Verne intitulada, na tradução brasileira, "As grandes aventuras do Capitão Grant", publicado pela primeira vez em 1868. O Paganel de Verne é descrito como o estereótipo do cientista distraído ou disperso. A menção feita, por Manizer, a um personagem de Verne é indicativo da grande popularidade da obra do escritor na Rússia da segunda metade do século XIX e início do XX (STITES, 1989).

[58] Strelnikov apud. Lukin, 1977, p. 161

Imperial Academia de Ciências Russa. Entre os doadores particulares, também são identificadas filiações e outras relações de contribuição a essas instituições. Por exemplo, o industrialista Nobel fazia parte do Conselho de Curadores do MAE, corpo que se revelou imprescindível à realização de diversos projetos do museu naqueles anos. Outro membro do grupo, referido por Elena Soboleva apenas por "K.K. Scheibler", também é indicado como apoiador da expedição, embora sem maiores detalhes (SOBOLEVA, 2016, p. 39).

Outros empreendimentos russos, inclusive viagens científicas, puderam contar com recursos fornecidos por homens como Scheibler e Nobel e é nesse sentido que esta tese argumenta que as expectativas materiais, científicas e simbólicas refletidas na formação de coleções de valor etnográfico e natural na América do Sul foram articuladores fundamentais de caminhos para os cinco viajantes. Buscando seguir a proposta de Steven Shapin, entendendo que as ciências são vinculadas a "sítios específicos e carregam de modo discernível as marcas desses locais de produção" (SHAPIN, 1995, p. 306), já começamos a delinear a importância do MAE nessa relação com a expedição. Como afirmou Maria Margareth Lopes, dois desses "sítios" de Shapin são os museus e o campo, este último que mais tardiamente ganhou espaço na historiografia com o status de local de produção de conhecimento. Acompanhando Lopes, consideramos os materiais - os objetos, suas descrições, classificação e relatos de viagem - como "marcas indeléveis" desses locais das ciências (LOPES, 2001. p. 882).

Se observarmos esses produtos pela ótica de Latour, estaremos falando de "veículos", "formas" ou "inscrições". Assim como o autor, aqui faremos maior uso do último desses termos, "para insistir em seu aspecto material" nas discussões dos próximos capítulos. Latour entende que as inscrições circulam carregando a informação, que se configura, nesse processo, como "*relação* estabelecida entre dois lugares"(LATOUR, 2000, p. 22). A partir daí temos a ideia de uma "conéctica" presente entre as inscrições e o fenômeno representado. As inscrições ainda se vinculam, nesse mesmo processo, às dinâmicas que as produziram, modificaram e fizeram circular. Em uma de suas metáforas para essa conéctica, Latour explica que seria como se, no material, pudéssemos colher sinais que nos sintonizam com cenas de seu processamento, revelando agentes, cotidianos, modelos, técnicas e conflitos (Ibidem, p.26). As coleções e suas descrições, por exemplo, são inscrições que nos conduzem a situações tão diversas quanto a prospecção de apoios à expedição ainda em solo russo e os contatos diretos com populações indígenas no campo. Assim, a materialidade dos conhecimentos produzidos pela expedição russa pode nos aproximar de cenas como a descrita

por Sara Ratner-Shternberg, permitindo imaginar o diretor Radlov em seu desígnio de encontrar apoios e permissões para o MAE:

> [...] E em qualquer tempo, fosse com chuva, pela neve derretida, com geada e vento forte, lá ia ele, apesar de sua idade já bastante avançada, munido de ordens e fitas para maior prestígio, caminhando resignado, como ele dizia, para "esquentar antecâmaras", ou seja, esperar na fila, nas salas de recepção dos ministros e outros dignitários.[59]

A seguir, outras delas farão ver Manizer conversando com os cientistas Alberto Childe ou Roquette Pinto no Museu Nacional do Rio de Janeiro; aprendendo e anotando, depois disso, sobre costumes e palavras Borum ao lado do velho Jerônimo no Posto de Pancas, na bacia do rio Doce; Geiman gesticulando diante de homens e mulheres Kadiwéu; Tanasiichuk e Strelnikov bolando maneiras de preservar seus frágeis espécimes entomológicos. Antes desses momentos, porém, a expedição passaria por novas e cruciais transformações já nas primeiras semanas a partir do desembarque dos cinco russos na América do Sul, nos permitindo explorar uma série de conexões locais.

[59] Ratner-Shternberg, 1928 apud. Korsun, 2015 p.235.

## Parte 2 - A etnografia da expedição em prática no Brasil

Nos dois capítulos a seguir, analisaremos detalhes dos encontros entre os etnógrafos da expedição russa e algumas sociedades indígenas do Brasil, da primeira metade de 1914 ao final de 1915. À medida que avançarmos, veremos que cada sociedade visitada também informava o interesse etnográfico e social dos russos sobre as imagens e relações produzidas pelas diferentes generalizações dos povos indígenas no prisma dos olhares científico, religioso e estatal de discursos nacionais que os debatiam no início do século XX. O capítulo examinará os reflexos simbólicos formados nessas narrativas, onde o "índio" aparece como representação e redução de sociedades muito diversas. No curso das observações dos russos, porém, emergem histórias, estratégias e atitudes específicas de cada povo.

O capítulo II privilegia um recorte iniciado com a chegada dos estudantes russos à América do Sul e suas cruciais primeiras semanas entre agentes locais, para então analisar as explorações realizadas por eles no estado de Mato Grosso, dando ênfase aos etnógrafos Fielstrup e Manizer. Já o capítulo III seguirá adiante, a partir de quando a dupla se separa, no final de 1914. Seu enfoque se produzirá no restante da expedição de Manizer, que continua em pesquisas no Brasil até outubro de 1915. No tópico final do capítulo, ainda será discutida a amplitude da prática científica do jovem viajante russo, como dinâmica que engendrou localmente referências históricas, espaciais e bibliográficas essenciais. A compreensão dessa variedade de operações será perseguida pela perspectiva do Brasil como elemento imprevisto para a expedição e que, mesmo assim, acabou sendo o objeto da presença de Manizer no continente americano. Serão demonstrados os papéis cruciais de atores e instituições brasileiras na produção de conhecimentos necessários ao etnógrafo, inclusive quando, no processo, ele começa a reunir evidências da esquecida expedição Langsdorff a partir do acervo do Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Em ambos os capítulos, as cartas e diários investigados permanecerão como o fio dos diálogos indicados, mas também das relações que os russos travaram com a ideia de uma guerra europeia, que conseguiu alcançar o desenho de seus planos mesmo quando estes ainda se desdobravam a distâncias amplificadas pelos desafios brasileiros na integração de suas regiões.

# Capítulo II. Os etnógrafos russos em Mato Grosso

## 2.1 Novas conexões e mudança de planos entre Buenos Aires e La Plata

Aproximando-se do desembarque planejado em Buenos Aires, Fielstrup já demonstrava que o grupo tinha uma noção objetiva dos próximos passos. Era 22 de maio, finalmente o último dia a bordo do navio Arlanza, quando o jovem etnógrafo de origem dinamarquesa e inglesa acrescentou mais algumas linhas ao relato que vinha dedicando à sua mãe. Segundo conta, eles chegariam por volta do pôr do sol, mas ainda teriam toda a noite pela frente, esperando que saíssem os passageiros da primeira e segunda classes. Sua inspeção e a dos demais imigrantes da terceira classe, rotina prevista pela lei argentina, só seria realizada na manhã seguinte. Então com os pés em terra firme na cidade, iria "começar um novo estágio dos nossos preparativos: as entrevistas com as pessoas às quais temos recomendações; a fixação final de nossa rota; e o plano de ação. Isso vai levar até cerca de uma semana ou dez dias"[60]. Como veremos, o cumprimento dessas tarefas levou, na realidade, três semanas, começando no íntimo contato entre os elementos projetados e a realidade, para culminar em mudanças fundamentais.

Cada encontro materializou algum dos nomes nas cartas de recomendação trazidas da Rússia em um homem de carne e osso. Assim, foi ganhando aspecto uma rede local de atores complexos, cujas posições e conhecimentos agregaram intercâmbios reais que ajudaram a produzir e modificar a expedição no campo. Os interlocutores que tiveram esse efeito ainda em Buenos Aires faziam parte da vida científica da cidade ou compunham a representação russa oficial existente naquele momento. No dia 29 de maio, Manizer envia a Shternberg um postal muito breve, acompanhado da fotografia de uma mulher Chamacoco. Nele, lê-se que "a preparação para a viagem está se arrastando um pouco e a partida daqui ainda não foi definida"[61]. Vinte dias depois, uma nova carta, do dia 18 de junho, continha respostas.

A história relatada por Manizer começa com uma visita à cidade de La Plata, poucos dias depois da chegada dos russos a Buenos Aires. Foi ali que ele e Fielstrup conheceram os alemães Robert Lehmann-Nitsche e Walter Schiller, ambos do Museu de Ciências Naturais ligado à Universidade Nacional de La Plata. O "atencioso" Lehmann-Nitsche logo os

[60] Carta de Fielstrup para a mãe, 22 de maio de 1914, p. 1. Rolo 8, im. 1509.
[61] Postal de Manizer para Shternberg, com fotografia, 29 de maio de 1914. Rolo 10, im. 2301,2302.

apresentou ao diretor do museu, Samuel Lafone Quevedo. Aqui vale salientar que, conforme indicado no primeiro capítulo da tese, ele e Nitsche estavam entre os contatos feitos por Shternberg nos congressos de americanistas alguns anos antes. Quanto mais os russos ouviram do que esses professores tinham a dizer sobre seus planos, menos atrativa parecia ficar a ideia de ir ao Chaco:

> A primeira coisa que nos foi dita diretamente foi que era muito arriscado ir ao Pilcomayo com nossos meios e, o mais importante, que os escritos sobre as línguas das tribos do Chaco publicados em 1913, assim como os que estão aqui impressos (a literatura nos foi dada e vamos trazê-la conosco para Petersburgo) tornam nossa excursão a esses lugares completamente inútil, além de que os índios são hostis, ou corrompidos e civilizados - portanto, também não há nada a tirar deles.[62]

Nessa mesma conversa, Quevedo ofereceu uma alternativa a se considerar. Então o assunto passa a ser o estado brasileiro de Mato Grosso e, especificamente, a promessa representada pelo povo Kinikinau, do rio Miranda, "cuja situação é tão obscura e que foi tão pouco avistado, que um dicionário de sua língua seria notícia, e objetos etnográficos poderiam ser coletados em abundância e intocados pela influência européia"[63]. De volta a Buenos Aires e por intermédio do líder ortodoxo Izraztsov, os jovens cientistas se encontraram com Juan Ambrosetti. Mais uma vez recapitulando, o diretor do Museu Etnográfico da Universidade de Buenos Aires também havia se tornado parceiro científico de Shternberg através dos congressos, tendo inclusive visitado São Petersburgo e fornecido peças ao MAE. Em um primeiro momento, Ambrosetti lhes prometeu vantagens para que reunissem herbaria para ele no norte do Chaco, mas depois concordou, segundo Manizer, "que fazia pouco sentido para etnógrafos irem ao Chaco para coleta, especialmente para o Museu de São Petersburgo, que já tem as coleções de Fric, e que realmente seria melhor uma viagem para Mato Grosso"[64].

Nessa ocasião, os russos também travaram diálogo com o diretor do Museu de História Natural de Buenos Aires, Ángel Gallardo, que lhes providenciou livros e publicações. Mato Grosso se tornava a escolha concreta e ainda mais pela ajuda financeira concedida por Ambrosetti. O etnógrafo argentino contribuiu com 400 pesos, sob a condição de que a expedição também trouxesse uma coleção para seu museu. Na pior das hipóteses, ele se contentaria em receber, da Rússia, materiais sobre a Mongólia e outros povos asiáticos. Nas circunstâncias em que escreveu sua carta, Manizer considerou esse apoio fundamental, já

[62] Carta de Manizer para Shternberg, 18 de junho de 1914. Rolo 10, im.2345-2348.
[63] Ibidem. im.2348.
[64] Ibidem.im. 2347.

que “sem ele havia tão pouca chance de sucesso”[65]. Em seus materiais, os jovens cientistas falam mais das preocupações com a questão prática dos gastos, destacando o papel da missão diplomática russa na viabilização de seus deslocamentos, por meio de descontos e outros benefícios que facilitaram a logística da expedição.

Uma boa parte do documento de Manizer é dedicada a comparar, nesse aspecto, os cenários representados por Chaco e Mato Grosso. Sua conclusão de que “a questão principal sobre a tarifa e comodidades acabou sendo a favor de Mato Grosso"[66] dialoga com a inserção do personagem Evgeny Stein. Como encarregado de negócios da Rússia na Argentina, Stein foi capaz de favorecer a expedição em seus bilhetes e bagagens. Também na correspondência com a mãe, Fielstrup diz que o “chargé d'affaires russo” contribuiu para que ele e seus companheiros tivessem recebido descontos de 25% na tarifa da viagem até Corumbá[67]. As atribuições e credenciais do diplomata russo foram instrumentais para uma articulação mais ampla da expedição nas redes sul-americanas. Desde 1910, Stein acumulava relações com assuntos oficiais de sua terra natal tanto na Argentina quanto no Brasil (SOBOLEVA, 2016, p.68).

Através dessa dinâmica, Manizer diz que “o embaixador brasileiro telegrafou para o Rio de Janeiro duas vezes a nosso respeito e nos deu um papel para entrada franca de nossa bagagem”[68]. Isso não só continua a nos mostrar como a expedição foi se desmembrando em agenciamentos, como também aponta para sua recepção e processamento por parte desse quadro posto em movimento. No contexto dessa atenção que se voltava para o Brasil, a constituição de suas primeiras imagens até ali era resultado de um misto dos relances litorâneos e da cidade do Rio de Janeiro em escalas da viagem, com aquilo que começavam a lhes contar ou que lhes dessem para ler na Argentina. Mas embora as muitas interações tivessem configurado possibilidades, havia o desafio de cultivar algum repertório sobre o destino imprevisto adiante e só restava fazê-lo em movimento. Como expressa Manizer, em ainda outro trecho para Shternberg, “o pior de tudo, claro, é que não nos preparamos em nada para ir até lá, não temos literatura nem conhecemos a língua portuguesa”[69].

Esse ponto é mais significativo se levarmos em conta que toda uma antecipação havia acompanhado a escolha preliminar do campo de trabalho ainda na Rússia. Em 1916, quando o matinal petersburguês *Birjevya Vedomosti* (Figura 7) lançasse a história contada por

[65] Ibidem. im.2347.
[66] Ibidem. im.2347.
[67] Carta de Fielstrup à mãe, rio Paraguai, 28 de junho de 1914 . Rolo 8, im.1501.
[68] Carta de Manizer a Shternberg, 18 de junho de 1914. Rolo 10, im.2346.
[69] Ibidem, im.2347.

Manizer, o público interessado leria que, "até a partida, nós energicamente reunimos literatura e inteligência"[70]. Além disso, o artigo mostra que realmente se tinha pensado bastante no tempo, gastos e meios de transporte para uma ida ao Chaco. Havia um caminho traçado, o que reforça a dimensão de mudança.

Русскіе студенты въ Южной Америкѣ.
БИРЖЕВЫЯ ВѢДОМОСТИ. — УТРЕННІЙ ВЫП.
№ 15575. 23-го мая 1916 г.

Figura 7. Alguns recortes do artigo de Manizer, intitulado "Estudantes russos na América do Sul", publicado em 23 de maio de 1916.
Fonte - .Rolo 14, im. 3598, 3599.

Outra questão pertinente à expedição na perspectiva de processo, e que se manifesta mais obviamente no caso dos estudantes russos, é a compreensão e formação de sua própria prática no campo. Apesar de um ou outro ter trazido alguma experiência em viagem científica, nenhum deles havia estado tão longe e todos somente começavam a assimilar as exigências locais. A primeira das cartas remetidas a Shternberg, também por Manizer, é

[70] Manizer, 1916a.

muito ilustrativa nesse sentido. A fonte é de 27 de maio, quando os russos iniciaram sua excursão a La Plata:

> Caro Lev Yakovlevich
>
> Lhe envio hoje a primeira experiência de "correspondência", para que verifiquemos o recebimento desta nota. Deixarei Buenos Aires hoje à noite e aproveito a ocasião para testar as condições do correio a partir daqui. O tempo, em geral, tem sido tão reduzido e há tanto para ver e ouvir, que escrevi sem reler e dificilmente será diferente daqui em diante. Se tiver ficado ruim, então eu talvez consiga aprimorar com o tempo. As impressões aqui derramam-se como em uma avalanche, se acumulando e abafando umas às outras, de modo que não se consegue identificá-las. A dificuldade talvez seja, principalmente, por me encontrar em processo de formação e, pela primeira vez, pensar em coisas que pouco me ocupavam antes - assim como tantos de nós!
>
> Meus assuntos vão muito bem por enquanto e não permanecerei na "patente inferior".
>
> Transmita minhas saudações a Sara Arkadyevna, Karl Karlovich e a todos que não tenham se esquecido de mim no Museu. Até o momento, eu mesmo não sei meu próprio endereço.
>
> Respeitosamente, G. Manizer.[71]

A maneira de escrever para o supervisor; com que frequência fazê-lo; em quais estímulos e buscas focar no campo, enfim, como conduzir o trabalho. Manizer deixa claro que entender essas questões refletiria diretamente no decorrer da expedição, mas que também estavam em jogo nessas práticas o amadurecimento e a inserção de jovens cientistas nos espaços da academia russa. Quando usa o termo "patente inferior", entre aspas, o etnógrafo "em formação" parece se apropriar do universo hierárquico dominante entre militares e burocratas no Império Russo desde Pedro, o Grande, para reivindicar seu enquadramento e a expectativa de ascender em uma estrutura que era social tanto quanto científica (GRAHAM, 1993; HACHTEN, 2002). Nesse tipo de fala, sintonizamos com mais uma das redes que, segundo o título de Latour (2000), "a razão desconhece". São essas relações presentes na informação e que podemos detectar em seus meios ou categorias de circulação. Portanto, o documento de Manizer indica que a produção social desse conhecimento também ocorreu como entrada, dele e dos demais, em um meio intelectual. Como vimos anteriormente, esse tipo de sociabilidade passava a acompanhar os materiais e projetos constituídos no seio de instituições russas como o MAE.

Por fim, é importante nos atermos, apenas por um momento, aos nomes citados por Manizer ao fim da carta. Já mencionada no primeiro capítulo, Sara Arkadyevna é Sara Shternberg, companheira do professor Lev e colaboradora no museu. Karl Karlovich, também

[71] Carta de Manizer para Shternberg, 27 de maio de 1914. Rolo 10, im.2300.

do MAE, no próximo capítulo deixará cair o patronímico para ser retomado como Karl Guilzen. Muito distantes das vozes que habitualmente ponderavam e davam aval, os cinco estudantes tiveram que consolidar as próprias tomadas de decisão a cada encruzilhada no caminho. No eixo entre Buenos Aires e La Plata, as primeiras dessas escolhas precisaram se apoiar em outras vozes experimentadas, que proporcionaram dados e alternativas. No estabelecimento de conexões e novos compromissos com figuras como Ambrosetti, os russos se responsabilizavam pelas contingências de uma nova expedição, produzida ativamente na América do Sul. Quando Manizer buscou comunicar todas as mudanças, já era o início da navegação fluvial até Corumbá e ele, inclusive, lamenta que "já estamos a caminho e podemos informá-lo sobre o que aconteceu, sendo privados da oportunidade de obter sua opinião e pedir seu conselho"[72]. Ao longo do capítulo, veremos que essas palavras preliminares ainda não dialogam com a espreita de uma guerra na Europa

Depois que os cientistas argentinos apontaram Mato Grosso, o trajeto dos russos pelos rios Paraná e Paraguai até Corumbá durou de 16 a 30 de junho de 1914. Uma vez ali, novos encontros imprimem ajustes à informação produzida em Buenos Aires e La Plata.

[72] Carta de Manizer para Shternberg, rio Paraguai, 18 de junho de 1914. Rolo 10, im. 2345-2348.

## 2.2 Pela remota fronteira oeste brasileira

Deixadas para trás aquelas primeiras encruzilhadas da jornada, Fiódor Fielstrup, Genrikh Manizer, Ivan Strelnikov, Nicolai Tanasiichuk e Sergei Geiman pressentiram que finalmente poderiam alcançar aquilo que buscavam, tanto em nome da coleta etnográfica e natural da qual haviam sido incumbidos, quanto daquelas que eram suas aspirações e interesses pessoais. Eram apenas os passos iniciais e já havia levado cerca de um mês desde aquele dia 23 de maio de 1914 - o desembarque em Buenos Aires - entre preparações e contatos, que haviam gerado dúvidas, mas também apontado prováveis caminhos. A ansiedade que se acumulara até ali parece saltar das linhas que formavam as palavras escritas no alfabeto cirílico, profusas nos papéis usados para registrar e comunicar. Já em Mato Grosso, o relato de Manizer para Shternberg traria uma sucinta demonstração do momento, em poucas linhas e apenas uma frase: "Apesar de praticamente três meses de viagem e de toda a expectativa, nós ainda não chegamos ao nosso objetivo, ou seja, ainda não vivemos entre os selvagens"[73].

Inquietação e insatisfação podem ser imaginadas no semblante do jovem etnógrafo finalizando sua carta, mas isso não é tudo a ser notado. Um detalhe importante está na contagem feita por Manizer quando fala no tempo de viagem e expectativa. A carta é datada de 16 de julho, exatamente um mês após a partida do grupo da capital argentina, o que significa que a procura e as dificuldades não cessaram na chegada a Corumbá. Esse aspecto tomará mais forma à medida que avançarem as páginas deste capítulo. No momento em que escreveu a carta, portanto, Manizer se via ao lado de seus companheiros desde abril, quando haviam embarcado em São Petersburgo. Aliás, esse período, embora não pareça tão longo à primeira vista, fora suficiente para que os cinco viajantes fossem surpreendidos, no mês seguinte à chegada em Mato Grosso - agosto de 1914 - com sua cidade natal sendo tratada por um nome novo nas isoladas notícias que alcançavam o oeste brasileiro naquele momento.

Qual não seria a sensação de saber que a velha São Petersburgo, capital imperial, passara a se chamar Petrogrado em virtude da deflagração oficial, no mesmo mês, de uma guerra europeia que mobilizaria o mundo inteiro? Aparentemente, o conflito marcava, entre outras, a oposição entre russos e alemães e teria sido esse o motivo pelo qual os membros da expedição haviam deixado São Petersburgo e - era provável - voltariam para Petrogrado. O nome São Petersburgo - *Sankt Peterburg* - esteve associado, quando de sua construção por

[73] Carta de Manizer a Shternberg, Mato Grosso, 16 de julho de 1914. Rolo 10, im.2349-2350.

Pedro, o Grande, em 1703, à ambição do czar em "dar forma a uma janela para a Europa". Séculos mais tarde, porém, as partículas *sankt* e *burg* tornaram-se "germânicas demais" para a guerra que se iniciava em 1914 e o momento trouxe a mudança[74]. Depois de anos, a controversa janela russa para a Europa se fechava no nome, também acenando para turbulências que se encadeavam internamente no Império desde 1905 e desaguariam em outubro de 1917 (BERMAN, 2007; BEER, 2008; REIS, 2017).

Outro detalhe contido no trecho da carta de Manizer transporta a perspectiva e a traz de volta para onde os jovens russos estavam naquele momento, já que quaisquer das novidades sobre o lar e a Europa só poderiam alcançá-los se os encontrassem no interior do Brasil porque, afinal, era ali que estavam à procura dos "selvagens". A carta dizia que eram eles, os nativos, o objetivo. A busca, como a passagem e outros extratos dos documentos deixam claro, era pelos indígenas e, mais que isso, viver com eles. Chegar a esse momento contemplaria todos os fins em simultâneo: a importância da experiência de campo para o trabalho etnográfico, conforme orientado por Shternberg e os demais "adultos"[75] do Museu de Antropologia e Etnografia da Academia Russa de Ciências; as coletas de material etnográfico encomendadas pelos "adultos" de outras instituições[76]; e até mesmo caberia o simples desejo pessoal dos viajantes pela experiência do encontro e convivência com o que Strelnikov veio a chamar de "luxo e riqueza da vida na Terra e as fontes da cultura humana"[77].

A bem da verdade, a própria dupla composta por Ivan Strelnikov e Nicolai Tanasiichuk compartilhava do interesse pela imersão na vida dos nativos, embora fossem, tecnicamente, os responsáveis pela parte não humana de todo esse "luxo e riqueza" tropicais. Esse sentido prático das atribuições de coleta de cada especialista impregnou a viagem a partir de Corumbá e acabou dividindo o grupo no dia 14 de julho daquele ano[78]. Foi assim, então, que a dupla de zoólogos permaneceu, em um primeiro momento, nas florestas dos

---

[74] Shmemann, Serge, *Leningrad, Petersburg and the great name debate*. The New York Times, 13 de junho, 1991, Seção A, página 18. Matéria do arquivo digital do The New York Times sobre o referendo russo acerca da mudança do nome da cidade de Leningrado de volta para São Petersburgo.
Link: https://www.nytimes.com/1991/06/13/world/leningrad-petersburg-and-the-great-name-debate.html, acesso em 3 de maio de 2021.

[75] A palavra "adulto", nesse caso, é a tradução literal do termo russo utilizado na carta. Com essa terminologia, Fielstrup fazia referência às pessoas mais experientes que orientaram os planos da expedição, em especial Radlov e Shternberg. Fielstrup oferece, dessa maneira, um vislumbre da relação que delimitava, de um lado, os jovens e, do outro, aqueles por quem as decisões deveriam passar. No caso da expedição russa de 1914-1915, esse crivo estava no MAE.

[76] Carta de Fielstrup a Emil Fielstrup, 28 de março de 1914. Rolo 8, im.1526-1527.

[77] Relatório de Strelnikov intitulado *Nautchnie resultati russkoi ekspeditsi 1914-1915g.g. Brazilia, Bolivya i Paragvay* ("Resultados científicos da expedição russa de 1914-1915. Brasil, Bolivia e Paraguai"), apresentado à Sociedade Geográfica Russa em 22 de abril de 1964. Rolo 14, im. 3503-3536.

[78] Diário de Strelnikov, 15 de julho de 1914. Rolo 12, im. 10417-10486.

arredores de Corumbá, enquanto os outros três "farejavam" pelos rastros de indígenas, fiando-se nas conversas com os professores de La Plata[79] sobre Mato Grosso:

> [...] onde existe o povo Kinikinau no rio Miranda, cuja situação pouco clara e de raros contatos faria do dicionário desse idioma uma novidade e o material etnográfico, intocado pela influência europeia, poderia vir a ser coletado em abundância. A parte zoológica da nossa expedição poderia ser realizada, claro, através da exuberância natural do local onde estivermos.[80]

Essas palavras, no entanto, foram contrapostas pelas pronunciadas em francês por um belga que, naquele momento, era o intendente em Corumbá. Ao ser questionado sobre o assunto, o intendente Wanderley explicou que os indígenas que não possuíam histórico de contatos travados com europeus, o que incluía os Kinikinau, já há bastante tempo haviam migrado para partes mais profundas das matas, praticamente aniquilando as chances de encontrá-los[81]. Uma vez ali, porém, o grupo não deixou de circular pelas localidades próximas, como Acurizal, São Domingo e Ladário, reunindo o que podiam de informações e, ocasionalmente, retornando a Corumbá para pegar alguma coisa que haviam deixado armazenada[82]. Foi assim que, pelo primeiro conjunto de dias em Mato Grosso, Strelnikov e Tanasiichuk chamaram Corumbá de "nossa base"[83].

Foram cerca de duas semanas da chegada a Corumbá até o momento em que os etnógrafos, enfim, descobriram para onde seguir. Jornada retomada, muitos quilômetros de sol, chuva, prados, estepes e "uniformes fileiras de troncos de carandá" depois, os carros de boi que levavam os três russos remanescentes, suprimentos e um guia indígena com suas três esposas alcançaram, enfim, seu destino[84]. O guia era um Chamacoco paraguaio chamado José que, aparentemente:

> Se gabou, no caminho, que viveu com os Kadiwéu por 12 anos, que conhece sua língua, que possui três mulheres daquele povo e etc… parece que apenas o último é verdadeiro, como ele havia falado no último posto de fronteira da companhia, de onde nós já deveríamos ter entrado no território dos índios - muitos índios apareceram - eles vêm trabalhar e comer carne, que não têm em casa. O administrador do posto (Retiro) é negro e muito mais simpático (como os negros em geral), educado e inteligente que nosso guia. Nos foi dado um galpão com telhado de palmeira às margens do gelado e veloz córrego Aquidaban, nas quais se acumulam os topos de imensas rochas, e sobre as quais penduram-se ramos de árvores e palmeiras. Pendurar redes e acender fogueiras nesses locais consiste no

[79] Cartas de Manizer à família, 28 e 29 de maio de 1914, p.21 e 22. Rolo 10, im.2104-2178.
[80] Carta de Manizer a Shternberg, 18 de junho de 1914. Rolo 10, im.2345-2348.
[81] Diário de Strelnikov, 2 de julho de 1914. Rolo 12, im. 10417-10486.
[82] Diário de Strelnikov, 8 de julho de 1914. Rolo 12, im. 10417-10486.
[83] Relatório de atividades de Strelnikov e Tanasiichuk para Shternberg, 2 de dezembro de 1915. Rolo 10, im.2294-2298.
[84] Carta de Manizer à família, 26 de julho de 1914. Rolo 10, im.2104-2178.

> arranjo de moradia. Aqui nós passamos três dias, à espera da preparação da carne seca que deveríamos levar conosco. Na primeira noite, nos juntamos, ao redor de fogueiras, as pessoas seminuas, de rostos achatados e olhos vesgos, com sobrancelhas e cílios arrancados. No dia seguinte, toda essa fisionomia indígena veio até nós farejando as coisinhas que temos para eles. Eu tentei fotografar, mas só consegui furtivamente, porque, de outra maneira, eles exigem dinheiro ou apenas correm para longe. Quando fizeram carne, eles tomaram as entranhas para si e comeram tudo. Uma das filhas estava enfeitada com bizarros ornamentos pretos ao redor dos lábios e do nariz. Nosso hospitaleiro anfitrião não quis nos deixar mais a pé e nos levou, ele mesmo, até a aldeia Nalike no carro levado por touros. Foram conosco parte dos índios - para casa[85].

Revisitando o trajeto através das mesmas cartas de Manizer nesse período, aparecem outras paradas em locais do mesmo tipo que "Retiro", desde a saída de Corumbá[86]. Locais com administradores para recebê-los, além de trabalho e carne para os indígenas que viam essa estrutura se formando próxima a seus territórios. Manizer não define a "companhia"[87] em suas palavras, mas os diários de Geiman indicam tratar-se de uma empresa pecuarista chamada "Barranco Branco", um saladeiro cujas extensas terras e entrepostos formavam limites com o território Kadiwéu, quilômetros abaixo de Corumbá, pelo rio Paraguai. Segundo a documentação, o intendente Wanderley foi quem promoveu a recepção dos russos pela administração do empreendimento. Esse momento possibilitou aos viajantes dinamizar e abrigar sua própria atividade através de indivíduos e cotidianos de trabalho então marcantes na região. O gado das fazendas pantaneiras próximas a Corumbá era a fonte de charqueadas fornecidas ao Oeste Paulista na época (OLIVEIRA, 2015, p.128). Ainda sobre elementos da paisagem local, a documentação das andanças em separado dos zoólogos Strelnikov e Tanasiichuk em Mato Grosso - que serão o assunto do último capítulo da tese - traz o encontro dos russos com parte de uma estrutura telegráfica que, segundo descobriram depois, ligava Corumbá e São Paulo[88].

Desde o início do século, o telégrafo galgava, ano a ano, a posição de símbolo maior do avanço do Estado brasileiro pelos sertões do norte e oeste. A multiplicação das linhas e estações de transmissão era atribuída aos serviços de comissões, criadas, desde os anos finais do século XIX, no intuito de ligar as regiões mais remotas do território à capital da jovem república. A atuação dessas comissões se circunscreve a um conjunto maior de iniciativas que protagonizaram expedições que, como as organizadas pelo Instituto Oswaldo Cruz a partir de 1906, funcionaram como carreadoras do impulso modernizante e civilizatório tipicamente

[85] Carta de Manizer à família, 3 de agosto de 1914.Rolo 10, im.2104-2178.
[86] Carta de Manizer à família, 26 de julho de 1914.Rolo 10, im.2104-2178.
[87] Na carta, Manizer utiliza o termo russo "kompanya", que pode significar empresa, iniciativa, empreendimento ou mesmo companhia.
[88] Diário de Strelnikov, 10 de agosto de 1914. Rolo 12, im. 10417-10486.

republicano (LIMA e SÁ, 2017, p. 22). A imagem das estações telegráficas, nesse primeiro sentido, era a de verdadeiros "centros irradiadores de civilização", planejados para levar consigo estrutura e povoamento para o interior(CASER, 2009; LIMA e SÁ, 2017).

É necessário abordar um segundo sentido, no entanto, para que se identifique o porquê dessas comissões terem envolvido a instalação do telégrafo. Esse sentido pragmático coloca o telégrafo ao lado das ferrovias em remeter à questão da "urgência nas comunicações e trocas" (MACIEL, 1998, p. 54), que já despontava no horizonte de problemas a serem solucionados antes mesmo da proclamação da República. O estado de Mato Grosso, onde estavam os russos em 1914, havia sido o palco da invasão marcante das tropas paraguaias comandadas por Solano López durante a Guerra da Tríplice Aliança, na segunda metade do século XIX. A relativa facilidade dessa incursão e a imensa dificuldade na troca de informações e comandos entre o litoral e a frente de batalha foi capaz de dar tamanho à fragilidade e isolamento da região e de toda uma extensão de fronteira do território (DOMINGUES, 2010). Ainda outra amostra marcante do que era a comunicabilidade - ou a quase total falta dela - com a região nos é conferida por César Domingues:

> Apesar das iniciativas implementadas desde o governo imperial para melhorar o sistema, as dificuldades de comunicação com os pontos mais afastados do imenso território brasileiro continuavam a representar um grave problema para a segurança da nação. Havia uma grande dificuldade para a circulação de mercadorias e pessoas na região noroeste, aonde se chegava mais facilmente por via fluvial através do rio Paraguai, contornando o litoral brasileiro e entrando pelo estuário do Rio da Prata, que por via terrestre. Apenas para citar um dos exemplos que justificam esta afirmativa, existe o fato dos habitantes de Cuiabá só terem tomado conhecimento da queda da monarquia e da Proclamação da República em dezembro, quando um paquete chegou trazendo as novidades da Capital (DOMINGUES, 2010, p.4).

A rota fluvial apontada nesse fragmento foi justamente a percorrida pelos cinco russos para chegarem a Corumbá, no já conhecido rastro do que havia sido traçado pelos primeiros viajantes europeus que se arriscaram em incursões para Mato Grosso (LEITÃO, 1941, p. 332; COSTA, 2017). Esses caminhos se transformaram, dessa forma, nas únicas portas de entrada conhecidas para os longínquos sertões do centro-oeste e noroeste brasileiros. Os primeiros anos da república encontraram uma malha telegráfica imperial que não havia alcançado Mato Grosso, Amazonas e Goiás, além de áreas recentemente incorporadas ao território, como o Acre (LIMA e SÁ, 2017 p.26). Antes das comissões, apenas os rios garantiam a chegada a esses imensos "vazios demográficos" e, mesmo depois de anos, Claude Lévi-Strauss não percebeu essa paisagem de maneira muito diferente:

> Quem vive ao longo da Linha Rondon facilmente se julgaria na Lua. Imagine-se um território do tamanho da França, três quartos inexplorados; percorrido somente por pequenos bandos de indígenas nômades que estão entre os mais primitivos que se possam encontrar no mundo; e atravessado de ponta a ponta por uma linha telegráfica (LÉVI-STRAUSS, 1979, p.267).

As fontes primárias da expedição russa conversam com essa realidade, entre outras passagens, em um trecho da descrição feita pelo zoólogo Strelnikov sobre Corumbá:

> Cidade relativamente pequena, mas com pessoas de origens diversas, falando línguas diferentes. Algumas em busca de aventuras, outras ali para se fixar. Não muitos ficam por muito tempo e vão para outros lugares. Reputação do estado de Mato Grosso, como um todo, de ser lugar de foras da lei. Ficavam, por exemplo, em Corumbá, aqueles que fugiam de pessoas, da lei ou do Estado [89].

Não apenas de pessoas, alguém poderia facilmente fugir para Mato Grosso, como bem indicou Strelnikov. Afinal, se o mais importante porto daquele estado já possibilitava um esconderijo até mesmo das forças do governo central, é de se imaginar a reputação do restante da região e o porquê das preocupações que resultaram nas expedições das comissões estratégicas. De um lado, Mato Grosso era desconectado da própria nação a qual deveria, supostamente, integrar. Literalmente do outro lado, porém, as conexões nas fronteiras estrangeiras tornavam a região mais exposta àquilo que era, em tese, externo ao território brasileiro. Um cenário desses acaba, portanto, por justificar a presença constante de Mato Grosso na pauta das campanhas de incursão ao território desde o final do século XIX:

> No que se refere particularmente ao telégrafo, a primeira grande comissão criada pela República foi a Comissão Construtora de Linhas Telegráficas do Rio de Janeiro ao Mato Grosso, que, sob a chefia do Major Gomes Carneiro, esteve em funcionamento entre os anos de 1890 e 1898, alcançando a região do rio Araguaia. No ano de 1900, foi criada outra importante comissão. Colocada sob a chefia do então jovem oficial Cândido Rondon, a Comissão Construtora de Linhas Telegráficas de Mato Grosso a Goiás concluiu, em 1906, a ligação telegráfica entre Cuiabá e Corumbá, na fronteira brasileira com o Paraguai e a Bolívia (CASER e SÁ, 2010: 364).

Naquele mesmo período em que tomava seu curso a expedição russa, era a vez da chamada Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas percorrer, desde 1907, os sertões do território nacional. As direções tomadas pelas atividades desse projeto expressavam diretamente os interesses dos dois orgãos governamentais aos quais esteve subordinado. Pela ligação ao Ministério da Guerra, uma das atribuições da Comissão (CLTEMTA) era a de ligar e comunicar as fronteiras brasileiras com Bolívia, Peru

[89] Diário de Strelnikov, 3 de julho de 1914. Rolo 12, im. 10417-10486.

e Paraguai, conquistando-as por terra e construindo uma rede telegráfica, distribuída em estações administradas e protegidas militarmente:

> Não se tratava apenas de estabelecer as comunicações com o norte do país, mas de obra muito mais extensa e completa: encerrar os principais pontos estratégicos da nação, de forma a permitir integração e vigilância. A ideia era transformar os limites extremos do país em postos de estacionamento de forças militares. Os pontos principais de vigilância militar do território seriam Porto Murtinho e Bela Vista, na fronteira com o Paraguai, e Corumbá e Coimbra na divisa com a Bolívia. (LIMA E SÁ, 2017, p. 30)

Ao mesmo tempo, a campanha reportava em outro sentido à Secretaria dos Negócios da Agricultura, pertencente ao Ministério da Indústria, Viação e Obras Públicas. Segundo os planos desse segundo ministério, a CLTEMTA estava incumbida de realizar levantamentos dos recursos naturais e humanos dos locais percorridos, estudando características de povoamento e produção de gêneros agrícolas (Ibidem, p. 30). Todas essas direções, independentemente do ministério, apontavam na direção do progresso que habitava as mentalidades positivistas do início da República. Esse processo, inevitável, deveria arrebanhar os espaços e as pessoas que ainda não o conheciam, e esse também era o caso dos indígenas. As atitudes e políticas que passavam a ser destinadas, pelo Estado, às sociedades nativas brasileiras foram as principais atividades a terem notabilizado a Comissão e a figura do homem que estava à frente dos trabalhos, o então jovem oficial Cândido Mariano da Silva Rondon (1865-1958), que já colecionava atuações em comissões anteriores (LIMA e SÁ, 2017, p. 26; KURY e FEDI, 2017). Maria de Fátima Costa nota que o próprio Rondon viria a destacar as comissões em contraste com viagens científicas que já haviam estado em partes de sertões como os de Mato Grosso. Segundo analisa em uma fala do sertanista em 1910, as diferenças importantes dialogam com atribuições próprias desse empreendimento nacional. Por exemplo, a empresa envolveu processos dificultosos em caminhos por terra, para abertura de rotas nas matas e instalação de estruturas, tendo podido optar menos por utilizar a navegação fluvial que, já discutido aqui, havia viabilizado as jornadas de viajantes anteriores. Em suma, a autora indica que toda uma outra dimensão de presença política e material caracterizava a novidade das comissões como incursão ao território (COSTA, 2017, p.50).

A elaboração das diretrizes oficiais daquele momento no que concernia ao gerenciamento da questão indígena nacional ganhou a forma do chamado Serviço de Proteção aos Índios e Localização dos Trabalhadores Nacionais (SPILTN), criado através de um decreto assinado em 1910, ao final do governo do presidente Nilo Peçanha. Orientado por uma visão protecionista e tutelar, compartilhada e disseminada por Rondon, esse dispositivo

estatal distribuiria unidades - ou postos de Inspetorias - próximos a territórios indígenas. A essas Inspetorias era conferida a responsabilidade pela condução das dinâmicas que deveriam resultar na desejada "pacificação" dos nativos. Em caso de empreitada bem sucedida, esses indivíduos aprenderiam a se portar das maneiras consideradas corretas e se tornariam aptos a estarem integrados à civilização e ao mundo do trabalho, que era um requisito básico para sua participação no desenvolvimento da nação (LIMA, 1987; LIMA, 1995; BIGIO, 2007; BRITO e LIMA, 2013) .

Por ter sido o membro da expedição russa a passar o maior período em solo brasileiro, o etnógrafo Genrikh Manizer também foi quem experimentou com maior profundidade as entranhas dos postos de Inspetorias do SPILTN e as nuances das relações produzidas no contato cotidiano com diferentes grupos indígenas. Nem o ato de observar, em primeira mão, os diários e demais manuscritos de Manizer, nem a busca por respaldo na historiografia russa deixam dúvidas a respeito do papel central dos postos do Serviço na jornada empreendida pelo etnógrafo, a partir do momento em que Geiman e Fielstrup já não o acompanhavam. Praticamente sem dinheiro enquanto se esforçava para avançar em seus passos pelo território brasileiro, afortunadamente "Manizer morou nos postos do Serviço de Proteção aos Índios, gastando apenas com deslocamento e material etnográfico" (BELOV et.al., 2014, p. 278).

Acompanhar essas paradas no caminho do etnógrafo russo até que finalmente chegasse à última delas, na bacia do rio Doce, entre Minas Gerais e Espírito Santo, consiste em poder parar junto e, com seus olhos de empréstimo, observar a vida de funcionários do governo central e indígenas nos postos e aldeamentos, buscando entender onde estavam a antropologia e a etnografia, em sua condição de ciências fundamentais na configuração dos elementos presentes nesse convívio diário. Embora Manizer tenha percorrido muitos quilômetros na expedição e utilizado essa estrutura, a bibliografia ajuda a indicar sua ausência no local específico para onde ele, Fielstrup e Geiman se destinavam em julho de 1914, pois as atividades do SPILTN apenas chegariam aos Kadiwéu dali a poucos anos:

> Em janeiro de 1918, seguindo a decisão da Lei nº. 3.454, artigo 118, o órgão foi dividido. O setor que cuidava da localização de trabalhadores nacionais foi removido para o Serviço de Povoamento do Solo (SPS), ficando constituído, definitivamente, aquele que por muitos anos seria o SPI, que passou a manter postos administrativos junto aos Kadiwéu, dentre outros grupos indígenas, a partir da década de 1920 (JOSÉ DA SILVA, 2014, p; 74).

## 2.3 Nalike e os Kadiwéu

Era início de agosto quando o administrador do local se dispôs a conduzi-los, pela primeira vez, à aldeia dos Kadiwéu. Manizer inicia sua carta já se reportando de dentro da aldeia, "isto é, sob a cobertura da nossa "casa", junto a alguns outros toldos desse tipo, onde estão alojados os remanescentes da antiga tribo que, um dia, derrotou o Paraguai"[90].

Mais adiante, o relato do etnógrafo recua um pouco no tempo para descrever alguns aspectos do trajeto até ali:

> Os índios iam nos touros, arrumando a bagagem e sentando em cima dela. O nariz do touro é enfiado com um cinto e ele vai obedientemente onde o cavaleiro quer. Certa vez, a tribo Kadiwéu fora guerreira montada - agora nada resta dos cavalos e, do gado, apenas touros de carga e vacas leiteiras (muito mal). As índias frequentemente estão nuas até a cintura, nariz com penduricalhos. As crianças também vão montadas, à frente delas. Se algumas das fotos que tirei ficaram boas - não sei e duvido[91].

Apesar de, nesses dois trechos, Manizer ter escrito sobre uma situação presente que estava vivendo, a carta chega a fazer referência a um passado em que os Kadiwéu haviam sido guerreiros sobre cavalos e, além disso, tinham enfrentado o Paraguai. Os "remanescentes" que os russos encontraram abrigados sob os "toldos" de Nalike, descendiam daquela "antiga tribo" que, nas palavras de Manizer, parece outra completamente diferente e distante daquele punhado de pessoas diante dele. Essas partes da carta deixada pelo etnógrafo russo tocam, de maneira breve, em lembranças e símbolos muito caros àquela sociedade indígena e à construção de suas visões de si mesmos. O pesquisador Giovani José da Silva, que atualmente integra o quadro docente da Universidade Federal do Amapá (Unifap), viveu com essa sociedade indígena na região (1997-2004), onde se estabeleceu a chamada Reserva Indígena Kadiwéu e, como interlocutor dessas pessoas, presenciou como são cruciais para sua consciência coletiva, ainda hoje, tanto as memórias da relação com a montaria, quanto aquelas de sua participação no conflito platino (JOSÉ DA SILVA, 2007).

As histórias sobre o papel ativo desempenhado pelos Kadiwéu durante os enfrentamentos aos paraguaios ao longo da fronteira na Guerra da Tríplice Aliança, que se arrastou de 1864 a 1870, são transmitidas de avós para netos, reforçando e renovando o

[90] Carta de Manizer à família, 3 de agosto de 1914. Rolo 10, im.2104-2178.

[91] Carta de Manizer à família, 3 de agosto de 1914. Rolo 10, im.2104-2178.

orgulho da antiga alcunha de “índios cavaleiros”(JOSÉ DA SILVA, 2007, p. 90) além de demonstrar como os elementos notados por Manizer se entrelaçam na formação da tradição:

> Ainda que a sociedade Kadiwéu tenha sofrido mudanças ao longo do tempo, valores ligados à guerra ainda marcam os limites da identidade étnica do grupo. O relembrar a relação com os não-índios (*ecalailegi*, lê-se “ecalailegui”), por meio das alianças com os brasileiros, está mediada, assim, pela afirmação da identidade. O *ethos* guerreiro é recordado por narrativas, as *histórias que aconteceram mesmo* e as *histórias de admirar*, e acionado na relação com os não-índios como advertência contra a ameaça à integridade cultural e territorial dos Kadiwéu (Ibidem, 2007, p. 86).

Em meio aos tipos de memória que, segundo o autor, os Kadiwéu chamaram de “*histórias de admirar* (o que seria chamado de mitos, por antropólogos) e as *histórias que aconteceram mesmo* (narrativas de cunho verídico)” (Ibidem, p. 84), essa sociedade empreende um processo contínuo e fluido de conferir sentido a si, através de como contam as lutas, o território e as relações entre presente e passado. Se a imagem dos indígenas guerreiros sobre cavalos, quando evocada pela escrita de Manizer em 1914, pode parecer um tanto desbotada e distante no tempo, isso significa que aquele momento oferecia contemplar uma realidade já consideravelmente diferente. O etnógrafo russo traz essa mudança simbolizada pelos animais, quando completa o relato dizendo que “agora nada resta dos cavalos e, do gado, apenas touros de carga e vacas leiteiras (muito mal)”. Nessa breve passagem, Manizer acaba sintetizando a ideia de toda uma transição entre dinâmicas de vida para os Kadiwéu.

Nesse sentido, a possibilidade de se observar rebanhos tomando o lugar antes ocupado por cavalos no cotidiano Kadiwéu é uma potente marca do progressivo avanço da fronteira agrícola e do trabalho indígena nas fazendas de gado. A região vinha mudando e,

> Em fins do século XIX e início do século XX os Kadiwéu já se encontravam praticamente sedentarizados no conjunto de terras atualmente demarcado e juridicamente denominado Reserva Indígena Kadiwéu (JOSÉ DA SILVA, 2014, p.67).

Logo a partir do início da estadia do trio de viajantes russos na aldeia Nalike, a documentação entrega a preocupação na descrição da fisionomia do lugar e também a daqueles indivíduos que observavam, com olhos provavelmente bem atentos, os recém-chegados:

> Na tarde do dia 2 nós chegamos à tolderia - a capital acabou sendo uma pequena fileira de 6-7 galpões com uma população bastante densa de crianças, mulheres e

> homens - há poucos idosos, mas os próprios jovens parecem mais velhos. Após a apresentação ao capitão - exageradamente educado e imponente, mas muito ingênuo e bem-humorado - fomos levados para uma tenda no canto. É uma tenda sem paredes - significa "você pode ver de todos os lados" e é um tanto inconveniente. Imediatamente então começou o incrível bazar. Começaram a nos empurrar bugigangas, querendo trocá-las por nossas contas[92].

Figura 8. Aldeia ou "tolderia" Nalike. Desenho de Genrikh Manizer. 4 de agosto de 1914. Fonte - Diários e anotações de Genrikh Manizer.

Partindo das anotações feitas pelo etnógrafo quando demonstra estar munido de algumas informações a respeito dos contextos locais e da trajetória dos indígenas, resta a pergunta sobre as possíveis fontes que teriam suprido os russos. Em um primeiro momento, a resposta para essa questão pode apontar diretamente para pessoas presentes na ocasião. Exemplo plausível de informante pode ser identificado no administrador do posto de fronteira, que os havia recebido e ainda acompanhou até Nalike. Nesse caso, Anderson Antunes (2015) o chamaria de *colaborador*, mas ele estaria inserido em apenas uma das categorias que, segundo proposto pelo autor, compõem as intrincadas redes de suporte formadas ao longo de expedições científicas. O arranjo maior que resulta do exercício de elencar esses indivíduos - os *auxiliares* - demonstra que as viagens não constroem sua base de apoio olhando unicamente para quem as acompanha ou cruza seu caminho, seja nas fases de preparação, seja na jornada propriamente dita (ANTUNES, 2015).

Isso quer dizer que certas modalidades de suporte provém de pessoas com as quais os naturalistas, muitas vezes, nunca sequer tiveram contato. As pessoas funcionam como fontes, nesses casos, quase que remotamente e encarnadas em seus próprios livros, anotações e

[92] Carta de Manizer à família, 3 de agosto de 1914. Rolo 10, im.2104-2178.

expedições anteriores. Então munidos dessas informações, os viajantes da vez podem recorrer ao mapa ou rastro da experiência de quem já esteve no local. A essa categoria, Antunes (2015 p. 21) dá o nome de *referência*[93]. Ainda sobre esse assunto, é possível pensarmos o olhar a expedições anteriores enquanto característica das campanhas científicas do final do século XIX e início do XX, embora não seja endêmico a esse período:

> As expedições científicas para o estudo dos nossos selvícolas, durante o presente século, se sucedem quase todos os anos. Não são mais aquelas curtas estadias de semanas, dos que vinham desbravar um terreno totalmente desconhecido, e se podiam contentar com os dados que aqueles breves contatos lhes forneciam. Os roteiros estavam conhecidos e, por isso mesmo, os que vinham de longínquas terras traziam um programa bem estabelecido: - Verificar as observações dos seus antecessores, corrigi-las ou dilatá-las – e tal desígnio exigia uma demora mais longa para um exame mais meticuloso, a necessidade de uma comunhão mais íntima com esses homens de uma cultura diferente, almas que, como as actínias, só se expandem completamente na água tranquila e mansa de uma confiança absoluta e sem receios (LEITÃO, 1941: 327; 328).

As anotações e correspondência da expedição russa de 1914 corroboram com esse padrão, sobretudo em uma carta de Manizer, na qual reporta de Mato Grosso ao supervisor Lev Shternberg. Em um determinado momento desse documento, Manizer escreve que "Sobre Frič, de maneira geral, muitos aqui conhecem e estes, inclusive, consideram a si mesmos amigos dele, mas ele mesmo não vimos.[94]" Em um segundo momento, ainda na mesma carta, Manizer já indica a ida ao encontro dos Kadiwéu e projeta o valor do trabalho entre eles: "Eu me lembro da coleção dos Kadiwéu que temos no museu académico. Provável que não consigamos acrescentar algo novo nesse sentido, mas talvez possamos elucidar aquilo que já temos.[95]" O responsável pela coleção da qual Manizer fala nesse trecho da missiva é o jpa mencionado botânico tchecoslovaco Albert Vojtech Frič, que veio à América do Sul em quatro ocasiões entre 1901 e 1912, tendo sido a última delas justamente a serviço do Museu de Antropologia e Etnografia (MAE) da Academia de Ciências Russa (KORSUN, 2012, p. 72,73; CARNEIRO, 2019, p. 33).

A maneira como Manizer faz sua referência a Frič atesta, por si só, que as pegadas dos russos naquela região já se formavam sobre as marcas menos frescas deixadas pelos pés do tchecoslovaco. A distância relativamente curta entre as duas viagens faz ainda mais conveniente que a primeira tenha informado a segunda, sobre os indivíduos estudados, as perspectivas de coleta e o ambiente que cercava o trabalho. Enquanto isso, é preciso dizer que

[93] O nome completo do grupo é *Referência e Motivação* (p. 21)
[94] Carta de Manizer a Shternberg, 16 de julho de 1914. Rolo 10, im.2349-2350.
[95] Carta de Manizer a Shternberg, 16 de julho de 1914. Rolo 10, im.2349-2350.

nem mesmo Frič deu seus passos no escuro, principalmente graças aos caminhos do artista e viajante italiano Guido Boggiani[96], responsável por registros dos mais importantes sobre a vida dos Kadiwéu no final do século XIX:

> Boggiani visitou pela primeira vez a área habitada pelos Kadiwéu em 1892 e anotou em diários diversas observações etnográficas e artísticas que deram origem à obra *Os caduveos*. Ele retornou à região em 1897, registrando, nessa segunda viagem, as rivalidades entre o coronel Malheiros e os indígenas Kadiwéu. Fez ainda novas anotações que geraram outro trabalho, no qual aprofundou seus conhecimentos sobre o modo de vida dos indígenas e suas relações com o contexto regional (JOSÉ DA SILVA, 2014, p. 61).

O trecho destacado acima nos informa sobre um conflito que Boggiani acompanhou de perto e que precedeu as primeiras iniciativas de demarcação das terras reservadas aos Kadiwéu. As "rivalidades entre o coronel Malheiros e os indígenas" representam o problema do avanço da colonização e da pecuária no sul de Mato Grosso, especialmente a partir da reabertura da fronteira oeste no pós-guerra da década de 1870, acompanhada por iniciativas do governo imperial brasileiro visando a ocupação da região (Ibidem, p.60). O proprietário e pecuarista português Antônio Joaquim Malheiros foi uma das encarnações dessa ocupação na parte sul do Pantanal, tendo instalado, em 1872, o principal de seus estabelecimentos, que levava o nome Barranco Branco e ficava situado às margens do rio Paraguai abaixo do rio Aquidaban, mencionado por Manizer ao falar do entreposto de fronteira (Ibidem, p. 61).

Do contato entre essa nova presença não indígena e os Kadiwéu que ali habitavam na antiga aldeia *Ealanokodi*, as negociações entre eles e, além de tudo, as ligações políticas do autointitulado "senhor de Barranco Branco" com o governo estadual permitiram a expansão de sua criação de gado e o aumento da pressão sobre a presença nativa no local. A tomada das terras Kadiwéu se tornou ainda mais fácil à medida que o próprio Malheiros chegou a acumular o cargo de Diretor dos Índios Kadiwéu durante duas décadas (Ibidem, p. 70, 71). Essa situação, que envolveu disputas violentas na região, se estendeu pelo final do século XIX até que os indígenas vislumbraram uma perspectiva de reação na aliança com a facção

[96] Referências a Boggiani aparecem em documentos dos russos, como:

- "Materiais sobre a linguagem de 4 povos do Brasil (Xané, Kadiwéu, Kaingang, Botocudo) - Artigo e materiais do português kaingang para o russo e o português". Manuscrito de Manizer, 1917. Rolo 7, im. 9745-9883, Boggiani é citado em im. 9770.
- "Os Kadiwéu", artigo apresentado por Fielstrup à Sociedade Geográfica Russa, maio de 1916. Rolo 8, im.1612-1723.
- Rascunho com levantamento bibliográfico de Fielstrup. Rolo 15, im.11117-11122.
- Lista de vocabulário em espanhol, com expressões e palavras utilizadas na Argentina ( a parte final tem um subtítulo "segundo Boggiani", com nomes e explicações sobre plantas, lugares, etc, ligados aos Kadiweú.) Rolo 15, im.11123-11131.

coronelista rival à que exercia o poder e com a qual Malheiros era bem relacionado (Ibidem, p. 72). A partir da vitória do grupo de oposição, teve início o processo de demarcação da área destinada aos Kadiwéu, aprovada em 1903 e inicialmente referida por nomes como "Campo dos índios", "terras reservadas aos Cadiuéus" e "Reserva" para, mais tarde, tornar-se a Reserva Indígena Kadiwéu (Ibidem, p. 69).

Manizer escreve que a aldeia Nalike, ou "tolderia" nas menções de cronistas do período a esses locais, era tratada como a "capital"[97] dos Kadiwéu (JOSÉ DA SILVA, 2011a, p. 6). Em sua viagem, Boggiani relatou que esse era o principal entre outros dois aldeamentos, chamados Morrinhos e Etokija, que remontam sua formação ao contexto das conturbadas relações entre os Kadiwéu e Malheiros que, por sua vez, dependeram muito dos diários do explorador italiano para virem à luz sob o ponto de vista indígena[98]. Em toda essa dinâmica, que expõe relações por vezes inusitadas entre viajantes que estiveram no mesmo lugar em anos diferentes, as viagens desse recorte em Mato Grosso oferecem um interessante fato, digno de nota. Não seria surpreendente que as expedições de Guido Boggiani tivessem permanecido em esquecimento por muitos anos, caso Frič não houvesse sido o responsável por recuperar e divulgar seus registros e, com isso, tendo conferido aos próprios passos na América do Sul uma dimensão de continuidade aos estudos do italiano (FRIČ e FRIČOVA, 1997; FRIČOVA, 1997; JOSÉ DA SILVA, 2011a, p. 4,5). Na condição de referência para a expedição de 1914, Frič traz consigo a ligação com Boggiani nessa mesma função enquanto Manizer, Fielstrup e Geiman estiveram em Mato Grosso.

A partir da chegada dos três russos a Nalike, uma outra carta de Manizer à sua família segue aquela de 3 de agosto e traz o relato da primeira semana de convívio com os Kadiwéu, até o dia 10. Depois de terem sido recebidos e alojados por aquele referido como "capitão" que, segundo confirma Mônica Pechincha (2000, p. 155), era o termo associado aos chefes, situados no topo da hierarquia social Kadiwéu, os russos destacam a dinâmica de negociação de objetos como fio condutor desse contato. Foi através desse processo que se produziram a formação da coleção etnográfica e passagens como a de Manizer: "[...] e agora carrego orgulhosamente estes itens de museu enquanto andamos com eles para buscar água.[99]" Ainda segundo o etnógrafo, Geiman se mostrou o mais adaptado às trocas, reforçando sua pressuposta habilidade de barganha na obtenção de materiais[100].

[97] Carta de Manizer à família, 3 de agosto de 1914. No documento, Manizer utiliza a palavra russa "stolitsa", que significa "capital", para se referir à Nalike. Rolo 10, im.2104-2178.
[98] Boggiani, G. *Os caduveos*. Tradução de Amadeu Amaral Júnior. Belo Horizonte/ São Paulo: Itatiaia/ Edusp, 1975. 307 p.
[99] Carta de Manizer à família, 3 de agosto de 1914, p 40. Rolo 10, im.2104-2178.
[100] Manizer, 1916a.

Uma passagem da correspondência materializa a imagem do companheiro de Manizer e Fielstrup naquele momento: "Geiman, os bolsos cheios, contas ao redor do pescoço e penas brilhantes enfiadas no chapéu, desaparecia sob os toldos e voltava com as mãos cheias de coisa boa[101]". Ainda em outro trecho, Manizer complementa esse quadro e acrescenta as atividades básicas de cada um:

> Geiman negociava o dia inteiro, como se estivesse em uma loja, além de tudo só usando russo e gestos. Fielstrup catalogava e corrigia os mal entendidos e erros de Geiman sempre que possível (ele às vezes quase adquiria coisas compráveis na cidade). Eu praticamente não fiquei na aldeia - quando não estava vigiando, estava na floresta ou nas colinas próximas[102].

Chamemos a atenção, no extrato acima, para o momento em que o jovem russo indica que "quando não estava vigiando, estava na floresta ou nas colinas próximas". Manizer menciona o ato de vigiar em referência aos roubos recorrentes que relata anteriormente no documento: "No primeiro dia roubaram lápis coloridos do meu bolso [...] e hoje houve mais alguns roubos[103]". Segundo se pode perceber nas palavras do etnógrafo, os furtos representaram um contratempo e fonte de preocupação para os russos: "Devido ao perigo de roubo, era necessária a presença de alguém com a bagagem e, portanto, eu não saía de jeito nenhum"[104]. Apesar dessa situação, as intensas trocas protagonizadas por Geiman foram acompanhadas por muitas observações coletadas e registradas ao longo do cotidiano em Nalike. O próprio Manizer, por exemplo, detalha o funcionamento de um jogo que, em determinada noite, entreteve os moradores da aldeia e os curiosos visitantes ao redor das fogueiras. Aquela mesma noite - iluminada pelas fogueiras e pela lua cheia - ainda viu Manizer tocar seu violino: "Nesse cenário, sob o luar, eu toquei um pouco o violino - a pedido dos que me ouviram ainda em Santa Cruz. É claro que eles mesmos dizem que não entendem o que estou tocando e eu espero reabastecer meu repertório por aqui"[105].

O violino e os lápis de cor acompanharam Manizer na expedição como símbolos ou lembretes de que aquele jovem não era apenas o parceiro de Fielstrup na formação e interesse em etnografia e linguagens, mas também era um dos filhos do artista russo Genrikh Matveyevich Manizer (BELOV, et.al., 2014, p. 279, 280). Manizer e Fielstrup eram, como

---

101 Carta de Manizer à família, 3 de agosto de 1914, p 41. Rolo 10, im.2104-2178.
102 Carta de Manizer à família, 10 de agosto de 1914, p 44. Rolo 10, im.2104-2178.
103 Carta de Manizer à família, 3 de agosto de 1914, p. 41. Rolo 10, im.2104-2178.
104 Carta de Manizer à família, 3 de agosto de 1914, p. 41, 42. Rolo 10, im.2104-2178.
105 Carta de Manizer à família, 10 de agosto de 1914, p. 44. Rolo 10, im.2104-2178.

diziam, a "ala linguística" do quinteto[106], mas, sozinho, ele guardava as características e habilidades que seriam atribuídas a um jovem e prodigioso artista. A aparição do violino e o desejo nutrido por Manizer de que aquela experiência de contato também lhe rendesse novidades para o "repertório" musical são expressões da versatilidade e da variedade de interesses do etnógrafo, que produziu um ensaio sobre a música e instrumentos musicais dos Kadiwéu[107]. As mesmas mãos que tocavam violino e escreveram o trabalho foram aquelas que preencheram esse e outros documentos com desenhos de objetos, rostos, animais e plantas.

Transitando entre suas frequentes excursões pelas matas ao redor e os momentos em que patrulhava seus pertences e os de seus companheiros na aldeia, Manizer observou e anotou impressões que iam das características da fauna e flora local, atento a tudo o que os nativos utilizavam, até a descrição de costumes na vida em Nalike. Entretanto, Fielstrup foi aquele que, além de mediar os intercâmbios de Geiman no local, produziu um estudo específico sobre o período vivido entre os Kadiwéu[108] e que foi, inclusive, o material que apresentou como resultado à Imperial Sociedade Geográfica Russa em maio de 1916 (Ibidem, p. 277). Ainda na última passagem, o lugar que Manizer chama de Santa Cruz deixa uma dúvida, a princípio, sobre do que se trata. Mais adiante, porém, o russo volta a mencionar esse nome, mas em sua forma completa - "Retiro Santa Cruz"[109] - sugerindo ser o posto onde pararam antes de se dirigirem a Nalike. Caminhando apenas para o final da primeira semana habitando Nalike, Manizer já é capaz de informar sua família sobre um plano para os próximos dias: "Em breve nós queremos fazer uma viagem até outra aldeia desses mesmos índios - Tarumã. O próprio capitão quer nos acompanhar até lá. No geral, três semanas ainda vão passar até partirmos".[110] A mesma carta também indica que aqueles poucos primeiros dias já haviam sido suficientes para que um deles decidisse partir: "Geiman já se entediou e vai para a Europa (ocidental), levando 250 peças, compondo a coleção que adquiriu aqui. Eu e Fielstrup ficamos, porque, em uma semana, claro, ainda não conhecemos a vida dos índios como gostaríamos"[111].

Como é colocado pela passagem, apenas Manizer e Fielstrup permaneceriam com os Kadiwéu, enquanto se despediam de mais um companheiro, que talvez não mais vissem na

[106] Manizer, 1916a.
[107] Manizer, 1918.
[108] Fielstrup, 2005.
[109] Carta de Manizer à família, 14 de outubro de 1914, p. 44. Rolo 10, im.2104-2178.
[110] Carta de Manizer à família, 10 de agosto de 1914, p. 44. Rolo 10, im.2104-2178.
[111] Carta de Manizer à família, 10 de agosto de 1914, , p. 42. Rolo 10, im.2104-2178.

expedição. Era provável que o plano de Geiman incluísse negociar parte do material etnográfico em museus e outras instituições europeias, independente das paradas já serem ou não no caminho de um retorno para casa. Definitivamente, porém, seu tempo na América do Sul estava longe de um fim, como veremos melhor no quarto capítulo. Para a dupla que seguia em Nalike, no entanto, ainda havia muito trabalho a ser feito, tratando o contato com o tipo de cuidado destacado e bem representado por Manizer, quando escreveu: "Não peguei nossos instrumentos, pois não queria perturbar o curso pacífico das coisas[112]". Palavras como essas mostram a importância da construção de certos significados em torno de detalhes inerentes ao contato.

## 2.4 Encontro, símbolos e significados nas experiências de Guido Boggiani e Darcy Ribeiro com os Kadiwéu

A história da vida de Guido Boggiani e, mais precisamente, de sua morte na América do Sul ilustra um exemplo, em duas diferentes atitudes associadas à fotografia e seu aparato. Ao mesmo tempo que, em vida, foi capaz de deixar imagens de indígenas em frente à câmera, como os Kadiwéu, o italiano foi assassinado em uma tentativa de incursão ao território dos Tumaná - subgrupo considerado hostil ou "bravo" dos Chamacoco - e teria tido sua câmera e outros pertences destruídos ou enterrados, porque neles se viam representadas ameaças (FRIČ e FRIČOVA, 1997). No compasso da criação de sentidos e atitudes, cada um desses encontros entre indígenas e europeus se desenha com particularidade, já que o olhar do anfitrião se depara com aquele devolvido pelo visitante, que também aprecia com atenção. Em outras palavras, importa a uma compreensão mais íntegra do contato quem realmente participa dele, para além de europeus e nativos sem nome. Devemos pensar nesse aspecto porque as narrativas nos tentam a esquecermos de que, as pessoas são suas origens e seu tempo, mas uma parte delas é apenas delas.

Nessa parte residem os detalhes que impedem que os encontros se repitam para quem os experimenta e também para aqueles que presenciam suas diferentes formas de permanência, combinadas em histórias, escrita e imagem. Embora o que sobreviva em

[112] Carta de Manizer à família, 3 de agosto de 1914, p. 42. Rolo 10, im.2104-2178.

registros apenas se aproxime, mais ou menos, dos eventos, a natureza do vestígio envolve lacunas, inconvenientes para pretensões de exatidão, mas oportunas para o exercício da imaginação. Através de como nos chegam essas interações, somos capazes de identificar minúcias e tentar preenchê-las, para entendermos melhor, por exemplo, a cautela de Manizer diante de indivíduos que ele sabia terem acolhido outros europeus, como Boggiani e Frič,. É possível que, por um lado, esse passado tivesse dado alguma segurança aos russos. Por outro, porém, também se pode supor que soubessem que, apesar de tudo, não eram eles aquelas mesmas pessoas e que os indígenas, ainda mais os que tivessem conhecido o italiano e o tchecoslovaco, deveriam ter uma boa noção disso. Diversos elementos, alguns dos quais sutis demais para serem documentados ou até mesmo percebidos na hora, precisariam se arranjar em uma tal maneira, ordem e intensidade para repetir o contato que atribuiu a Boggiani o sentido que o antropólogo Darcy Ribeiro reconheceria anos mais tarde, enquanto constituía sua própria vivência com os Kadiwéu (RIBEIRO, 1980).

Enquanto Darcy e a própria descendência de Frič destacaram a singularidade do que foi construído entre Boggiani e os indígenas que se tornaram seus parentes no momento em que lhe foi concedida uma esposa de seu povo (RIBEIRO, 1980; FRIČ e FRIČOVA, 1997), a literatura não fica em falta com o valor da relação entre o próprio Darcy e o mesmo povo, tecida entre 1947 e 1948 (PECHINCHA, 2000; JOSÉ DA SILVA, 2011a). No prefácio do livro em que fala de sua experiência, Darcy Ribeiro descreve um momento emblemático de como Guido e ele se aproximam nos status que conquistaram, além de terem suas histórias entrelaçadas ao ponto de lhes ter sido atribuída uma forte ligação de parentesco. Enquanto virava as páginas do livro de Boggiani, mergulhado em uma rede e sempre rodeado por alguns Kadiwéu, uma das mais velhas ali reconheceu uma antepassada em um retrato feito pelo italiano, iniciando uma comoção. Questionado, Darcy falou de Guido Boggiani e então lembraram-se dele pelo nome *Bet`rra*. Nova reação foi causada, então, quando Ribeiro lhes contou como *Bet´rra* havia morrido, pouco depois de deixar suas aldeias décadas atrás. Dali em diante, Darcy Ribeiro passou a ser celebrado como "uma espécie de sobrinho-neto" daquele que havia se consagrado como um guerreiro Kadiwéu ao perecer heroicamente diante dos Chamacoco, seus "inimigos tradicionais" e "principal fonte de escravos" (RIBEIRO, 1980, p. 13, 14).

Para os Kadiwéu, portanto, Guido Boggiani havia sido o famoso *Bet`rra* e, com o livro do italiano a tiracolo, Darcy tornou-se *Bet`rra-yegi*, o filho de Bet`rra (RIBEIRO, 1980, p. 14; PECHINCHA, 2000, p. 152). Anos mais tarde, a antropóloga Mônica Pechincha faria

uma descoberta interessante, que tomou a primeira aparência de uma simples falha de comunicação em sua própria experiência de campo, entre 1992 e 1993:

> Tudo começou quando alguns Kadiwéu, sobretudo alguns mais velhos, indagavam-me sobre o "Boggiano". Lembro-me que anotava curiosa em meu diário de campo a lembrança que ainda tinham do viajante italiano Guido Boggiani, que esteve entre os Kadiwéu nos anos de 1892 e 1897. Ingenuamente respondia que o cronista já havia falecido há muito tempo, tendo sido morto por um índio Xamakôko [...] Em troca recebia uma expressão de desentendimento, mas sem nenhuma consideração posterior, já que parecia ser resultado de um mal entendimento de minha parte, decorrente da dificuldade de comunicação entre uma não falante do idioma Kadiwéu e um meio-falante do português (PECHINCHA, 2000, p. 151).

A autora conclui, então, seu relato, depois de ter vivido uma surpreendente "nova versão" da situação presenciada por Darcy Ribeiro e finalmente entende o porquê da confusão:

> Certa vez na aldeia, folheando o livro de Darcy Ribeiro, que estivera ali há quase cinqüenta anos antes de minha pesquisa e nunca mais voltara, alguns Kadiwéu próximos logo identificaram o seu autor. A partir de então, correu grande curiosidade na aldeia a respeito do precioso exemplar que possuía. Foi desta forma que descobri que ainda não conheciam o livro. A história se repetia em parte, pois não fui considerada parente de Darcy Ribeiro, muito embora tenha a dever à posse do seu livro os primeiros convites, após quase um mês no campo, para visitar famílias Kadiwéu que o queriam ver. Com mais surpresa pude descobrir que o "Boggiano" sobre quem eventualmente me indagavam era Darcy Ribeiro (Ibidem, p. 152).

Nessa história se confirmam os laços afetivos marcados na memória dos indígenas que conheceram e ouviram falar daquele "Boggiano" que havia sido considerado um "chefe" entre os Kadiwéu, digno do desejo de que aquela nova visitante fosse a mensageira da confiança - e esperança - de que ele viria defender aquelas terras, porque "o Boggiano é bravo, quando souber sobre esses fazendeiros, não vai deixar" (Ibidem, p. 153). Darcy Ribeiro era, portanto, "*Bet`rra-yegi*" e "Boggiano", alcunhas que aprofundam o entrelaçamento das experiências de viagem de duas pessoas e, mais que isso, de dois contatos ou relações, separados por várias décadas. Pensando em similaridades e detalhes nos encontros, a própria Mônica Pechincha percebe que ela e Darcy empunharam, cada um, um livro de um antepassado ou "inspiração", se lembrarmos de Antunes (2015). Esses livros e as imagens neles contidas acrescentaram efeitos semelhantes às respectivas situações, mas também fazem pensar no mesmo nível de detalhe como uma faca de dois gumes, já que um instrumento usado na hora errada, uma palavra ou gesto mal interpretados - de ambas as partes - podem ter resultados desastrosos. Caminhando para um ponto de chegada possível

nesse fio de pensamento, quando Darcy é *Bet`rra-yegi*, ele é sucessor ou - como pensaram os Kadiwéu - algo como um descendente de Boggiani. Quando Darcy é Boggiano, ele é um pouco - ou mais que isso - o próprio italiano. Pensar como a remota memória de Guido Boggiani cabe e se mistura na mais recente de Darcy Ribeiro, produzindo deformações na imagem deste último, é notar como os dois se aproximam aos olhos dos Kadiwéu.

## 2.5 Retratos indígenas e sua viagem do céu ao inferno

Se por uma das faces culturais desse encontro - a dos Kadiwéu - Boggiani e Ribeiro se identificam, pela outra podemos sugerir um diálogo mais íntimo entre as epistemologias do italiano e dos russos de 1914, separadas entre si por um espaço de tempo menor e formadoras das lentes que intermediaram o caminho entre seus olhos e o que viram. Além de uma geração, esses personagens compartilharam um "distanciamento crítico de europeu representante da "civilização"" (PECHINCHA, 2000, p. 154), esta última conforme era mais amplamente conceituada e difundida naquele momento. Anos depois de ter participado da expedição de 1914, o zoólogo Strelnikov expressa um pouco desse aspecto:

> Em nós, jovens, havia inspiração, vontade e espírito de luta, superação de obstáculos e conquista. A alegria de conhecer a grandiosidade e beleza da natureza e do espírito humano nos diferentes passos de seu desenvolvimento, dos primitivos índios às grandes personalidades da ciência e da arte na Rússia e na União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, na América do Sul e do Norte e nos diferentes países da Europa, com os quais me encontrei, falei e dos quais aprendi[113].

A noção dos "passos" nesse caminho de "desenvolvimento" reflete tendências científicas e intelectuais que marcaram grande impacto entre a segunda metade do século XIX e o início do século XX. Em meio ao "bando de ideias novas" que Sílvio Romero percebeu relacionadas a esse importante período (ROMERO, 1986, p.23), um dos debates mais fundamentais se deu em torno da problemática evolutiva. A circulação de edições e traduções de "A Origem das Espécies" (1859), de Charles Darwin, é o elemento mais notório nesse assunto, tendo sido baliza de uma série de controvérsias nas décadas seguintes. A construção das teses evolutivas que elevaram o nome de Darwin ainda deve trazer o destaque

[113] Relatório de Strelnikov intitulado *Nautchnie resultati russkoi ekspeditsi 1914-1915g.g. Brazilia, Bolivya i Paragvay* ("Resultados científicos da expedição russa de 1914-1915. Brasil, Bolivia e Paraguai"), apresentado à Sociedade Geográfica Russa em 22 de abril de 1964. Rolo 14, im. 3503-3536.

às contribuições de Alfred Russel Wallace e Henry Walter Bates, não devidamente reconhecidas em sua época. Estes dois últimos naturalistas britânicos estiveram juntos durante uma parte das investigações que conduziram na Amazônia, iniciadas em 1848 (ANTUNES, 2019).

Devemos frisar que, no conjunto de "evolucionistas", havia os vinculados aos princípios traçados por Darwin, bem como aqueles que pensavam a evolução em outros termos (DOMINGUES e SÁ, 2003). Assim, um sentido geral de evolução baseou, naquele momento, o incremento no debate e o surgimento de propostas além do chamado "darwinismo", como as baseadas nas ideias do então já falecido Jean-Baptiste Lamarck (1744-1829). Como aponta Felipe Faria (FARIA, 2017, p. 1012), o mecanismo da seleção natural não foi logo abraçado, mesmo com a aceitação que a obra de Darwin proporcionou ao evolucionismo. No Brasil, as recepções geraram muitos apoios - como o trabalho "Für Darwin", de Fritz Müller, "uma das mais importantes interpretações da teoria na área da biologia" - e rejeições por parte de figuras como o imperador D. Pedro II, que então se correspondia com Quatrefages de Bréau, grande opositor científico de Darwin (DOMINGUES e SÁ, 2003, p. 99-102).

O botânico Kliment Timiryazev (1843-1920), importante defensor da evolução segundo Darwin na Rússia, teria muito difundida a declaração de que seu país "é a segunda terra nativa do Darwinismo" (POPOV, 2008). Para Mikhail Konashev (KONASHEV, 2021), a afirmativa se aplica à Rússia czarista de Timiryazev e, mais ainda, à União Soviética, esta mesmo através das décadas de domínio científico do "Lysenkoísmo"[114]. As bases dessa compreensão apontam que "muitos observadores na Rússia czarista comentaram que o Darwinismo encontrou menos resistência na Rússia da década de 1860 do que na Europa Ocidental"(ROGERS, 1973, p. 484, 485). Konashev indica que o Origem das Espécies foi publicado mais de dez vezes no país até 1917 e ainda destaca o papel determinante das muitas traduções feitas para o russo nesse processo. Essa receptividade é bastante atribuída ao

[114] O biólogo e agrônomo ucraniano Trofim Lysenko (1898-1976), com o apoio do regime de Josef Stalin, promoveu a grande influência do Lysenkoísmo ou Lysenkismo como corrente dominante de pensamento em genética na União Soviética do pós Segunda Guerra Mundial. Baseado na teoria michurinista - proposta pelo médico lamarckista Ivan Michurin (1855-1935) - esse grande movimento político, científico e agrícola provocou anos de perseguição à genética mendeliana, associada ao Ocidente. Principalmente com Stalin, mas também posteriormente, Lysenko articulou sua força e presença política até meados da década de 1960. Mesmo depois disso, suas ideias haviam deixado marcas importantes entre os soviéticos e repercussões externas.
Sobre o Lysenkoísmo na União Soviética e também seus alcances no Brasil, ver: Joravsky, D. 1970. The Lysenko Affair. Harvard University Press, Cambridge, Mass., 1970, 462 pp; Krementsov, N. 2011. From 'Beastly Philosophy' to Medical Genetics: Eugenics in Russia and the Soviet Union. *Annals of Science, 68(1), 61–92;* Loreto, M. 2019. As repercussões do caso Lysenko no Brasil. Tese (Doutorado em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia) - Universidade Federal do Rio de Janeiro.

momento que viviam a juventude educada russa e suas vertentes revolucionárias, conforme discutido no primeiro capítulo desta tese (KONASHEV, 2021). Por fim, James Allen Rodgers identifica rejeições ao Darwinismo nesse contexto, principalmente por setores conservadores, mas traz Nikolai Chernyshevsky (1828-1889), um dos fundadores do populismo russo, como forte opositor entre os revolucionários radicais. O autor considera, no entanto, que a oposição à evolução de Darwin foi "extremamente lenta", como teoria científica e social, para se desenvolver no Império Russo (RODGERS, 1974).

No Brasil, Rússia e diversos outros países, as latentes questões colocadas pelas ciências naturais alimentaram embates no campo das análises e prescrições sociais sobre a origem - ou as origens - e a diversidade humana. Aquilo que recebeu o nome de darwinismo social impulsionou, no Brasil e outros lugares, conceitos e teorias que pensavam propósitos de branqueamento e propunham a nação pelo prisma dos racismos científicos (SCHWARCZ, 1993; SANTOS, 1996). Segundo Thomas Glick, a forte miscigenação reconhecida no país o transformou em um "grande laboratório racial" no fim do século XIX e início do XX, instrumentalizado por homens de ciência brasileiros e europeus, a partir de inovações e métodos como os da craniologia e da medicina criminal (GLICK, 2003). Naquele ponto, o recurso epistemológico mobilizado em interpretações do país e de seu povo era de tal maneira vinculado a essa tendência, que chega a se considerar que "o apoio nas teorias raciais em voga parecia definir o próprio estatuto de cientificidade" (SANTOS e SILVA, 2018 p.254).

A ênfase no aspecto racial ainda possibilita um breve diálogo com peculiaridades do caso russo. Em seu importante estudo sobre dinâmicas e valores da eugenia na Rússia e União Soviética, Nikolai Krementsov (2011) assinala que, apesar das diferentes influências ocidentais, a história e circunstâncias locais fundaram formas particulares das discussões sobre raça, melhoramento humano e social. Uma condição fundamental para a especificidade eram as etnias criticamente numerosas que, como colocado por Bruno Gomide (2004, p.42), faziam da Rússia "desenganada a esse respeito pela maioria dos juízos sociológicos e antropológicos". Assim, retomando Krementsov, havia uma crítica majoritária no país aos eixos de raça e classe - mais marcantes entre eugenistas alemães e ingleses - e a preferência por questões ambientais, educacionais e formativas, mais alinhadas aos franceses. O autor ilustra esses pontos destacando duas presenças russas - não oficiais - no Primeiro Congresso Internacional de Eugenia, em 1912. O teórico anarquista Piotr Kropotkin e o popular jornalista Isaak Shklovskii fizeram contundentes ataques aos elementos de raça e classe no evento. Enquanto o segundo fez circular seu texto sobre o congresso, intitulado "A filosofia

bestial", com maior ênfase na questão racial, os comentários elaborados por Kropotkin golpearam, sobretudo, o viés de classe (KREMENTSOV, 2011, p.65,66):

> Quem era inapto? Os trabalhadores ou os ociosos? As mulheres do povo, que amamentaram seus próprios filhos, ou as senhoras que eram inaptas à maternidade porque não podiam cumprir todos os deveres de uma mãe? Aqueles que produziram degenerados em pocilgas, ou aqueles que produziram degenerados em palácios?'Antes de recomendar a esterilização dos débeis mentais, mal sucedidos, epilépticos (Dostoievski era um epiléptico), não seria o dever deles [eugenistas, parênteses de Nikolai Krementsov] estudar as raízes sociais e causas dessas doenças?[115]

Partindo dessas discussões mais amplas de volta à passagem documental de Strelnikov, quando ele descreve o "espírito humano" que almeja o nível das "grandes personalidades da ciência e da arte", ainda somos remetidos às influências positivistas e seu motor de progresso, que também informaram os ideais civilizatórios altamente cientificizados das elites sociais do período (KURY, 1998). A palavra "primitivo", no universo analítico discutido, condensa o aspecto da legitimação de um olhar superior, que pode agregar ao uso do termo diferentes cargas de atraso, selvageria e barbárie (MÜLLER, 2011, p. 59). A antropologia, como campo institucionalizado e disciplinado em universidades a partir daqueles anos, se estabeleceu sobre uma base primordial evolutiva, tendo sido a grande difusora dessa perspectiva de escalas progressivas na diversidade humana. O "primitivo" acima destacado era o objeto das análises dessa antropologia que, por bastante tempo e em diferentes correntes, nutriu ideais de cientificidade. No entanto, o "conceito norteador" dos antropólogos nesse processo de conformação não veio de Darwin, mas do inglês Herbert Spencer (1820-1903), originalmente em seus "Estatística Social", de 1851, e "Progresso: sua lei e sua causa", de 1857 (GONÇALVES, 2020, p.151). Segundo Celso Castro:

> As ideias filosóficas de Spencer levavam à disposição de todas as sociedades conhecidas segundo uma única escala evolutiva ascendente, através de vários estágios. Essa se tornaria a ideia fundamental do período clássico do evolucionismo na antropologia (CASTRO, 2005, p.26).

[115] Problems in Eugenics. Vol. II. Report on Proceedings of the First International Eugenics Congress held at the University of London, July 24th to 30th, 1912 (Kingsway, 1913), 501. Apud. Krementsov, 2011, p. 66.

Na mesma chave, o etnógrafo Fielstrup faz seus registros durante a travessia do rio Paraguai e o encontro com os Kadiwéu, no continente que considera a "menos civilizada parte do Novo Mundo"[116]. Ainda durante o contato com essa mesma sociedade indígena, Manizer, por sua vez, comenta sobre as práticas de cura presenciadas: "Um quadro peculiar era enfatizado pelos ridículos sons e mugidos emitidos pelo "xamã" ou "médico" para expulsar uma doença que, anteriormente e com muita força, havia sugado das costas ou abdômen de algum doente"[117]. A maneira como Manizer relata a situação e a prática do sábio indígena confere uma amostra do juízo feito do homem "primitivo", que se vale de relações e categorias emolduradas nos quadros de exotismo e ignorância pintados pelos autointitulados homens da civilização. Em outro momento de seu contato com o tratamento de doentes pelos Kadiwéu, Manizer já traz alguma diferença no tom empregado:

> Já faz três dias que, com o aparecimento da Lua, se iniciam os sons do balançar do chocalho e do canto selvagem, que vão até o amanhecer, em versos sombrios, monótonos e misteriosos. As palavras eu não entendo, é claro, mas dizem que ele convoca espíritos para ajudar os enfermos. Ontem ainda houve mais feitiçaria - acenderam uma grande fogueira, o xamã despido (com um avental e uma bandana na cabeça) segurava nas mãos um punhado de penas de avestruz e um espelho, enquanto dava voltas na fogueira e, então, circulava seu feixe de penas pelos doentes sentados em uma fileira, sacudindo-o por suas costas a cada vez e soprando-o depois disso. Aquelas figuras silenciosas eram lindas iluminadas pela fogueira. A aproximação foi impedida por dois velhos em guarda ao nosso lado, mas se podia ver maravilhosamente de sob o toldo [118].

O indígena que era objeto das interpretações dos estudantes russos naquele momento vinha sendo personagem de versões da nação brasileira pela maior parte do século XIX. A beleza e o mistério percebidos por Manizer nesse último fragmento fornecem um gancho para abrirmos a discussão desse elemento nativo em outro imaginário importante. Lorelai Kury propôs um "esboço de periodização" dos 1800, identificando "linhas mestras" de formulações do Brasil, muito baseadas em avanços das ciências naturais. As tendências discutidas até aqui, demarcadas, nesse sentido, entre 1870 e o início do século XX, foram precedidas por um eixo diferente de pensamento da nação, a partir dos movimentos de independência na década de 1820 (KURY, 1998).

Nele, o "bom selvagem" contemplado por Colombo na chegada à América séculos antes e mobilizado como conceito quando Michel de Montaigne, Jean Jacques Rousseau e

---

[116] Anotações de Fielstrup intituladas "Po reke Paragvayu k Kadyuveo" ("Pelo rio Paraguai até os Kadiwéu"), 1916. Rolo 8, im.1274-1329.
[117] Carta de Manizer à família, 3 de agosto de 1914. p.39,40. Rolo 10, im.2104-2178.
[118] Carta de Manizer à família, 10 de agosto de 1914. p.43. Rolo 10, im.2104-2178.

Thomas Hobbes versaram sobre o caráter humano, aparece renovado na busca romântica das elites brasileiras de meados do século XIX - muito profícua na literatura e nas artes - por uma identidade nacional baseada em especificidades das quais faziam parte a figura do indígena e da natureza tropical (KURY, 1998; COSTA, 2019). Reforçam-se as conotações de beleza e pureza do indivíduo nativo na floresta, ponto em que Edgardo Morales nos lembra do olhar cristianizado do descobridor europeu deslumbrado que, segundo o autor, constrói-se enquanto "Adão em seu Jardim"(MORALES, 2012). Se, por essa perspectiva - ou a "visão do paraíso", no título da obra de Sérgio Buarque de Holanda - o viajante na natureza do Novo Mundo pode ser Adão reencontrando o Éden de onde um dia foi expulso (HOLANDA, 2010; COSTA, 2019), sugere-se que aqueles já antes presentes nesses Paraísos Terreais seriam versões de Adão e Eva não tocados pelo pecado original, inocentes e puros nas variadas romantizações de alguns conquistadores europeus e indianistas brasileiros dos oitocentos.

Kaori Kodama (2010) analisou as lentes produzidas sobre essas questões pela etnografia praticada no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) entre 1840 e 1860. A partir do contexto de conexão fundamental entre esses estudos e o curso do desenvolvimento da disciplina histórica na instituição, a autora explica que as leituras romantizadas do período destacavam os indígenas Tupi, em então usual oposição dicotômica aos Tapuia. Enquanto o primeiro desses dois grupos amplos trazia nativos que viviam em partes mais litorâneas à época dos primeiros europeus no continente e cujas linguagens foram objeto do esforço colonizador por uma Língua Geral, aqueles chamados Tapuia eram os "índios do sertão", a princípio menos acessíveis e percebidos como detentores de outras línguas e costumes variados. As dinâmicas e correntes que começaram a complexificar imagens dos sertões no final do século XIX incluíram críticas à chamada "tupimania", como ênfase exacerbada aos Tupi em detrimento aos Tapuia, que, afirma Kodama, passavam a ser mais analisados (KODAMA, 2010, p. 254-256).

Ambos os momentos e vertentes aqui brevemente destacados expressaram a necessidade de entender e definir o Brasil, processo em que foram articulados referenciais do mundo europeu ocidental, como a autoridade do olhar do viajante estrangeiro à natureza (KURY, 1998). Tanto na estética nativista do Indianismo quanto no avanços de retóricas cientificistas, conceituaram-se em imaginário nacional as histórias dos olhares e ideais coloniais relativos aos indígenas, que transitaram, por séculos, entre espiritualização, enfrentamento e sujeição (OLIVEIRA, 2014). No início deste capítulo havíamos destacado outro trecho de Strelnikov, no qual afirma ter conhecido "o luxo e a riqueza das fontes da cultura humana" em sua viagem. A palavra fonte pode fazer se encontrarem as ideias de

início, passado e pureza. A depender de combinações e cargas dessas noções, porém, a imagem final dessas fontes no Brasil - natureza e nativos - apresentou nuances de Paraíso perdido e inferno bárbaro das "hordas de selvagens errantes" (MONTERO, 2017, p. 204).

Guido Boggiani e os estudantes russos remeteram-se a chaves comparativas para pensar características das sociedades indígenas que conheceram. Em relação ao italiano, isso se nota quando ele analisa os Kadiwéu em relação a outras sociedades nativas da região. Boggiani percebe a diversidade local a partir do seu grande interesse pelos traços culturais desses indígenas específicos, com quem conviveu e que passou a considerar um povo "mais evoluído" que seus vizinhos do Chaco. Isso se nota especialmente quando o explorador italiano considera a estrutura social de assimilação de cativos de outras populações derrotadas em conflitos, chegando ao ponto de pensar ser vantajosa para estas últimas a condição de "escravos" capturados e integrados à hierarquia social Kadiwéu (PECHINCHA, 2000, p. 154).

Ao analisarmos algumas das conclusões elaboradas pelos russos, podemos nos aproximar de influências gerais que guiaram suas observações. Em parte do material que produziu como resultado da viagem[119], o zoólogo Ivan Strelnikov cruza sua experiência entre indígenas Kaah-iwá Guarani nas florestas paraguaias da região dos rios Monday e Iguaçu com o trabalho realizado por Manizer a respeito dos Kaingang de São Paulo e dos Borum da bacia do rio Doce, destacando semelhanças entre as representações desses grupos em alguns sentidos. Pensando nesses elementos, Strelnikov então sugere a larga influência de sociedades Guarani sobre outros grupos diversos e distantes geograficamente. Nessa chave, ele propõe que os Kaingang e Borum estudados por Manizer seriam uma descendência Guarani ou, pelo menos, indígenas fortemente "guaranizados" (CARNEIRO, 2019, p. 105, 106).

Ainda nesta tese, veremos que, ao lado do também zoólogo Nicolai Tanasiichuk, Strelnikov teve apenas a convivência com uma sociedade indígena em sua parte da jornada na América do Sul. Apesar disso, notamos como o russo não se contenta em tratar desse grupo separadamente e, então, se preocupa em considerá-lo como integrante de um processo que transcorre no tempo e agrega outras populações como elo imprescindível para os sentidos das hipóteses. Na falta desses parâmetros no próprio material, Strelnikov recorreu aos documentos e impressões do companheiro Manizer. Este não fica para trás e também recorre a esse referencial de análise, por exemplo, em seu ensaio "A música e os instrumentos

[119] Strelnikov, 1926; 1928b.

musicais de algumas tribos do Brasil"[120], onde estabelece diálogos entre povos indígenas através dessa parte específica de suas vidas (Ibidem, p. 106).

A historiografia nos mostra que esses estudos com mais de um grupo como objeto eram, então, relativamente recentes na Rússia, que formara as bases de sua etnografia acadêmica enquanto "ciência do particular", a partir da década de 1840. Segundo Nathaniel Knight, a disciplina orbitava os conceitos principais de *narodnost`* e *byt*, que marcaram a distinção étnica como uma essência, esta que era a busca do etnógrafo e poderia ser aplicada ao campesinato majoritário russo ou a outras populações no território. Na Rússia, as correntes ocidentais da clássica antropologia evolucionista e seus métodos comparativos apenas começaram a ganhar impulso em anos iniciais do século XX e produzindo particularidades locais (KNIGHT, 2008). Os etnógrafos da expedição de 1914-1915 formavam suas abordagens quando estiveram em campo no Brasil e, nesse sentido, podemos compreendê-las sugerindo a influência de Lev Shtnerberg como mentor.

Naqueles anos - e seguiria sendo assim - Shternberg mostrava-se alinhado ao evolucionismo de Lewis Henry Morgan (1818-1881) e Edward Tylor (1832-1917), que, segundo Sergei Kan, ele percebia como uma só teoria. O autor afirma esse posicionamento de Shternberg se sustentava diante das crescentes críticas a essas vertentes, principalmente por parte de novas propostas do Ocidente, e tendo ele cultivado laços acadêmicos com muitos antropólogos anti-evolucionistas, com destaque para o estadunidense Franz Boas (1858-1942) (KAN, 2008). Kan ainda explica, porém, que o evolucionismo de Shternberg vinha com certa nuance característica da geração revolucionária à qual pertencia:

> Enquanto o Shternberg teórico era um evolucionista dedicado, como etnógrafo de campo (mais do que ) e intelectual russo da esquerda ligada à vertente Narodnik (Populista/Socialista), ele admirava o caráter dos tão chamados povos "primitivos", bem como muitas de suas instituições-chave sociais e religiosas, não tendo sido inclinado a vê-los desaparecer em face de uma civilização em rápido avanço, especialmente com sua versão russa autoritária (Ibidem, p.29).

Como "um dos primeiros etnólogos russos modernos a articular uma visão ampla da disciplina", Shternberg propunha traços metodológicos dinâmicos que são identificáveis nas fontes de Manizer e Fielstrup, por exemplo. Segundo Kan, ela era uma abordagem que trazia "o estudo da cultura em enquadramentos evolutivos e histórico-culturais e que atentava para dimensões estruturais-funcionalistas, além de problemas de relações interculturais" (Ibidem, p.28,29).

[120] Manizer, 1918.

## 2.6 Fragmentos da guerra: silêncios, caminhos fechados e soluções locais

Aquela primeira oportunidade de contato prolongado com indígenas brasileiros se estendeu até o último dia de setembro, quando os russos deixaram Nalike. À altura em que escreveu sua carta de 10 de agosto, Manizer não tinha ideia exata da duração que teria o trabalho no local onde ele, Fielstrup e Geiman haviam acabado de passar a primeira semana. Apesar disso, o final do mesmo documento mostra o russo contando os dias de expedição, apoiado na certeza de quantos já haviam se passado e no tempo que haviam traçado no plano original: "Bem, metade do meu tempo aqui já passou - provavelmente . Fortes beijos em todos. Pela primeira vez, vou comemorar o 21 de setembro fora de casa."[121] A data com a qual Manizer dá desfecho à carta é seu aniversário no calendário juliano[122] (BELOV et.al., 2014, p.).

Praticamente um mês depois dessas deliberações, uma carta remetida por Fielstrup e Manizer a Geiman demonstra o que os dias são capazes de propor a planos e expectativas:

> Querido amigo Sergei Veniaminovitch
> [...] Como vê, em breve fará um mês que você nos deixou, mas nós todos aqui estamos nos ajustando.[...] Nossa estadia segue pacífica e o tempo parece passar mais devagar por aqui. Aprendemos a ter esperança na chegada do grande funeral - talvez tenhamos que esperar mais duas semanas. Mas não vamos nos limitar aos Kadiwéu e tentaremos chegar a mais "selvagens". Ainda temos mais uns dois meses, mas não conseguiremos chegar a Buenos Aires antes de dezembro. Dificilmente seria preciso partirmos todos juntos, apesar de que seria bom. Não acreditamos na falta de conexão por navio com a Europa [...]. Nós, até agora, estamos no escuro quanto a bilhetes para navios, embora antes de outubro não cheguemos a Barranco. Nós temos tempo para uma viagem ao Rio de Miranda, ao invés de um retorno direto para lá. Saudações cordiais a todos os nossos amigos em Buenos Aires [...]. Esperamos palavras suas e esperamos que boas[123].

---

[121] Carta de Manizer à família, 10 de agosto de 1914, p. 44. Rolo 10, im.2104-2178.

[122] Quando Manizer escreveu essa carta, o Império Russo utilizava o antigo calendário juliano na contagem dos dias. O calendário tradicional, no entanto, foi substituído pelo gregoriano três meses após a revolução bolchevique. A troca abrupta gerou a "perda" de 13 dias e o dia 31 de janeiro russo daquele ano de 1918 se tornou 14 de fevereiro. Dali em diante, os russos passaram a ter um calendário oficial e um antigo que seguiu como uma versão alternativa. Por isso, duas datas de aniversário são atualmente atribuídas a Manizer, por exemplo: 21 de setembro (calendário juliano) e 4 de outubro (calendário gregoriano).
Timofeitchev, Aleksei. *Por que a Rússia tem 2 calendários e perdeu 13 dias de sua história?* Russia Beyond, História,15 de fevereiro de 2018. Link: https://br.rbth.com/historia/79945-por-que-russia-2-calendarios-historia, acesso em 17 de abril de 2021.

[123] Carta de Fielstrup e Manizer a Geiman, 5 de setembro de 1914. Rolo 15, im.11419-11420.

As palavras endereçadas pelos etnógrafos ao companheiro na capital argentina anunciam, de um lado, novos elementos de dúvida e imprecisão. Um exercício de paciência etnográfica impedia um desfecho em Nalike até que fosse registrada uma cerimônia de sepultamento Kadiwéu. Enquanto literalmente esperavam que alguém morresse na tolderia, os russos começavam a perceber, ainda que à distância e com aparente ceticismo, que as tensões lá fora - na Europa que tinham deixado para trás - pareciam ter evoluído do estágio de prenúncio. Na outra ponta dessas dúvidas, porém, se pronunciava a determinação de encontrar mais indígenas e tornar produtivo o tempo que consideravam lhes restar. Com a intenção de esgotarem suas possibilidades de observação e coleta antes de partirem, Manizer e Fielstrup ainda travaram breves encontros com outros grupos indígenas em Mato Grosso desde que deixaram Nalike no final de setembro.

Uma carta enviada por Manizer a seus parentes no dia 14 de outubro mostra que a viagem de Nalike à cidade de Miranda - de onde o russo escrevia - havia sido guiada por indígenas e intercalada pela visita à tolderia Kadiwéu de nome Tarumã e sua vizinha Morrinho, onde a dupla de etnógrafos passou poucos dias[124]. Dali em diante, o caminho até Miranda seria margeado por trilhos que, nos últimos anos, haviam começado a interligar regiões e novas estações ferroviárias no estado de Mato Grosso (OLIVEIRA, 2011). Uma última parada foi feita e os russos foram recebidos na fazenda de um argentino chamado "Rodriguez":

> Depois de um intervalo de mais de dois meses e meio sem vermos nenhuma cadeira, mesas ou paredes, a herdade, com os telhados das casas brancas, nos pareceu excepcionalmente acolhedora.[...] Aqui, pela primeira vez, vimos e ouvimos muito de definitivo acerca da situação na Europa[125].

Vestidos à imagem de sua longa jornada, Fielstrup e Manizer ingressaram na cidade com uma aparência que, segundo a documentação, estava "abaixo de qualquer limite, linho inacabado, ternos (e trapos) sujos, botas com buracos, etc."[126] Manizer, então, indica que ali puderam complementar algumas das informações que tardiamente chegavam até eles:

> Os jornais aqui estão atrasados - no dia 13 se sabe, no jornal local de Corumbá, daquilo que chegou ao Rio de Janeiro no dia 8. Ainda há jornais ingleses e argentinos que vêm com o tempo e pode-se saber algo mais por eles. Dizem que renomearam Petersburgo para Petrogrado - não posso acreditar nos meus ouvidos. As coisas devem estar bem interessantes por aí. Nosso retorno (começa, Deus

[124] Carta de Manizer à família, 14 de outubro de 1914, p. 44, 45, 46. Rolo 10, im.2104-2178.
[125] Carta de Manizer à família, 14 de outubro de 1914, p. 47. Rolo 10, im.2104-2178.
[126] Carta de Manizer à família, 14 de outubro de 1914, p. 47. Rolo 10, im.2104-2178.

> queira, no fim de novembro) vai passar, pelo visto, por Constantinopla, já que o norte está fechado - tanto melhor.[127]

Nesse momento, vemos as notícias se abaterem de maneira mais concreta sobre os etnógrafos russos, que ainda tentavam se ancorar nas expectativas originais do plano da expedição, como fica evidente na conclusão da carta:

> Na verdade, não há índios em Miranda e ainda teremos que passar por duas estações para termos certeza disso de uma vez por todas - isso é o que faremos amanhã. Isso é tudo, por enquanto. Fortes beijos para todos os meus queridos e já me sinto mais perto de casa do que antes. Então, em dois meses.[128]

Esse último trecho indica que a busca por sociedades indígenas teve prosseguimento, enquanto novembro se aproximava, e se apoiou no eixo oferecido pelas estações ferroviárias que poderiam alcançar. Assim, Manizer e Fielstrup ainda conseguiram algum contato com mais dois grupos na metade final de outubro. O primeiro desses encontros aconteceu por intermédio do "Dr. Adriano Metello"[129], que os apresentou a "índios que há apenas três anos haviam aprendido sobre o uso de roupas". "Tímidos" e "amedrontados", recentemente esses indivíduos haviam pedido ajuda e proteção a Metello, que os levara para a propriedade do próprio sogro, a cerca de seis quilômetros de Miranda[130]. Por uma semana os russos estiveram com eles, acompanhando passos do cotidiano e registrando o que puderam. Em dois trechos de seus comentários, por exemplo, Manizer diz que "apenas à ajuda de Metello devemos o fato de termos nos tornado seus amigos" e que, portanto, "umas duas vezes, eles nos mostraram danças e cânticos selvagens - dos mais primitivos que se possa imaginar."[131]

O segundo encontro ocorreu em outra parte do caminho. Da estação ferroviária da cidade de Aquidauana, os russos foram de trem até as imediações da aldeia Bananal, onde habitavam indígenas Terena. Viviam com eles, no entanto, um professor brasileiro e missionários ingleses, que logo despertaram a atenção: "É estranho ver essas pessoas que

---

[127] Carta de Manizer à família, 14 de outubro de 1914, p 47. Rolo 10, im.2104-2178.

[128] Ibidem, p. 48. Rolo 10, im.2104-2178.

[129] Adriano Metello era Inspetor regional do SPI de Mato Grosso em 1915 e responsável pelo posto Fraternidade Indígena, estabelecido em 1913 junto a indígenas Umutina. O posto era, a princípio, vinculado a um novo ramal telegráfico instalado pela Comissão Rondon no município de Barra dos Bugres (ARRUDA, 2003, p. 48). Já de acordo com o trabalho de Giovani José da Silva (2014), Metello seguia nessa função em 1919, quando seu nome consta como requerente dos "autos de medição e demarcação das terras reservadas para os índios Cadiuéus no Município de Corumbá e a copia autentica da planta da mesma medição feita no ano de 1900" (Requerimento de Adriano Metello, Inspetor do Serviço de Proteção aos Índios em Mato Grosso, 28 de fevereiro de 1919 apud. JOSÉ DA SILVA, 2014, p. 149).

[130] Carta de Manizer à família, 28 de outubro de 1914, p. 48. Rolo 10, im.2104-2178.

[131] Ibidem, p.48,49. Rolo 10, im.2104-2178.

trouxeram com eles todos os seus pertences típicos do manual inglês"[132]. A estadia foi de apenas um dia, mas suficiente para que os russos percebessem o modo de vida europeu sempre atravessando o local na forma de roupas, objetos religiosos, comidas e práticas cotidianas. A presença dessas pessoas foi, inclusive, o canal pelo qual os etnógrafos puderam reunir informações, como informa Manizer:

> Os índios nós vimos muito pouco, mas compramos alguma coisa (um arco com flechas e um pote) e alguma coisa soubemos através do professor - ele, contudo, já está aqui há mais de um ano e não conhece a língua - ele ensina em brasileiro e não se importa se aprendem. Apesar de tudo, o treinamento, pelo visto, consiste no aprendizado de orações e grande quantidade de aleluias. Os Terena possuem seus próprios "padres", os xamãs, que curam espiritualmente e fisicamente, independente disso. Também recebi de um missionário algumas fotografias interessantes.[133]

Saltava aos olhos dos russos um primeiro vislumbre daquela que era uma maneira tradicional de se aproximar e conduzir a natureza do indígena. Entretanto, as observações não puderam durar e, ao final de apenas um dia, a dupla precisou retomar seus passos, dessa vez "mais ou menos no caminho de volta", como Manizer havia escrito no início da carta que então conclui:

> No outro dia já partimos com o amanhecer em direção a Porto Esperança (este é o dia de hoje), porque precisamos nos livrar de nossa bagagem em Barranco e pegar o restante do dinheiro lá, assim como notícias de casa possivelmente nos esperam - então talvez um de nós ainda retorne aos Terena. As embarcações para o rio Paraguai são tão raras e imprevisíveis que estamos procurando comprar um barco menor para irmos e talvez amanhã consigamos. Até o momento, não está claro o nosso caminho para casa e talvez em breve apenas reste Arkhangelsk e Vladivostok para voltarmos. Não há jornais aqui e não se pode saber nada. Beijos a todos - tentarei chegar em casa para o Natal.[134]

Esse trajeto até Barranco Branco ainda ofereceu aos russos a oportunidade de mais um alguns dias de observação e coleta etnográfica, primeiro com representantes da etnia Xavante e, seguindo pela estrada de ferro, com outro grupo Terena, que também vinha em convivência com as atividades de missionários ingleses.[135] Nesse caso, nenhum dos etnógrafos precisaria voltar ao encontro daqueles primeiros Terena para continuar a observar como se davam as relações naquele padrão de contato:

> A atitude dessas pessoas para com os índios equivale à que se criou no caso do professor local, que trabalhava por um pedaço de pão, com seus "rudes" alunos. O missionário apenas indigna-se com a "superstição" dos índios e vive ali sob a

[132] Ibidem, p. 49. Rolo 10, im.2104-2178.

[133] Ibidem, p. 49, 50. Rolo 10, im.2104-2178.
[134] Carta de Manizer à família, 28 de outubro de 1914, p. 50. Rolo 10, im.2104-2178.
[135] Carta de Manizer à família, 14 de novembro de 1914, p. 50. Rolo 10, im.2104-2178.

> coação de um senso de dever (para com os próprios fetiches) e não consegue falar com eles sem que seja com triste condescendência e nojo. Foi divertido ver a mesquinhez com a qual toda a mobília de um pequeno burguês foi transferida para a aldeia indígena, com relógios em cômodas, álbuns de fotografias, berços de criança, banhos, inscrições religiosas nas paredes, louça de prata exposta etc. A atitude dos índios em relação aos missionários é obviamente semelhante, ou seja, perfeitamente inadequada para um conhecimento íntimo de sua vida e fé. A verdade é que os missionários, decididamente, não podiam nos ajudar aqui, mas ao contrário, eles poderiam aprender algo conosco (e eles têm vivido na aldeia já há mais de um ano).[136]

A passagem por esses Terena também acabou sendo curta, em função dos planos e, provavelmente, por terem considerado que o cenário descrito não era propício ou vantajoso à permanência no lugar. Tudo isso é relatado enquanto Manizer escrevia já no dia 14 de novembro. No início dessa carta, porém, o etnógrafo informa que precisa "contar uma "estranha" aventura, infelizmente sem índios."[137] Com essas palavras, é anunciado o episódio que finalmente se deu um dia depois de terem deixado a última aldeia. Aproximando-se das margens do rio Paraguai, os russos confirmam a decisão de enfrentarem as águas por conta própria:

> [...] para não perdermos tempo, compramos um barco, para descermos antes do navio e já levarmos a bagagem embalada para Barranco Branco. O barco fora consertado o dia todo, mas houve um vazamento. Tivemos que inventar outra embarcação: então unimos duas canoas iguais. Nós dois sentamos na da esquerda, colocamos na da direita as coleções e, também, nossa bagagem - aparelhos, redes, roupas… e saímos com a Lua.[138]

O início da travessia fluvial correu sem maiores problemas e, no segundo dia, os russos alcançaram a altura do Forte Coimbra, de onde seguiram. Com o anoitecer, uma tempestade virou os barcos, levando com eles Manizer, Fielstrup e todos os objetos. Uma vez na água, a chuva e a força da correnteza obrigaram os etnógrafos a desistirem de salvar seus pertences para alcançarem a margem mais próxima. No escuro, os dois conseguiram puxar o barco para a terra e se abrigaram, encharcados, sob o casco naquela noite. Alguma coisa coletada com os Xavante havia "milagrosamente" se mantido na embarcação, mas era tudo. O restante estava perdido. Seguindo pela margem desde o amanhecer seguinte, apenas à noite os russos avistaram o porto de Bahia Nigra, no lado paraguaio do rio, onde receberam auxílio e puderam esperar por um vapor.[139] O acidente e a frustração de terem perdido o que estiveram reunindo por tantos meses os obrigaram a incluir nos planos um esforço para reaver

[136] Carta de Manizer à família, 14 de novembro de 1914, p.51. Rolo 10, im.2104-2178.
[137] Carta de Manizer à família, 14 de novembro de 1914, p. 50. Rolo 10, im.2104-2178.
[138] Ibidem, p. 51. Rolo 10, im.2104-2178.
[139] Ibidem, p. 52. 53, 54. Rolo 10, im.2104-2178.

o que pudessem com os indígenas já visitados. Entretanto, Manizer sabia que eles teriam que "deixar de lado a linguagem, jogada fora de maneira tão absurda".[140]

As perdas impostas aos russos pelo clima e, antes, pela decisão de navegarem sozinhos fizeram com que, pela primeira vez até ali, se falasse em de fato adiar as tentativas de voltarem para casa. Em meio a cálculos e projeções de caminhos de volta, que acabariam não seriam seguidos, Manizer termina a carta com notícias recentes dos zoólogos Strelnikov e Tanasiichuk, a quem chama de "meninos":

> Hoje talvez recebamos algo vindo da Europa ou de nossos "meninos", como chamamos os naturalistas: até agora, nenhuma carta veio de qualquer lugar por vários meses [...] No vapor, acabamos de descobrir que Strelnikov e Tanasiichuk estiveram a bordo do último indo para Asunción, onde pretendem ficar até ser possível voltarem para casa." [141]

Com menos de duas semanas passadas desde os frustrantes últimos momentos dos etnógrafos russos em Mato Grosso, Genrikh Manizer escreve e descreve mudanças não apenas no cenário de onde reporta:

> Meus queridos,
> A ausência de cartas da Europa desde o início da guerra faz pensar que nenhuma conseguiu atravessar para cá - sim, e provavelmente as minhas desapareceram sem deixar vestígios. Vou tentar mandar ao redor do mundo, pelo Japão. Agora estou sendo apoiado pelo ministério brasileiro, que tem uma secretaria especial, dedicada à civilização dos índios e muito receptiva a viajantes (pelos fins de propaganda). Os índios aqui se protegem cuidadosamente contra o contato com elementos brancos ruins (este lugar é chamado Vila Kaingang e fica a 2 quilômetros de uma estação da nova ferrovia. Em dois anos de domesticação, eles permaneceram intactos, muito curiosos e ricos em materiais para museu. Claro, quero muito ir para casa, mas os caminhos estão, provavelmente, todos fechados - vou continuar verificando. Beijos para todos - terei que ficar mais uns dois meses sem vê-los. Não achei que fosse ficar por tanto tempo. Me apresso com esta carta, pois Fielstrup agora partirá para Buenos Aires a fim de liquidar nossos assuntos por aqui. Me encontrarei com ele novamente no caminho de volta à Europa. Mando beijos mais uma vez. [142]

Pode-se dizer que a carta acima coloca Manizer - e, até ali, Fielstrup - em um novo local e novas condições, que então começam a ser apresentadas. Apesar desse e outros pontos a serem levantados, há um detalhe que, enfim, desembaça a nossa visão e expõe uma realidade que, antes de parecer nova, se arrastava há meses na expedição, com uma clareza que perseguia os dias dos russos, enquanto permanecia disfarçada - talvez implícita - nos documentos que nos ficaram. A fala inicial de Manizer dá cabo de qualquer desconfiança

[140] Ibidem, p. 55. Rolo 10, im.2104-2178.

[141] Carta de Manizer à família, 14 de novembro de 1914, p. 55. Rolo 10, im.2104-2178.
[142] Idem, 25 de novembro de 1914, p. 56. Rolo 10, im.2104-2178.

quanto à real situação do diálogo com aqueles que, naquele momento, estavam na Rússia. Onde antes costumávamos conceber naturais dificuldades de comunicação, agora vemos se tornar fato que os etnógrafos, desde o início do conflito europeu, vinham "falando sozinhos". As conjecturas dessa carta, já vimos, não foram as primeiras da viagem, mas agora sabemos que as expectativas depositadas no papel esperavam que o próprio papel ao menos chegasse aonde deveria. Do outro lado dessa barreira havia entes queridos, que nos fazem pensar - e fizeram Manizer pensar - se o que não chegava eram, de fato, as cartas dos viajantes ou as respostas a elas. Em qualquer um dos casos e independente de lados, cada carta que não via seu destino adquiria o aspecto da entrada de um diário. Essa parte da atenção estava na Europa em guerra e no silêncio de parentes e amigos, mas outra continuaria no Brasil e naquele lugar chamado Vila Kaingang, após o último desmembramento da expedição.

Conforme descrito por Manizer, Fielstrup logo retomou seus passos de volta a Mato Grosso. Sua primeira parada foi em Barranco Branco, onde coleções etnográficas haviam ficado. Lá, porém, o russo não pôde embarcar o volume de objetos para Buenos Aires e precisou seguir sem eles. É importante ressaltar que o consulado russo nessa cidade era o endereço que os membros da expedição vinham indicando para receberem eventuais notícias da família ou de seus supervisores acadêmicos. As fontes também nos relatam que uma parte das finanças do grupo havia sido deixada em Buenos Aires, por precaução. Fielstrup ia, portanto, também em busca dessas questões. A chegada do etnógrafo à capital argentina se deu no final de dezembro, quando afirma ter, finalmente, ganhado dimensão do cenário de guerra e suas implicações. Ali, Fielstrup reencontra Geiman que - veremos no quarto capítulo - preparava-se para realizar coletas no Chile. É através dele que Fielstrup toma conhecimento da morte de sua mãe, o principal destinatário dos relatos que escrevia. Algumas poucas cartas haviam alcançado o consulado na Argentina e uma delas era de seu irmão Emil, com a notícia. Em seu diário, Geiman resume a série de infortúnios que acabava de conhecer através de seu companheiro, naquela versão "em sapatos de corda, cabelos esfarrapados e longos". Primeiro o naufrágio no rio, depois o insucesso de Fielstrup no traslado das coleções a partir de Barranco Branco, de onde o russo ainda precisou pagar por um novo bilhete para Buenos Aires, pois havia esquecido o antigo no posto indígena onde Manizer ficara:

> [...] "Que nuvens negras! Nesse ínterim, tive que informar Fiódor sobre a morte de sua mãe! A notícia, mantida em segredo por 3 meses, o afetou tanto que ele não conseguiu dormir a noite toda e vagamos pelos parques e em Palermo até tarde da manhã. Ele sofreu indescritivelmente, ficou em silêncio e chorou com moderação.

> Eu não conseguia consolá-lo, mas era mais fácil para ele sobreviver à noite comigo do que ficar sozinho.[143]

Nos dias seguintes a esse impacto pessoal, Fielstrup viu seu parceiro de expedição partir e percebeu que a recuperação das coleções em Barranco Branco levaria tempo. Ao final de janeiro, a situação continuava sem dar sinais de resolução e o jovem etnógrafo decidiu enviar as parcas finanças que ainda tinham naquela capital para Manizer, que já se encontrava em campo. Fielstrup buscou fornecer um relato de todas essas questões a Shternberg, quando uma alternativa acabava de lhe ser oferecida:

> Ambrosetti, sabendo que eu estava em uma posição muito incerta, me deu a oportunidade de viajar no navio de treinamento militar argentino "Presidente Sarmiento", como cedido pelo Museu de Etnografia, para realizar escavações em terra batida no Peru, para estabelecer relações com museus de outras repúblicas - em geral, isso é mais uma desculpa para me dar a oportunidade de não perder meu tempo aqui[144].

Fielstrup ingressou no Presidente Sarmiento no início de fevereiro de 1915. De acordo com o itinerário e as anotações de bordo do russo, o trajeto chegou a incluir paradas norte-americanas, como San Francisco, além de ilhas como Cuba e Madeira, antes da chegada de volta às águas do rio da Prata, em outubro. Apesar de ter tratado suas missões formais como pretextos de Ambrosetti para legitimar sua viagem, Fielstrup envolve-se na busca desses objetivos, percebendo as curtas escalas de que dispunha no percurso como obstáculos para atender satisfatoriamente a alguma eventual expectativa material de seu patrono argentino. No dia 15 de fevereiro, o jovem etnógrafo tece algumas observações em outra carta para Shternberg, a um dia de alcançar o porto da cidade peruana de Callao:

> Em geral, toda essa viagem é mais interessante para um turista do que para um etnógrafo recém-graduado, mas mesmo esse conhecimento superficial das costas da América do Sul é instrutivo e me dá prazer. Nossas paradas nos portos são bem curtas: tirando S. Francisco, onde o navio vai ficar 8 dias, não se passa mais de 4 dias em lugar nenhum. [...] No final das contas, em todos os lugares estive convencido de que, se tivesse uma semana à minha disposição, teria tido muito mais sucesso em um trabalho da costa para o interior.[145]

---

[143] Diário de Sergei Geiman, 28 de dezembro de 1914. Rolo 15, im. 11636.
[144] Carta de Fielstrup para Shternberg, Buenos Aires, 23 de janeiro de 1915. Rolo 10, im.2333-2335.
[145] Carta de Fielstrup para Shternberg, a bordo do navio Presidente Sarmiento, 15 de fevereiro de 1915. Rolo 10, im.2331-2332.

Diante das circunstâncias apontadas pelo viajante, se justifica a escassa coleta etnográfica que acabou sendo realizada nessa parte da expedição, cujas marcas mais palpáveis e significativas podemos identificar na sua atuação como observador de acervos e em esforços de mediação de relações científicas entre instituições sul-americanas. Dentre as inserções do russo pela expansão das redes do museu argentino, devemos sublinhar aquela conduzida no período de parada do Sarmiento no Rio de Janeiro, no final de setembro de 1915. No capítulo a seguir, veremos que Manizer também se encontrava na cidade no momento, e que os jovens etnógrafos estiveram reunidos novamente naqueles poucos dias. Por intermédio do companheiro, Fielstrup visitou o Museu Nacional, onde travou contato com figuras importantes e relata ter engatilhado relações de troca entre a instituição brasileira e a dirigida por Ambrosetti:

> [...] fomos ao Museu Nacional, onde M. me apresentou aos diretores de todo o Museu e do departamento etnográfico, ao jovem viajante médico Roquette-Pinto e a um dos nossos compatriotas, Childe, que não via a Rússia há vinte anos e, como resultado, havia esquecido quase completamente sua língua nativa; então falamos em francês. No Museu, propus o estabelecimento de relações de troca com Ambrosetti.[146]

As informações sobre essa visita guiada de Fielstrup ao Museu Nacional, no dia 22 de setembro de 1915, são bastante sucintas na documentação, mas trazem um pouco de seu olhar às instalações e às características de algumas de suas coleções, como as de antropologia física, "pelo visto mais interessada pelo lado da Criminalística", e as etnográficas, "com material predominantemente coletado de indígenas habitantes, sobretudo, do norte do Brasil"[147]. É também no diário de Fielstrup que se encontra uma passagem dedicada ao inesperado encontro dos etnógrafos russos "com o homem cujo nome é tão citado no Mato Grosso e que todos os índios conhecem - coronel Cândido Mariano Rondon". Segundo o documento, o momento foi proporcionado pela já conhecida figura de Adriano Metello, o funcionário estatal e inspetor indígena que os estudantes haviam conhecido em Miranda. Na noite em que retornavam do Museu Nacional, Manizer e Fielstrup depararam-se com Metello. Observemos a descrição completa feita por Fielstrup a respeito de Rondon, transcrita e traduzida abaixo:

> Cerca de cinquenta anos, rosto moreno com um distante toque de mestiçagem negra, enérgico, iluminado por uma esbelta fileira de dentes maravilhosos ao sorrir. Sua conversa animada é caracterizada pela gesticulação de suas poderosas mãos

[146] Diário de Fielstrup a bordo do navio Presidente Sarmiento, fevereiro-outubro de 1915. Rolo 9, im. 2004.
[147] Diário de Fielstrup a bordo do navio Presidente Sarmiento, fevereiro-outubro de 1915. Rolo 9, im. 2005.

> quadradas com dedos curtos, como que cortados. Sem dúvida, trata-se de uma personalidade marcante, sem cuja ajuda Roosevelt dificilmente poderia realizar sua expedição. No início de outubro Rondon fará duas palestras sobre esta última jornada; Manizer recebeu um convite para participar. Um mês depois, ele faz uma nova viagem ao rio Madeira para concluir a construção da linha telegráfica. É maravilhosa a dedicação deste homem à sua ideia de uma pacífica civilização dos indígenas. Para ficar livre para continuar seu trabalho com as últimas forças, ele abandonou o posto de general, que prende a pessoa, se não a um tipo de sinecura, pelo menos a um posto permanente. O Serviço de Proteção aos Índios é fundado por ele, embora não seja oficialmente associado a ele. Em vários pontos da linha telegráfica, montou escolas para operadores de telégrafo - com crianças indígenas como alunos, dos quais os melhores vão para o Rio, para uma formação mais aprofundada a fim de ocupar os cargos de professores. Após a conclusão do treinamento, os jovens nativos operadores de telégrafo são nomeados para cargos em suas regiões de origem. No momento, Rondon está criando um menino do rio Madeira, alegre, animado, forte, fluente em português - e está aqui desde abril deste ano. A parte inferior do corpo esguia, peito alto e largo, pescoço muito curto, rosto mongol (com pálpebra mongol), embora a cabeça seja bastante alongada. O coronel também nos apresentou um jovem tenente, seu companheiro na última expedição.[148]

Fielstrup é muito positivo em relação ao quadro de ideais civilizantes e educacionais transmitido por Rondon, por quem mostra admiração, inclusive nos remetendo à notabilizada expedição Theodore Roosevelt-Rondon, organizada pela Comissão de Linhas Telegráficas e pelo Museu Americano de História Natural, de Nova York, e conduzida entre dezembro de 1913 e março de 1914. O empreendimento em questão buscou mapear o curso do recém-identificado Rio da Dúvida, afluente do Madeira, e que foi rebatizado como Rio Roosevelt. O então presidente dos Estados Unidos ainda publicaria, anos mais tarde, um relato de episódios dessa viagem, intitulado “Nas selvas do Brasil”, de 1943 (LIMA e SÁ, 2017, p.44; AZEVEDO e SILVA, 2022). Poucos dias depois, um postal de Manizer para Fielstrup - que havia embarcado novamente no Sarmiento e deixado o Rio de Janeiro no dia 24 de setembro - informa que uma palestra do dia anterior, possivelmente relacionada a Rondon, havia sido “adiada por tempo indeterminado”[149] (Figura 9).

[148] Diário de Fielstrup a bordo do navio Presidente Sarmiento, fevereiro-outubro de 1915. Rolo 9, im. 2006
[149] Postal de Manizer para Fielstrup, Rio de Janeiro, 2 de outubro de 1915. Rolo 8, im. 1458.

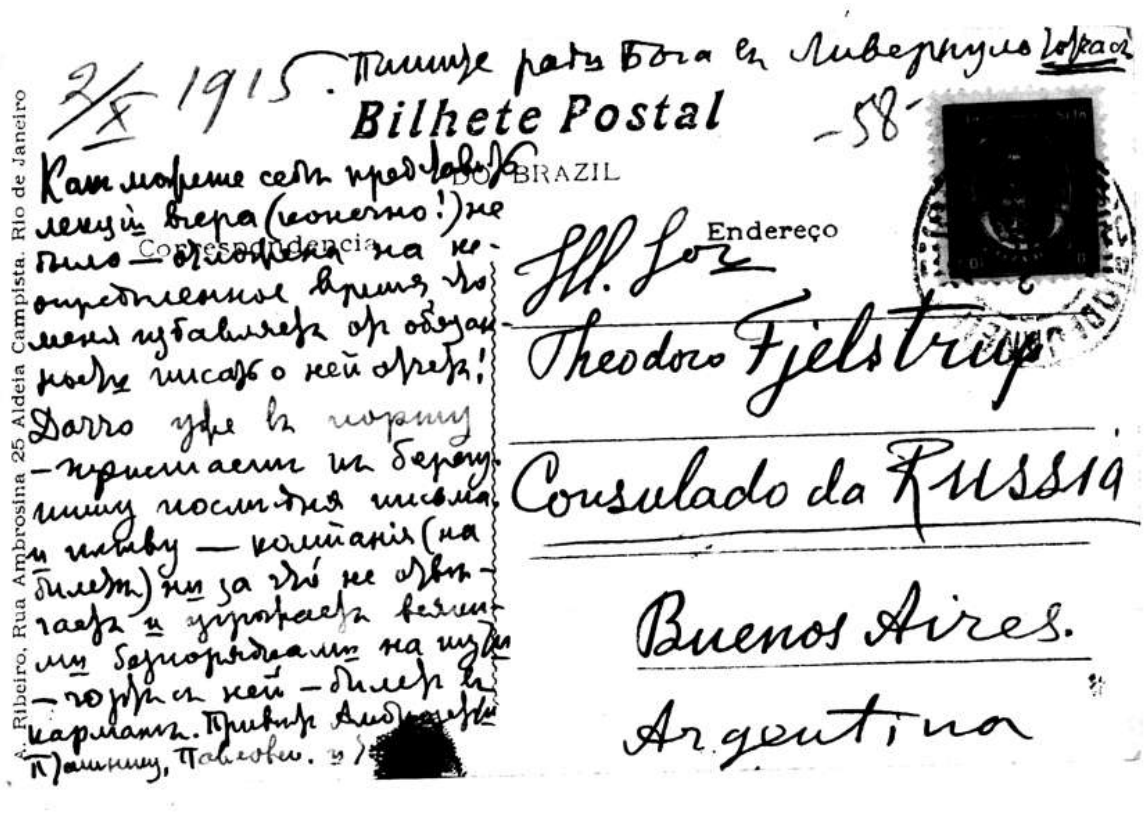


Figura 9. Postal de Manizer para Fielstrup, 2 de outubro de 1915.
Fonte - Rolo 8, im. 1458.

No próximo capítulo, retomaremos o momento da separação entre Fielstrup e Manizer, no interior do estado de São Paulo, ainda em dezembro de 1914. Se o primeiro dos russos teve pouco contato com o Brasil após deixar o estado de Mato Grosso, veremos que o segundo permaneceu no país até o dia em que partiu de volta para a Rússia. Serão analisadas, portanto, as práticas e perspectivas de Manizer a partir da estadia no então recente posto do SPI chamado Vila Kaingang, no oeste paulista. Dali, seus caminhos ainda incluiriam passagens pelas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, e então seu maior período de convívio com indígenas, em outro aldeamento governamental, desta vez na região da bacia do rio Doce, entre Espírito Santo e Minas Gerais. Todas essas fases de seu trabalho científico nos darão possibilidades de expandir os diálogos produzidos neste capítulo que se encerra, sobretudo através do fio dos contatos, embates e concepções ligados às pautas e políticas indigenistas nacionais. Também discutiremos brevemente, a partir do gancho dessas iniciativas oficiais e dos olhares de Manizer, a força das imagens então produzidas sobre o indígena e culturas tradicionais - não apenas no Brasil - em posturas teóricas cristalizadas nos

campos de estudos históricos e antropológicos ao longo do século XX. Por fim, ainda nos concentraremos em elaborar uma visão mais ampla do esforço científico de Manizer além da coleta, em práticas e materiais que precisaram ser articulados localmente pelo russo, em nome da compreensão de contextos e até dos valores do que vinha produzindo. Foi nesse sentido que o jovem etnógrafo, ainda no Brasil, deu partida a seu papel pioneiro na reconstituição da expedição Langsdorff, até ali esquecida.

# Capítulo III. Os passos de *cané iúro*: Manizer no sudeste do Brasil

## 3.1 O espaço entre duas "Vilas": Kaingang, funcionários estatais e protocolos

Com Fielstrup de partida, Manizer se apressa em fornecer os primeiros elementos dessa nova parte da jornada. Salta aos olhos, portanto, a peculiaridade de um projeto conduzido por uma estrutura de governo há poucos anos instalada ali. Apesar dela, Manizer traz indicações preliminares de que aqueles indígenas haviam permanecido de certa forma imunes a "dois anos de domesticação". Os cerca de dois meses vivendo no local lhe renderam material suficiente para que *Os Kaingang de São Paulo*[150] tenha se tornado um de seus principais registros publicados, onde detalha esse agente "domesticador" externo aos indígenas, sua vida e em que sentidos os percebeu "intactos".

A Vila Kaingang, onde foi recebido, representava uma das partes daquele Posto da Inspetoria de Índios do Estado de São Paulo:

> O Posto da Inspetoria onde me foi permitido viver entre os Kaingang está situado a apenas dois quilômetros da estação da estrada de ferro "Hector Legru", numa ampla clareira aberta numa densa floresta alta (a uma altitude de aproximadamente 400 metros acima do nível do mar). Esse Posto consiste em dois grupos de habitações, distantes meio quilômetro um do outro. O mais próximo da estação, a "Vila Kaingang", é a instalação dos agentes do governo; ela é habitada pelo diretor e sua família, os trabalhadores e uma parte dos índios. O outro grupo, a Vila Sophia, mais distante da estação, se encontra em plena floresta, em um meio primitivo e semi-selvagem; ela é habitada somente pelos índios e é interditado entrar nela sem autorização do diretor e sem intérprete.[151]

Na época, o diretor do Posto era o capitão reformado do Exército Manuel Sylvino Bandeira de Mello, que acabou ficando conhecido como "Capitão Bandeira" depois que esteve à frente do processo de conquista dos primeiros contatos pacíficos e aproximação com aqueles Kaingang no mês de março de 1912. Um dos filhos do Capitão Bandeira, Darcy, escreveu sobre suas memórias desse período e menciona os etnólogos russos que chegou a conhecer:

---

[150] Originalmente publicado por seu companheiro de viagem Ivan Strelnikov, sob o título Les Kaingangs de Sao Paulo, nos Anais do XXIII Congresso Internacional de Americanistas, em 1930 (Manizer, 1930). A edição brasileira (Manizer, 2006) foi traduzida e apresentada pela pesquisadora indigenista Juracilda Veiga.
[151] Manizer, 2006, p. 15.

> [...] lembro-me de dois cientistas russos: Frederich Fielstrup e Henrique Manizer, os quais haviam partido de S. Petersburgo (Leningrado) em 1914, em expedição científica pelo Brasil.
>
> Manizer permaneceu na Vila Kaingangue, conosco, vários meses. Era pessoalmente muito simpático, bastante culto e, sobretudo, ótimo desenhista. Costumava excursionar pelos picadões abertos na floresta e lá permanecer muitas horas, absorvido, às vezes, em desenhar animais selvagens que encontrava. Ao regressar, completava de memória as características da peça, pedindo-nos em seguida que a identificássemos, visto nunca tê-la visto antes. Nas horas das refeições, nos divertia muito pela preferência que tinha por alguns pratos, repetindo-os com excepcional gula. Era muito bem-humorado e os índios ficaram gostando dele, a quem apelidaram de "cané iúro" - olhos arregalados, isto porque os mantinha sempre assim, principalmente ao ouvir novidades do sertão[152].

Em um uma das passagens iniciais de seu estudo, Manizer reconhece esse processo e sua filiação ao SPILTN:

> O mérito da pacificação dos Kaingang e da segurança da Estrada de Ferro São Paulo - Mato Grosso é devido a um serviço governamental especial, criado em 1910, o Serviço de Proteção aos Índios. Esse serviço conseguiu estabelecer relações com os Kaingang do Estado de São Paulo perto da estação ferroviária "Hector Legru" e fundou, dentro da própria floresta, um estabelecimento destinado a prolongar relações pacíficas com os selvagens e iniciá-los, tanto quanto possível, aos usos e costumes da civilização. Foi ali que me foi dado observá-los.[153]

Nesse trecho, Manizer delimita o onde e alguns porquês que levaram aqueles indígenas a terem que conviver com a presença de tudo o que envolvia o Serviço de Proteção aos Índios. O discurso oficial e a propaganda se encarregaram de agregar a conveniente roupagem de objetivo civilizatório àquela iniciativa, que o próprio Manizer começa a indicar vir sendo movida por outros fins. Próximo como era da estação de nome Hector Legru, aquele território Kaingang aparecia como uma obstrução no caminho da recente estrada de ferro que o russo chamou de "São Paulo - Mato Grosso", mais conhecida como Noroeste do Brasil, que incluía trechos por onde Manizer já havia passado, como as estações matogrossenses de Porto Esperança, Miranda, Visconde de Taunay e Aquidauana (MORATELLI, 2009). Mais adiante, o etnógrafo ainda apresenta outro motivo para o interesse naquelas terras:

> O solo da floresta virgem habitado pelos Kaingangs é a famosa "terra roxa", extraordinariamente fértil e particularmente propícia à cultura do café; e esta é,

[152] Passagem do livro de Darcy Bandeira de Mello citada por Juracilda Veiga na apresentação da edição brasileira de "Os Kaingang de São Paulo". Bandeira de Mello,1982, p. 74 apud. Manizer, 2006, p. 5, 6.
[153] Manizer, 2006, p.11.

> precisamente, a causa pela qual os dias que restam de vida aos selvagens estão contados. As plantações de café, esse tão precioso arbusto do Brasil, já se estendem além da estrada de ferro que atravessou essas florestas inacessíveis; a floresta não tem condições de lutar contra esse novo inimigo[154].

As palavras de Manizer nesse trecho prevêem o ponto de chegada dessas pressões, exercidas por todos os lados sobre os indígenas e a natureza, traduzidas em uma rotina de confrontos com funcionários da ferrovia e proprietários de terra. Precisamente a partir da constatação desse cenário, no entanto, o russo aposta no valor científico de seu trabalho, já que estava diante de um povo, aparentemente, em seus últimos suspiros.[155] Além desse aspecto, Manizer ainda agrega ao significado de seu estudo a escassez de literatura substancial sobre os Kaingang, chamando os registros existentes de "fragmentos de origem fortuita". Especificamente para o caso dos Kaingang do oeste paulista, Manizer menciona um volume em que o então inspetor regional do SPI, Luiz Bueno Horta Barbosa, descreve a empreitada de "pacificação" na qual atuou[156]. Além dessa publicação, o etnógrafo contabiliza apenas "um estudo muito fragmentário" de um capuchinho italiano chamado Santin da Prade[157], "baseado em um contato muito passageiro com os selvagens, ou melhor, sobre os vestígios que eles deixaram"[158]. Manizer, então, estende seu levantamento bibliográfico às "famílias ou grupos meridionais"[159] Kaingang, momento em que menciona um trabalho de seu conhecido argentino Juan Ambrosetti sobre um grupo da província de Misiones[160]. Após citar os artigos de um explorador alemão chamado Hensel[161] e um jesuíta de nome Teschauer[162] sobre Kaingang, respectivamente no Rio Grande do Sul e Uruguai, o russo faz, enfim, referência e crítica ao naturalista Carl Friedrich von Martius:

> Nos seus *Beiträge*[163], Martius fala dos Kaingang (Kamé) como de um "Colluvies Gentium", que quer dizer, um bando de mestiços, de condenados fugitivos; segundo ele, sua língua nada mais é que uma mistura recente e artificial de muitos idiomas

---

[154] Manizer, 2006, p. 13.
[155] Ibidem, p.9.
[156]Horta Barbosa, L. B. 1913. A pacificação dos Caingangs Paulistas, Rio de Janeiro, Jornal do Commércio, 49p. apud. Manizer, 2006.
[157] Santin [da Prade], *Una spedizione ai 'Coroados' nello Stato di S. Paulo nel Brasile*, Anthropos, 1906, vol.1. apud. Manizer, 2006.
[158] Manizer. 2006, p. 11.
[159] Antes de mapear autores, Manizer cita "Etnografia do Brasil Meridional" como fonte de informações sobre subgrupos Kaingang (Ihering, 1912)
[160] Ambrosetti, Juan Bautista, *Los índios Kaingangues de San Pedro (Misiones)*, Revista del Jardin Zoologico de Buenos Ayres, p. 305-387, 1894, vol II. apud. Manizer, 2006.
[161] Hensel, *Die Coroados der Brasilianischer Provinz Rio Grande do Sul*, Zeitschrift für Ethnologie, 1869. apud. Manizer, 2006.
[162] Teschauer, *Die Kaingang oder Coroados-Indianer*, Anthropos, 1914, p. 16-31, vol. IX. apud. Manizer, 2006.
[163] Martius, Carl Friedrich von, *Beitragë zur Ethnographie und Sprachenkunde Amerika`s zumal Brasiliens*. Wortersammlung brasilianischer Sprechen. Leipzig: Friedrich Fleischer, 1867, Vol. II. apud. Manizer, 2006.

> indígenas com linguajar africano ou mesmo com jargão profissional. Teria sido mais simples reconhecer que ele nada sabia sobre eles, do que criar semelhante teoria com base em materiais insuficientes. Eu gostaria de destacar que, por superficial que seja nosso conhecimento atual sobre os Kaingang, esse conhecimento nos mostra que eles representam uma tribo original, independente e muito interessante.[164]

Aquele novo período de convivência, inaugurado entre os dias finais de novembro e o começo de dezembro de 1914, prometia que o nome de Manizer se juntaria aos daqueles autores que ele mesmo listava. O russo viveu na Vila Kaingang até janeiro de 1915 e buscou compreender aqueles indígenas tanto quanto foi permitido pela administração do Posto e seu intenso controle das situações de contato. Em alguns momentos, a escrita de Manizer abre espaço para considerações sobre o ambiente oferecido ali e suas condições de trabalho:

> Evidentemente, os índios não têm aprendido quase nada e não abandonaram de forma alguma os seus costumes, no espaço desses dois anos e meio. O papel do diretor consiste exclusivamente em conservar as boas disposições dos índios, evitar por todos os meios possíveis os mal entendidos e as querelas, e proteger os índios de toda influência estrangeira. Para que não houvesse nenhuma complicação, livrou-se até dos intérpretes provenientes dessa mesma tribo e trazidos do Estado do Paraná, tão logo seu serviço não era mais absolutamente necessário. Na qualidade de intérprete há, no momento, um rapaz brasileiro que está a par da linguagem apenas o necessário para manter o status quo e não apresenta, por consequência, inconveniente de nenhum dos lados. As funções administrativas consistem em desfazer os mal entendidos e desmentir pacientemente os burburinhos de todo tipo e os mexericos que constantemente causam alarde entre os índios; e ensinar-lhes longa e pacientemente a não meter os pés numa toalha limpa, a não enfiar as mãos nos pratos dos outros, a não andar totalmente nus, a não brigar entre si, etc.[165]

Tantas preocupações com a manutenção de um tenso e frágil equilíbrio entre indígenas e funcionários acabaram tendo efeitos práticos determinantes sobre as observações do russo, que, no início de seu estudo, aponta não ter percebido razões para se prolongar além daqueles dois meses. Além de ressaltar a falta de um intérprete adequado, Manizer diz ter sido sempre monitorado por um funcionário do local toda vez que desejava se aproximar de algum indivíduo Kaingang[166]. Percebemos, assim como Manizer percebeu e destaca, que a liberdade no contato era mutilada em função do medo de que toda aquela volatilidade se convertesse em alguma ruptura violenta. O protocolo do Posto incumbia os responsáveis de fazerem o necessário para represar indisposições e ruídos nas relações, fosse acatando vontades dos indígenas, fosse isolando-os através da pronta eliminação de toda fonte de influência exterior.

---

[164] Manizer, 2006, p. 12.
[165] Ibidem, p. 15.
[166] Ibidem, p. 9.

Chegando a este ponto, retomemos a carta de 25 de novembro, aquela em que Manizer nos inaugura sua presença nesse Posto da Inspetoria de Índios de São Paulo. Embora apenas o próprio remetente soubesse o sentido exato de "intactos" que tinha em mente ao escrever sobre os Kaingang em convívio com a própria "domesticação", aqui podemos tentar imaginar qual seria e exercitar outras possibilidades. Quando Manizer fala em indígenas que "permaneceram intactos" ante uma presença, nos é entregue um encontro do qual, supostamente, os Kaingang sairiam mudados ou em processo de mudança. Isso porque os indígenas observados pelo etnógrafo russo testemunhavam os efeitos de uma "colisão" que, há alguns anos, não mais admitia Kaingang ou agentes do SPI intocados um pelo outro. Para que possamos entender essa visão de Manizer, devemos fazer como ele e nos aproximar dos processos inseridos no contato. A partir desse novo ângulo, identificamos nuances relacionais que nos permitem encontrar diferentes noções de mudança e permanência.

A complexidade das relações construídas dentro do perímetro da Vila Kaingang e da Vila Sophia (Figura 10) oferece exemplos e percepções. Vemos a afirmação na carta fazer relação com a "domesticação" enquanto, em seu estudo, Manizer indica que "os índios não têm aprendido quase nada e não abandonaram de forma alguma os seus costumes, no espaço desses dois anos e meio". Assim, o mais provável sentido de indígenas "intactos" na carta diz respeito a esse aprendizado. Embora esse sentido pareça habitar a perspectiva de Manizer e, possivelmente, a dos funcionários encarregados do Posto, ele talvez não considere as sensibilidades Kaingang. Na mesma carta em que escreve terem se mantido intocados, o próprio Manizer chega a apontar que aqueles indígenas "se protegem cuidadosamente contra o contato com elementos brancos ruins". Os Kaingang não permaneceram intactos porque essas posturas defensivas e artifícios são atitudes - ou mudança de atitudes - que advém do contato. Vemos, então, como os diferentes referenciais humanos confundem percepções. Ali mesmo onde se frustravam os esforços pela mudança dos indígenas, estes mudavam para impedi-la.

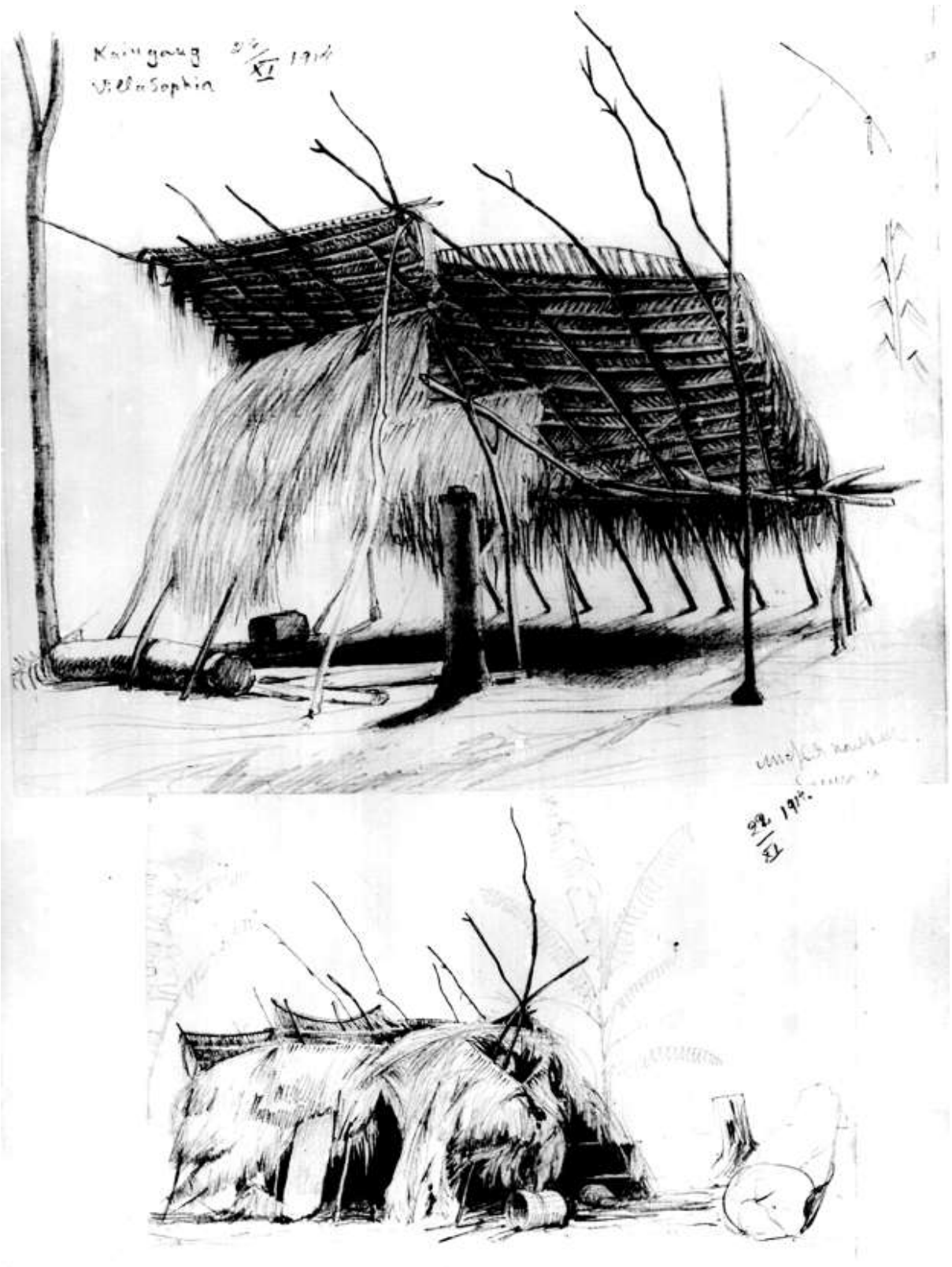

Figura 10. Habitações indígenas em Vila Sophia. Desenho de Genrikh Manizer. 22 e 23 de novembro de 1914. Fonte - Rolo 10, im.2360.

Situação semelhante está presente no controle exercido pela administração do Posto para sustentar o que Manizer trata como "status quo" das relações com os Kaingang. Nesse caso, se identifica um estado das coisas que o SPI desejava manter, ao passo que essa mudança nos indígenas era não somente indesejada, como até temida. O russo novamente observa como os Kaingang tomaram parte nessas interações, ocasionalmente envolvidos em perturbações que os funcionários logo buscavam conter, nos moldes daquela tutela estatal:

> [...] todo um grupo deles já visitou os centros civilizados. Em 1913 um agrimensor e todos os seus empregados foram massacrados na floresta; os culpados não negaram seu crime, mas disseram que ele foi provocado pelos brancos, por um roubo de milho na roça deles. Os culpados foram enviados, às custas da Inspetoria, por trem para São Paulo; outros ainda mais longe, até Santos, que fica na orla marítima, e ao Rio de Janeiro. Fizeram com que eles visitassem museus, prisões e hospitais; os levaram ao teatro e ao cinema. A impressão produzida sobre eles foi enorme. Na sua volta, os índios contavam que eles antigamente imaginavam que, fora da linha da estrada de ferro e alguns colonos estabelecidos às margens da sua floresta, não existissem outros brancos; naturalmente, eles não faziam ideia alguma das cidades. Eles não tinham, até ali, visto o mar. Os milagres da civilização causaram uma impressão que eles formularam em uma frase repetida frequentemente [...], que quer dizer: "o branco sabe muito". Depois disso, transcorreu um ano pacificamente, mas ninguém pode estar seguro que não se produza, um belo dia, um mal entendido que possa levar a uma nova catástrofe.[167]

Essa espécie de "excursão" instrutiva dos Kaingang demonstra até onde poderia ir a disposição de não recorrer a abordagens repressivas quando a intenção final era não provocar novas tensões que pusessem o trabalho de "pacificação" em risco. É importante que se coloque que a aplicação prática desse zelo no contato, no entanto, não sobreviveu além de alguns poucos primeiros anos de funcionamento do SPI. Em pouco tempo, os Postos passaram a acumular problemas que iam da escassez de recursos à corrupção e abusos contra os indígenas. Com a profusão de denúncias, vieram as demissões em massa e o fim do Serviço, que daria lugar à Fundação Nacional do Índio (FUNAI), em 1967 (BIGIO, 2007, p. 15; BRITO e LIMA, 2013, p. 96).

[167] Manizer, 2006, p. 16.

## 3.2 O “índio” na sala de espelhos do debate republicano

Além de representarem uma preocupação prática na solução de conflitos, os detalhes da primeira viagem desse grupo Kaingang para conhecerem e se espantarem com os “milagres da civilização” projetam a imagem do ideal perseguido nas bases da criação do SPILTN. A questão indígena ganhou urgência ao se ver sempre emaranhada nos debates sobre integração nacional e desenvolvimento que atravessaram os primeiros anos de República e mobilizaram setores intelectuais ligados às políticas de Estado, como foi o caso da ala positivista, que alçou Cândido Rondon como nome mais ilustre. O militar e cientistas do Museu Nacional, como o médico e antropólogo Edgard Roquette Pinto, ergueram as fundações do SPI, que se assentaria na noção de transitoriedade da condição indígena. Essa concepção direcionou funcionários e administrações de Inspetorias a conduzirem o contato com os indígenas e a “ensinar-lhes longa e pacientemente a não meter os pés numa toalha limpa, a não enfiar as mãos nos pratos dos outros, a não andar totalmente nus, a não brigar entre si, etc”, nas já citadas palavras de Manizer. No quadro dessas mesmas formulações, se estava diante de um estágio da evolução, que seria atravessado com a devida supervisão. Apresentados às práticas e lugares corretos, seria apenas uma questão de tempo e paciência até que se convertessem em trabalhadores civilizados (OLIVEIRA, 1985; BIGIO, 2007).

Durante sua estadia entre os Kaingang, Manizer ainda notou uma outra marca do projeto desenvolvido ali:

> O caráter não religioso do governo republicano e dos agentes faz com que não se toque em nada na religião dos índios. A administração do posto considerara, em princípio, como inadmissível opor-se de qualquer forma aos seus ritos e cerimônias; os empregados vão mais além nesse sentido e oferecem cooperação para as festas, as danças e os funerais; aconteceu mesmo que uma vez um enterro foi inteiramente executado pelos operários, num momento que os índios tinham se recusado a tomar parte nesse funeral, mas que foi feito segundo suas indicações e seus costumes. Os índios apreciam esse tipo de apoio e não perdem a ocasião de recorrer a ele.[168]

Notamos, enfim, que mais uma dimensão do contato se manifesta a partir da laicidade proposta para as atividades de aproximação e instrução do SPI. O ano de 1910, nesse sentido, representou um ponto de inflexão importante para a tradição da tutela indígena. Com o Serviço de Proteção aos Índios, esse assunto se tornava parte da estrutura do governo federal e a alçada ministerial passou a ocupar espaços antes dominados, por séculos, pela Igreja

[168] Manizer, 2006, p. 15, 16.

Católica e seus projetos missionários. Em meio ao acirramento das disputas republicanas do início do século XX, Rondon e outros positivistas instituíram seus planos de civilizar a natureza indígena em plena tensão com os meios concebidos pelos padres e bispos, embora o modelo imperial de aldeamentos já se encontrasse decadente (MONTERO, 2017, p. 204).

O SPILTN ajudou a demarcar a face mais antropológica da Comissão Rondon (AMOROSO, 2017, p. 176) e fundar uma crítica aos salesianos que se sustentava sobre a noção específica da "liberdade" dos indígenas, reconhecendo o problema da tutela católica na "excessiva dependência econômica dos índios com relação à missão que não lhes ensinava o cultivo do solo nem o manejo de diversas maquinarias, mantendo o índio preso indefinidamente à gleba da colônia de propriedade da congregação e impondo-lhe a obrigação de participar dos rituais religiosos" (MONTERO, 2017, p. 215). Como estrutura incorporada às origens militares da Comissão, as diretrizes de "pacificação" dos postos indígenas legitimavam a si mesmas como instrumentos de valorização de qualidades inerentes ao nativo, como a força guerreira, que serviriam muito bem ao controle de territórios estratégicos no país. É fato, portanto, que diferenças importantes desenharam rotinas e fundamentos que, segundo Montero (Ibidem, p. 215), permitem dizer que "a noção cristã de civilização estava mais associada ao controle do corpo e do espírito do que ao da terra."

A autora, no entanto, vai além em seu argumento e explica que, apesar da atividade dos salesianos não ter sido marcada pelas preocupações territoriais que impregnaram o trabalho das Comissões e do SPI, ela "não destoava, em suas principais linhas - nacionalizar o índio adestrando-o para o trabalho agrícola -, da ideologia indigenista do período" (Ibidem, p. 215). Para João Pacheco de Oliveira, de uma maneira ou de outra:

> A tutela é uma forma de dominação marcada pelo exercício da mediação e ancorada no paradoxo de ser dirigida por princípios contraditórios que envolvem sempre aspectos de proteção e de repressão, acionados alternativamente ou de forma combinada segundo os diferentes contextos e os distintos interlocutores (OLIVEIRA, 2014, p. 130).

A partir da chegada à Vila Kaingang, Manizer poderia começar a afirmar que teve acesso a representações dos dois modelos e às particularidades que residiam em cada cotidiano, nas críticas mútuas e nos respectivos esforços para garantirem sobrevivência, apoio e legitimidade. Lembremos que o russo critica e, em certo ponto, parece até irônico ao descrever as posturas dos padres que haviam transplantado toda aquela "mobília de um

pequeno burguês" e orações compulsórias para o convívio com dois grupos Terena em Mato Grosso, chegando a considerar que o desinteresse pelos indígenas em si era tamanho por ali que seria mais fácil os missionários terem o que aprender com eles - etnógrafos estrangeiros - do que algo a acrescentar sobre.

Em sua rotina no posto indígena, por sua vez, Manizer indica ter tido suas observações e registros prejudicados pelos olhos e protocolos que vigiavam cada contato com os Kaingang. Nos dois casos, a presença desses componentes de mediação ou interferência não escaparia à percepção de alguém que buscasse uma proximidade legítima com os indígenas e elementos de suas vidas. Também não escapou a Manizer que a laicidade que conduzia as obrigações dos funcionários do posto de Vila Kaingang era mais oportuna para seu olhar de cientista, interessado pela integridade dos valores e comportamentos daquelas culturas muito adjetivadas por ele e outras mentes daquele período como "primitivas". Por mais que diferenças se pronunciassem a quem tomasse conhecimento de ambas as experiências, o russo presenciou variações de uma abordagem educativa e instrutiva comum, que dizia respeito à concepção fundamental do trabalho civilizatório. É nesse ponto que Paula Montero (Ibidem, p. 204) delimita uma aproximação entre os modelos de tutela em disputa, quando lembra que, por um lado, um sentido ampliado do termo *catequese* resistia naquele momento e aparecia como ideia que transpunha os limites da ação missionária. Por outro, interessava aos positivistas uma redução desse significado:

> Apesar das críticas à atuação da Igreja Católica nesse campo, o conceito de *serviço de catequese* foi utilizado por todas as correntes de pensamento para significar a promoção de uma pedagogia civilizatória para os índios. Nesse sentido, o trato com o problema da integração do índio à nacionalidade recebia o nome genérico de *catequese leiga*. Em seu esforço para defender as verbas e as prerrogativas do SPI, subtraindo-as à influência dos bispos, Rondon procurava circunscrever esse sentido amplo atribuído então à *catequese,* limitando-a ao trabalho de "pregação religiosa"(Ibidem, p. 219).

Um outro ponto notável, no entanto, aparece atravessando as observações mais básicas de Manizer nos dois lugares. Ainda detidos nas perspectivas do russo sobre os diferentes ensinamentos passados aos indígenas, o jovem etnógrafo registra que essas tentativas frequentemente não produziam os efeitos desejados. Mesmo o espaço de apenas um dia foi suficiente para que Manizer - e ainda Fielstrup naquele momento - percebessem que, enquanto os missionários se esforçavam em incutir aquela "grande quantidade de aleluias" na vida dos Terena, estes mantinham suas práticas e confianças depositadas em "seus próprios "padres"" que - como os russos certa vez observaram com os Kadiwéu -

também eram seus “médicos”. O contexto encontrado na Vila Kaingang não desvia dessa ideia quando já tínhamos visto o russo notar que os indígenas ali “não têm aprendido quase nada e não abandonaram de forma alguma os seus costumes”. Esse aspecto, porém, não deve nos impedir de igualmente ter em mente os variados impactos que, em seus próprios ritmos, cada iniciativa conseguia acumular no imaginário dos indivíduos que fossem apresentados aos costumes do homem branco e a suas cidades.

Os próximos passos de Manizer o levaram justamente até esses centros, de onde irradiava o mundo urbanizado por onde outrora fora guiado certo grupo Kaingang, visto e classificado - como todos os outros indígenas - segundo quadros que começavam a ser pintados pelas forças de um Estado e de uma ciência que pensavam a civilização e o país a partir dali. Imagens e conceitos de diversidade se propagavam no Brasil Republicano como Cândido de Mello Leitão (1941, p. 327) considerou terem se feito ouvir as viagens científicas naquele momento: como “ecos da Exposição Antropológica de 1882”. A Exposição - organizada e sediada no Museu Nacional do Rio de Janeiro - teve participação central na composição da opinião pública urbana em torno de pessoas e temas aos quais eram essencialmente alheios, enquanto outras mostras desse tipo eram abertas em diferentes porções do mundo “civilizado” e ajudaram a fundar o que Georg Fischer chama de “políticas do olhar aos outros” (FISCHER, 2019, p. 970).

Quando Fisher propõe que “a observação de “selvagens” era um gesto de poder e ferramenta para popularizar uma noção de supremacia baseada em uma distinção essencialista entre pessoas dentro e fora da história” (Ibidem, p. 970), podemos pensar nessas exibições como extensão e complexificação dos valores com os quais Mary Louise Pratt concebeu os encontros coloniais (PRATT, 1999). Essa manifestação do interesse pela natureza e diversidade humana - a que tomou conta de museus nos epicentros de urbanização da transição entre os séculos XIX e XX - foi tratada por Timothy Mitchell como formadora de um “mundo em exibição” (MITCHELL, 1989). O caso específico da Exposição Antropológica de 1882 ainda nos oferece, segundo Marta Amoroso, o “espaço museológico privilegiado para se observar as relações entre ciência e religião na abordagem da questão indígena no fim do século XIX” (AMOROSO, 2017, p. 180). Isso porque missionários responsáveis pelos aldeamentos indígenas favoreceram o evento com materiais de interesse científico, fazendo da ocasião uma importante interface entre uma tutela essencialmente religiosa e a emergência de perspectivas etnográficas (Ibidem, p.178, 180). Esses novos olhares encontraram abrigo na política indigenista republicana oficial, quando o impasse da tutela transformou as contribuições em disputa:

> A guinada empirista das pesquisas conduzidas no âmbito da Comissão Rondon, efeito e contraefeito do acolhimento que Rondon e seus auxiliares tiveram na academia, contrasta com a atitude institucional de "negação de arquivo" que associamos ao programa Catequese e Civilização do governo do Império (1845-1889), conduzido pelo próprio governo e por missionários capuchinhos italianos (Ibidem, p. 178).

A autora não deixa de nos lembrar que havia um outro lado nas ambíguas relações dos religiosos com registros e materiais sobre os indígenas no século XIX. Nesse sentido, Amoroso mostra que, enquanto uma das mãos daqueles missionários entregava objetos e indivíduos a espaços científicos como o Museu Nacional, a outra havia, por muitas vezes, tentado destruir indícios documentais da presença indígena em regiões que eram alvo das políticas de imigração européia do governo imperial (Ibidem, p. 178). As ciências e o senso comum urbano e rural, em contato com iniciativas e incidentes que envolviam indígenas, classificaram-nos segundo seus próprios parâmetros e a partir da relação que os "primitivos" tinham - ou não - com eles. Havia, portanto, quatro grupos: "os "selvagens" que ainda não tinham estabelecido relações com o mundo tido como civilizado; os "ferozes" que já haviam experimentado a violência dos colonos e militares; os já "pacificados", mas que viviam em uma sociedade à parte; os "mansos" que viviam em "promiscuidade" com os brancos" (LIMA, 1995 apud. MONTERO, 2017, p. 219). Nos primeiros anos do século XX e, sobretudo, conduzindo ao estabelecimento do SPILTN, essas categorias traduziram um tenso quadro de interações:

> Enquanto a violência dos índios do Sertão era mais ou menos esperada, posto que entendida como coerente com seu modo de vida, as rebeliões de índios mansos deixava a opinião pública perplexa. Ela colocava o problema de saber se a índole do índio seria impermeável à civilização ou se os meios utilizados até aquele momento, a sedentarização e educação pelo trabalho, seriam inadequados (MONTERO, 2017, p. 215).

Essa situação se converteu em uma movimentada arena de debates e inquietações, que colocou católicos e positivistas em trincheiras opostas (Ibidem, p. 215), mas também marcou desgastes circunscritos ao pensamento científico. A lembrança de que Rondon e seus companheiros positivistas acreditavam no indígena como estágio passageiro agora vem com uma ressalva. A intelligentsia urbana no Brasil não era unânime quanto à "capacidade ou não de evolução dos povos indígenas" (LIMA, 1987: 172), como não deixam dúvidas a figura e as formulações do naturalista alemão Hermann von Ihering (1850 - 1930) (FERREIRA, 2005). Ihering esteve na posição de diretor do Museu Paulista ao longo da turbulência desses primeiros anos de República e foi um motor intelectual para os ataques do governo de São

Paulo aos indígenas na colonização dos sertões do estado. Essa atitude não foi isenta das denúncias de personagens como o já mencionado Luiz Bueno Horta Barbosa - que fundou a Comissão Protetora da Defesa e Civilização dos Índios em 1909, antes de entrar para o SPI - e o etnógrafo alemão Curt Nimuendajú (WELPER e BARBOSA, 2013, p. 401).

Em sua passagem pela cidade de São Paulo, Manizer menciona ter conhecido o polêmico Ihering, que seguia à frente do museu e já há alguns anos era conhecido por seus posicionamentos sobre o que fazer com indígenas. Ainda em 1907, o alemão havia enfileirado reações no campo intelectual com a publicação de seu *A Antropologia do Estado de São Paulo*[169], onde se concentrou em delimitar uma fronteira entre os indígenas que considerava pacíficos - provavelmente incorporáveis ao conjunto da nação como trabalhadores - e aqueles aos quais atribuía índoles violentas e impermeáveis à evolução e qualquer esforço de integração a um convívio dito civilizado (FERREIRA, 2005, p. 428). Buscando entender como Ihering pensou essa divisão no estado de São Paulo, nos deparamos com deliberações especiais sobre os Kaingang que seriam visitados por Manizer entre 1914 e 1915:

> Quasi tudo que sabemos da vida dos Caingangs refere-se a observações feitas nos Estados do Rio Grande do Sul e do Paraná, com relação a Índios aldeados. A cultura dos Caingangs ou « Coroados » de S. Paulo é-nos quasi inteiramente desconhecida, mesmo por serem elles absolutamente refractários a qualquer relação amistosa com a população brazileira, ainda quando estes estejam em companhia de indigenas que falem a sua lingua. No correr dos últimos annos tivemos a lamentar no Estado de São Paulo o assassinato do Monsenhor Claro Monteiro, facto ao qual já acima nos referimos, bem como dous assaltos practicados contra expedições da Commissão Geographica e Geológica deste Estado. O primeiro destes assaltos deu-se á margem do Rio Feio, tendo sido neste occasião feridos por flechadas o chefe da turma exploradora, Dr. Olavo Hummel e diversos camaradas. O segundo encontro deu-se no Rio do Peixe por occasião da descida das canoas da turma chefiada pelo Dr. Gentil Moura que explorava o curso do Rio do Peixe[170].

Nessas palavras, o diretor do Museu Paulista dá uma amostra de como seu olhar capturou o interior do estado não muitos anos antes de Manizer e Fielstrup chegarem à região. Onde os russos encontraram um posto da Inspetoria de Índios e a narrativa vitoriosa da "pacificação", Ihering havia relatado o estado crítico das relações estabelecidas com os Kaingang do oeste de São Paulo. O alemão lança mão, inclusive, da comparação dessa população indígena com a docilidade relativa dos Kaingang aldeados do sul do Brasil, para marcar a diferença essencial ao seu argumento. Para Ihering, toda essa dificuldade e a escalada violenta dos incidentes eram a prova de que se estava tentando lidar com indígenas

[169] Ihering, 1907.
[170] Ihering, 1907, p. 14.

irremediáveis em sua agressividade e deficiência cultural, que nada mais faziam senão travar a logística nacional na Estrada de Ferro Noroeste do Brasil e tolher o potencial cafeeiro da região. Nesse compasso, a política de extermínio surge, para Ihering, como inevitável e justificável opção à falta de perspectivas civilizatórias para o indígena (Ibidem, p. 215).

Se procurarmos a dimensão dos debates e políticas construídas nesse período, encontraremos pistas nas denúncias à situação dos indígenas no Brasil, que chegaram mesmo a se propagar em espaços além de suas fronteiras, como foi o caso dos Congressos Internacionais de Americanistas. Em 1908, a cidade austríaca de Viena foi palco do evento e de um curioso incidente protagonizado pelo mesmo tchecoslovaco que havia passado aqueles últimos anos no encalço do já falecido Guido Boggiani e que viria a contribuir significativamente com as coleções etnográficas do museu russo que, dali a seis anos, enviaria cinco jovens à América do Sul. A sessão do dia 14 de setembro daquele ano vira Albert Vojtech Frič e seus anos de caminhos e coletas pelo Brasil pedirem a palavra. O antropólogo Lev Shternberg esteve nesse Congresso a serviço do Museu de Antropologia e Etnografia da Academia Russa de Ciências e, provavelmente sentado em algum ponto do recinto, presenciou o momento em que aquele botânico viajante se posicionou para falar em denúncia ao drama de ataques e exploração vivido pelas sociedades indígenas do Brasil (STAUFFER, 1959, p. 169, 170).

Naquele momento, Shternberg ainda não sabia do contato que teria com o tal jovem Frič que falava diante da audiência do Congresso e muito menos que o rapaz viajaria à América do Sul para coletar como parceiro do MAE alguns anos depois (KORSUN, 2012). Frič também não poderia suspeitar daquilo ou imaginar que, um dia, seu nome apareceria como referência nos registros de Manizer, Fielstrup e dos demais. Hermann von Ihering, por sua vez, logo tomou conhecimento do relatório de Frič e reagiu, tendo se dedicado a desqualificar o discurso e a figura do tchecoslovaco durante boa parte de sua fala de posse como membro honorário do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, em 20 de outubro de 1908. Ao longo dessa parte da sessão, Ihering se mostrou especialmente incomodado pelos momentos em que a denúncia ligou seus compatriotas, os colonos alemães, a uma riqueza de detalhes sobre violência, crueldade, assassinato e escravização de indígenas no Brasil meridional (STAUFFER, 1959, p. 436-441). Devemos lembrar que, a essa altura, o diretor do Museu Paulista já se empenhava em rebater uma profusão de críticas e descontentamento - por parte de diferentes setores da vida nacional - com sua visão fatalista sobre a questão indígena e a defesa do extermínio (Ibidem, p. 428-436)

No seio dessas controvérsias, von Ihering vinha demonstrando enxergar os caminhos dos indígenas sob um prisma diametralmente oposto ao das perspectivas e ideais que haviam sido cultivados pela intelectualidade romântica indianista do século XIX (Ibidem, p. 433; KURY, 1998; COSTA, 2019). A partir de 1910, o naturalista alemão mantém e intensifica suas posições, que se convertem em ataques diretos desferidos à inauguração do Serviço de Proteção aos Índios e Localização dos Trabalhadores Nacionais. As pesadas críticas de Ihering à criação positivista do SPI, comparando-o pejorativamente com a tradição romântica, aparecem bem representadas por expressões como "tupimania", "filoindianismo epidêmico" e "resquício anacrônico do romantismo", contidas em seu volume *A questão dos indios no Brazil*, publicado pela Revista do Museu Paulista em 1911[171]. De fato, conforme explica João Pacheco de Oliveira, o olhar romântico que estivera em voga na metade do século XIX voltava ao horizonte através do grupo de Rondon, porém aliado ao enquadramento positivista, trazendo encontros entre os retratos indígenas discutidos no capítulo anterior (OLIVEIRA, 2014, p. 137).

Apesar de toda a convulsão intelectual, o caso de Ihering só pode ter oferecido surpresa pela manifestação pública e organizada de um pensamento que, a bem da verdade, não tinha nada de novo. O diretor do Museu Paulista poderia apenas ter sido a primeira figura reconhecida a publicar, mas nunca a primeira a ter considerado que a modernização do Brasil poderia dispensar as vidas de alguns indígenas, vistos nos novos e amplos imaginários da nação como verdadeiros "elefantes brancos". O rastro de cadáveres indígenas, como meio justo para fins nacionais tidos como maiores, habitou, segundo Stauffer (1959, p. 436), e ainda no século XXI habita muitas consciências além da de Hermann von Ihering.

Quando Manizer esteve em São Paulo, Ihering começava seu último ano à frente do Museu Paulista. O final de 1915 o veria deixar a instituição depois de vinte e dois anos como diretor que assumira concebendo um museu especializado, através da montagem do acervo e da busca por diversas parcerias, que incluíram entidades como o British Museum, o National Museum of Natural History, o Musée de Paris e a Smithsonian Institution (LOPES, 1997; LOPES e FIGUEIRÔA, 2002-2003). Esses intercâmbios de Ihering ainda incluíram o destaque para uma produtiva relação com museus e cientistas argentinos, entre eles o prestigiado paleontólogo Florentino Ameghino (1854-1911) (LOPES, 2001), cujo irmão os russos haviam tido a ocasião de conhecer nos primeiros dias em Buenos Aires[172]. Sobre os reais motivos do afastamento de Ihering e seu retorno à Alemanha no final de 1915,

[171] Ihering, 2011, p. 117, 127.
[172] Cartas de Manizer à família, 28 e 29 de maio de 1914. Rolo 10, im.2104-2178.

diferentes versões[173] dão as pistas de um conturbado cenário político, científico e institucional, onde são propostos motivos como suas declarações sobre indígenas, supostas irregularidades na gestão do museu e más disposições entre cientistas brasileiros e alemães, em alguns casos ligadas à Primeira Guerra Mundial (FRANÇOSO, 2005, p.588; OLIVEIRA, 2018).

## 3.3 Um pequeno empurrão amigo até o rio Doce: os meses com os Borum

Seguindo viagem, Manizer já reportava do Rio de Janeiro em fevereiro de 1915. Quando enfim conseguisse voltar para casa, o etnógrafo russo publicaria no periódico *Birjivie Viêdomasti* sobre sua situação naquele ponto, quando seus recursos se esvaíram e apenas lhe restaram dúvidas e tempo livre que não poderia aproveitar. A guerra lhe impedia de ir embora e a falta de dinheiro interrompia sua viagem no Brasil[174]. Nessas condições, Manizer não teria podido se lançar a seu último período de contatos com sociedades indígenas no país se não fosse por Piotr Maksimov. Na condição de ministro plenipotenciário da Rússia no Brasil, Maksimov foi peça fundamental nos rumos de Manizer. A princípio, seu suporte veio em contatos no Ministério da Agricultura para a abertura das portas do Museu Nacional ao jovem russo, que ali se dedicou a ampliar suas pesquisas e acabou conhecendo o professor Edgard Roquette Pinto, com quem tece algumas discussões, conforme nos indica uma passagem do estudo sobre o repertório gestual dos Kaingang de São Paulo:

> Pode-se dizer que o gesto de negação não existe entre os Kaingang. Quando eles não estão de acordo com você ou quando eles não desejam alguma coisa, eles manifestam a sua vontade por uma imobilidade diferente. Para exprimir a afirmação ou a concordância há o seguinte gesto: eles levantam as sobrancelhas e movem a cabeça para trás. Esse gesto é talvez geral entre os índios; eu os observei entre os Kadiwéu e os Botocudos; e o Dr. Roquette Pinto me descreveu um gesto similar entre os Nambiquara.[175]

[173] FIOCRUZ, Casa de Oswaldo Cruz. Museu do Estado. In: Dicionário Histórico- Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930). Rio de Janeiro, 2004.
Link: https://dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/verbetes/ihenrod.htm#topo, acesso em 22 de abril de 2021.
[174] Manizer, 1916a p.8.
[175] Manizer, 2006, p. 57.

Esse contato de Manizer com Roquette-Pinto é muito brevemente mencionado nas fontes documentais, mas há indicação de uma troca de coleções entre eles. Na contabilização dos objetos entregues pela expedição após seu retorno, o MAE registrou a seguinte entrada:

> GG Manizer - tribo Nhambiquara, Mato Grosso, Brasil - 37 obj. (coletados por Roquette-Pinto, em 1912, na construção da linha telegráfica do Mato Grosso ao Amazonas, e obtidos por Manizer no Museu Nacional do Rio de Janeiro em troca de parte dos itens dos botocudos.[176]

Segundo destaca Rita de Cássia Melo Santos (SANTOS, 2019), Roquette-Pinto participou do Congresso Internacional de Americanistas de 1912, quando abordou justamente seu então recente trabalho realizado entre os indígenas Nhambiquara. Como discutido no primeiro capítulo desta tese, Lev Shtnerberg, Juan Ambrosetti, entre outros cientistas, estiveram nessa edição do congresso. As investigações, porém, não identificaram evidências das relações entre o antropólogo russo e o brasileiro na ocasião. De volta à passagem de Manizer, podemos notar que a publicação sobre os Kaingang já inclui referências e comparações relacionadas aos indígenas que ele chama de Botocudos. Os Botocudos fazem aparições em outros momentos da obra[177] porque, como veremos, foi com eles que Manizer conviveu por mais tempo durante a expedição. No início de seu *Os Botocudos, segundo as observações recolhidas durante uma estadia com eles em 1915*, porém, o etnógrafo russo chama a atenção para a existência, na época, de outros grupos chamados Botocudos no Brasil. Ele explica que, além desses que cita através de observações próprias, havia grupos diferentes de Botocudos na Bahia e na região Sul, entre Paraná e Santa Catarina[178].

Voltando nosso olhar ao livro sobre os Kaingang, vemos que Manizer percebe as confusas relações produzidas pelo uso genérico do termo Botocudo em referência a indígenas que usavam adornos labiais:

> Os Kaingang possuem uma linguagem uniforme, mas alguns grupos se distinguem dos outros pelo costume de furar o lábio inferior e de introduzir nele, à guisa de ornamento, uma espécie de prego cujo nome é *tembetá*. Esse costume é comum também ao de muitos grupos Guarani, o que os faz ser confundidos, sob o nome de Botocudos, com a tribo dos Aimoré ou Borun dos estados do Espírito Santo e Minas Gerais. [...] Nas narrativas dos Kaingang setentrionais, entre os quais vivi, os Botocudos são representados como inimigos particularmente temíveis e, conforme eles, um dos seus chefes (Wauwi) descendia de um índio com o lábio inferior traspassado.[179]

---

[176] Descrição e contabilização dos objetos da expedição de 1914-1915 em entrada no MAE. apud. Soboleva, 2016, p.92-93.
[177] Ibidem, p. 32, 38, 39.
[178] Manizer, 1916b, p. 244.
[179] Manizer, 2006. p. 11.

A partir da estadia no Rio de Janeiro, Manizer não teria conseguido conhecer esses Botocudos - os Borum da bacia do rio Doce - sem nova ajuda de seu compatriota Maksimov. Também no artigo do *Birjivie Viêdomasti*, o jovem recorda com gratidão, depois da morte do ministro:

> Eu não saberia exprimir qual consideração sinto por sua memória, quando me lembro do afeto e paternal bondade com a qual me recebeu. Ele me aconselhou a reportar imediatamente os principais fatos da minha viagem já terminada e anexar a minha carta à Academia de Ciências, no seu correio próprio, e esperar a resposta com a remessa de fundos necessários para o meu retorno - pois as minhas próprias finanças estavam esgotadas - ele me ajudou com recursos pessoais para ir ver os índios Botocudos, para que durante esse tempo eu pudesse continuar com a minha viagem.[180]

O jovem etnógrafo seguiu as recomendações e, no dia 20 de fevereiro , usou o correio de Maksimov para encaminhar um relatório que também continha tudo o que ele sabia sobre as coletas de seus companheiros[181]. Algumas fontes indicam que essa mensagem foi a que finalmente informou a Academia de Ciências sobre o paradeiro da expedição, em maio de 1915. Sergei Oldenburg, Secretário Permanente do órgão, transmitiu um pedido de Radlov em reunião da cúpula da Divisão Histórico-Filológica, no dia 20 de maio de 1915:

> O Museu recebeu uma notificação de G.G. Manizer, que está no Rio de Janeiro (Brasil), e aguarda dinheiro para voltar à Rússia, onde cumprirá o serviço militar. Tendo uma quantia de 300 rublos a ser doada especialmente para as despesas do retorno do Sr. Manizer., assim como 10 rublos para o repasse desse dinheiro, o Diretor do MAE solicita à Diretoria o repasse desse valor por telégrafo através do Escritório de Crédito, pois através de bancos privados tais transferências são agora extremamente não rentáveis. Endereço para o envio: Rio-Janeiro, Consulado Russo, G.G. Manizer. O dinheiro será apresentado ao Conselho em tempo hábil.[182]

Naquele momento, o MAE e outros setores da Academia tinham em suas mãos a complicada responsabilidade de localizar e concluir as viagens de coleta que tinham sido enviadas antes do início da guerra. Ao mesmo tempo em que tentava se articular com expedições e coletores em diferentes continentes, a matriz científica russa enfrentava grandes problemas em casa. O MAE, por exemplo, viu seu Conselho de Curadores encolher de tal

[180] Manizer, 1916a, p.7.
[181] Relatório preliminar de Manizer sobre a expedição na América do Sul, 20 de fevereiro de 1915. Rolo 10, im.2315-2323.
[182] Comunicação de Sergei Oldenburg à Divisão Histórico Filológica da Academia Imperial de Ciências da Rússia, 20 de maio de 1915, apud. Soboleva, 2016, p. 103.

maneira por situações da guerra, que deixou de reunir o grupo a partir de fevereiro do mesmo ano. Com isso, o orçamento do museu também foi drasticamente afetado (SOBOLEVA, 2016, p. 101). Vinte dias depois do relatório de Oldenburg, uma carta de Radlov para Nobel - o já citado mecenas e ainda membro do Conselho de Curadores do MAE - nos fornece mais alguns detalhes:

> Caro Immanuel Ludwigovich,
>
> Cerca de um ano atrás, o senhor prestou assistência a alguns jovens que foram para a América do Sul com propósito de estudos científicos. O senhor então atribuiu 1.000 rublos a eles, mas, a meu conselho, deu a eles apenas 400 rublos, porque eu achava que uma viagem à América do Sul por três meses, como os excursionistas então supunham, não tinha significado científico e não merecia incentivo especial. Mas aconteceu que, devido às circunstâncias em tempo de guerra, os excursionistas ainda permanecem na América do Sul e, a julgar pelas notícias que tenho, trabalham com extremo sucesso e até altruísmo, suportando todo tipo de dificuldades. Portanto, é extremamente importante agora fornecer-lhes apoio para a coleta bem-sucedida de coleções e pesquisas científicas, e também dar-lhes a oportunidade de retornar à Rússia em um futuro próximo, pelo menos naquele valor (1500 rublos) que o senhor não lhes deu por minha culpa.
>
> Anexo a esta uma cópia da carta [Brasil. - E.S.] do enviado sobre as atividades de seus protegidos.[183]

A resposta a essa carta veio quase um mês depois. Nobel lamenta sua própria demora, explicando-a por "assuntos importantes de ocasião", que o haviam tirado de Petrogrado naquele momento. O industrialista prossegue em sua escrita, reconhecendo os resultados dos jovens russos na América do Sul, e anexa o valor de 600 rublos para a expedição[184]. Percebemos como os dados que enfim chegaram à Rússia demonstraram que os estudantes em expedição haviam seguido ativos e que tinham resultados convincentes, o que iniciou a mobilização por providências. Vemos como é importante que os materiais ajudem a elucidar essa dinâmica de comunicação, pois assim nos aproximamos do verdadeiro aspecto da expedição, de quão localmente esse empreendimento e seu valor científico acabaram sendo construídos. Apesar das expectativas que se mantinham a cada vez que algum dos russos introduzia ou concluía uma mensagem com palavras como "espero que minha última carta (20.01.1915) tenha lhe alcançado [...]"[185], bastante tempo se passou até que a situação se esclarecesse por completo. Manizer só pôde dimensionar o quadro de limitações em fevereiro de 1915, no Rio de Janeiro. Na carta à qual anexou seu relatório, o etnógrafo diz a Radlov que "parece que toda a comunicação com a Rússia havia sido interrompida". Em seu artigo

[183] Carta de Vasili Radlov a Immanuel Nobel, 10 de junho de 1915, apud. Soboleva, 2016, p. 105.
[184] Carta de Immanuel Nobel a Vasily Radlov, 2 de julho de 1915, apud. Soboleva, 2016, p. 106.
[185] Carta de Geiman para Shternberg, 9 de fevereiro de 1915. Rolo 10, im. 2326-2329.

no *Vedomosti*, Manizer explicaria que as "primeiras cartas da Rússia após um ano de intervalo"[186] só haviam chegado em julho de 1915, quando finalmente teve notícia da Academia de Ciências.

Despedindo-se, por hora, da capital republicana e de Maksimov, Manizer pegou uma embarcação para a cidade de Vitória, no Espírito Santo, de onde seguiu o traçado da recente Estrada de Ferro Vitória-Minas até a estação de Colatina, já no vale do rio Doce. O russo visitou duas localidades na região de divisa entre Minas Gerais e Espírito Santo: o Posto Indígena de Pancas e uma aldeia próxima à estação de Lajão, na mesma linha férrea. O posto fora instalado pelo SPI e para lá haviam sido conduzidos indivíduos de pelo menos quatro subgrupos de indígenas Borum, chamados Gut-Krak, Minãjirun, Nak-ne-nuk e Nakrehé[187]. As divisões dos autodenominados Borum são a expressão de um passado de relações entre indivíduos que dominavam diferentes territórios no médio rio Doce, os Sertões do Leste do período colonial (PASCOAL, 2012, p. 5). Os remanescentes dessa "conjunção histórica" hoje vivem na reserva chamada Terra Indígena Krenak, etnônimo pelo qual são reconhecidos pelo Estado e nome da liderança que esteve à frente das negociações do aldeamento na região (PASCOAL, 2010, p. 6; 2012, p. 8).

Os Borum visitados por Manizer, assim como seus ancestrais, já haviam conhecido toda sorte de contatos desde os primeiros conflitos com os portugueses no século XVI, acumulando perdas populacionais nas incursões de brancos - os que começaram a chamá-los Botocudos - ao interior durante o ciclo do ouro, na Guerra Justa declarada pelo rei D. João VI em 1808 e - quando não eram emboscados e mortos por armas de fogo - pereciam para doenças que acompanhavam os "presentes" de colonos em outros encontros (DUARTE, 2002; PASCOAL, 2010; 2012). Além disso, Georg Fischer nos conta que a segunda metade do século XIX ainda reservou a esses indígenas a experiência de terem indivíduos e famílias sequestrados e feitos cativos na Europa, onde foram exibidos, enquanto eram lançados à opinião pública brasileira pela repercussão interna em revistas e jornais (FISCHER, 2019). A própria Exposição Antropológica de 1882 contou com seus próprios Botocudos, cortesia dos missionários responsáveis pelos aldeamentos na bacia do rio Doce naquele momento (AMOROSO, 2017, p. 180).

Em 1915, Manizer conviveu com os Borum aldeados pelo SPI por cerca de cinco meses (figuras 11 e 12), devendo ao inspetor Raul Ribeiro suas primeiras aproximações e ao ancião cego Jerônimo a mediação dos contatos. Jerônimo já havia sido uma liderança entre

[186] Manizer, 1916a.
[187] Manizer, 1916b, p 245.

aqueles Borum e conhecia bem a língua portuguesa[188]. Um dos companheiros de Manizer na expedição, o zoólogo Ivan Strelnikov, fez questão de atribuir papel fundamental a Jerônimo, explicando que "através dele, Manizer estudou o idioma botocudo, redigiu textos e compôs um dicionário"[189]. A participação de Jerônimo fez dele o bom intérprete que Manizer não teve na Vila Sophia, entre os Kaingang. Aquele velho Borum falando português - detentor e tradutor das informações etnográficas - era sugestão e símbolo do quanto os universos indígena e branco haviam se articulado ali no decorrer de uma longa história de confrontos e negociações, onde alguns desses grupos já haviam, inclusive, vivido a experiência do aldeamento católico algumas décadas antes (Ibidem, p. 180). No sentido oposto, a falta de alguém como Jerônimo entre os Kaingang nos lembra de toda a logística e tensão que cercaram a conquista dos primeiros contatos "pacíficos" no oeste paulista apenas naqueles últimos dois ou três anos.

[188] Manizer, 1916b, p. 252.

[189] Relatório de Strelnikov intitulado *Nautchnie resultati russkoi ekspeditsi 1914-1915g.g. Brazilia, Bolivya i Paragvay* ("Resultados científicos da expedição russa de 1914-1915. Brasil, Bolivia e Paraguai"), apresentado à Sociedade Geográfica Russa em 22 de abril de 1964. Rolo 14, im. 3503-3536.

Figura 11. Cabana de caça Borum, Pancas, Espírito Santo. Desenho de Genrikh Manizer. 24 de julho de 1915. Fonte - Belov et.al., 2014, p. 26

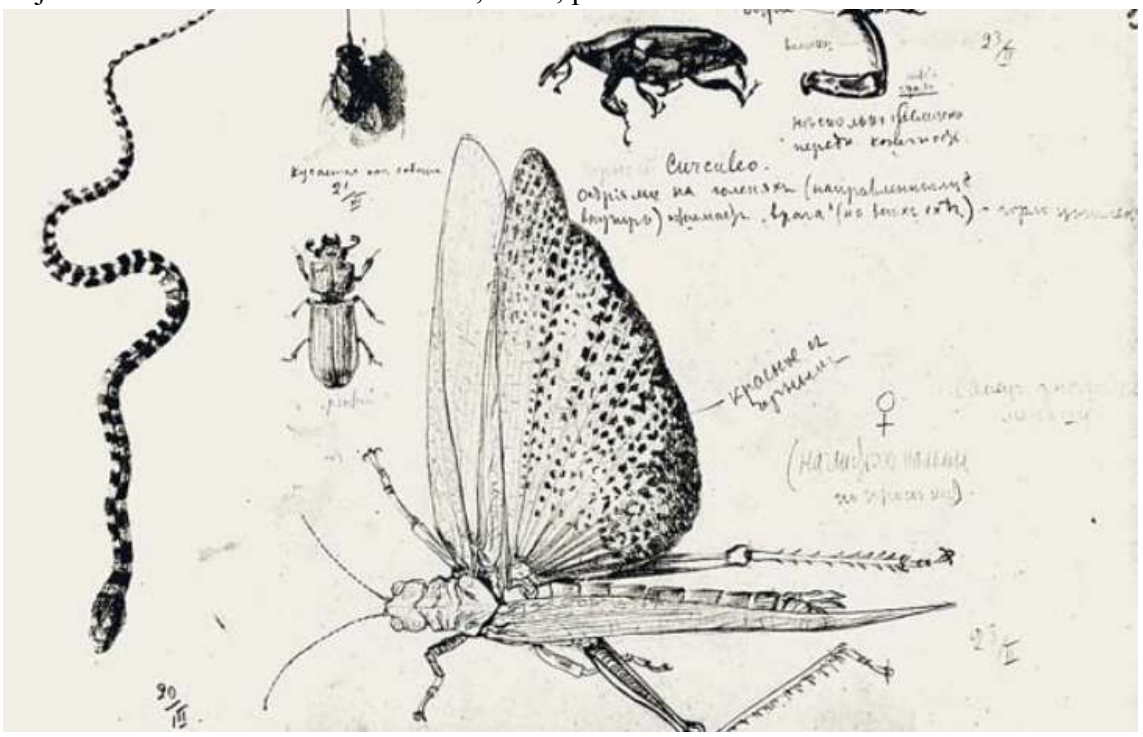


Figura 12. Observação da fauna local, Pancas, Espírito Santo. Desenho de Genrikh Manizer. 20 a 23 de março de 1915. Fonte - Belov et.al., 2014, p.272.

O período vivendo em mais aquele posto também serviu para incrementar o entendimento do russo sobre a situação dos indígenas nos quadros formados por suas relações com esses dispositivos do governo e outros elementos que se colocavam nos horizontes de contato. Em seu estudo, Manizer observa essas dinâmicas à luz da trajetória dos Borum e aponta padrões que parecem torná-lo cético ou talvez apenas reforçem a maneira como já interpretara os esforços didáticos e protetivos do SPI com os Kaingang:

> O passado dos Botocudos é uma longa lista de martírios, tanto como os exterminadores quanto como os exterminados. Existem documentos que relatam, por exemplo, que foram apresentadas às autoridades 300 orelhas de indígenas. Depois da época da caça aos escravos, do século XVII até os últimos anos do século XIX, todos os procedimentos de extermínio eram legais: envenenamento, contaminação arbitrária de doenças contagiosas, venda de mulheres e crianças. Hoje em dia, após a criação do Serviço de Proteção aos Índios, alguns grupos desfrutaram uma melhoria efêmera: no entanto as pequenas vilas de "civilizados" se deixaram levar novamente pela influência corrupta da população de bandidos dos arredores, e os "não civilizados" voltaram à condição de tímidos ladrões do quintal dos brancos e dos negros[190].

Em 1917, o então diretor do Museu de Antropologia e Etnografia de Petrogrado, Vassili Radlov, fez uma fala na Seção das Ciências Históricas e da Filologia da Academia das Ciências da Rússia, rendendo homenagem ao trabalho de Manizer, falecido alguns meses antes em serviço voluntário na Primeira Guerra Mundial. O trabalho sobre os Borum foi apresentado na ocasião, depois que Radlov sublinhou e explicou o valor daqueles registros, justamente através da compreensão trazida por Manizer sobre a história daqueles indígenas e as pressões vividas por eles naquele momento:

> Os Botocudos estão condenados a desaparecer dentro de algumas décadas - como consequência às invasões de seus territórios pelas linhas de trem e pelos colonos europeus. Uma monografia sobre essas tribos salvará o conhecimento da alma do homem americano do esquecimento; mas seria indispensável uma estadia mais longa entre os indígenas (o Sr. Manizer ficou apenas seis meses), - e também mais recursos[191].

O outro grupo com o qual Manizer conviveu ainda não conhecia o cotidiano de um posto do SPI. O russo passou apenas um mês entre eles, recolhendo informações com o auxílio de Cristino, que não era indígena, mas se relacionava com aqueles Borum desde a infância e sabia sua linguagem. Com Cristino, Manizer pôde se aproximar de Mouni - o chefe

[190] Manizer, 1916b, p. 246.
[191] Discurso de Vasilii Radlov em homenagem a Genrikh Manizer, Seção das Ciências Históricas e da Filologia da Academia das Ciências da Rússia, 1917, p. 2.

da família principal e seu maior informante naquele lugar - e saber tudo o que contava, para então escrever em seus papéis[192]. Em suas observações, Manizer nos conta que aqueles Borum habitavam a nascente do rio Mutum e que, segundo descobriu, eram conhecidos por suas aparições nas margens norte do rio Doce[193]. O russo também destaca que aqueles indígenas eram "mais puros e conservados" em suas práticas e representações, ainda afastados dos postos indígenas e com contato muito reduzido e recente com sertanejos e colonos. No entanto, Mouni e seus familiares percebiam as crescentes ameaças a seu território e as dificuldades em manterem seu modo de vida, restando-lhes o início de uma relação de dependência de alimentos fornecidos pelo governo federal[194].

A qualidade e o pioneirismo do material produzido nesses seis meses transformariam Manizer em um dos principais nomes consultados - senão o principal - por pesquisadores interessados pelos diferentes detalhes da organização social Borum. Manizer não se limitou a coletar objetos para museus e - como também havia sido o caso de seu parceiro Fielstrup anteriormente - se dedicou a registrar e analisar as mais variadas dimensões da vida dos indígenas. Segundo Belov et.al. (2014, p.276), "o trabalho de Manizer se distingue por uma metodologia original, não apenas baseada no estudo da cultura material, mas também da linguagem", sua especialidade etnográfica, ao lado de Fielstrup. É interessante notarmos como essa marca da etnografia praticada na expedição russa se refletiu nas práticas escolhidas para o trabalho e no desenvolvimento pessoal de Manizer (figura 13).

[192] Manizer, 1916b, p 248.
[193] Ibidem, p. 245.
[194] Ibidem, p. 246.

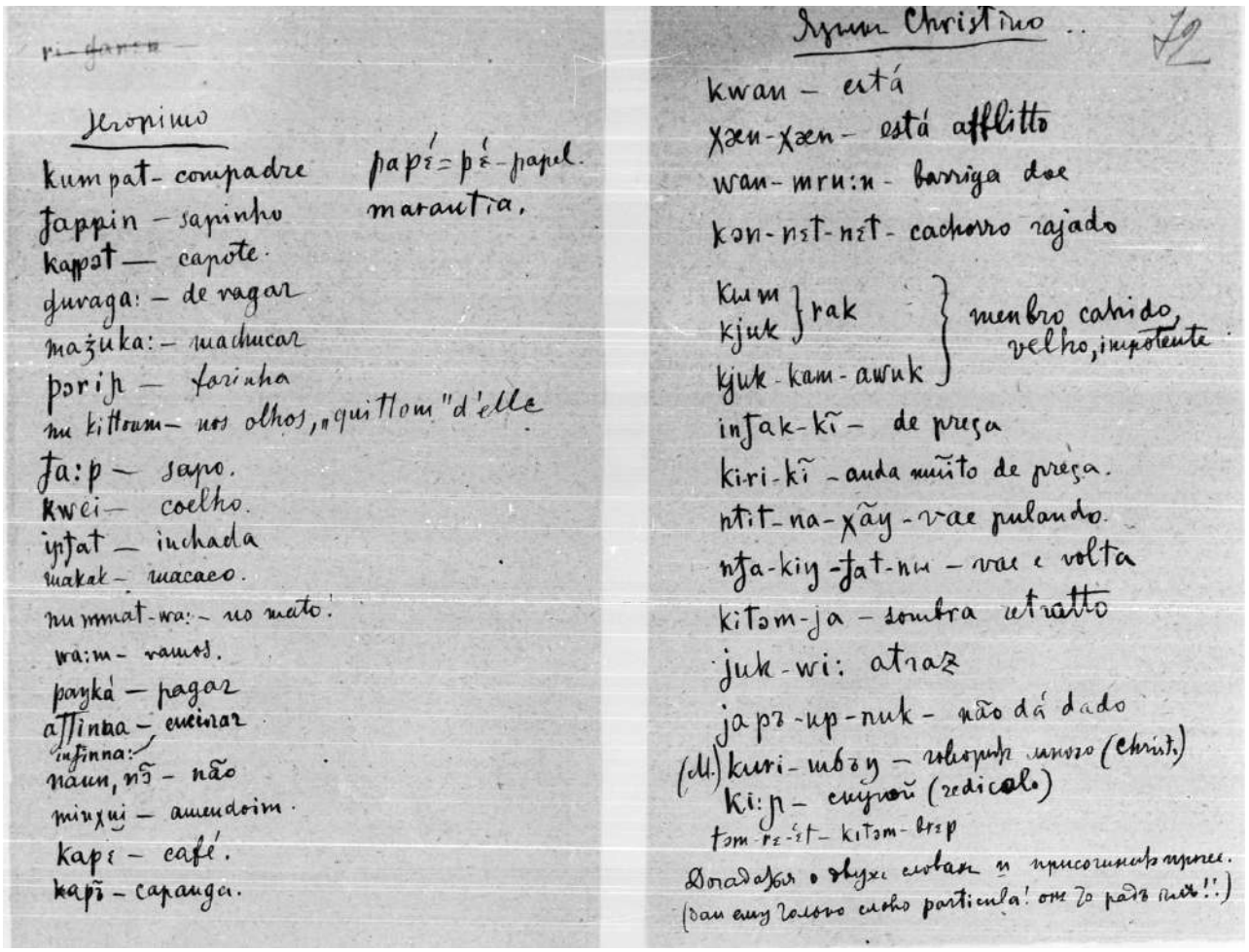


Figura 13. Anotações de vocabulário nas conversas de Manizer com Jerônimo (à esquerda) e Cristino (à direita). Fonte - Rolo 7, im.9700.

Muito desse reflexo aparece nos elogios de Strelnikov a seu companheiro, sua desenvoltura como etnógrafo e talento natural para o aprendizado de línguas. O zoólogo então recorda dos esforços de Manizer para ensinar português para crianças Borum em uma escola do Posto de Pancas[195]. Enquanto se aprimorava na língua que aprendera sozinho no último ano, o russo estudava o idioma dos Borum e montava um dicionário com fonemas detalhados e aplicação dos vocábulos em frases simples[196]. Ainda segundo Strelnikov, "Manizer chegou a dominar tanto o idioma Botocudo que, em determinado momento, foi apontado vice-inspetor do governo naquele Posto"[197]. Como primeiro etnógrafo de formação

[195] Relatório de Strelnikov intitulado *Nautchnie resultati russkoi ekspeditsi 1914-1915g.g. Brazilia, Bolivya i Paragvay* ("Resultados científicos da expedição russa de 1914-1915. Brasil, Bolivia e Paraguai"), apresentado à Sociedade Geográfica Russa em 22 de abril de 1964. Rolo 14, im. 3503-3536.

[196] Dicionário do idioma Borum, com descrições fonéticas dos vocábulos. Manizer, 1915. Rolo 7, im.9912-9986.

[197] Relatório de Strelnikov intitulado *Nautchnie resultati russkoi ekspeditsi 1914-1915g.g. Brazilia, Bolivya i Paragvay* ("Resultados científicos da expedição russa de 1914-1915. Brasil, Bolivia e Paraguai"), apresentado à Sociedade Geográfica Russa em 22 de abril de 1964. Rolo 14, im. 3503-3536.

a se dedicar aos Borum (PASCOAL, 2010, p. 38), Manizer também estabeleceu as fundações para que futuros indigenistas pudessem compreender os principais valores da vida daquele povo.

Através das palavras do russo, nos deparamos, por exemplo, com detalhes da visceral relação entre aqueles indivíduos e os limites de seus territórios:

> Os Krenaks vivem em um território que eles consideram como sua propriedade inviolável. Para eles o direito natural é muito desenvolvido, e seus territórios são separados de outros grupos vizinhos por limites naturais, colinas ou montanhas, que eles respeitam em suas caçadas, ao ponto que nem mesmo aceitam, quando vindas do Posto de Pancas, o produto da caça, morta por tiros de fuzil neste território que não consideram como seu. Em Pancas, há representantes de pelo menos quatro grupos, mas apenas os Minia-jirunas, habitantes originários desta região, vão à caça; os outros: Gout-Krakis, Nak-rékés, Nak-nanouks, caçam raramente e preferem a pescaria. Todos contudo, veem ainda como sua pátria a região que eles deixaram para vir pra cá, e conservam a esperança fervorosa de retornar algum dia[198].

Mais adiante, Manizer mostra mais da importância dessa territorialidade, agora no universo de nomes Borum, quando observa que os "nomes próprios dos lugares, rios, afluentes, montanhas, provêm de circunstâncias diversas, de encontros com animais selvagens, ou com algum de seus companheiros afastados: por exemplo: as montanhas do rio Mutum se chamam Gout-Krak, ou seja "a carapaça das tartarugas""[199]. Se áreas como essa formação montanhosa pontilhavam os espaços Borum com nomes e sentidos particulares, vemos a centralidade dos territórios quando grupos como os Gut-krak, nesse caso, eram identificados por habitá-los ou transitar por eles (Idem, 2012, p. 5). Até seus últimos dias na bacia do rio Doce, Manizer havia conversado com homens e mulheres e visto dois dos mais saudáveis Borum em Pancas não sobreviverem às "mudanças de existência entre a vida na floresta e nesses locais descobertos (as derrubadas)"[200]. Também no posto, o russo havia administrado vermífugo a uma ou outra criança e seus ventres dilatados[201], observado moradias[202], as vestimentas fornecidas pelo governo, assim como quem ali realmente as usava[203]. Além disso, caminhou com os não aldeados pelo SPI - que em seu estudo chamou especificamente de Krenak - por trilhas invisíveis a seus olhos de homem branco[204].

[198] Manizer, 1916b, p. 245-246
[199] Manizer, 1916b, p. 272.
[200] Ibidem, p. 246.
[201] Ibidem, p. 247.
[202] Ibidem, p. 248,249.
[203] Ibidem, p. 252.
[204] Ibidem, p; 249.

Munido desses e outros registros, o etnógrafo russo finalmente retorna ao Rio de Janeiro, onde organiza os materiais e inicia sua viagem de volta à Rússia no dia 2 de outubro. A expedição ainda reservou um último imprevisto para Manizer, quando o jovem recebeu a tão aguardada resposta do Museu de Antropologia e Etnografia de Petrogrado, mas exatamente no dia em que estava subindo a bordo do navio Darro para a travessia transatlântica. Por mais que a instituição tivesse decidido lhe enviar mil rublos para que continuasse no Brasil, já era tarde e Manizer estava indo para casa (BELOV et.al., 2014, p. 269).

## 3.4 Manizer, indígenas e uma reflexão sobre a história presente de nossos "pessimismos sentimentais"

Incontornável àqueles que se dedicam ou já se dedicaram a qualquer das nuances presentes na organização social dos indígenas Borum do rio Doce, Genrikh Manizer compartilha sua inevitabilidade com o alemão Curt Nimuendajú[205]. Como nos indica Walison Pascoal (PASCOAL, p. 57), Manizer e Nimuendajú se tornaram as "duas principais fontes bibliográficas sobre a cosmologia Borum", por terem observado de perto as condições envolvidas nas transformações desses grupos na primeira metade do século XX (Ibidem, p. 26). A partir de suas respectivas lentes, o russo e o germano-brasileiro também dividiram a interpretação de que os indígenas passavam por uma "decadência cultural", já se fazendo visível e irremediável o ponto de chegada em que seriam engolidos de vez pela sociedade dominante (Ibidem, p. 26, 27). Essa sombria predestinação indígena consolidou as narrativas pioneiras de uma etnologia brasileira que trazia nomes como o do próprio Nimuendajú e, depois dele, o de Darcy Ribeiro, preocupados "com questões referentes a processos de aculturação e com a ordem e/ou fatores de "desorganização social" causadas pelos impedimentos impostos pelas compulsões do contato" (PECHINCHA, 2000, p. 154). João Pacheco de Oliveira nos lembra da metáfora do *melting pot*, já muito veiculada para retratar o Brasil como uma mistura que "assimila e unifica" diversidades, "dissolvendo contrastes inquietantes" (OLIVEIRA, 2014, p.127).

[205] Nimuendajú, 2018.

A mesma antropologia que, não apenas no Brasil, se assentava sobre o estudo dessas culturas condenadas fundou a noção de aculturação em meio à crítica do pós-guerra aos modelos tradicionais de desenvolvimento. A aculturação formulada nesses termos exibia o fenômeno da perda de "traços culturais" em retas descendentes e inexoráveis, que só autorizavam objetivos de "salvamento" do indígena enquanto memória (BARNETT et al, 1954). Lembremos de quando Vassili Radlov sustentou, nas descrições e interpretações de Manizer, a sentença dos Borum a apenas algumas décadas de sobrevida e a importância da ciência em impedir o esquecimento da "alma do homem americano". Como processo linear que se abatia sobre essas sociedades, a aculturação era o esquema do que Marshall Sahlins chama de "paradigma do objeto-em-vias-de-extinção":

> A antropologia é talvez a única disciplina fundada no princípio da coruja de Minerva: ela começou como uma disciplina profissional justamente quando seu objeto de estudo já ia desaparecendo. Mesmo se nem todos os assim chamados povos primitivos estavam fisicamente morrendo, suas culturas exóticas estavam certamente se desintegrando (por "aculturação") sob o assédio da ordem capitalista mundial. Parecia que logo nada mais restaria a contemplar senão versões locais da "civilização" ocidental. Nesse sentido, a antropologia originalmente partilhava com os senhores coloniais a mesma crença na inexorabilidade do progresso, ainda que eventualmente a lamentasse. (SAHLINS, 1997, p. 42)

Com as décadas seguintes, vieram a interdisciplinaridade e revisões a essa natureza terminal dos valores culturais indígenas, quando as críticas à aculturação passaram a contar com o aporte crescente da historicidade, além de conceitos como reciprocidade e resistência (MACHADO, 1999; RUDMIN, 2009; CASTRO, 2017). Vários elementos do construto da aculturação foram postos em xeque quando "vozes subalternas" passaram a ser notadas e adentraram as agendas de novas propostas antropológicas e historiográficas (SAHLINS, 1997, p. 51). Mas Stephen Greenblatt puxa nossos pés de volta ao chão com o lembrete de que não é tarefa simples se desfazer do peso daquele "tipo de pessimismo sentimental que simplesmente reduz qualquer coisa a uma visão global de dominação e sujeição" (GREENBLATT, 1992, p. 152). Observemos essa assertiva de duas maneiras que, por mais que partam de direções opostas, desaguam juntas em complemento a um mesmo sentido.

Primeiro, por maior que seja nosso esforço, ainda tendemos a reproduzir algum nível dessa redução da história da cultura humana às categorias eurocêntricas e narrativas de exploração tradicionais que tanto evitamos. Em segundo lugar e por outro lado, corremos muito para nos distanciarmos dessa epistemologia viciada e agora a enxergamos em cada esquina de cada argumento que interpretamos, os fantasmas da antropologia descrita por Sahlins:

> O problema é que, ao negar qualquer autonomia cultural ou intencionalidade histórica à alteridade indígena, as antropologias do sistema mundial se tornaram muito semelhantes ao colonialismo que elas, justificadamente, condenavam. Nossas teorias acadêmicas pareciam perfazer, no registro da superestrutura, o mesmo tipo de dominação que o Ocidente há muito impusera no plano da prática econômica e política. Ao supor que as formas e os fins culturais das sociedades indígenas modernas haviam sido construídos exclusivamente pelo imperialismo — ou então como sua negação —, os críticos da hegemonia ocidental estavam criando uma antropologia dos povos neo-a-históricos. (SAHLINS, 1997, p. 52).

As palavras de Greenblatt sobre o que chamou de "pessimismo sentimental" partiram do relato de uma experiência pessoal, que conclui pontuando que "podemos chamar o que presenciei naquela noite de assimilação do outro, uma frase que é melhor se deixada deliberadamente ambígua" (GREENBLATT, 1992, p. 3, 4). A seguir e em nota, o autor delibera sobre a ambiguidade contida na ideia de assimilação, explicando que "aqui não estamos muito longe das políticas e economias de dominação mundial" e que, por isso, não podemos ignorá-las. Apesar disso, ele se antecipa a críticas e apresenta o outro lado: "Reconhecer e contemplar acomodações locais não é endossar acriticamente mercados capitalistas, mas reconhecer adaptações criativas a condições que estão além do controle imediato dos pobres"(Ibidem, p. 152). O autor ainda reforça seu ponto, observando que aqueles "modos de representação pareciam tão culturalmente idiossincráticos e resilientes que não era claro quem assimilava quem"(Ibidem, p. 4).

Empenhado em não ser mal interpretado, enquanto precisou sublinhar justamente a ambiguidade como marca do conceito, Greenblatt nos mostra como pode ser paradoxal e delicado lidar com o equilíbrio - ou desequilíbrio - de forças em cada encontro colonial ou contato cultural. As bases da antropologia esboçaram um sentido de cultura que vingou e ultrapassou os limites da sua significação tradicional como refinamento e erudição (SAHLINS, 1997, p. 41). A criação do que era "cultural"- em distinção ao que era "culto"- se deu no seio dessa prática etnográfica vista por Lévi-Strauss como uma "arqueologia do vivente" (LÉVI-STRAUSS, 1978). Aqui podemos lembrar de quando Manizer entendeu o valor científico de seu trabalho com os Kaingang e Borum a partir do que os ameaçava. Em momento algum os membros da expedição deixaram escapar esse olhar, que também o diretor do MAE, Radlov, nos mostrou presente na academia russa. Afinal, eles também através desse prisma encaravam a diversidade daquilo que era "cultural" e habitava o território do Império Russo (KNIGHT, 1998).

De uma só vez, o pensamento antropológico fundou e condenou seu próprio objeto essencial de estudo a apenas existir em função da mesma estrutura dominante que um dia o

eliminaria. O problema dessa fórmula é que esse desaparecimento muitas vezes parece não ter fim. Vimos que cerca de vinte e cinco anos depois de Manizer, Nimuendajú repetiu o tom sobre a sina dos Borum e eis que eles ali seguiam (PASCOAL, 2010, p. 27). Seguiram ao ponto de trabalhos de indigenistas do final do século XX ainda avaliarem seu interminável "processo de transformação em brancos" (GUIMARÃES e PARAÍSO, 1991; PARAÍSO, 1992; MATTOS, 1996). Àquela altura, esses últimos autores já falavam amplamente em "resistência cultural" (PASCOAL, 2010, p. 27), o que remete às mudanças e permanências que atravessaram este capítulo a bordo das observações dos jovens russos. Esse assunto foi tocado a partir da percepção de Manizer sobre as diferentes propostas dos missionários católicos e funcionários do SPI. Nos documentos sobre os Kaingang, por exemplo, o russo deu a imagem de indígenas que insistiam em não incorporar certas regras básicas e "civilizadas" de comportamento, mas que se admiraram e falaram das cidades que conheceram quando levados em excursão.

Por vezes, esses registros parecem nos mostrar um Manizer surpreso com o que era "aprendido" e o que não o era. Mesmo assim, o jovem etnógrafo provavelmente confiaria ao tempo superar a insistência que restava àqueles indivíduos ou, melhor, a seu primitivismo, se formos nos aproximar do pensamento científico predominante no início do século passado. Considerar uma conclusão nessa linha não parece absurdo, quando sabemos que Manizer olhou ao redor - para a estrutura do posto de Vila Kaingang e as plantações de café e trilhos além - e escreveu que "a floresta não tem condições de lutar". Mesmo registrando resistências da parte dos indígenas, portanto, Manizer talvez não tenha percebido que, quando mencionou a luta da natureza, também poderia estar falando deles. Ao se deparar com a ideia de resistência cultural, Pascoal (2010, p. 27) sugere que "o que resiste nos Borum ao longo do tempo é a vontade, a necessidade mesma de diferenciação, de estar sempre transformando-se em Outros".

A opção por ideias como "vontade" e "necessidade" é interessante porque, como sentimentos ou afetos viscerais, elas trazem os indígenas à primeira pessoa de narrativas onde sempre percorreram, passivos, melancólicas e trágicas margens. A organicidade de vontades e necessidades contesta a pretensa letargia e docilidade das sociedades indígenas exploradas nas tradicionais histórias da colonização, finalmente mostrando que algo pode ter partido delas sem depender de segundos ou terceiros. A autonomia que desponta quando pensamos nesses termos ainda nos surpreende ao revelar indígenas que não existem a partir do invasor, e sim por consequência do que precisam, querem ou podem fazer. O conceito de "resistência cultural", por si, ainda parece falho nesse aspecto, porque só se resiste a alguma coisa e aí jaz

a dependência. Uma história subalterna que gire em torno da reação não deixará de ser a história da ação que a produziu. Porém, esse fato não deve nos fazer virar a chave completamente e passar a ignorar as cruciais relações produzidas pela exploração desde a chegada dos primeiros europeus.

Seria inclusive um esforço em vão, uma vez que fazer ver a agência desses povos não elimina o impasse de que "se a história consegue se desvencilhar da escrita legitimadora, ela não consegue, porém, se livrar da lógica conquistadora" (BORGES, 2004, p. 13). Não consegue por ter sido forjada e iniciada pelas mãos do colonizador, as mesmas que também abriram o que Manoela Carneiro da Cunha chamou de "entrada de serviço" para as sociedades indígenas (CUNHA, 1992, p. 9). Nessa escrita que faz delas "historiadas", todas se transformam no *índio*, corpo homogêneo e desprovido de história própria. Mas Jóina Freitas Borges propõe que "a história é que continua sem este corpo, pois a arqueologia, a etnologia e a etnografia vão fazendo suas tramas" porque não dependem de passados presos ao papel.

Dos cinco integrantes do grupo de russos enviado à América do Sul, podemos afirmar que Manizer foi quem, de fato, pôde tomar conhecimento dos diferentes elementos que impactaram, naqueles anos, a vida indígena no Brasil. Por onde passou, o russo notou perspectivas sobre esses indígenas, sua natureza, capacidades e, com elas, sua viabilidade para um progresso que não esperaria. Versões que surgiam em espaços internos ou externos às agendas do Estado e das quais partiram propostas e políticas concretas para o assunto. Manizer esteve, por meses, imerso entre os locais e pessoas desse debate, quando teve a oportunidade de entender onde suas próprias afinidades conceituais se encontravam. Independente de ter se identificado mais ou menos com alguma formulação ou agenda, entretanto, o jovem etnógrafo não se tornou uma delas, mas uma seleção pessoal de informações.

Ainda devemos notar que esses novos elementos tiveram pela frente o filtro de um universo mais antigo de categorias pessoais, porque Manizer era um etnógrafo no Brasil, mas, antes disso, era também um membro da então nova geração intelectual de São Petersburgo e que estivera ausente quando sua cidade natal mudou de nome por uma guerra da qual sabia muito pouco e que o impedia de trocar cartas com sua família. Durante sua estadia na bacia do rio Doce, o russo verificou que, mesmo com a "civilização das vilas" que cresciam por perto, o "progresso é pouco apreciado" por aqueles Borum que, "em 1915, tinham aprendido apenas algumas palavras de português, que usavam como cognome: jantar - dinheiro, gouven

- governo, Ridianér - Rio de Janeiro"[206]. Essas palavras codificavam as relações produzidas no contato entre esses indígenas e o avanço de populações e estruturas não indígenas na região:

> Há aproximadamente vinte anos, esses indígenas não se atreviam a atravessar o rio, e como não sabiam ainda dirigir canoas, atraíram a atenção por seus gritos, da outra margem, implorando por algum alimento. Às vezes acontecia de um barco carregado de porcos que passasse por eles fosse intimado a ceder parte de sua mercadoria, e se recusasse, era crivado de flechas. Com o estabelecimento das vias férreas, entretanto, o contato foi pouco a pouco aumentando, apesar da natureza supersticiosa e temerosa do princípio usado pelos trabalhadores da linha, e os passageiros compassivos pelos "pobres indígenas" são caridosos com eles.[207]

Em um dos diálogos travados entre Manizer e o chefe Mouni, o russo indica terem sido mobilizados os termos *gouven* e *Ridianér*. Ao registrar a resposta do líder Borum à sua pergunta, porém, Manizer insere sua percepção particular da situação, ao chamar os indígenas de "socialistas inatos":

> [...] tendo demandado a uma pessoa do grupo, o chefe Mouni, que explicasse a diferença entre os dois gouvens: o da floresta e o do Ridianer, Mouni respondeu que o segundo é grande, o primeiro pequeno, o segundo é vestido, o primeiro é nu, o segundo come arroz, o primeiro morre de fome, etc. Socialistas inatos, vemos que para eles o que no governo é desejável, " o prato de... arroz".[208]

Enquanto Manizer e seus companheiros revisitavam as próprias convicções e atitudes na viagem, um processo análogo era gestado por Mouni, Jerônimo, suas famílias e todas as outras, fossem Borum, Kaingang, Xavante, Terena, Kadiwéu ou outras tantas não visitadas pelos russos entre 1914 e 1915. Tudo acontecia também naquele momento, mas nenhum desses indígenas era estranho à reinvenção de si para proteger o que lhes fosse mais caro (MONTEIRO, 1994; ALMEIDA, 2009). Nem os Borum e Kaingang que haviam participado da negociação de seu próprio aldeamento e que "filtravam" as políticas civilizantes do SPI enquanto não pudessem voltar para casa, nem os Terena e sua recusa a aspectos da atividade missionária, ou os Kadiwéu que estabeleceram alianças políticas locais quando estas significaram melhores chances de defender os direitos sobre seu território. O olhar de Manizer encontrou pessoas que, em suas interações reais, não teriam como caber no que fomos ensinados a chamar de "índio":

---

[206] Manizer, 1916b, p.245
[207] Ibidem, p. 244.
[208] Ibidem, p. 245.

> Lembrando que a história é a "ciência dos homens no tempo"(Bloch, s/d, p.29) e não a dos homens que têm escrita, é extremamente legítima a construção de uma *outra* história, não uma *pré*-história, nem uma história vinculada à lógica da colonização, mas uma que venha antes, durante e depois da colonização; uma que vislumbre relações entre homens, e não entre homens e *índios*, que busque o entendimento não só da exploração, que foi real e degradante, mas também da interação, das alianças e das permissões. O espaço não foi apenas invadido, ele também foi concedido, e talvez isso tenha contribuído mais para o extermínio dos seus primeiros habitantes, que propriamente sua resistência. Não foi somente na resistência que o *índio* se fez sujeito, ele foi sujeito no comércio das madeiras, nos conchavos e na política de eliminação dos inimigos. Ele nem foi anjo, nem o demônio, ele foi e é homem, como o colonizador, e seu espaço na história tem que lhe ser concedido, enquanto homem e não enquanto diferença (BORGES, 2004, p.14).

## 3.5 A expedição além da coleta etnográfica: materiais, práticas e compreensões de Manizer no resgate pioneiro de Langsdorff

Toda a atividade de coleta articulada nas respectivas ramificações da expedição dos estudantes russos consistiu em uma das peças que formaram o encaixe de suas compreensões sobre valores e processos locais. Em diversos momentos até aqui, vimos que os viajantes identificaram outras práticas e ferramentas como indissociáveis da aquisição de objetos etnográficos ou naturais, sua importância tendo sido reforçada diante das reconfigurações sofridas pelo plano trazido da Rússia durante as primeiras semanas em Buenos Aires. A pesquisa bibliográfica ainda em São Petersburgo, por exemplo, foi considerada um elemento importante na preparação de conhecimentos gerais sobre o destino e seus objetos de estudo. Quando nossa análise passa à escala sul-americana de colaborações, já vemos essa prática amplificada em Buenos Aires, com a produção de muitas correções e complementos às expectativas trazidas das primeiras leituras e indicações. Aliada a esse plano de relações, a influência da Primeira Guerra Mundial determinou novas oportunidades para que os conhecimentos dos russos se aprofundassem localmente, entre mais espaços e atores.

Os russos utilizaram a permanência estendida que a guerra entregava à expedição em solo sul-americano para melhorar suas perspectivas de coleta, mas também buscaram abastecer-se de referências científicas em visitas a museus, bibliotecas e universidades. Sua presença nesses locais, sempre que tiveram chance, nos entrega uma diversificação de

práticas, que se complementaram para caracterizar um esforço científico e seus materiais. Em seus documentos, os membros da expedição mostraram-se atentos a museus, seus acervos e instalações desde as paradas feitas na Europa. O zoólogo Strelnikov exercita esse olhar, quando escreve a seu supervisor na passagem de três dias por Londres:

> O Jardim Zoológico de Londres supera em tamanho todos os jardins possíveis do continente. Há também uma área separada para insetos, que, como você disse, também está disposta no novo Aquário de Berlim. No entanto, há muito poucos insetos aqui. Existem vários insetos aquáticos, larvas de mosquitos, moscas-da-pedra, efeméridas... mas não há muitas borboletas européias e nem mesmo tropicais, bichos-pau, etc. A composição do insetário é muito simples. Tudo depende de se ter a oportunidade de obter sempre as pupas dos insetos certos. A seção de pássaros é especialmente rica aqui. [...] O Museu Zoológico é ainda mais rico.[209]

Nos centros sul-americanos como Buenos Aires, Rio de Janeiro e Assunção, as redes que identificamos na produção da expedição também se revelam constituídas e atravessadas por essas visitas, por livros fornecidos aos russos e até períodos dedicados a levantamentos e anotações em mesas de bibliotecas. Embora não apareça expressamente declarado como uma atribuição dos estudantes, esse engajamento parece ter sido recomendado por seus supervisores russos, já que foi muito reportado durante os trabalhos. A bordo do Presidente Sarmiento, Fielstrup era um enviado do argentino Juan Ambrosetti, mas também se esforçou em ser informante para Lev Shternberg e o MAE, sobre museus, exposições e outras movimentações acadêmicas importantes que estivessem ocorrendo no continente americano naquele tempo de guerra. Quando ainda aguardava para embarcar nesse circuito costeiro, o jovem etnógrafo garante a Shternberg que vinha se dedicando à coleta local de bibliografia. No dia 23 de janeiro de 1915, ele escreveu: "Zarpamos em 4 ou 5 dias. Estou reunindo o quanto posso de literatura, fazendo o tempo passar de maneira útil"[210]. Também em 1915, alguns meses depois, Strelnikov relata a Sergei Metalnikov, seu chefe no laboratório Lesgaft, que ele e Tanasiichuk dariam uma "boa olhada nos museus" e buscariam literatura no seu período final em Buenos Aires[211].

Dos cinco russos, Manizer é aquele que nos apresenta esse conjunto de práticas, recursos e espaços sendo mobilizados por uma compreensão sistemática e mais consistente do contexto brasileiro. A partir do momento em que o Brasil surge como uma novidade na

[209] Carta de Strelnikov para Sergei Metalnikov, Arlanza, 3 de maio de 1914. Rolo 12, im.10501-10505.
[210] Carta de Fielstrup para Shternberg, Buenos Aires, 23 de janeiro de 1915. Rolo 10, im.2333-2335.
[211] Carta de Strelnikov para Metalnikov, Villa Encarnación, rio Paraná, Paraguai, 9 de julho de 1915. Rolo 12, im.10327.

expedição repensada na capital argentina, Manizer é um dos que afirma o desafio que isso traria para se obter resultados, justamente com base no argumento da carência de literatura e do despreparo do grupo com relação à língua portuguesa. Essa perspectiva nos aproxima da noção do repertório que acabou sendo produzido por ele, desde os primeiros encontros em Mato Grosso. Nessa primeira parte da viagem, as coordenadas locais de Manizer, e também de Fielstrup, foram principalmente fundadas nos contatos culturais e oralidades, mas já então encontravam outras expressões materiais além das coleções de objetos.

As ideias de Latour acerca do "inscrito", ou seja, daquilo que viaja para que se "possa fazer ideia de outro lugar", possuem reflexos didáticos em mapas (LATOUR, 2000, p. 23). Com Íris Kantor, podemos retroceder alguns séculos, até o tema da linha imaginária de Tordesilhas, acordada entre os reinos de Portugal e Espanha em 1494. Segundo considera a autora, todos os esforços cartográficos destinados a esse traçado "propiciaram a visualização do que na época era um espaço incomensurável" (KANTOR, 2022, p. 2). Nessas palavras de Kantor reside o fundamento latouriano das inscrições, na inversão de relações e forças que produzem. Latour nos explica que um mapa, enquanto inscrição, possibilita que um lugar seja dominado com o olhar. Mapas, assim como espécimes organizados em um museu, possuem tal efeito por representarem o exercício humano de aplicar sua própria coerência aos fenômenos. Guardadas nesses limites, portanto, as complexidades e vastidões da natureza, seus espaços e processos tornam-se acumuláveis, comparáveis, enfim, comensuráveis (LATOUR, 2000, p. 28,29).

Na cidade matogrossense de Miranda, os etnógrafos russos receberam um mapa regional, desenhado pelo funcionário governamental Adriano Metello, e assim puderam usufruir das "vantagens do inscrito, do calculado, do plano", segundo Latour (figura 14). Através do mapa e sua escala, provavelmente baseados em algum outro material, diferentes distâncias e os contornos dos rios Paraguai, Paraná e de ferrovias puderam ser apreendidos pelos viajantes no papel. Posteriormente, Manizer ainda transcreveu dois mapas, relacionados a seus estudos etnográficos no sudeste brasileiro. O primeiro deles traz a distribuição de sociedades Kaingang na época, entre o interior do estado de São Paulo e o sul do Brasil (figura 15). Em relatório para a Sociedade Antropológica Russa, da qual era membro, Manizer informaria que o mapa "foi elaborado por K. Unkel[212] e publicado por Hermann von Ihering"[213]. O segundo mapa contém informações sobre a história da presença Borum entre a

[212] Apesar da inicial "K", "K. Unkel" é o etnógrafo alemão Curt Unkel Nimuendajú.
[213] Ihering, 1911.

bacia do rio Doce e o sul da Bahia. Para este desenho, porém, não foi encontrada referência indicada (figura 16).

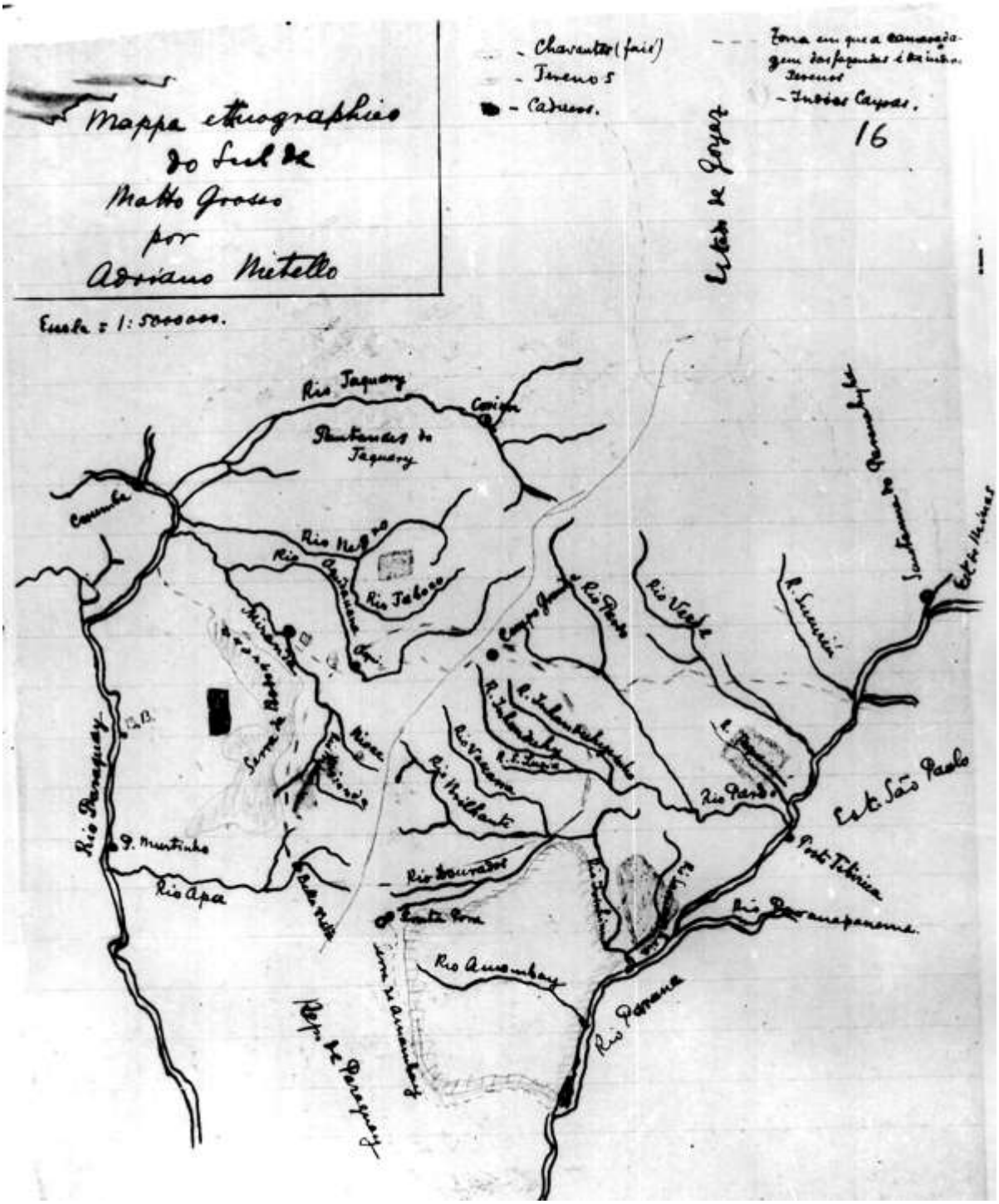


Figura 14. Mapa manuscrito do sul de Mato Grosso, desenhado por Adriano Metello, com indicação da localização aproximada de algumas populações indígenas.
Fonte - Rolo 8, im.1541.

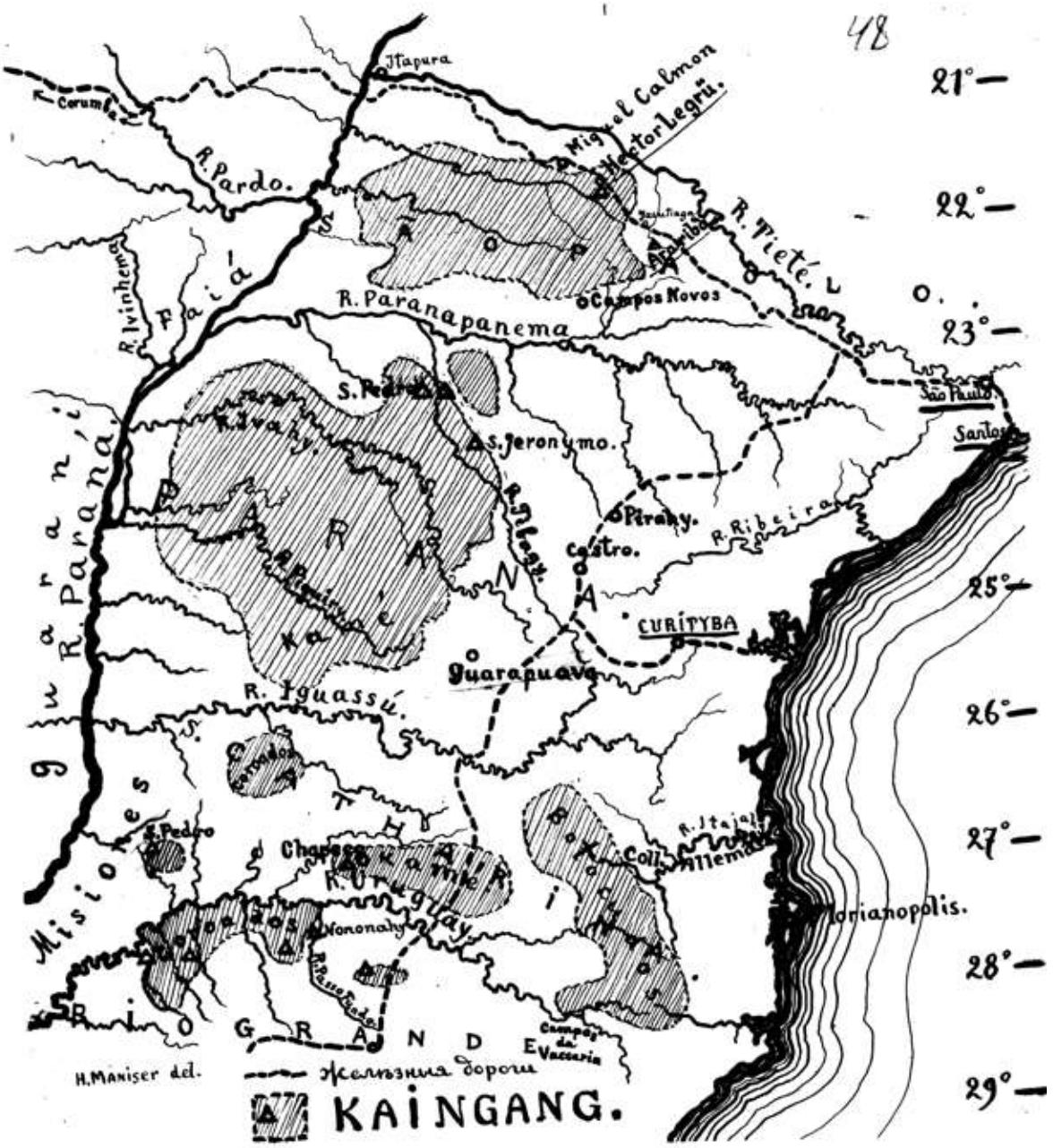


Figura 15. Mapa com a distribuição de grupos Kaingang no sul do Brasil e oeste de São Paulo no início do século XX. Produzido a partir de mapa de Curt Nimuendajú (em Ihering, 1911). Fonte - Rolo 10, im.2353.

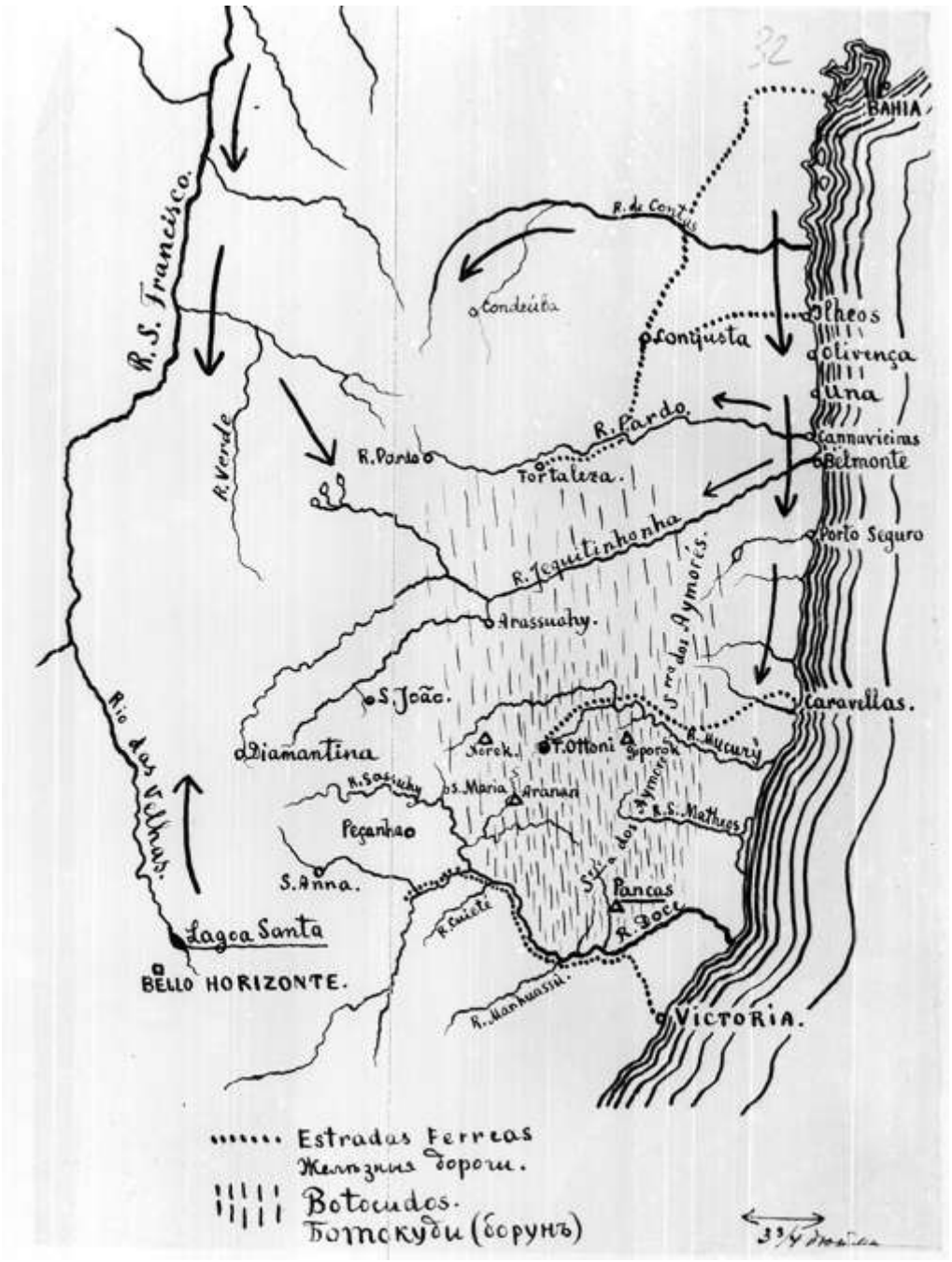


Figura 16. Mapa com a disposição espacial de grupos Borum e estradas de ferro entre o sul da Bahia, Espírito Santo e leste de Minas Gerais no início do século XX. Referência de Manizer não informada. Fonte - Rolo 7, im. 9573.

Neste capítulo, já foram abordados alguns importantes personagens com quem Manizer travou contatos durante o mês em que visitou as cidades de São Paulo e Rio de Janeiro. Entre eles, o enviado russo Maksimov nos concede amostras de sua perspectiva das atividades e:

> [...] estada aqui do Sr. Manizer, que trabalhou fanaticamente e diligentemente o tempo todo em bibliotecas e museus [...] na completa ausência de publicidade ou auto-elogio por parte de nosso jovem cientista incrivelmente modesto, que em sua pobreza de meios, quase não pôde manter seus pernoites e, com fome, alimentou-se do que Deus lhe enviasse.[214]

Quando ainda estava em São Paulo, o jovem russo produziu observações voltadas às coleções etnográficas organizadas no Museu Paulista, assinalando que ali "os objetos dos Botocudos, Guarani e Kaingang são apresentados de forma particularmente instrutiva"[215]. Esse ofício de conectar pontos de suas impressões encontrou mais tempo na capital da República, onde Manizer escreve que "agora estou preenchendo, na biblioteca pública, minhas imensas lacunas em termos de etnografia brasileira"[216]. A prática do russo, debruçado em análise e crítica da produção de outros estudiosos, também marca as fontes documentais através das listas que fez de obras e autores, como Karl von den Steinen, Saint-Hilaire, Ihering, Henry Walter Bates, Castelnau, von Spix, Wied-Neuwied e Hermann Meyer. Em seu diário, Manizer atribui muita importância a esses dados, lamentando não tê-los antes: "É bem verdade que a posse de tudo o que aqui passo a conhecer teria sido de grande utilidade uns cinco meses atrás - mas, bem, não há como desfazer isso"[217]. O acesso de Manizer a materiais e acervos em instituições cariocas, especificamente àqueles nas dependências do Museu Nacional, ajudou a determinar o papel pioneiro do jovem etnógrafo no processo de resgate da presença e contribuições da expedição liderada por Langsdorff no Brasil da primeira metade do século XIX.

Observando alguns exemplares etnográficos no referido museu, Manizer afirma ter se surpreendido com uma relação entre aquele acervo brasileiro e o que conhecia no MAE, onde o nome de Langsdorff já havia sido notado, mas como uma incógnita não solucionada:

---

[214] Fragmento de carta de Piotr Maksimov, apud. Belov et.al., 2014, p.268.
[215] Cartas de Manizer à família, 28 e 29 de maio de 1914. Rolo 10, im.2104-2178.
[216] Ibidem. im.2120.
[217] Ibidem. im. 2120.

> Ao ser designado para chefiar a Seção Centro e Sul-Americana de Antropologia e Etnografia do Museu Pedro, o Grande, da Academia de Ciências, K.K. Guilzen enconrou aí grande número de espécimes de difícil identificação, pois uma parte de suas etiquetas se achava inteiramente perdida, e da outra parte restavam apenas inscrições muito lacônicas, às vezes só constando o nome de Langsdorff. A origem desses exemplares, que em sua maioria datam da primeira metade do século XIX, está envolta nas sombras da incerteza. Entre eles chamou-nos particularmente a coleção de adornos de plumas, muito bem conservada. Durante minha viagem ao Brasil em 1914-1915, vi no Museu do Rio de Janeiro grande quantidade de adornos idênticos aos nossos exemplares e que tinham pertencido à tribo mundurucu. Ali, pela primeira vez, ouvi falar na grande Expedição russa ao Brasil, tendo à frente um tal Langsdorff.[218]

De volta a Petrogrado desde o final de 1915, Manizer e Guilzen trataram de buscar mais informações. Segundo conta Manizer, só então se confirmou que Langsdorff tinha sido um membro alemão da Academia Imperial de Ciências da Rússia no século anterior. Nesse esforço inicial, o integrante da expedição de 1914 constata a escassez de fontes russas, que teriam apenas rendido o dado adicional de que o acadêmico havia sido cônsul no Brasil. De acordo com Manizer, o "fio da meada"[219] que impulsionou as pesquisas veio a partir da localização de uma publicação do geógrafo Friedrich Ratzel (1844-1904), voltada à primeira empreitada imperial russa de circum-navegação, onde Langsdorff estivera antes da expedição no Brasil. Depois disso, o relato de Manizer informa que o primeiro documento em suas mãos sobre a expedição propriamente dita foi um outro artigo, de Karl von den Steinen, publicando desenhos de Hercule Florence, um dos artistas do empreendimento. A "casual descoberta"[220], nas palavras do russo, teria sido indicada a ele por seu companheiro Fielstrup e "permitiu identificar com segurança a coleção".

Quando fosse escrever o trabalho sobre Langsdorff, Manizer terminaria seu prefácio destacando a importância da atuação de Guilzen nas investigações iniciais:

> K.K. Guilzen, que se incumbiu desde o início da tarefa de levantar a biografia de Langsdorff, renunciou a esse desígnio no começo de 1917 e passou a minhas mãos todo o material que recolhera até então para esse fim - razão pela qual aproveito o ensejo de expressar-lhe meu sincero agradecimento.[221]

Karl Karlovich Guilzen era um etnógrafo amador, que havia começado a auxiliar os trabalhos do curador Fiódor Russov no MAE ainda em 1892. Guilzen já era um colaborador experiente do museu, portanto, quando Radlov o nomeou chefe do departamento das

[218] Manizer, 1967, p.29.
[219] Ibidem, p.29.
[220] Ibidem, p.29
[221] Ibidem, p.30.

Américas Central e do Sul, em 1911. A partir de então, Guilzen atuou no interesse por povos da América Latina, registrou mais de seis mil objetos e preparou publicações sobre as coleções (KORSUN, 2015, p.255). Basarguina et.al (2012) ainda reitera que "justo Guilzen foi quem "descobriu", em seu departamento, itens com etiquetas trazendo o nome Langsdorff".

Entre os materiais que Manizer teve à disposição para o trabalho, cabe destacar que o mais importante veio das conexões produzidas pelo russo no Museu Nacional. Quando esteve no Rio de Janeiro, o viajante conheceu o também russo Dimitri Petrovich Vanitzin, já há muitos anos no Brasil como Alberto Childe (1870-1950)[222] e nomeado conservador de Arqueologia do Museu em 1912. Em carta de 8 de maio de 1917, Manizer comunica a Radlov, diretor do MAE, o desfecho de seu trabalho sobre Langsdorff e relata a contribuição de Childe:

> Respeitável Vasili Vasilievich!
> Acabo de concluir o trabalho sobre o Acadêmico Langsdorff e suas coleções, confiado a mim pelo senhor, e apresentei meu manuscrito ao Museu. Só consegui realizá-lo graças à assistência extraordinariamente gentil do responsável pelo setor arqueológico do Museu Nacional do Rio de Janeiro, Dr. Alberto Eduardovich Childe, que procurou e enviou-me materiais imprescindíveis - especificamente dois números da "Revista Trimensal" do ano de 1875, que já representam raridades bibliográficas até no Brasil - e um dos artigos de que necessitava, inclusive, remeteu-me reescrito por ele mesmo na biblioteca pública do Rio de Janeiro. Penso que esse Dr. Childe merece gratidão não apenas da minha parte, mas também da parte da Academia de Ciências, em cuja biblioteca não havia os respectivos números da "Revista". Eu ficaria muito feliz caso o senhor achasse possível transmitir a ele um agradecimento por escrito em seu nome ou mesmo em nome da conferência. A propósito, saliento que o Dr. Childe mencionou, em uma das cartas endereçadas a mim, que eram essenciais a ser trabalho acerca da história das culturas antigas os escritos do falecido vice-diretor da Academia, o Acadêmico Nikitin. Não lhe seria possível enviar a ele aquilo que foi impresso e publicado pela Academia? Seria bom que se pudesse levantar essa questão na próxima reunião da conferência. Os artigos de Nikitin encontram-se nas seguintes edições: [...][223]

Os agradecimentos a Alberto Childe também estão destacados no estudo de Manizer. A mencionada publicação brasileira é a *Revista Trimensal do Instituto Histórico Geográfico e Etnográfico do Brasil*, iniciada em 1839 (MENDES, 2017). Nos números mencionados, ela trouxe o ensaio de Hercule Florence sobre a expedição, traduzido para o português por

[222] Em 1950, o suplemento "Ciência para Todos" (1948-1950) - dedicado à divulgação científica no diário carioca "A Manhã" (1941-1953) - falou na morte de Alberto Childe, na cidade serrana de Petrópolis, e repassou pontos de sua trajetória no Brasil.
Matéria sobre Alberto Childe. Suplemento Ciência Para Todos, p. 8. (Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional) Edição 32,. Rio de Janeiro, 29 de outubro de 1950.
[223] Carta de Manizer para Radlov, 8 de maio de 1917. Rolo 10, im.2307-2310.

Alfredo d'Escragnolle Taunay. A grande relevância desse texto reside no fato de que, para todos os efeitos, ele era o único relato existente da viagem científica. Francisco Hardman e Lorelai Kury sublinham a "densidade narrativa" como outro valor da publicação. Nesse sentido, os autores afirmam que a obra de Florence supera os diários do próprio Langsdorff, "porque escrita *a posteriori* da viagem, a partir de anotações do seu diário de campo, mas não se confundindo com este" (HARDMAN e KURY, 2004, p. 407). O intercâmbio com Alberto Childe foi, portanto, a base das possibilidades de Manizer para a escrita naquele momento. O russo ainda demarca os outros materiais que tinha então, iluminando nossa perspectiva:

> Como material para o presente ensaio, foram utilizados, além do diário de Florence, as coleções do Museu de Antropologia e Etnografia da Academia de Ciências e os desenhos dos pintores da Expedição de G.I. Langsdorff, que se encontram nos Arquivos da Conferência da Academia de Ciências e do Museu Zoológico, e também as etiquetas do herbário de Riedel-Langsdorff, que constituem um dos tesouros do Jardim Botânico de Pedro, o Grande; breves notas extraídas das Observações Astronômicas de Rubtsov, que se encontram, em manuscrito, no Arquivo da Academia de Ciências (de 19 de agosto de 1825 a 30 de março de 1827).[224]

Enquanto concluía o estudo sobre Langsdorff e buscava publicar alguns de seus outros materiais de campo, Manizer ingressava na Primeira Guerra Mundial como voluntário. No dia 21 de junho de 1917, o jovem cientista contraiu tifo exantemático e faleceu em serviço na Romênia. Um ano depois, em meio às crises civis da ascensão bolchevique ao poder, morre Radlov, o velho diretor do MAE. No mesmo mês, o museu também perdeu Karl Guilzen para uma "duradoura doença" de que sofria. Apesar de entregue em 1917, o trabalho de Manizer sobre Langsdorff só foi publicado em 1948 (KORSUN, 2015, p. 264). A bibliografia não atribui um motivo para esse intervalo, mas é possível discernir uma sucessão quase ininterrupta de elementos instáveis na conjuntura russa, que invariavelmente reverberaram no plano científico e institucional, desde a Revolução de Outubro até a Segunda Guerra Mundial. Antes de morrer, Radlov buscou publicar o texto de Manizer, assim como tentaram as lideranças em sua sucessão no museu, como Lev Shtnerberg e Vladimir Bogoraz, nos anos 1920. As barreiras e negativas a essa e outras iniciativas refletiram, segundo detalha Sergei Korsun (2015), as novas formas de controle político e social que regeram as profundas mudanças em implementação no regime soviético. Um exemplo importante está no que ocorreu à própria memória do falecido Radlov após a Revolução. Korsun afirma que o nome

[224] Manizer, 1967, p. 61.

do diretor foi “relegado ao segundo plano, pois naquele tempo não era aceito recordar os serviços de um acadêmico “do czar ""(KORSUN, 2015, p.263).

Alguma circulação inicial dos conhecimentos a respeito da expedição de Langsdorff se produziu fora da União Soviética, através de relatórios apresentados e publicados em Congressos Internacionais de Americanistas, com base nas pesquisas de Manizer. O primeiro a fazê-lo foi Bogoraz , em Roma (1926)[225], seguido por Ivan Strelnikov, zoólogo da expedição de 1914, em Nova York (1928)[226]. Este ainda publicaria um artigo sobre o tema no periódico russo *Priroda*, em 1929[227]. Em 1930, se atribui a Lev Modzalevski, colaborador do Arquivo da Academia de Ciências da URSS, a descoberta de um grande número de documentos bem preservados da expedição Langsdorff, nos depósitos do Jardim Botânico soviético. A partir desse marco mais conhecido no resgate da expedição, houve uma guinada positiva no interesse pelo assunto e foram divulgadas descrições preliminares do achado arquivístico. O estudo de Manizer foi um importante suporte desse novo fôlego investigativo que, em contrapartida, envolveria a retomada de planos para publicar a obra póstuma (BASARGINA et al., 2012)

A historiografia identifica o papel do destacado geneticista e botânico Nikolai Vavilov (1887-1943) nesse processo, como seu entusiasta e mobilizador. Na época, é indicado que o cientista desenvolvia “grande interesse pela história da ciência e em sua base fundamental - fontes documentais”. Ao retornar de uma viagem por países sul-americanos, entre 1932 e 1933, Vavilov conheceu os manuscritos da expedição de Langsdorff. Ao saber do texto de Manizer, ele teria expressado “É um pecado não publicar tal trabalho!”(BASARGINA et al., 2012). A partir de então, o biólogo indica que iria “mover esse assunto” junto aos etnógrafos:

> Vavilov constatou a possibilidade de publicar na íntegra o patrimônio documental da expedição de Langsdorff. Em primeiro lugar, considerou, deveriam ser reproduzidos os desenhos expedicionários. Embora a questão não tenha sido definitivamente resolvida na época, foram feitos preparativos para a publicação do arquivo da expedição (Ibidem).

Entre as décadas de 1930 e 1950, o escrutínio dos arquivos destaca a atuação de Noemi Shprintsin, etnógrafa e colaboradora do MAE, que também publicou e comentou a obra de Manizer (figura 17). Em 1956, quando Shprintsin falou da expedição de Langsdorff no 18º Congresso Internacional de Geografia, no Rio de Janeiro, moviam-se no país os

[225] Bogoraz, 1926.
[226] Strelnikov, 1928.
[227] Strelnikov, 1929.

primeiros sinais da existência do material nos arquivos soviéticos. Entretanto, as perspectivas de diálogo foram logo impedidas pelo início da ditadura militar no Brasil.

.Figura 17. Vladimir Bogoraz (abaixo à esquerda), Lev Shternberg (abaixo à direita) e estudantes do MAE. A mulher na foto é Noemi Shprintsin, que publicou o estudo de Manizer sobre Langsdorff. Fonte - Korsun, 2015, p. 452.

A informação sobre esses primeiros contatos consta do documento de apresentação da exposição "Langsdorff de volta: desenhos e aquarelas de Rugendas, Taunay e Florence", que percorreu algumas capitais brasileiras entre 1988 e 1989[228]. A iniciativa entre brasileiros e soviéticos marcou a formação da Associação Internacional de Estudos Langsdorff (AIEL) e o início da articulação diplomática e científica ao redor do tema. Por fim, o historiador Boris Komissarov, que desde os anos 1960 figurava como biógrafo de Langsdorff e maior

[228] O documento de apresentação da exposição "Langsdorff de volta: desenhos e aquarelas de Rugendas, Taunay e Florence"está disponível pelo link http://13.82.108.85:8080/jspui/bitstream/1357/120/1/AMF07.009.pdf, acessado em 9 de junho de 2021.

referência no assunto, foi o acadêmico soviético a mediar a transferência das cópias arquivísticas que compõem o rico fundo de que dispomos desde 1990. Em 1997, a editora Fiocruz, a Casa de Oswaldo Cruz (COC) e a AIEL publicaram os diários de Langsdorff em três volumes, viabilizando o eixo da produção brasileira sobre a expedição.

Podemos, finalmente, nos propor a uma sucinta análise das condições do ostracismo e do resgate da expedição de Langsdorff e sua relevância, com base em alguns pontos. Com relação às coleções, sabe-se que elas chegaram a São Petersburgo em lotes, depositados na Kunstkamera e no Jardim Botânico Imperial entre 1822 e 1830. Devemos lembrar que, nos anos imediatamente a seguir, o grande gabinete de Pedro, o Grande, viveu o processo de fragmentação de seus materiais em diferentes museus (SLEPKOVA e YUSUPOVA, 2018). As coleções da expedição ao Brasil acompanharam o fluxo e, assim, foram distribuídas pelos novos espaços criados. Um deles era o Museu Botânico, que disputou o herbário da expedição com o Jardim Botânico Imperial naqueles mesmos anos. A controvérsia só terminaria em 1841, com o Jardim mantendo a maior parte das plantas. Fiódor Brandt (1802-1879), diretor do que se tornava o Museu Zoológico da Academia de Ciências, avaliou os materiais que tinha diante de si no contexto da dissolução da Kunstkamera. O acadêmico registrou que "os objetos entregues por Langsdorff, na ausência de um preparador habilidoso, foram muito mal organizados". Mesmo nessa condição geral, as coleções da expedição forneceram uma base fundamental para os museus da Academia de Ciências e foram utilizadas por gerações. Na zoologia, por exemplo, o próprio Brandt chegou a estudá-las, bem como o entomólogo Edouard Menetries, que havia participado de um período inicial da expedição e foi curador do Museu Zoológico (BASARGINA et.al., 2012).

Cabe uma ressalva quanto às coleções etnográficas. Segundo se afirma, "ninguém as estudava no século XIX e, mais ainda, dificilmente alguém da Academia sabia de sua existência", situação que começa a mudar com as já discutidas políticas de Radlov ao assumir o museu. Nessa diversidade de dinâmicas entre acervos, todos os objetos podiam, cada vez menos, ser ligados a suas histórias. Na preparação das remessas para São Petersburgo, a maior parte dos arquivos da expedição foi encaixotada junto com as coleções de história natural, especificamente as botânicas. Doente, Langsdorff não supervisionou o processo, quando poderia ter garantido o envio separado dos documentos. Os papéis acompanharam o herbário no ingresso ao Jardim Botânico, em 1841, onde não seriam acessados até 1930 (BASARGINA et.al., 2012). Através do ensaio de Manizer, percebe-se o efeito dessa ausência em nível de circulação de informações. O jovem etnógrafo afirma a existência, em

sua época, de apenas um documento publicado na Rússia sobre a viagem científica[229]. Tratava-se da última carta de Langsdorff a ter alcançado São Petersburgo ainda durante a expedição, em junho de 1828. Manizer explica não ter encontrado a carta em si, mas que conseguiu acesso a excertos da mesma, publicados em alemão no veículo *St. Petersburgische Zeitung*[230]. O momento em que os documentos vieram à luz coincide com os trabalhos de fusão do Jardim e do Museu botânicos, gerando o Instituto Botânico da Academia de Ciências da URSS, em 1931 (BASARGINA et.al., 2012).

Com mais esse dado, podemos argumentar que diferentes períodos de reformulações e reacomodações de elementos da Academia de Ciências da Rússia foram determinantes para o diagnóstico de problemas e produção de descobertas. Associada a esses momentos, obtêm-se uma prática extraordinária de revisão e separação de itens e informações. O inventário, nesse sentido, pode mobilizar o olhar em alcances e direções não corriqueiras. Na década de 1830, a perspectiva de Brandt, já interessada, ganhou uma oportunidade nessa dinâmica. Cem anos depois, mais uma dessas reformas também pode ter produzido novas perdas, nos transportes e processamentos, mas sabemos que contribuiu para ao menos um valioso achado. Nossa atenção especial a essas questões em torno do conhecimento sobre a expedição de Langsdorff e seus companheiros deve, enfim, vir com o cuidado de não produzirmos uma aura de excepcionalidade no caso. Poderia até ser assim, mas a presente pesquisa rende breve menção a ao menos outra situação, similar e também relacionada a um material basilar na história russa de expedições às Américas no século XIX. A viagem de Ilya Voznesensky ao noroeste da América do Norte - citada no primeiro capítulo da tese - esteve esquecida até um empenho inicial de recuperação através dos primeiros anos de Karl Guilzen no MAE. Assim explica um relatório, de 1919, lembrando contribuições do recém-falecido funcionário à instituição:

> K.K. Gilsen começou seu trabalho no Museu ainda em 1892, quando foi convidado pelo falecido curador F.K. Russov para desmontagem das coleções antigas da Kunstkamera e outras do noroeste da América. Essas coleções valiosíssimas estavam em completa desordem. [...] Entre as quais a coleção mais notável pertence ao pesquisador dos anos 40, o zoólogo da Academia I.G. Voznesensky. Interessou-se pela notável personalidade desse pesquisador injustamente esquecido, que enriqueceu todos os museus da Academia com as mais valiosas coleções. Além disso, desenvolveu todo o material de arquivo relativo à sua personalidade e atividades.[231]

[229] Manizer, 1967, p. 53.
[230] "Extratos da carta do sr. Von Langsdorff à Conferência da Imperial Academia de Ciências de São Petersburgo". *St.Petersburgische Zeitung*, n.52, 29 de junho de 1828. apud. Manizer, 1967, p.53.
[231] apud. Korsun, 2015, p.264,265.

Guilzen ainda escreveu um trabalho descrevendo a expedição e seus produtos. Em 1918, o manuscrito passou pelos preparativos para sair pela "Coletânea do MAE" junto com o texto de Manizer sobre Langsdorff, mas também não foi publicado (KORSUN, 2015). Juntos, Langsdorff e Voznesensky reforçam que, além de fatalidades como a doença do primeiro, estão compreensões mais amplas da falta de certas atitudes e métodos institucionalizados nas práticas e espaços voltados a essas coleções na Rússia do século XIX.

Alguns objetos, como os que compõem coleções, são chamados pelo historiador polonês Krzysztof Pomian (POMIAN, 1984) de semióforos, desprovidos do sentido de uso humano prático, mas carregados de significado. Seu valor se elabora no plano representativo, portanto, como elemento visível que intermedia o alcance de um mundo invisível. Nas discussões em Latour até aqui, essa relação conecta lugares, processos e valores. Na codependência entre referenciais e significados, Pomian considera a exposição ao olhar como um dos requisitos para a categoria de coleção. Pensando assim, a viagem de Manizer no Brasil pode ser tratada em histórias da produção dessa ideia de coleções, cujos valores científicos e representativos foram construídos pelo russo para além da aquisição de objetos, confrontando-a com outras práticas. Agregando significados a suas coletas de artefatos, relatos e linguagens, Manizer também buscou situar-se em um país novo, para o qual não havia se preparado. Nesse processo, o jogo simbólico entre o olhar do viajante e algumas coleções brasileiras interligou dois museus de outro modo muito distantes. A partir de então, Manizer começou a identificar os valores e conexões históricas de um substrato material primordial da academia russa. É defendido, portanto, que os esforços de Manizer ofereceram fundações para uma historiografia russa da América Latina (ALEKSANDRENKOV, 2009, p. 87). Mais tarde, essa dinâmica transnacional (SUBRAHMANYAM, 1997; CLAVIN, 2005; WEINSTEIN, 2013) remete às instituições científicas brasileiras parte da história do país e suas compreensões, dando suporte à noção de Latour de que os lugares de conhecimento e de memória não devem ser vistos como pontos de parada e isolamento da informação, mas "nós de uma vasta rede", que a ressignifica e reorienta através de si (LATOUR, 2000, p. 21).

## Parte 3 - A expedição através de outras redes sul-americanas

O fio teórico desta parte da tese retoma a ênfase do primeiro capítulo ao valor das fontes documentais como mapas para as relações que produziram a expedição russa desde seu princípio. Latour fala em "forma", "veículo" ou "inscrição" como materialidade que nos liga, através da "conéctica", às camadas de práticas que a construíram (LATOUR, 2000, pp, 22,23). Para usar outro de seus termos, uma dessas dimensões alcançadas é a da produção das inscrições através de "redes". Na leitura de Latour, a rede é o canal por onde se estabelece uma "ação redistributiva" (Idem, 2013, p. 24). Nesse sentido, a produção de conhecimentos na expedição foi uma ação redistributiva, pois não se define apenas pelos cinco russos, mas por um "complexo ecológico de tributários, aliados, cúmplices e ajudantes" (LATOUR, 2013, pp. 25,26). Latour justifica sua escolha pelo adjetivo "ecológico" , em virtude da diversidade de forças e interdependências envolvidas. Não são somente pessoas, mas outros seres e elementos, rotinas e valores: "Há alguma coisa mais ecológica que o desenvolvimento de todos os atributos necessários para qualquer entidade auto-referente subsistir?" (Ibidem, p.27).

Essas relações também estiveram presentes nos caminhos discutidos nos capítulos anteriores. Seguindo com a dupla de etnógrafos até Nalike, Geiman traz uma imagem da vida local, que também reflete uma parte dessa ecologia de agentes essenciais à viabilidade da expedição:

> A uma légua do posto, encontramos o próprio Antônio Rufino, negro, alto, de olhos gentis. Ele estava sentado em um cavalo severo, vestindo um poncho e descalço. Com ele estava outro rapaz, mas um índio da tribo Terena (eles também têm um dialeto com Kinikinau). Mais tarde, um genuíno índio Kadiwéu apareceu, montado em um touro glorioso. Esta era uma imagem encantadora, surpreendentemente característica da América tropical brasileira. Mais quatro pastores montados cavalgaram em nossa direção. Levavam um rebanho para B. Branco.[232]

Essas articulações também foram observadas quando discutimos o papel determinante da estrutura do SPI para a prática e conhecimentos elaborados por Manizer no Brasil. As páginas a seguir se apoiarão nessa chave, portanto, e o capítulo IV examinará as agências da imigração na produção da viagem científica, cuja documentação, em contrapartida, oferece informações importantes sobre as dinâmicas e valores dessas populações sul-americanas. Dos

[232] Diários de Geiman, 29 de julho de 1914, caminho para Nalike. Rolo 13, Im. 3121.

membros da expedição, Geiman receberá o enfoque. Já no capítulo V, os rumos dos zoólogos serão debatidos em nuances da coleta natural, percebida no engendramento com agentes e saberes que movimentavam regiões de fronteiras nacionais sul-americanas no início do século XX.

# Capítulo IV. O elemento imigrante na expedição e os caminhos de Sergei Geiman

Neste capítulo, introduziremos aspectos gerais dos fluxos de imigrantes para a América do Sul no início do século XX, mais precisamente na delimitação de suas presenças em Buenos Aires, bem como suas contribuições para a expedição russa. Então passaremos às particularidades da viagem de Geiman, a partir dos desmembramentos do grupo original em Mato Grosso,com a proposta de defender as inserções decisivas de elementos da formação dessas comunidades locais em suas fontes e observações. O roteiro e materiais do caso específico de Geiman ainda justificam, nesse sentido, que afirmemos a construção de um envolvimento ativo com questões da imigração russa, como interesse de pesquisa e rede pragmática de apoio.

## 4.1 As redes sul-americanas da imigração

De maneira geral, o contexto dos grandes fluxos de pessoas para as Américas durante a passagem entre os séculos XIX e XX se apresenta aos nossos olhos constantemente nos diferentes materiais da expedição russa. Isso se dá, de fato, desde o princípio, se considerarmos as condições da própria viagem de São Petersburgo a Buenos Aires. Por questões de economia, os cinco estudantes ingressaram nos navios sempre portando bilhetes de terceira classe - "a dos "imigrantes""[233], segundo Manizer. O etnógrafo ainda declara que essa foi "uma decisão tomada não sem hesitação, mas a ela se devem muitas observações valiosas no decorrer de todo o trajeto"[234]. As fontes dão conta de muitos desses intercâmbios, que acabaram por fazer com que os cinco jovens vivenciassem episódios da experiência imigrante.

Um desses elementos, muito presente nos registros dos russos, é a rotina de inspeções médicas e oficiais dos passageiros da terceira classe. Quando estava prestes a atracar em Londres, Fielstrup relata à sua mãe que "vários oficiais e um médico subiram a bordo, checaram nossos papéis e fizeram a inspeção sanitária dos dois homens que permaneceriam

[233] Manizer, 1916a.
[234] Ibidem.

na Inglaterra"[235]. No desembarque, Fielstrup também descreve os transtornos da inspeção dos passageiros em escala e de suas respectivas bagagens. Então o processo se repete em Southampton, para a baldeação entre navios e embarque no Arlanza:

> Depois que os passageiros da 1ª e 2ª classes foram embarcados, nós passamos pelas mãos do médico da tripulação, que verificou os olhos da III classe mais uma vez (Libau[236] - I, Londres - II, Southampton - III e Buenos Aires será a IV vez que nossos olhos são examinados). Pelo menos subimos a bordo e encontramos nossos dormitórios em cabines limpas na popa do vapor. Aqui nós temos quatro refeições ao dia, então não podemos reclamar.[237]

Essa etapa final das inspeções médicas aconteceu segundo a previsão de Fiestrup e se arrastou durante algumas horas no porto de Buenos Aires. Ao escrever para sua mãe já no dia 27 de maio, o etnógrafo oferece alguns detalhes:

> Nós tivemos algumas dificuldades antes de desembarcarmos. A terceira classe é tão bem abastecida de personagens suspeitos que a polícia está sempre atrás deles, tentando capturar as pessoas que constam em seus registros: homens viajando com mulheres de uma república a outra; os judeus da Rússia, sendo os russos considerados nas primeiras posições nesse sentido; anarquistas russos também - em suma, os russos estão nas listas negras da polícia aqui. Um dos outros passageiros não foi autorizado a deixar o navio no Rio pelo mesmo motivo. O policial disse que o conhecia bem e que não havia o que fazer contra isso, embora o rapaz estivesse em sua primeira viagem à América.[238]

O trecho destacado retrata, em primeiro lugar, conflitos vinculados a um quadro mais geral de relações produzidas com a vertiginosa imigração à América do Sul desde as décadas finais do século XIX. Estima-se que, entre 1870 e 1930, mais de 30 milhões de pessoas tenham participado desse êxodo atlântico do Velho para o Novo Mundo (RAMOS e LOPES, 2010, p.171). A chegada de Fielstrup e dos demais precedeu o início de um momento de redução dessa dinâmica, nos anos em que a guerra na Europa traria outro tipo de mobilização para suas populações, com alistamentos e enfrentamentos (DI LISCIA, 2012, p. 141). Mas, até ali, o fluxo anual de pessoas nos maiores portos do continente vinha abastecendo o surgimento e incremento de novas comunidades, enquanto movimentava o debate público e políticas locais sobre as realidades práticas que acompanhavam essa imigração massiva. Dentro desse quadro de controle e processamento de indivíduos, o quinteto russo cultivou seu

[235] Carta de Fielstrup à mãe, 27 de abril de 1914, p. 2. - Rolo 8, im.1521.
[236] Trata-se da forma germânica de se chamar a cidade portuária de Liepāja, na atual Letônia. Na época, ainda era território do Império Russo. No início do século XX, Liepāja fazia parte do trajeto migratório anual de milhares de pessoas da Rússia para o Ocidente (SOBOLEVA e SOROKINA, 2020, p.166).
[237] Carta de Fielstrup à mãe, op.cit., p. 7. - Rolo 8, im.1516.
[238] Carta de Fielstrup à mãe, 27 de maio de 1914, p. 1. - Rolo 8, im. 1505.

próprio contato com a atmosfera de hospedagem dos imigrantes na chegada às novas terras. No diário mantido por Manizer, podemos perceber alguns contornos dos dias dos estudantes no Hotel de los Inmigrantes, onde ficaram até que resolvessem seus assuntos em Buenos Aires:

> O lar de imigrantes, onde ainda vivemos, situa-se diretamente a uma ruela estreita do cais onde os barcos a vapor são a princípio recebidos, então transportar a bagagem num carrinho de mão não foi nada e o procedimento divertiu-nos muito. O lar é enorme, muito arejado, com paredes de azulejos brancos, grandes janelas e, em si, consiste em uma cidadela inteira, onde se permite a entrada com bilhetes especiais, emitidos para 5 dias. Agora há tão poucas pessoas que andares inteiros estão vazios. A comida é a seguinte: às 6 horas café com pãozinho, às 10 horas dois turnos: sopa de massa, uma mistura de carne, papas e batatas, arroz, feijão e algumas raízes, às 4 horas - a mesma coisa, e o ciclo se repete todos os dias. A comida é, devo dizer, muito boa, mas é evidentemente servida em pratos de lata com idade respeitável, tão gordurosos que nos sujamos ao tocá-los. As colheres e os garfos também são assim. Não fosse pela agradável consciência da grande economia que estamos fazendo, já que a vida é terrivelmente cara, provavelmente seríamos exigentes. Deve-se dormir em arranjos especiais e bastante higiênicos tais, que consistem em um pedaço grosso de lona esticada sobre cordas, sem "lugares" para parasitas, etc. A desvantagem do quarto (enorme em tamanho - para talvez 200 pessoas) é que ele não é aquecido (mas a ventilação é boa, de modo que o ar não é fedorento ou pesado), pois o frio aqui é razoável, então sentiremos um pouco. De todo modo, o casaco acabou por ser muito apropriado, embora os próprios argentinos ostentem, sem os mesmos, as aparências de um verão eterno. Tendo arrumado nossa bagagem (no primeiro dia roubaram o casaco de Geiman e alguma outra ninharia, mas ainda não foram além disso. Ainda bem que nosso dinheiro está no banco até hoje), fomos ao consulado [...].[239]

Essas hospedarias eram dos lugares que, em suas características próprias, traduziam valores e medidas públicas do fenômeno migratório daquelas décadas. Elas guarneciam mecanismos que nos ajudam a destrinchar as posturas de diferentes sociedades diante desse impactante componente estrangeiro, mesmo as hospedarias tendo sido:

> [...] apenas um dos fios da grande teia que enredava os movimentos migratórios e os vários procedimentos e serviços, criados para levar milhões de europeus de sua origem ao destino americano. Havia uma extensa cadeia de elos que se iniciava na saída dos europeus de suas aldeias e cidades natais - muitas vezes, aliciados por agentes locais e internacionais e estimulados pela propaganda do Novo Mundo - até a chegada a um local de trabalho nas Américas, passando pelos trâmites oficiais da emigração nos portos e pelos dissabores do transporte nos vapores transatlânticos (RESNIK e FERNANDES, 2014, p. 236).

O Brasil e a Argentina foram os dois principais receptores dessa população imigrante na América do Sul. Segundo Márcio de Oliveira, a maior parte desse movimento demográfico absoluto foi destinado aos Estados Unidos, mas as duas nações sul-americanas

[239]Cartas de Manizer à família, 26 de maio de 1914, pp. 20-21. Rolo 10, Im. 2158-2159.

destacadas teriam, juntas, visto a entrada de cerca de 10 milhões de novos moradores estrangeiros em seus portos, entre meados do século XIX e as primeiras décadas do século XX (OLIVEIRA, 2011, p. 1). Algumas cidades brasileiras contaram com o surgimento de hospedarias que, assim como a de Buenos Aires, foram pensadas especificamente para buscar acomodar e ordenar o processo. Em meio a esse conjunto de construções, Beatriz Kushnir dá destaque, por exemplo, à Hospedaria de Imigrantes de São Paulo e à Hospedaria de Imigrantes da Ilha das Flores, situada na Baía de Guanabara, entre Niterói e Rio de Janeiro (KUSHNIR, 2020). Esta última é muito trabalhada pela autora na longa duração de um sentido de reclusão que acompanhou sua história e os usos de seus espaços, desde as triagens de imigrantes do início do século XX até as prisões da ditadura civil-militar, sobretudo entre as décadas de 1960 e 1970. (Idem, 2016). O início do funcionamento das instalações remonta da década de 1880, como amadurecimento de uma dinâmica e práticas já implementadas nos pequenos "locais de recepção" antes existentes (RESNIK e FERNANDES, 2014, p. 235).

Embora Ramos e Lopes (2010, p. 178) nos forneçam um Hotel de los Inmigrantes de rotina compatível com aquela descrita por Manizer, as interpretações desse lugar podem expor variações consideráveis. Podemos entendê-las, a princípio, como reação às condições específicas daquele cenário em determinado momento. Algumas mudanças sempre podem ocorrer, às vezes em curto espaço de tempo, e influenciar nesse tipo de julgamento. Em 1929, a imprensa vinha apontando para o estado do local e os transtornos para as pessoas, que não podiam tomar banho por culpa dos encanamentos e dispunham apenas de colchões e cobertores em mau estado (ELGUERA e BOAGLIO, 1997, apud. ROUCO, 2005). Com testemunhos publicados em datas próximas na década de 1980, José Arias e Marta Pellegrini contam de suas chegadas como imigrantes no ano de 1930, mas sequer parecem falar do mesmo lugar das denúncias de 29. Arias tinha treze anos naquele tempo, de quando elogia o "trato" e a "atenção" das autoridades, as "refeições saudáveis e abundantes" e, "para dormir, camas limpas e confortáveis"[240]. Pellegrini, por sua vez, nos mostra que o senso desses ambientes de recepção de imigrantes pode estar mais ligado à sua posição de transição entre a vida pregressa e a que viria a seguir:

> Chegar a um lugar onde tudo era desconhecido, a terra, a língua, as pessoas, nos predispõe a aumentar a incerteza, até sermos levados para o Hotel Imigrante. Era uma espécie de oásis, onde fomos agrupados por nacionalidade e, com os ânimos mais calmos, começamos a olhar para a realidade desta espécie de terra prometida.

[240] Arias, J. Disqueprensa en La Prensa, Buenos Aires, 1998. Disponível em: http://letras-uruguay.espaciolatino.com/aaa/gonzalez_rouco_maria/hotel_de_inmigrantes.htm, acesso em 26 de janeiro de 2023.

> Ficamos duas semanas onde agora chamam de "velho hotel", o que serviu de elo entre o trágico e conhecido, que havia ficado para trás, e o novo e desconhecido que estava pela frente. Não acredito que haja outro refúgio semelhante no mundo para receber e abrigar imigrantes.[241]

Os cinco estudantes russos não se encontravam nas mesmas condições daqueles que eram de fato imigrantes, mas sua interseção com a vida nesses espaços - os "elos" de Marta Pellegrini, que eram as hospedarias e também podiam ser os navios cruzando o Atlântico - produziu, nos remanescentes materiais de um projeto científico, algumas de suas marcas socialmente sensíveis. O zoólogo Ivan Strelnikov foi o único membro da expedição a ter sido categorizado como "camponês" no documento que dava conta da viagem ao prefeito de São Petersburgo, ainda em março de 1914[242]. No caminho através de uma rota familiar a muitos camponeses como ele, Strelnikov se tornou íntimo de situações às quais estes se submetiam para alcançar os novos ares onde, em seus termos, "proletarizam-se"[243]. O grosso dessa força de trabalho vinha apinhado na terceira classe das companhias que exploravam seu transporte. Se recuperarmos o trecho em que Manizer associa essa seção de passageiros, particularmente, ao termo "imigrante", temos uma distinção sendo reforçada entre essas pessoas e as da primeira e segunda classes. Fica a sensação de que o termo era uma bagagem adicional a ser pejorativamente carregada, de um lado a outro, apenas na parte mais pobre do navio, sugestão que Fielstrup nos confirma, diante de um protocolo do escritório alfandegário, logo no desembarque em Buenos Aires:

> A todos os passageiros da 3ª classe é feita a seguinte pergunta: "você é um imigrante?" Se for capaz de suportar os custos de vida e tiver conexões que lhe forneçam assistência desde o início, responda "não!", siga e estará livre para ficar e viver como bem entender. Mas há outra alternativa e, sugiro por experiência própria, que todos deveríamos responder: "Sim, nós somos imigrantes". Isso faz uma diferença considerável. Nossos passaportes têm carimbados a palavra "Imigrante" e então reivindicamos hospitalidade ao Governo da Argentina.[244]

A história do documento e de seus significados encontra um momento fundamental precisamente entre o final do século XIX e o início do XX, quando se consolidaram atitudes e políticas centralizadoras da nação e do nacional como referenciais. Segundo Svetlana Ruseishvili (2021, p. 12,13), a Primeira Guerra Mundial reforçou muito esse sentido de

---

[241] Pellegrini, M. B. de. Carta de Lectores en La Prensa, 1998. Disponível em: http://letras-uruguay.espaciolatino.com/aaa/gonzalez_rouco_maria/hotel_de_inmigrantes.htm, acesso em 26 de janeiro de 2023.
[242] V. Radlov, 25 de março de 1914, apud. Soboleva, 2016, p.52.
[243] Notas avulsas de Strelnikov, Buenos Aires, junho de 1914, p.28. Rolo 13, Im. 3174.
[244] Fielstrup, Universidade de Tomsk, 1920, p. 28. Rolo 15, im.11032.

“nacionalização da sociedade”, como processo que condensou hierarquias, espaços e pertencimentos na imagem do passaporte nacional. Depois de uma travessia marítima de setorização e restrições, quando privilégios segregaram condições até no desembarque, o conceito de imigrante embutido no passaporte introduziu outra camada de distinção, desta vez interna à terceira classe. Aquele que respondeu “sim” à pergunta dos funcionários no porto é um imigrante que se redimensiona para acomodar o início da relação com o novo Estado, suas atribuições e políticas.

O fragmento de Fielstrup fez parte de um material organizado e apresentado por ele em 1920, quando ministrou um curso de geografia na Universidade de Tomsk e, nas férias de verão da instituição, acompanhou a expedição estudantil Minusinsk-Abakan. O etnógrafo se encontrava na cidade siberiana a serviço da “Comissão para o Estudo da Composição Étnica da população da Rússia e países vizinhos”, dispositivo de inventário criado na Academia de Ciências em 1917, logo após a revolução de Outubro (KARMICHEVA, 2002). A pesquisa documental indica que esses textos representam o relato mais detalhado, produzido pela expedição de 1914, sobre a dinâmica migratória da Europa para a América do Sul naquele momento. Pela análise das aulas planejadas, é possível verificar que Fielstrup baseou-se na própria experiência de viagem para aprofundar a discussão de temas como os tipos de imigrantes, as temporadas da imigração e sua recepção, com ênfase em Buenos Aires. Não só a quantidade de informações, mas o constante olhar à exploração econômica de pessoas e expectativas, reduzidas à condição de “detentos” ou “carga humana” em trânsito[245] - para citar duas terminologias utilizadas - são registros valiosos.

O carimbo de imigrante vai ser acompanhado por outras categorias que “se colam” a essas pessoas na nova terra. Exemplos delas são “ignorante, trabalhador, honesto, poupador, subversivo” (OLIVEIRA, 2011, p. 8). Para alguns, os estigmas já apareciam quando a polícia sobe ao convés do navio atracado no cais, conforme vimos pela narrativa de Fiesltrup à mãe. Para muitos outros, as entrevistas no escritório de registros da hospedaria eram a chance de reivindicarem bons rótulos para si. Fielstrup explica que essa dinâmica incluía um quadro grande, onde as ofertas de trabalho e capacidades requisitadas eram fixadas com giz, do lado de fora do escritório. Embora o jovem etnógrafo afirmasse que “a informação mais valiosa que sua nacionalidade, idade, etc. é o tipo de trabalho que você consegue e está disposto a fazer”[246], é preciso delimitar as importantes e variadas medidas de favor, desconfiança ou até

[245] Ibidem, pp. 3; 27. Rolo 15, Im.11011; 11031.
[246] Ibidem, p.30. Rolo 15, im. 11034.

repulsa difundidas socialmente com base na origem de um imigrante naquele contexto de ebulição dos contatos culturais.

## 4.2 Imigração russa e primeiras contribuições à expedição em Buenos Aires

Nesse campo, um dos enfoques possíveis - e que, naturalmente, ocupou muito do escopo observacional da expedição de 1914 - é o da situação geral da imigração russa na Argentina dos anos que discutimos aqui. Todo o movimento do governo argentino pelo incentivo à imigração demonstrava preferência por indivíduos de determinadas nacionalidades. Aqueles do norte da Europa costumavam ser os mais desejáveis, ainda que muitos outros, entre espanhóis, italianos, sírio-libaneses e russos, tenham entrado em grandes números no país (DI LISCIA e MARRÓN, 2009; DI LISCIA, 2012, pp. 127, 137). À medida que o final do século XIX consolidava essa nova realidade demográfica, escalavam a miséria, a criminalidade e a frequência de surtos epidêmicos em diferentes regiões. Em 1914, todas essas questões se entrelaçavam na forma de diferentes prescrições e atitudes que apontavam a imigração, então já responsável por metade da população da cidade de Buenos Aires, como causadora de muitos prejuízos à saúde e à ordem pública (MARQUIEGUI, 2014, p. 56).

Como assinalado anteriormente, nacionalidade e etnia foram balizas cruciais do compasso que regulava as generalizações e hostilidades naquela situação. Nem todos os imigrantes seriam os portadores ideais de certos males, como subversão, loucura e doenças. Os russos haviam começado a acompanhar o contingente migratório às Américas durante a década de 1890 e, desde então, também passaram a fazer parte do problema. Maria Silvia Di Liscia (2012) destaca um episódio que contribuiu na elaboração de relações com a imigração russa. Segundo a autora, uma epidemia de tifo exantemático, que nunca havia ocorrido na Argentina, foi creditada a famílias russas que se assentavam em Colonia Clara, província de Entre Ríos, desde 1894. A vigilância e as resistências se intensificaram, por um lado, com base em um conceito genérico de "russo" que se aplicava a diferentes povos vindos do Leste Europeu e Ásia Menor. Por outro lado, esses grupos eram quase sempre formados por judeus,

que assim se tornavam meios de associação com a pobreza e a falta de higiene, tidas como condições para a enfermidade (DI LISCIA, 2012, p. 132).

Outra parte das observações de Fielstrup corrobora com essa realidade dos judeus muito representados entre seus compatriotas, enquanto fornece mais alguns dados sobre essa imigração russa:

> As ideias a respeito da cidade de B.A. não podem, em geral, ser tidas como bem definidas em nossa parte do mundo. A Rússia não pertence ao grupo de nações que mantêm um certo intercurso constante com essa capital da A. do Sul. Há muitos poucos russos - se é que há algum - que retornem, uma vez que estejam seguros na outra ponta dos oceanos. Eles pertencem, quase exclusivamente, à "raça perseguida" - os judeus -, são de tal maneira apanhados no turbilhão da vida agitada de B.A. e se mostram tão gratos pelo novo solo, que dificilmente se fala em voltar à terra nativa. Todas as conexões com o velho mundo murcham e se esvaem, não havendo quem espalhe o conhecimento da Argentina e B.A. mais amplamente. Então não é de se estranhar que a maioria dos imigrantes russos do tipo provincial vejam muito pouco além da glória que emana do fabuloso país, e esperem encontrá-lo cheio de assentamentos de mineração de ouro e colonos da mais romanesca aparência.[247]

Nesse trecho, Fielstrup busca entender a dinâmica de produção e circulação de um conhecimento e representações da América do Sul próprios de sua "parte do mundo", baseando-se em uma presença russa que apenas havia começado a substancializar-se localmente. A tese de doutoramento de Svetlana Ruseishvili (RUSEISHVILI, 2016) é referência imprescindível para que se possa compreender a proporção e nuances alcançadas por essa imigração - no caso dos fluxos para o Brasil - a partir da diáspora russa iniciada com a Revolução de Outubro de 1917 e a ascensão do poder bolchevique.

A análise de Fielstrup traz a percepção de que o maior desafio estava na manutenção de um circuito entre os imigrantes e o lugar que haviam deixado. Mas quando ele dá a devida cor a esses indivíduos, se desenha o quadro da relação com uma memória indesejada, com a qual não interessa mais comunicar. Através da expedição de 1914, a ciência russa obteve ferramentas que permitiriam reelaborar imagens e conhecimentos sobre a América do Sul do início do século XX. O contato que se forjou entre esses agentes científicos e a imigração de conterrâneos acaba oferecendo um olhar que se volta muito à própria Rússia. Nessas condições, a prática e os materiais da expedição dotam-se de uma reforçada dimensão de canais, que catalisam a travessia de elementos de um lado a outro. No capítulo anterior, vimos esse tipo de processo auto-representativo no encontro local de Manizer com as pistas de Langsdorff no Brasil.

[247] Ibidem, p.37. Rolo 15, im. 11041.

Se, ao final, a expedição pôde alcançar seus resultados e manter-se ativa em registros e coletas enquanto esteve "ilhada" pela Primeira Guerra Mundial, também foi pela contribuição de russos e outros estrangeiros radicados no continente. A frequência com que se inserem nas fontes documentais em diferentes momentos nos autoriza a observá-los como um segmento das redes locais que produziram a expedição. As colônias de imigrantes, os cientistas e outros atores desempenhando funções a serviço de Estados sul-americanos naquela época denunciam sua forte presença e relatam uma variedade de formas de apoio. Ainda a bordo do Arlanza, os membros da expedição conheceram um velho imigrante russo de sobrenome Krasnov, que estava viajando na segunda classe. Quando soube dos jovens cientistas, ele apresentou-se e se prontificou a ajudar. Fielstrup escreveu que Krasnov tinha deixado a Rússia "há uns 40 anos" e, já como cidadão brasileiro, era dono de um hotel em Curitiba, para onde ia naquele momento. A escala no Rio de Janeiro foi o desembarque definitivo de Krasnov que, em alguns dias, partiria em outra embarcação para seu destino. Nessa primeira passagem do grupo pela capital brasileira, foi ele quem lhes forneceu amparo e orientações[248].

Os professores Lehmann-Nitsche e Schiller, de La Plata, representavam uma importante presença alemã no país, também em posições mais prestigiadas. Manizer se remete a essa realidade através da metáfora dos "pássaros vadios, estes cientistas alemães, trazidos aqui para o benefício do governo argentino"[249]. A alusão aos mesmos animais também penetra o espectro analítico de Fielstrup, mas quando o assunto são os imigrantes sazonais que, segundo o etnógrafo, guiavam seus movimentos pelas mesmas estações do ano que as aves migratórias[250]. A vivência nesses centros da urbanização argentina revelou aos jovens viajantes que os russos, a exemplo dos alemães e outros, também se faziam notar nos diferentes espaços. Ainda no período em La Plata, Manizer relata ter frequentado, com seus companheiros, um "clube russo-judaico [...], a convite de um ex-estudante de Kiev - atualmente cidadão e burocrata argentino. Aqui reunem-se pessoas que já praticamente se esqueceram ou que, de qualquer modo, deixaram de falar russo"[251].

No relato à família, o jovem etnógrafo também menciona uma sexta-feira de "chá e conversas sem fim" na casa de um russo de sobrenome Kagan, professor de mineralogia em La Plata. Manizer escreve que, antes de Kagan, o grupo havia conhecido sua esposa, que

[248] Carta de Fielstrup à mãe, 27 de maio de 1914, pp. 1-4. Rolo 8, im. 1502-1505.
[249] Cartas de Manizer à família, 26 de maio de 1914, p. 23. Rolo 10, Im. 2156.
[250] Fielstrup, Universidade de Tomsk, 1920, pp. 3-4. Rolo 15, im.11011-11012.
[251] Cartas de Manizer à família, 31 de maio de 1914, p. 25. Rolo 10, Im. 2154.

trabalhava no "Instituto Pasteur" de Buenos Aires[252]. De acordo com Juan Zabala e Nicolás Rojas (ZABALA e ROJAS, 2022a, p. 16), o local que, desde 1888, passara a ser designado como esse "Instituto Pasteur" portenho, havia sido criado em 1886 sob o nome de Laboratório Antirrábico Pasteur e como anexo da Faculdade de Medicina da Universidade de Buenos Aires. Hoje ele abriga atividades mais diversificadas sob o nome de Instituto de Zoonoses Louis Pasteur (ÁLVAREZ, 2015, p. 814). O assunto engatilha a lembrança de que, dentre os membros da expedição russa, o zoólogo Ivan Strelnikov havia estado no laboratório de Ilya Mechnikov, no Instituto Pasteur parisiense, durante o verão europeu de 1913.

Manizer afirma que uma carta de recomendação do Instituto na França, ligada aos contatos da experiência de Strelnikov em 1913, havia garantindo a inoculação dos estudantes russos contra a febre tifóide no ano seguinte, em Buenos Aires[253]. A questão que permanece, no entanto, concerne a onde isso teria realmente acontecido, porque o lugar que, na época, levava o nome de Pasteur na Argentina tinha suas atividades voltadas ao combate à raiva. Apesar de ser possível que, mesmo assim, a vacinação tenha ocorrido ali, também podemos sugerir que Manizer estivesse se referindo, na verdade, ao Instituto Bacteriológico do Departamento Nacional de Higiene de Buenos Aires, que então vinha produzindo uma variedade de vacinas, entre as quais, a antitífica, a antipestosa e a antirrábica. Com base nas investigações conduzidas por Juliana Cavalcanti, percebemos a estrutura que o Bacteriológico dedicava à competitividade em pesquisa e fabricação de soros e vacinas naquele momento. Ainda segundo a autora, o ano de 1914 encontrava o austríaco Rudolf Kraus nos primeiros anos de seu trabalho à frente da instituição, que produziria os biológicos a ponto de, durante a Primeira Guerra Mundial, não mais depender de sua importação (CAVALCANTI, 2013, p. 226).

Por fim, encerramos este parênteses, aberto em meio às ligações engendradas pelos jovens cientistas russos, com a indicação de que os espaços argentinos destacados compunham efeitos da novidade bacteriológica de fins do século XIX e início do XX na expansão de um mercado recente de laboratórios, especialidades e produtos na América do Sul (ZABALA e ROJAS, 2022b). O Instituto Oswaldo Cruz (IOC), o Butantã e o Pasteur de São Paulo no Brasil (CAVALCANTI, 2013); o Instituto de Vacina Animal Julio Besnard (IVA-JB) e o Instituto de Higiene (IH) no Chile (IBARRA e PARADA, 2020), são exemplos vinculados aos intercâmbios desse cenário.

[252] Cartas de Manizer à família, 31 de maio de 1914, p. 26. Rolo 10, Im. 2153.
[253] Cartas de Manizer à família, 31 de maio de 1914, p. 25. Rolo 10, Im. 2154.

Fielstrup escreveu a respeito de muitas das situações que lhe estimularam impressões durante a viagem. Um de seus registros datilografados consiste em um retrato de sete páginas sobre a movimentada vida que levavam jornais, livros e revistas ilustradas na capital argentina. Intitulado "A palavra impressa em Buenos Aires", o relato se concentra, naturalmente, naquilo que a guerra europeia provocou na paisagem de "lojas, barracas, quiosques e espalhafatosos ambulantes nas ruas"[254] da cidade. O etnógrafo situa esse momento em sua segunda passagem por aquele centro urbano, após o retorno da jornada que fizera ao lado de Manizer. Àquela altura, os conflitos externos estavam em curso, mas o russo descreve o franco embate que, internamente, era travado entre redações e periódicos. Com um provável aceno ao controle e restrições que resistiam naqueles derradeiros anos de Rússia czarista, Fielstrup nota que:

> Na capital de um país livre, que conforma-se em uma arena de disputas de influência por todas as nações empreendedoras, as vozes dessas últimas ressoam tanto quanto houver forças/financiamento/ e habilidades em pé de igualdade com as nativas, isto é, com os mesmos direitos, e não apenas através do porta-voz da imprensa periódica, mas também pelo efeito sugestivo das vitrines de inúmeras livrarias sobre os transeuntes. Entre todas as nações dotadas de interesses próprios - logicamente comerciais - na jovem e ainda pequena a esse respeito Argentina, as que ocupam as melhores posições são Inglaterra e Alemanha, mas já vêm atrás delas França e Itália. Todas possuem representantes na imprensa diária, com presença explícita nos veículos de seu próprio idioma e implícita nos nativos. Uma política de subsídio aos jornais argentinos é conduzida pela Alemanha, isso é um fato comprovado; já a posição da Inglaterra nesse sentido me é desconhecida.[255]

A partir desse fragmento, Fielstrup nos aproxima de um ambiente onde circulavam representações em disputa. As charges e manchetes expunham uma guerra particular de narrativas, consoante àquela das armas, enquanto denunciavam a difusa e ativa atmosfera imigrante do momento. Embora muito menos representados, alguns veículos de origem e língua russa também se faziam presentes na seara daquela imprensa local, tendo condicionado interlocuções e canais importantes para a expedição. Sobre esses periódicos russos, Manizer observou que "aqui parece haver dois deles"[256]. Um era o semanal *Novy Mir* (Novo Mundo), cujo dono e redator responsável ofereceu contribuições importantes para a expedição. Seu nome era Alejandro (Aleksandr) Pavlovsky (1865-1934), nas palavras de Geiman, "ex-revolucionário, que migrou para cá já há 25 anos"[257]. Esse mesmo integrante da expedição descreve mais alguns pontos sobre o personagem:

---

[254] Fielstrup, maio-junho de 1914, p. 1. Rolo 8, Im.1536.
[255] Fielstrup, maio-junho de 1914, p. 1. Rolo 8, Im.1536.
[256] Cartas de Manizer à família, 31 de maio de 1914, p. 27. Rolo 10, Im. 2152.
[257] Diários de Geiman, 7-29 de dezembro de 1914, p. 9. Rolo 15, Im. 11625.

> A(lexander) Ya(kovlevich) é, atualmente, o chefe do departamento de trânsito do município, com um salário de 12 mil rublos ao ano. Sua carreira é um contínuo triunfo da sorte. Casado com a filha do governador, conseguiu conexões luxuosas [...] e seguiu em frente. Além disso, por natureza, ele é dotado de uma mente de notável paixão e bendita energia. Dominando o espanhol, ele escreveu um romance sobre a vida russa, marcado pela crítica de maneira muito lisonjeira. Sua alma bondosa sempre respondeu à dor e à necessidade das pessoas. Ele pode ser, com justiça, considerado o patriarca da colônia russa e a pessoa mais útil - milhares de pessoas oram a Deus por ele, que criou uma glória merecida e digna. Seus irmãos e irmãs são pessoas excepcionais. A(lexander) Ya(kovlevich) é nosso ministro das finanças, e sua casa sempre esteve ao nosso serviço.[258]

Segundo Manizer relata à família, Pavlovsky foi apresentado ao grupo de estudantes no dia 30 de maio, por intermédio do oficial diplomático Evgeny Stein, mencionado no capítulo anterior. A partir de então, a dedicação do atuante russo radicado na Argentina encontrou as formas de suas diferentes atribuições. Com sua posição no departamento de trânsito, Pavlovsky foi uma das pessoas a providenciar o transporte da expedição e sua bagagem até Corumbá. Dois dias antes da partida para Mato Grosso, Manizer ainda escreve que "parte de nossa bagagem, cada dia maior, ficou aqui - na casa do redator do jornal russo, até nosso retorno"[259]. Não é claro o motivo exato de Geiman ter chamado Pavlovsky de "nosso ministro das finanças", mas é possível que seja pela força de sua influência na conquista de condições mais acessíveis para o trajeto fluvial.

Já a faceta jornalística do mesmo personagem teria rendido uma conexão que conferiu alguma repercussão pública à expedição em Buenos Aires. Mais recentemente, alguns novos registros vieram à luz com o acesso a materiais do arquivo familiar de Vitaly Tanasiichuk, filho do zoólogo Nikolai Tanasiichuk[260]. Em um deles, Tanasiichuk explica o início das negociações da ida à Corumbá e ilustra uma situação inusitada, advinda de recomendação feita, então, por Pavlovsky:

> Decidimos ir no barco a vapor de Mikhanovich, um austríaco. Ele está aqui desde jovem; começou como um simples barqueiro, hoje é milionário. Era preciso solicitar um desconto ao próprio Mikhanovich. Fielstrup e Manizer tentaram ir até ele - mas não lhes deram a possibilidade. O gerente disse que eles não estavam interessados em excursões e que o máximo que podiam dar era 10%. Então um imigrante político russo local, diretor de transportes da cidade, nos aconselhou a recorrer a Rothkopf - russo (judeu), que supostamente poderia fazer qualquer coisa. Fizemos isso. Rothkopf prometeu ajudar e, para isso, antes de tudo, escreveu um grande artigo sobre nós no El Diario. Nele, em nosso nome, escreveu que

[258] Ibidem, pp. 9-11.
[259] Carta de Manizer à família, 14 de junho de 1914, p. 29. Rolo 10, Im. 2150.
[260] Segundo a pesquisadora russa Elena Soboleva, alguns materiais de acervos pessoais foram doados ao MAE nos últimos anos (2020, p.2095). Além dos arquivos de Vitaly Tanasiichuk, Natalia Markovna Manizer cedeu materiais de seu tio Genrikh Manizer, em junho de 2017 (SOBOLEVA, 2018, p.218).

> Mikhanovich era tão nobre e gentil que facilitou muito nossa jornada. Que coisa! Ele garante que isso vai ajudar. Vamos ver. Almoçamos com esse correspondente ontem.[261]

Essas palavras Tanasiichuk dedicou à sua madrinha, como parte de um relato de eventos que haviam antecedido o dia 10 de junho. Quando vai relatar a data em questão, o zoólogo já traz efeitos da aposta feita no artigo de Rothkopf:

> Estamos tendo problemas com correspondentes! Esta manhã, dois repórteres com uma câmera vieram ao nosso hermitage e tiraram várias fotos nossas. É para a revista "P.B.T.": Eles apareceram por causa do artigo de ontem no El Diario. Uh, Rothkopf nos pintou! Em seguida, fomos arrastados para a redação da revista local "Caras y Caretas", e também fizeram retratos. As correspondências apareceram no "La Nacion", no "La Prensa", no brasileiro "La Rua" (sic), no nosso "Novy Mir". O resultado dessas correspondências foi uma massa de conhecidos. Encontramos até mesmo alguns que desejavam se juntar à nossa expedição. Como você pode ver, querida Madrinha, somos uma espécie de "celebridades" aqui.[262]

Dessas fontes, podemos tirar a compreensão de uma última semana de certa visibilidade para os cinco jovens cientistas russos, entre os dias 10 e 16, quando embarcaram no vapor Montevideo. Também se sugere o papel determinante de mais um fruto da imigração russa, desta vez na construção de uma representação para a expedição e seus membros na imprensa. A iniciativa do redator e editor Adolfo Rothkopf engatilhou a subsequente publicação de outras notas, em veículos até fora de Buenos Aires. Por outro lado, Tanasiichuk não disfarça, em dois momentos, sua surpresa com o método adotado pelo compatriota. Afinal, este último não "pintou" apenas o zoólogo e seus companheiros. Rothkopf forjou a receptividade do austríaco Mikhanovich, o que deve ter surtido um efeito de indução ou constrangimento, porque Fielstrup, alguns dias depois, credita a conquista do desconto final de 25% nos bilhetes à mobilização de Stein e, também, a "outro russo, um personagem bastante influente na imprensa, que escreveu um artigo sobre nós"[263]. Outro elemento que dá base ao sucesso da empreitada está na introdução da carta escrita por Manizer no dia do embarque. No cabeçalho lemos: "16/VI, manhã, cais do barcos de Mikhanovich em B. Ayres, 9 ½ horas"[264].

Os números, o alcance e a relevância da rede imigrante russa no momento e espaço considerados podiam até ser comparativamente bem menos expressivos que os de algumas

---

[261] Carta de Tanasiichuk para sua madrinha, 10 de junho de 1914, arquivo familiar de V.N. Tanasiichuk. apud. Soboleva, 2020, p. 169.
[262] Ibidem.
[263] Carta de Fielstrup à mãe, 28 de junho de 1914, p. 1. Rolo 8, im. 1501.
[264] Relato de Manizer à família, 16 de junho de 1914, p. 29. Rolo 10, Im. 2150.

outras nações, mas um mapa de diferentes relações e agenciamentos já vai se tornando tangível a partir dessas primeiras resoluções da expedição. Nesse sentido, Pavlovsky retorna à cena como aquele, segundo Geiman, "com justiça, considerado o patriarca da colônia russa e a pessoa mais útil"[265]. A afirmação dessa qualidade pode ser lida em alusão a um departamento de referência que ele mantinha dentro da redação da gazeta *Novy Mir*, fornecendo apoio e dispondo de dados sobre o país e os russos que lá viviam (SOBOLEVA, 2020, p. 168). Em 2013, Ezequiel Adamovsky e Maria Koublitskaia publicaram um importante inventário dos dispersos remanescentes materiais dessa "coletividade russa na Argentina". A listagem das fontes reflete a heterogênea constituição de uma comunidade, desde quando a pioneira *Slovo* (1904) começou a circular em Buenos Aires. Através dos documentos, os autores ainda identificam a capital argentina na condição de "foco de irradiação política e cultural" dessa vida russa no continente (ADAMOVSKY E KOUBLITSKAIA, 2013). Nos caminhos do economista Geiman, vamos delinear algumas ramificações dessa presença estrangeira específica entre 1914 e 1915, à medida que perceberemos suas agências na constituição dessa parte da expedição.

## 4.3 Entre irmãos: A teia russa de soluções e interesses de Geiman

A viagem até Corumbá continuou a reservar encontros com conterrâneos, já na parada de dois dias em Assunção. Em uma outra mensagem pretendida à madrinha, Tanasiichuk nos fala de russos na capital paraguaia e contatos importantes:

> Em Assunção encontramos muitos russos. 2 deles são o Dr. Ritter, que mora aqui há 16 anos, se dedica à pecuária, e Levinsky, que é editor de uma revista local. Ritter nos convida a visitá-lo em sua estância no caminho de volta. Estadia e viagens gratuitas por ferrovias nos serão proporcionadas por eles - Ritter e Levinsky.[266]

Na mesma ocasião, Manizer complementa que "novamente se encontravam vários judeus russos, e Geiman, que não fala nenhuma língua estrangeira, lavou sua alma com

[265] Diários de Geiman, 7-29 de dezembro de 1914, p. 11. Rolo 15, Im. 11626.
[266] Carta de Tanasiichuk para sua madrinha, 25 de junho de 1914, arquivo familiar de V.N. Tanasiichuk. apud. Soboleva, 2020, p. 170.

eles"[267]. Essa disposição que identificamos em Geiman anuncia um aspecto muito marcante das sociabilidades que engendrariam seus deslocamentos depois que deixasse seus companheiros em Mato Grosso, no início de agosto. Adiante veremos que essa relação com imigrantes russos converteria Assunção em outro eixo fundamental do suporte local à sua parcela da expedição. Os principais registros de Sergei Geiman são seus diários - escritos entre julho de 1914 e julho de 1915 - e que constituem as fontes menos exploradas da expedição. Na bibliografia russa, ainda há muito pouco dedicado aos caminhos e relações de Geiman depois do início de agosto de 1914, quando se separou de Fielstrup e Geiman em Nalike (TAKSAMI, 2010; SOBOLEVA E SOROKINA, 2020). Natália Taksami observa que, aparecendo em menções mais breves por outros autores, os diários de Geiman na América do Sul eram avaliados de forma "ambígua" quanto a seu valor científico (TAKSAMI, 2010, p. 273). Considerados significativos ou não nesse sentido, a autora faz notar que os diários, no entanto, mantinham-se sem ser estudados. Indo adiante, Taksami elenca duas razões para a situação envolvendo essas fontes em particular.

Primeiro, ela considera que o interesse fundamental pela documentação da expedição estivera sob o escopo da análise de culturas tradicionais e, portanto, constata a relativa falta de atenção de estudiosos aos escritos de Geiman, que não tinha a formação etnográfica ou filológica nas quais se inseriam Manizer e Fielstrup. O segundo aspecto - "o principal" para Taksami - é a disponibilidade tardia das fontes de Geiman, por ter sido o único dos cinco russos que não voltou para casa com seus resultados em 1915. Segundo a bibliografia, ele só retornou à União Soviética na década de 1960 e, "como turista", enfim entregou seus materiais ao arquivo do Instituto de Etnografia da Academia de Ciências. As passagens finais dos diários de Geiman, escritas em meados de 1915, entregam a pretensão que ele tinha, então, de seguir por outros países, além dos que já havia percorrido:

> Agora, em consequência da continuação indefinida da Guerra Mundial, decidi me familiarizar com Bolívia, Peru, México e América do N. Decidi encontrar os fundos necessários por todos os meios honestos. Por enquanto, só tenho 20 pesos e 1 lib. esterl.A tarefa não é fácil, mas as esperanças nunca me abandonaram![268]

Além dessas circunstâncias ligadas aos relatos de viagem, a contribuição de Geiman à etnografia ainda aparece minada pela carência de descrições aos numerosos objetos e coleções adquiridos pelo russo. Nos arquivos da expedição, uma carta de Geiman para Lev Shternberg informa sobre essa questão. O documento remetido de Nova Jersey não traz data,

[267] Cartas de Manizer à família, 26 de junho de 1914, p. 33. Rolo 10, Im. 2146.
[268] Diários de Geiman, 5 de maio a 15 de junho de 1915, Buenos Aires. Rolo 15, Im. 11687.

mas 1916 é o ano provável[269]. Nele, o russo atesta o recebimento de uma carta de Shternberg, na qual este informava sobre a presença dos demais integrantes da expedição de volta a Petrogrado. Também em resposta a Shternberg, Geiman busca responder sobre "como proceder com as coleções" por ele formadas na América do Sul. O problema básico era a falta dos catálogos correspondentes às peças depositadas na Rússia:

> Suponho que a resolução dessa questão seria que todos os originais devem ficar no Museu Etnográfico da Academia de Ciências e apenas as duplicatas, a seu critério, podem ser enviadas ao professor Anuchin, em Moscou. Todos os relatórios e catálogos relacionados aos materiais etnográficos por mim coletados deverão ser fornecidos ao senhor, aproximadamente, em dezembro do corrente ano, na ocasião de meu retorno a Petrogrado.[270]

O mencionado retorno não ocorreu naquele momento e Taksami considera "apropriado supor que, por si só, a revolução ocorrida dois anos depois o obrigou a mudar seus planos" (TAKSAMI, 2010, p. 276). A autora ainda especifica que "Geiman, pessoalmente, não compôs descrições para as próprias coleções. F.A. Fielstrup o fez parcialmente, mas a maior parte ainda não possui anotações claras e detalhadas" (Ibidem, p. 282). Com base nessa informação, é possível que os catálogos em posse de Geiman tenham sido, de fato, elaborados por Fielstrup. Em um breve *post scriptum* na carta para Shternberg, Geiman apenas solicita que a mesma fosse repassada ao companheiro de expedição[271], o que sugere um envolvimento de Fielstrup no processamento dos materiais em Petrogrado. Na América do Sul, Fielstrup não foi somente o responsável por organizar os assuntos financeiros e logísticos dos russos em Buenos Aires. Antes, também havia sido dele o ofício de inventário e classificação de todos os objetos trocados com os Kadiwéu de Mato Grosso, em Nalike. Um fragmento de Geiman menciona esse processamento que Fielstrup já buscava fazer no campo: "Nossa "loja" está funcionando maravilhosamente - Fedya não consegue catalogar tudo o que é adquirido em um dia. Se precisa comprar um colar de contas para alguém, uma multidão de meninas e velhas me procura"[272].

Mesmo diante dos impasses ao aproveitamento mais consistente de uma parte importante dos resultados de Geiman, as características do personagem e a natureza de seus deslocamentos imprimem uma rica dimensão de práticas às fontes. Nas passagens em Nalike, por exemplo, ele trata muito do desenvolvimento de suas relações com os indígenas. O

[269] As poucas fontes disponíveis de 1916 localizam Geiman nos Estados Unidos.
[270] Carta de Geiman a Shternberg, 1916, p.1. Rolo 10, Im. 2304.
[271] Carta de Geiman a Shternberg, 1916, p.2. Rolo 10, Im. 2305.
[272] Diários de Geiman, 10 de agosto de 1915, Nalike. Rolo 13, Im. 3100.

capítulo anterior desta tese trouxe um pouco desse retrato de Geiman e sua habilidade social nos contatos. Pelas fontes, notabiliza-se esse lugar de Geiman como negociador e sua atenção às minúcias do comportamento e interesses de seus interlocutores. A expressividade também parece ter sido uma arma a favor do russo e até utilizada por ele deliberadamente:

> À minha volta juntavam-se principalmente mulheres. Elas gostaram do meu jeito alegre e meio brincalhão, tornei-me mais claro e mais divertido para elas[273].[...] Começo a entender em russo-português, plissando as deficiências da fala com pregas expressivas (eloquentes). E é surpreendente que os selvagens me entendam e eu os entenda. Assim, nas trocas, meus camaradas não interferem e eu governo em absoluto"[274].

Em uma fonte discutida no capítulo anterior, Manizer traz outra versão dos fatos, em que coloca Fielstrup como auxiliar importante desses contatos. Foi no sentido do traçado de sociabilidades que o curso da expedição produziu uma marca para os passos de Geiman, paralela às trocas e compras de acervo etnográfico. Esse elemento distintivo se refere às prolíficas relações constituídas pelo russo com uma variedade de imigrantes, dentre os quais estiveram especialmente compatriotas. Através dos materiais dos demais membros da expedição, temos o fato geral da presença e aportes dessas novas comunidades sul-americanas de imigrantes, expatriados e exilados. Porém, a predominância desse elemento e a posição que assumiu na viagem de Geiman justificam a ênfase na compreensão dos interesses e vantagens que o formaram. Como o único dos cinco russos que não falava outro idioma naquele momento, Geiman tratou de encontrar quem pudesse compreendê-lo sem que algum companheiro precisasse interceder. Uma cena interessante da navegação (figura 18) até Corumbá, descrita pelo zoólogo Tanasiichuk, nos serve de demonstrativo do tipo de estratégia própria elaborada por Geiman para melhor transitar entre agentes locais e identificar potenciais afinidades e suportes:

> Um de nossos camaradas, que não fala nenhuma língua estrangeira, decidiu sempre falar russo com todos. E sempre "descobre" os russos. Abordamos um vendedor ambulante de Rosario; começamos a conversar em espanhol, nosso camarada faz uma pergunta a ele em russo - ele é russo. Fazendo isso, o sujeito descobriu cinco ex-russos em nosso vapor.[275]

[273] Diários de Geiman, 3 de agosto de 1915, Nalike. Rolo 13, Im. 3113.
[274] Diários de Geiman, 10 de agosto de 1915, Nalike. Rolo 13, Im. 3100.
[275] V. Tanasiichuk, 2003, p.15, apud. Taksami, 2010.

Figura 18. Sergei Geiman dorme a bordo de um vapor. Paraguai, 1914.
Fonte - Belov et.al., 2014, p. 273.

Reproduzindo situações desse tipo, Geiman começa a articular sua ampla circulação pelo continente, após despedir-se da dupla de etnógrafos em Mato Grosso. Manizer e Fielstrup passaram agosto e setembro de 1914 com os Kadiwéu, mas ele deixou o local completados os dez primeiros dias. "Se entediou", escreveu Manizer[276]; "assustou-se com a vida em Mato Grosso", segundo Strelnikov[277]. Avaliando sob a perspectiva do próprio Geiman, encontramos insatisfações com a rotina e a infra-estrutura de trabalho no cerne de sua justificativa para a partida precoce. Primeiro, queixa-se da alimentação e de atribuições diárias, como "lavar pratos e cozinhar sopa". Segundo ele, "essas tarefas ingratas tomam o dia inteiro, claro, do tempo de trabalho". A partir daí, Geiman se concentra em apontar a falta de planejamento da atividade científica desenvolvida e de itens "imprescindíveis" a ela. Por duas folhas e meia de seu diário, ele tece uma longa lista de suprimentos, iniciada com as seguintes palavras: "Uma boa lição daqui em diante: se for a países exóticos, saiba que lá tudo é caro e inacessível, e, para salvar o trabalho e a saúde, leve consigo da Europa:"[278].

[276] Cartas de Manizer à família, 10 de agosto de 1914, p. 42. Rolo 10, Im. 2137
[277] Carta de Strelnikov a Metalnikov, 5 de fevereiro de 1915, p.2 Rolo 12, Im. 10380.
[278] Diários de Geiman, 11 de agosto de 1914, Nalike. Rolo 13, Im. 3091-3095.

Além dos aspectos práticos, aqueles poucos dias haviam produzido em Geiman uma avaliação cética quanto aos esforços em analisar as sociedades e a mente indígena:

> O interesse por eles aumentou à medida que a vida espiritual e cotidiana se desenvolvia ao máximo - em essência muito simplificada, mas incompreensivelmente complexa para nós. Os europeus são de uma estrutura mental completamente diversa e incapazes, por sua própria natureza, de entender, compreender o repertório espiritual do selvagem. Todos sentíamos que uma parede impenetrável separava-nos, representantes de duas raças, dois continentes e culturas diferentes.[279]

Surge um último elemento a ser pensado em sua escrita, quando menciona que "os mal-entendidos na estrada e a escória pessoal que ocorreram entre nós vão desaparecer, e uma boa lembrança dos novos amigos será preservada"[280]. Não há confirmação clara da possível hostilidade dentro do grupo, mas Geiman parece dar um desfecho ao capítulo da convivência com os companheiros nas coletas. Essa resolução também se desenha na afirmação feita por Manizer - e citada no capítulo anterior desta tese - de que Geiman já rumaria para a Europa, onde deveria passar os meses finais previstos para expedição naquele momento. O título da seção do diário dedicada à partida de Nalike, "retorno à Argentina"[281], pode complementar a noção desse propósito que, no entanto, não se cumpriu como esperado. Despedindo-se de Nalike no dia 12 de agosto, Geiman, o jovem Kadiwéu que o guiava, seus animais e cargas alcançaram a sede da empresa pecuarista Barranco Branco no dia 24. O trio russo havia sido hospedado ali na ida a Nalike, mas somente nesta segunda passagem Geiman encontrava Marcelino Allende, o "diretor principal do empreendimento"[282]. Allende foi o portador das primeiras notícias que o viajante recebia sobre graves conflitos deflagrados na Europa:

> Ele veio até mim, acompanhado de Felício, um gaúcho de bigode preto, grande amigo de toda a administração, e antes de tudo informou sobre a guerra, chocando-me até o fundo do meu ser. Ele contou que Bruxelas estava tomada pela Alemanha, que a esquadra inglesa havia adentrado o canal de Kiel e que a Rússia participava da guerra junto com o Japão. No final, ele me assustou completamente, ao dizer que eu não posso partir para a Europa graças à falta de navios, que haviam parado de fazer escalas em portos da América do Sul. Uma vaga sensação tornou-se fato e mudou completamente o plano da minha vida e viagens para os próximos 3-4 meses. Assim fracassa a viagem à Espanha, França, Holanda e Bélgica, e não se sabe por quanto tempo eventos tão grandes, inesperados e sem precedentes podem se arrastar! Não dou conta de toda essa catástrofe e não prevejo como tudo isso pode terminar para toda a estrutura da vida europeia e talvez mundial. Perplexo com a notícia, não sabia o que pensar agora: na expedição ou na guerra.[283]

[279] Diários de Geiman, 11 de agosto de 1914, Nalike. Rolo 13, Im. 3096.
[280] Diários de Geiman, 11 de agosto de 1914, Nalike. Rolo 13, Im. 3088.
[281] Diários de Geiman, 12 de agosto de 1914, Nalike. Rolo 13, Im. 3087.
[282] Diários de Geiman, 24 de agosto de 1914, Barranco Branco. Rolo 13, Im. 3067.
[283] Diários de Geiman, 24 de agosto de 1914, Barranco Branco. Rolo 13, Im. 3064.

A primeira mudança na expedição de Geiman, em conexão com o evento global da guerra e seus impactos, foi a decisão de levar algum tempo em Assunção, ao invés de ter a cidade apenas como escala na pretendida viagem até Buenos Aires. Diante das novas circunstâncias, a decisão do russo ainda se mostra baseada em uma carta dos zoólogos Strelnikov e Tanasiichuk, recebida em Barranco Branco no dia 26 de agosto. A mensagem não somente o deixava a par da rotina e coletas recentes dos colegas em matas das cercanias de Corumbá, mas reforça a presença de Assunção em planos que Geiman mostra-se, então, inclinado a acompanhar. Concluindo seu comentário sobre a carta, Geiman escreve: "Com toda a probabilidade, me encontrarei com os zoólogos em Assunção e iremos juntos para o Iguaçu"[284]. Na parte final deste capítulo, veremos que essa referência antecipada às imediações da foz do rio Iguaçu também aparece nos escritos de Strelnikov e Tanasiichuk e dialoga com a relevância do imigrante suíço Moisés Bertoni, como ator científico e político sul-americano. Por fim, Geiman fia-se nas vantagens que lhes haviam sido oferecidas na primeira passagem pela capital paraguaia: "A República Paraguaia fornece circulação gratuita pelo país. A dificuldade do momento está em reunirmo-nos de pontos diferentes"[285].

O desembarque em Assunção se deu no dia 29 de agosto e, dali, Geiman tem seus interesses e objetivos lapidados na articulação com a vida russa que vai descobrindo no continente. A coleção etnográfica de Nalike seguiu em viagem fluvial para Buenos Aires, enquanto a capital paraguaia baseou as atividades de Geiman em setembro, incluindo excursões a uma heterogênea colônia imigrante conhecida como "Nova Itália", próxima à localidade Puerto Villeta, e um reduto de fundação anglo-australiana em Villarrica, chamado "Nova Austrália".[286] Tendo sido aqueles a quem procurar, os russos Ritter e Levinsky balizaram a inserção e movimentos de Geiman através das conexões que possuíam em Assunção. Ritter, particularmente, proporcionou e acompanhou encontros de Geiman com o Ministro de Negócios Estrangeiros, que lhe forneceu um bilhete gratuito com destino à cidade de Encarnación, já mais perto da região das Cataratas do Iguaçu. Seu diário sublinha esse objetivo quando descreve os dias 17 a 19 de setembro como "ocupados com a obtenção do passe gratuito para as Cataratas do Iguaçu, razão pela qual me demorei no Paraguai um mês inteiro"[287]. Os zoólogos acabam prolongando-se na fronteira entre Bolívia e Corumbá, e Geiman não espera por eles para executar a viagem.

[284] Diários de Geiman, 26 de agosto de 1914, Barranco Branco. Rolo 13, Im. 3056.
[285] Ibidem.
[286] Diários de Geiman, 29 de agosto a 20 de setembro de 1914. Rolo 13, Im. 3012-3048.
[287] Diários de Geiman, 17-19 de setembro de 1914, Assunção. Rolo 13, Im. 3015-3019.

Após deixar as Cataratas, o russo dedica uma sucinta entrada do diário à sua passagem pela estação agrícola do suíço Moisés Bertoni[288]. Este personagem será discutido no próximo capítulo, quando tratarmos da estadia - bem mais demorada - dos zoólogos no mesmo local. Geiman conheceu Bertoni e sua família, bem como suas instalações e acervos, por três dias no início de outubro. Strelnikov e Tanasiichuk viveriam ali por cerca de cinco meses, a partir de novembro. No período de 22 de outubro a 13 de novembro, Geiman se encontra de volta em Buenos Aires, de onde parte, desta vez, para o Uruguai. Montevidéu foi outra capital onde esteve brevemente, entre o final de novembro e início de dezembro, período em que visitou a colônia russo-judaica "Nueva Israel", na região da cidade de Paysandú[289]. A terceira passagem de Geiman por Buenos Aires durou de 7 a 29 de dezembro, segundo seus diários. Ao final desse intervalo, já mencionamos seu reencontro com Fielstrup, que se despedira de Manizer no estado de São Paulo e ali estava, para cuidar da chegada e armazenamento das coleções formadas em Mato Grosso.[290]

Os preparativos de Geiman o levam, então, a Mendoza, onde passa os primeiros quinze dias de 1915. Os contatos na cidade possibilitam que o viajante cruze a fronteira para o Chile, pela Puente del Inca, no dia 16 de janeiro.[291] Temuco é a cidade chilena onde Geiman ancora sua estadia em fevereiro e de onde empreende excursão para coleta entre os indígenas da etnia Araukan (figura 19).[292]

[288] Diários de Geiman, 4-7 de outubro de 1914, Puerto Bertoni. Rolo 13, Im. 2973-2980.
[289] Diários de Geiman, 22 de novembro - 5 de dezembro de 1914, Uruguai. Rolo 15, Im. 11533-11584.
[290] Diários de Geiman, 28 de dezembro de 1914, Buenos Aires. Rolo 15, Im. 11634-11637.
[291] Diários de Geiman, 31 de dezembro de 1914- 16 de janeiro de 1915, Mendoza. Rolo 15, Im. 11645-11657.
[292] Diários de Geiman, 14 de fevereiro - 29 de março de 1915, Chile. Rolo 15, Im. 11586-11616.

Figura 19. Sociedade Araukan no funeral de um líder. Fotografia de Sergei Geiman, região de Temuco, Chile, 1915. Fonte - Belov et.al., 2014, p. 274.

De março ao início de maio, seus documentos o localizam entre escalas litorâneas de uma travessia naval pelo sul do continente, cruzando a Terra do Fogo. Na região de Punta Arenas, durante o trajeto, Geiman adquire materiais dos povos Alacaluf, Ona e Yahgan, também havendo registros de sua visita a outra colônia imigrante, a "*Hrvatski Dom*" ("Casa Croata")[293]. Até onde vão os diários de Geiman, seu quarto e último período em Buenos Aires transcorre de 5 de maio a 15 de julho, quando parte para a cidade de Santa Fé. A região traz uma visita à colônia "Moisés-Ville". Segundo suas anotações, aquela era "a mais representativa colônia de imigrantes judeus na Argentina"[294]. Dirigindo-se ao extremo norte do país, Geiman ainda chega ao povoado de Ledesma, onde compõe coleções etnográficas relativas aos povos chaquenhos Charote, Toba, Matako e Chiriguano, que habitavam a província de Jujuy. O recorte é de 26 de junho a 8 de julho e encerra os diários de viagem.[295]

A amplitude geográfica e o grande dinamismo da expedição de Geiman podem causar a impressão de estarmos diante de uma gama de interesses muito difusos e pouco ou nada

[293] Diários de Geiman, 30 de março - 4 de maio de 1915, Terra do Fogo, sul do Chile. Rolo 15, Im. 11659-11686.
[294] Diários de Geiman, 17 de junho de 1915, Colônia Moisés-Ville, Argentina. Rolo 15, Im. 11690.
[295] Diários de Geiman, 26 de junho - 8 de julho de 1915, Ledesma-Jujuy, Argentina. Rolo 15, Im. 11694-11708.

aprofundados, resultando em fontes documentais carentes de fôlego e sem potencial para análise historiográfica. Entretanto, é imperativo argumentar em oposição a essa ideia. Nos diferentes períodos que passou em capitais sul-americanas, principalmente Assunção e Buenos Aires, Geiman discute muitas características e temáticas que movimentavam suas respectivas populações urbanas. Com maior detalhamento, a escrita do russo traz compreensões de anos cruciais na formação dos espaços e dinâmicas da presença russa na América do Sul. A partir do momento em que a Primeira Guerra Mundial começa a condicionar reconfigurações para a expedição dos russos - ampliando o recurso do tempo, enquantos os demais seguiram bem limitados - Geiman opera sobre esse elemento da imigração russa, nos limites entre seu interesse pelo tema e as conveniências que podia representar.

Em Assunção, Geiman escreve que a liderança de uma das colônias havia sido indicada a ele pelo dentista Zhabotinsky, editor do periódico imigrante russo "*Argentinskaya Zhizni*" ("A vida argentina"), ainda em Buenos Aires[296]. Também antes da constatação e influências da guerra europeia, outro exemplo que sugere o interesse prévio de Geiman por esses círculos aparece nos relatos de Manizer, durante a já mencionada visita do grupo ao clube russo-judaico em La Plata: "Houve uma festa no clube, mas todos nós, exceto Geiman, fomos para a cama, pois estávamos muito cansados".[297] Associando-se a compatriotas, ele produziu conhecimentos acerca de uma população da qual pouco ou nada se sabia em seu país. Lembremos das fontes de Fielstrup, que escreve sobre os vínculos rompidos por esses imigrantes com a origem russa. Geiman oferece um exemplo emblemático no sentido dessas relações, quando fala de russos que encontra na colônia judaica Moisés-Ville: "Todos estão contentes, tranquilos e se recordam da Rússia com malícia, portanto a maioria deseja sua derrota na guerra atual e mostram-se germanófilos".[298] Em muitos outros momentos, o viajante ouve e relata opiniões de russos que não se arrependiam, não desejavam regressar e que sentiam maior liberdade nas novas terras. Expandindo seus contatos, Geiman também identifica carências fundamentais na articulação local entre essas pessoas e grupos, principalmente no período em Assunção. Circulando pelo Paraguai, ele nota muitos casos em que russos surpreendiam-se com o número real de conterrâneos à sua volta:

> No vapor, tive dificuldade para alcançar uma xícara de café, mas novamente fui ajudado por um russo. "É atrapalhada a nossa gente!" - Eu pergunto: você fala

[296] Diários de Geiman, 2 de setembro de 1914, Assunção. Rolo 13, Im. 3040.
[297] Cartas de Manizer à família, 31 de maio de 1914, p. 27. Rolo 10, Im. 2152.
[298] Diários de Geiman, 18 junho de 1915, Moisés-Ville, Argentina. Rolo 15, Im. 11691.

> russo? - e todos respondem: “No comprendo!” Mas eu sei que eles são nossos. “Eu tagarelei por um mês em Assunção e não encontrei um russo”, disse-me um garoto da Rússia, maquinista de profissão.[299]

Observador dessas questões, Geiman chega a diagnosticar que “a razão para isso é a ausência de um corpo unificador entre os imigrantes russos”.[300] Ele volta a tocar no problema quando aborda um encontro de imigrantes russos em um apartamento privado de Assunção, ocasião na qual leu um relatório sobre a expedição para cerca de sessenta pessoas. Segundo descreve, “o público era composto por artesãos judeus, comerciantes e representantes do "trabalho intelectual". Foi a primeira palestra em russo em Assunção e o maior encontro de imigrantes russos”.[301] Podemos considerar que Geiman tenha levantado sua ideia de cooperação naquele momento, pois se mostra desapontado com o efeito da fala sobre os presentes, que acabaram mais interessados em fundar uma sinagoga, “ao invés da sociedade de mútua ajuda, pela qual concordei em palestrar” [302]. No plano dessa sua fala do dia 14 de setembro, há uma sequência numerada de tópicos narrando a expedição dos russos até ali. Cronologicamente a partir da renúncia de Geiman ao trabalho junto com os etnógrafos, vem a seguinte frase: “As verdadeiras missões da minha expedição”. Então se segue o teor do restante da comunicação pretendida, sinalizando uma retórica reformista e a reivindicação de um papel na política das relações entre os imigrantes e a Rússia:

> Eu e vocês somos filhos de uma única mãe terra. Há uma ruptura entre a Rússia e seus nativos, mas existem correntes de comunicação espiritual. Vamos acreditar que vocês, exilados voluntários neste lado do mundo, não se sentirão como enteados, mas como filhos tímidos da grande Rússia, com suas eternas aspirações de justiça universal. Minha mensagem de hoje, no entanto, servirá como o primeiro tijolo para a formação da Colônia Russa. Deixando-os nas margens do novo mundo, eu partirei com a esperança de vê-los em uma Rússia livre e renovada.

Por fim, a apresentação deste tópico dedicado aos materiais de Geiman também havia defendido sua importância na forma de uma camada de práticas. Para além das informações sobre uma série de dinâmicas sociais sul-americanas do início do século XX, essas fontes são pertinentes à noção ampliada dos processos de campo na viagem científica. Com suas especificidades, os registros de cada membro da expedição russa são carregados desses sentidos. A atenção especial de Geiman às nuances da própria integração a círculos locais ilumina o fazer da expedição como política humana. Por essa ótica, as atividades de Geiman

[299] Diários de Geiman, 2 de setembro de 1914, de Assunção a Puerto Villeta. Rolo 13, Im. 3040.
[300] Diários de Geiman, 3-9 de setembro de 1914, Colônia Nova Itália. Rolo 13, Im. 3033.
[301] Diários de Geiman, 14 de setembro de 1914, Assunção. Rolo 13, Im. 3021.
[302] Ibidem.

informam sobre seus interesses intelectuais, mas também operam em função de exigências para a continuidade da expedição. A necessidade de soluções para a comunicação, financiamento e promoção da imagem do russo e de sua atuação, movimentou estratégias de sociabilidade.

Os desafios da comunicação tiveram aparições regulares em suas anotações depois que deixou seus colegas de expedição. Mesmo habilidoso nas negociações, Geiman não deixou de expressar frustração e preocupação com a falta de outra língua. Ele aborda essa limitação durante o contato com diferentes sujeitos na sede das terras de Barranco Branco, registrando sua falta de autonomia e condição de "sem idioma": "É tão doloroso para os outros quanto para mim. Às vezes sentia-me mortalmente estúpido".[303] Apresentado, posteriormente, a um médico paraguaio na cidade de Posadas, Geiman revela com que tensão relacionava-se nessas circunstâncias: "Fiquei um pouco assustado quando me vi cara a cara com um novo estranho, com medo de que não nos falássemos. Eu sou definitivamente uma desgraça quando essa tarefa se apresenta".[304]

A parte financeira é um denominador comum nas fontes dos cinco russos, mesmo antes da guerra. Com esta e o agravamento dos problemas de planejamento, o trabalho dos viajantes e as coleções se tornaram moeda essencial para que cientistas e instituições sul-americanas suprissem o canal interrompido com apoiadores na Rússia. O caráter relativamente mais efêmero dos encontros de Geiman com indígenas traz observações em um sentido mais complementar ao quadro geral de análises da expedição sobre essas populações, mas destaca, sobretudo, a dimensão dos caminhos e suportes produzidos através da negociação de demandas científicas e materiais locais. Geiman foi pago por coleções etnográficas, por comunicações em clubes e associações imigrantes de Buenos Aires, Assunção e nas colônias agrárias que visitou, além de ter chegado a auferir meios pela venda de textos em seu trânsito pelos editoriais de alguns periódicos. Durante o último período na capital argentina, entre 5 de maio e 15 de junho, o russo traz uma boa representação dessas articulações fundamentais de sua viagem:

> [...] dei três palestras no clube russo "Armonía" e para trabalhadores no "Salão México" - reuniram-se quase 300 pessoas, mas os ganhos acabaram sendo na modesta cifra de 10 rublos! Pelo menos as revistas ilustradas locais Caras y Caretas, Fray Mocho e P.V.T. pagaram 165 pesos pelas minhas fotos da Terra do Fogo e do Chile. Mas e a dificuldade que tive para conseguir o dinheiro adiantado? Eu assediava os editores todos os dias e os entediava como 1000 demônios! Por fim,

[303] Diários de Geiman, 25 de agosto de 1914, Barranco Branco. Rolo 13, Im. 3059.
[304] Diários de Geiman, 25 de setembro de 1914, Posadas. Rolo 13, Im. 3009.

> vendi parte de minhas coleções para Vidacovich[305] e para o museu - recebi 150 rublos. O infalível Julius Ivanovich Kozlovsky[306] deu-me 150 rublos para uma expedição à Bolívia, um tapinha no meu ombro e disse: "Desculpe, meu amigo, por não poder ajudá-lo mais!" Então vendi meus pertences extras, penhorei o que havia comprado barato e, como resultado, ganhei 800 pesos! Esta é uma felicidade completamente inesperada. Minhas esperanças foram fortalecidas, fiquei ainda mais destemido para minhas "invasões" turísticas. [...] Finalmente, foi necessário coletar centenas de "cartas de recomendação" para muitos países e os documentos necessários das autoridades. Escrevi milhares de linhas para o "Novy Mir" e o "Argentiskaya Zhizn", pelas quais recebi apenas 100 pesos! O governo argentino me concedeu passagem gratuita para a Bolívia com a ajuda do querido ministro russo E. F. Stein.[307]

Algumas das citadas cartas de recomendação foram redigidas na cidade de Mendoza, dando suporte à ida de Geiman ao Chile. Uma delas informa que o russo ia "com o objetivo de ministrar uma palestra na cátedra universitária sobre a América do Sul e para propaganda migratória".[308] Nessa carta específica não há menção aos fins de coleta etnográfica, que aparecem em muitas outras. Os diários de Geiman não identificam a dita cátedra ou a palestra, mas apresentam uma lacuna temporal entre a entrada no Chile, no dia 16 de janeiro, e a segunda semana de fevereiro, quando o russo já escreve na região de Temuco. Outras três recomendações, assinadas pelo zoólogo Carlos Porter (1867-1942) nos dias 20 e 21 de janeiro, então puderam lançar alguma luz sobre o hiato de cerca de um mês e confirmar uma passagem por Santiago, onde a palestra pode ter ocorrido[309]. Mais do que essa suposição em si, o exemplo permite assinalar a importância das cartas de recomendação, uma vez que produziram seu próprio traçado dos contatos e caminhos de Geiman. Buscando o pensamento de Latour, elas seriam vestígios da natureza redistributiva da expedição através de uma rede de atores, instituições e procedimentos (LATOUR, 2013).

As fontes e dinâmicas analisadas nesta discussão indicam que Geiman se reelaborou como agente, enquanto constituía prática e propósitos junto às comunidades russas da América do Sul. A partir das condições que se desenvolvem em sua viagem, o russo exibe sua maior contribuição analítica naquilo que não era sua atribuição original, acabando por se configurar em observador e informante dos elementos formativos das novas comunidades sul-americanas que também foram sua rede de suporte e informação:

---

[305] Victor Widakovitch (1860-1930) foi um médico de Viena que, na época, havia sido contratado para lecionar na faculdade de medicina em Buenos Aires. Ele e sua esposa, a escritora judia Else Widakovitch (nascida Else Kotányi; 1876-1942), viajaram com Geiman para Mendoza. A partir de então, o casal o acompanhou em muitos momentos, na cidade argentina e no roteiro pelo Chile.

[306] Yuri Ivanovich Kozlovsky era um imigrante russo e foi um dos contatos estabelecidos por Geiman na comunidade russo-judaica de Buenos Aires.

[307] Diários de Geiman, 5 de maio a 15 de junho de 1915, Buenos Aires. Rolo 15, Im. 11688.

[308] Carta de recomendação escrita pelo engenheiro judeu russo Iuly Nicolaievich Marienhoff (Julio Nicolás Marienhoff; 1861-1932), 6 de janeiro de 1915, Mendoza. Rolo 15, Im. 11464.

[309] Cartas de recomendação escritas pelo professor Carlos Porter, 20-21 de janeiro de 1915, Santiago. Rolo 15, Im.11471-11475.

> [...] havendo muitos sobrenomes russo-judaicos, me tornei quase um amigo das famílias e, de alguma forma, naturalmente meus almoços e jantares eram distribuídos entre eles com antecedência. (Nos Pavlovsky - Rosa e Aleksandr, Brodsky, Zhabotinsky, Krynin, Braginsky, Kozlovsky, Kheifit, Widakovitch, Podolsky, Kamensky, Malenko, Spolsky, sempre me senti entre parentes e pessoas muito próximas).[310]

[310] Diários de Geiman, 5 de maio a 15 de junho de 1915, Buenos Aires. Rolo 15, Im. 11688.

## Capítulo V: Coleta natural e fronteiras sul-americanas na jornada dos zoólogos

A partir de uma última visita a Corumbá e à origem das subdivisões da expedição, em julho de 1914, este capítulo percorrerá os caminhos da dupla de zoólogos, Strelnikov e Tanasiichuk. As análises e discussões no seu decorrer manterão em perspectiva as autoavaliações, os problemas e as soluções dos russos quanto à sua prática de coleta natural, bem como seus diálogos com a Primeira Guerra Mundial, estes últimos que também atravessaram os demais capítulos. Especialmente no caso dos zoólogos, veremos que essas e outras questões da viagem e do trabalho de campo foram produzidas em diálogos locais com a vida em alguns dos controversos espaços limítrofes entre as nações sul-americanas no início do século XX. As coletas dos zoólogos podem ser identificadas em dois períodos a partir de julho de 1914, tendo sido o primeiro entre Bolívia e Brasil, enquanto o segundo se deu na tríplice fronteira entre este último país, Paraguai e Argentina, na região das Cataratas do Iguaçu.

Através dessa documentação, pretende-se elaborar e compreender aspectos das coletas nessas fronteiras, percebendo-as como redes de agenciamentos. Nesse sentido, veremos diferentes indivíduos, as matas e o curso de rios articulados em teias culturais e comerciais, em cujas relações esteve integrada e mobilizada a expedição. As mesmas porosidades e conflitos elucidados nesses processos em que se inseriu a viagem científica impuseram, à época, desafios aos imaginários das lógicas estatais de demarcação, não apenas do território brasileiro.

Os processos e debates que consolidaram a temporalidade do mundo globalizado trouxeram novas categorias e revisitaram algumas pré-existentes, como a fronteira. No contexto intelectual de emergência das narrativas subalternas e globais, a fronteira concebida pela geopolítica começa a ser mais questionada por propostas que reivindicaram o conceito para além do encerramento de espaços. Os novos postulados das fronteiras as conceberam, então, como uma dimensão de relações, que expandiu os olhares antes concentrados na territorialidade e no político. Nessa dimensão, a fronteira se expressa à semelhança da formulação de Heidegger: “A fronteira não é o que interrompe algo, mas, como os Gregos perceberam, é a partir de onde se inicia a natureza de algo" (HEIDEGGER, 1971, p.9). Quando avançamos sobre essa ideia de fronteira, podemos discernir permeabilidades e contatos nas origens de estruturas sócio-culturais em seus diferentes níveis.

Essa lente denuncia, nas palavras de Nubia Jacques Hanciau, “um ir-e-vir não apenas de lugar, mas também de situação ou época”, que caracteriza “o surgimento de algo novo, híbrido, diferente, mestiço, um “terceiro”, que se insinua na situação de passagem” (HANCIAU, 2005, p.9). Como também explica a autora, a tendência aos “descentramentos” e contraposições à hegemonia do referencial europeu produziu uma série de versões dessa dimensão que flagra a mestiçagem das culturas nacionais, com nomes como in-between (GRUZINSKI, 2001), entre-lugar (SANTIAGO, 2000), espaço intersticial (BHABHA, 1998) e zona de contato (PRATT, 1999). Essa esfera de encontros e trocas se projeta aos nossos olhos em diferentes domínios, lugares e situações, mas faz sentido reiterar o interesse específico pelas fronteiras nacionais neste capítulo, dada a característica das atividades dos viajantes russos. Além disso, nas fronteiras entre nações são elaboradas incongruências entre uma propriedade fluida e ideais de unidade, soberania e pureza (HANCIAU, 2005, p.2).

De acordo com Moema Vergara, é possível observarmos essa relação nos encontros entre a institucionalização das ciências e a formação da nação (VERGARA, 2010) . A autora demonstra que uma diversidade de conhecimentos, técnicas e padrões de ação e representação foi desenvolvida nos projetos de conferir imagens ordenadas e compreensíveis a territórios. Falando dessas práticas, Vergara faz um importante destaque sobre a diferença existente entre a demarcação de fronteiras e o mapeamento. Conforme explica, as duas dinâmicas se “entrecruzam”, mas a demarcação consiste na produção dos traçados divisórios, enquanto o mapeamento aplica uma variedade de dados ao plano . Quanto a este último aspecto, tenhamos em mente que  o Brasil só veio a ter um mapa “segundo os padrões internacionais de cientificidade cartográfica” em 1922 (Ibidem, p.346).

Os mapas e a cartografia carregam, em suas concretudes, a problemática distância entre a proposta padronizante, representacional, e o dinamismo da dimensão que temos discutido (KANTOR, 2022). Nubia Hanciau nos diz que esse “terceiro espaço” é irrepresentável (HANCIAU, 2005, p.12) assertiva que podemos ler através do fio argumentativo de Latour sobre a produção de inscrições. Ele considera que sempre teremos perdas e ganhos ao lançarmos mão do recurso de conectar locais a outros pela representação. Essa relação é conceituada por Latour como “duplo jogo da redução e da amplificação”, que pode ser bem compreendido em mapas, por exemplo. A produção e circulação desses materiais está condicionada à redução do lugar ou do fenômeno, agregando o efeito de perda na comparação com as complexidades da origem. Por outro lado, Latour explica que, no mesmo contexto, a redução é “paga” com a amplificação, pois o mapa permite sobrepor, esquematizar e universalizar uma série de informações dispersas em seu estado natural

(LATOUR, 2000, p. 25-28). Essa questão traduz a noção de descontinuidades entre a fronteira segundo lógicas locais e aquela dos esforços científicos, que se desdobram no político e no ideológico.

Os marcos físicos e naturais são um eixo importante desse debate. A maior parte do traçado das fronteiras brasileiras respeita rios, montanhas, com apenas 10% das linhas, segundo aponta Vergara, tendo sido produto de medições geodésicas e astronômicas (VERGARA, 2010, p.348). A relevância desses elementos está presente nas imagens produzidas e também localmente, porém frequentemente diverge nos sentidos que abriga. Nesta tese, já pudemos perceber diferentes momentos de protagonismo dos rios Paraguai e Paraná na expedição. Os russos participaram do "ir-e-vir" que redefinia esses cursos fluviais na condição de referências e atores locais naquele momento. Ao tratar da Corumbá dos primeiros anos do século XX, Tito Machado de Oliveira nota as dinâmicas de uma "fronteira construída pelos navegantes dos portos", cujos movimentos regulares comunicavam a cidade brasileira com uma "vizinhança-rio" no Paraguai, Uruguai e Argentina. O alcance do sentido de fronteira produzido nesse circuito chegava a ligar Corumbá diretamente à aquisição de produtos de fora da América do Sul, especialmente ingleses (OLIVEIRA, 2015, p.127, 128). Veremos, pelas fontes dos russos, sinais dessa integração na circulação de mercadorias e na consolidação de uma importante presença estrangeira local.

Em décadas anteriores à expedição russa, a penetração de viajantes europeus nesse oeste brasileiro ajudou a desenhar uma outra lógica fronteiriça ligada aos mesmos cursos fluviais. Até as comissões estatais para inventários e construção de linhas telegráficas no interior, não havia trajeto terrestre entre essas regiões e as cidades litorâneas do Brasil, o que tornava necessário utilizar a foz do rio da Prata e avançar, rios acima, para acessar Mato Grosso. Anteriormente nesta tese, vimos que muitas explorações científicas utilizaram essa fronteira fluvial na época (LEITÃO, 1941, p. 332; LIMA e SÁ, 2017, p.26). Os projetos e ideais mobilizados na colonização e demarcação territorial proporcionaram conflitos com os referenciais espaciais de habitantes dos diferentes sertões. Eugenia Bridikhina estará entre os autores que, neste capítulo, nos darão ideia do que também enfrentava a Bolívia nesse sentido, como a autora coloca, da "configuração de duas lógicas que coincidem nos limites internacionais: a lógica das populações locais e a lógica dos próprios Estados" (BRIDIKHINA, 2015, p. 325). Quando os zoólogos realizaram suas travessias entre Corumbá e a localidade de Puerto Suárez, a história das delimitações entre Brasil e Bolívia já havia produzido uma série de modificações no plano político. Além dessas questões de traçado, o próprio problema de povoamento pelo lado boliviano fazia dessa a "mais distante" das

fronteiras de Corumbá, paradoxalmente à sua proximidade física. A comparação se faz com o eixo fronteiriço "mais próximo", através das dinâmicas do rio Paraguai (OLIVEIRA, 2015, p. 129).

Este último foi, inclusive, o elemento de travessia dos zoólogos para a segunda região de coleta na viagem, fronteira também muito marcada e representada em símbolos naturais:

> Na confluência dos rios Iguaçu e Paraná, acompanhados pelas Cataratas do Iguaçu como uma das novas sete maravilhas do mundo natural, e, de maneira ampla, rodeada por uma riquíssima biodiversidade de flora e fauna, se encontra a tríplice fronteira mais movimentada da América do Sul, onde convergem as cidades de Puerto Iguazú (Argentina), Foz do Iguaçu (Brasil) e Ciudad del Este (Paraguai), ao mesmo tempo caracterizada por possuir fortes fluxos econômicos, de pessoas, objetos e imaginários específicos (GONZÁLEZ e APARECIDA, 2018, p.42).

Segundo Linda González e Maria Aparecida, as fronteiras oficiais entre as nações foram consolidadas no contexto de criação de parques nacionais ligados às Cataratas do Iguaçu, durante a década de 1930 (Ibidem, p.45). Esses processos nos levam a um último ponto, não menos importante para esta discussão preliminar do capítulo. Quando Tito de Oliveira menciona os diferentes fluxos de pessoas e perspectivas pela Tríplice Fronteira, temos o elemento indígena destacando suas próprias representações daqueles espaços, muito anteriores a qualquer iniciativa estatal (OLIVEIRA, 2015, p.124). Tanto na primeira região discutida aqui quanto nesta, as compreensões e deslocamentos desses povos tradicionais seguem, hoje, sendo profundamente afetados por fronteiras que não lhes pertencem. Nesse sentido, podemos analisar os relatos documentais da expedição russa sobre as pressões dos avanços estatais bolivianos e paraguaios sobre territórios e concepções Chiquitano e Guarani, respectivamente, percebendo histórias presentes de embates entre mobilidades e cerceamentos. Assim, a dimensão de relações que agregou imagens fluidas de fronteira também deve fazer ver, por outro lado, as contradições ao "alegado desaparecimento das fronteiras e dos Estados-nação difundido pelos primeiros estudos sobre a globalização" (Macagno, Montenegro e Béliveau, 2011, p.9).

.

## 5.1 Prática de campo, agentes e travessias entre Corumbá e Bolívia

O momento da primeira cisão do grupo original da expedição pode ser revisitado uma última vez para tratarmos dos encontros e caminhos dos dois zoólogos. Tomando a documentação e com vistas a organizar a trajetória de Strelnikov e Tanasiichuk por etapas, identifica-se a primeira delas entre os meses de julho e outubro de 1914. Em todo esse período, os zoólogos utilizaram Corumbá como base para algumas excursões de coleta que permearam localidades fronteiriças entre Brasil e Bolívia, na região do alto rio Paraguai. Quando já estivessem de volta à Rússia, um relatório resumido seria entregue pela dupla ao etnógrafo Lev Shternberg, do MAE. Um de seus trechos explica esse primeiro momento do trabalho:

> Nosso trabalho como naturalistas começou no início de julho de 1914, quando desembarcamos na cidade de Corumbá, no rio Paraguai, no estado de Mato Grosso (Brasil). Corumbá era nossa base; vivemos por nós mesmos nas florestas perto das montanhas baixas de São Domingo e no amplo Pantanal de Jacadigo, a 50-60 quilômetros de Corumbá. Nós vivíamos da caça e dedicavamo-nos exclusivamente à coleta de materiais zoológicos tanto para trabalhos próprios quanto para o Museu Zoológico da Academia de Ciências e o Laboratório Biológico Lesgaft. Moramos em São Domingo por 2 meses e meio; em meados de setembro, mudamo-nos para a província de Chiquitos (Bolívia), onde continuamos a conhecer a fauna dos enormes pântanos da Bahía de Cáceres, perto de Puerto Suárez, único assentamento (700–800 habitantes) na província de Chiquitos e o centro administrativo de todo o leste da Bolívia. De Puerto Suárez fizemos excursões ao posto militar boliviano na fronteira com Brasil e Paraguai em San Juan - a 80 quilômetros de Puerto Suárez. As áreas que visitamos (região de Corumbá e província de Chiquitos) são uma extensão do Gran Chaco; paisagens, flora e condições climáticas são semelhantes.[311]

Foi o modelo de atividades descrito nessa passagem - com alguma pequena variação dependendo do local - aquele privilegiado pelos zoólogos durante todo o período de coletas na América do Sul. O principal destinatário das cartas de Strelnikov foi o também biólogo Sergei Metalnikov, de quem era assistente no laboratório Lesgaft, em São Petersburgo. Em uma carta de 28 de julho, passado quase um mês da chegada dos russos a Corumbá, Strelnikov explica a Metalnikov que viver "como Robinson"[312] era uma escolha de experimentar estar no interior da floresta. Na mesma carta, o naturalista já apresenta sua moradia com Tanasiichuk, "uma cabana simples, coberta com folhas de palmeira e com

[311] Relatório de Strelnikov e Tanasiichuk para Shternberg, 2 de dezembro de 1915 - Rolo 10, im. 2294-2298.
[312] Referência ao personagem fictício Robinson Crusoé e à obra homônima (1719) de Daniel Defoe. Aparece duas vezes apenas ao longo da carta em questão - uma das vezes com o sobrenome - sempre em diálogo com o cotidiano na floresta tropical, longe da civilização.

paredes de troncos de palmeira presos ao chão"[313]. Ele menciona as frutas e as caçadas, inclusive a primeira, quando diz ter abatido um bugio para consumo do grupo, então ainda formado pelos cinco. Mas também indica aparições da cidade, como um elemento de segurança, a cada vez que ao menos um deles precisava ir até lá para comprar "arroz, sal e um pouco de açúcar"[314].

Segundo Strelnikov, aqueles também eram momentos de expectativa por cartas e quando eles podiam repor alguma ferramenta de coleta[315]. Além do que pudesse ser considerado interessante nesse cotidiano, o zoólogo não se abstém de informar sobre situações que exigiram boas doses de resistência por parte da dupla na floresta. Em certo ponto, ele detalha os sofrimentos provocados pela convivência com mosquitos e parasitas, que chegaram a prejudicar sua saúde e deslocamentos. A respeito de Tanasiichuk, Strelnikov escreve que "todas essas bestas comeram meu camarada a ponto de ele sentir dores nas pernas e não conseguir andar muito"[316]. Apesar dos percalços e perigos, as fontes manifestam a insistência dos naturalistas em manterem-se fiéis à coleta nessas condições. Já escrevendo do lado boliviano da fronteira, em 13 de setembro, Strelnikov reconhece a demora, que atribui à necessidade de honrar compromissos científicos frente aos condicionantes de uma realidade climática local:

> Achei que estaríamos "em casa" em outubro, mas já falo de janeiro de 1915. A principal razão para a lentidão dos nossos trabalhos é que não queremos ir sem termos coletado o suficiente para encher os recipientes que temos conosco e sem satisfazer os nossos patrões - a Academia de Ciências, o laboratório biológico e algumas universidades. Esperávamos fazer todo o nosso trabalho em quase 2 meses; mas acontece que aqui não há a profusão de animais que esperávamos. Por outro lado, na época chuvosa o trabalho teria sido mais difícil.[317]

Na documentação, os efeitos do período de seca sobre a fauna e a flora da região são apontados como fatores determinantes para a percepção construída pelos zoólogos sobre as próprias coletas nessa primeira parte de sua viagem. Podemos considerar que a estiagem e aquela aparência de uma floresta tropical talvez não tenham sido muito levadas em conta pelos russos quando imaginaram a expedição, pois Strelnikov fala em "desapontamento"[318] para se expressar sobre as condições climáticas e o progresso da atividade de campo ali. Também é possível notarmos, no já citado relatório dedicado a Lev Shternberg, que os

[313] Carta de Strelnikov a Sergei Ivanovich Metalnikov, 28 de julho de 1914. Rolo 12, Im. 10491-10493.
[314] Ibidem.
[315] Ibidem.
[316] Ibidem.
[317] Carta de Strelnikov a Sergei Ivanovich Metalnikov, 13 de setembro de 1914. Rolo 12, Im. 10271-10310.
[318] Carta de Strelnikov a Sergei Ivanovich Metalnikov, 13 de setembro de 1914. Rolo 12, Im. 10271-10310.

zoólogos observaram as continuidades naturais entre aquelas localidades e o Gran Chaco, o que faz pensar que o plano original do empreendimento teria, provavelmente, implicado em limitações similares. Pelo último trecho extraído das fontes, vemos que mais essas variáveis locais cumpriram a função de desafio à imagem de uma expedição concluída em quatro meses.

Seguindo com a carta de 13 de setembro para Metalnikov, essa perseverança por alcançar rendimentos mais próximos de um ideal - como motivo "principal" para tanto tempo naquele lugar - recebe a companhia de mais duas circunstâncias consideradas fundamentais. A primeira delas, segundo Strelnikov, é a economia que vinham fazendo ao explorarem a natureza nos termos em que haviam decidido por fazê-lo. Nesse sentido, o russo informa que "gastamos, os dois, 130 rublos por 2 meses e meio de vida[319]". Então Strelnikov para de enumerar essas forças que os mantinham por ali já trazendo a guerra na Europa como a terceira delas, "graças à qual não nos é possível voltar para casa. Ela justifica todos os outros argumentos". Em meio a esse balanço da etapa que cumpriam no presente, a carta mostra que já havia uma base para o futuro e que ela se encontrava no Paraguai. A projeção exposta por Strelnikov sinaliza que as garantias oferecidas na primeira passagem do grupo por Assunção influenciaram decisivamente nos próximos passos pensados pelos zoólogos:

> Pensamos passar setembro inteiro aqui e, quem sabe, a primeira metade de outubro, com mais uma semana de volta a S. Domingo e, então, irmos ao Paraguai, onde nos é oferecido deslocamento gratuito pelo país; iremos pelo Alto Paraná até a maior cachoeira do mundo, Salto Guayra, onde encontraremos um naturalista. Ficaremos lá por um mês e ao ano novo pensamos estar em "Petrograd".[320]

O conhecimento que tinham naquele momento nos reporta a rumos e encontros que, pelo olhar às fontes, sabemos terem sido consumados. Latour (2000) defende que as coleções, catálogos, ilustrações, ensaios e registros pessoais são algumas das formas materiais - aqui sempre vale lembrar de sua escolha pelas "inscrições" - que comportam os trânsitos de fenômenos e práticas. Entre as práticas, ele diz que estão todas aquelas que produzem essas versões mais portáteis e delimitadas das relações da informação. Esse processo de transformação envolve o já abordado "duplo jogo da amplificação e da redução", cujas marcas não abandonam os produtos (LATOUR, 2000, p. 27). No caso das cartas dos russos, encontramos suas complexas experiências reduzidas a um número de páginas e palavras,

[319] Ibidem.
[320] Ibidem.

contendo ênfases e perspectivas a cargo de quem as escreveu. Por outro lado, o acesso a um conjunto dessas cartas em um arquivo faz nossa visão alcançar diferentes tempos e espaços lado a lado, privilégio que os russos não tiveram. Sem que deixemos nossos próprios pontos de referência, temos à mão ações e consequências, meses e quilômetros, que nem sempre leremos na ordem em que ocorreram.

Strelnikov teve que enfrentar alguns meses antes de poder comprovar o cenário que antecipava em setembro. Com as inscrições à disposição, nós só precisamos avançar, cronologicamente, duas ou três cartas para verificar. Mas convivendo com a amplificação há sempre a redução: esses panoramas vêm com a perda da dimensão das durações, que são essenciais ao conhecimento produzido. Nesse aspecto, a redução espreme os intervalos - outrora grandes e recheados de conflitos e sentimentos - no ato de folhear páginas e capítulos, ou nos centímetros que por vezes separam peças em exposição. No dia 21 de outubro, o vapor "Aurora" era o local indicado em uma carta dos zoólogos para Manizer e Fielstrup, que então se deslocavam por estações ferroviárias entre Miranda e Porto Esperança, ainda em Mato Grosso. A mensagem informava que Strelnikov e Tanasiichuk haviam deixado Corumbá para trás no dia anterior e que o barco em que estavam os levaria até Assunção.[321]

A norte da bússola dos dois naturalistas continuava a imagem do plano remetido a Metalnikov em setembro, talvez com um pouco menos de confiança em um desfecho próximo para a guerra. Caso as esperanças não se cumprissem, Strelnikov - o redator da carta - já considerava uma alternativa: "Vamos a Assunção e depois para o Alto Paraná, até o Salto Guayra, em cerca de um mês. Se a guerra não acabar até lá, ficarei no Paraguai para aguardar pelo armistício"[322]. O pensamento era esse, mas o resto eram incógnitas. Na carta se admite que "como vamos viver, como trabalharemos - não sabemos, mas esperamos a hospitalidade dos paraguaios"[323]. Por fim, a aposta também era de que as coletas melhorariam, porque eles ainda não se mostravam satisfeitos. Antes de avançarmos, porém, o período entre julho e outubro de 1914 demanda destaques a alguns sujeitos e suas contribuições.

Em determinado momento da análise dos documentos gerados pelos naturalistas nesses primeiros meses de coleta, o olhar é provocado por passagens como a que se segue: "Até agora não tivemos que contar com os serviços de outras pessoas, primeiro porque nós vivemos na floresta próximo a um local povoado, segundo porque não temos dinheiro para pagar por animais"[324]. Embora essa vida dos russos em isolamento na floresta evoque um

[321] Carta de Strelnikov e Tanasiichuk para Manizer e Fielstrup, 21 de outubro de 1914. Rolo 8, Im. 1447.
[322] Ibidem.
[323] Ibidem.
[324] Carta de Strelnikov a Sergei Ivanovich Metalnikov, 13 de setembro de 1914. Rolo 12, Im. 10311.

imaginário de solidão e autonomia, com a privação de muitos contatos humanos, devemos notar que ela não nega, mas pode invisibilizar algumas contribuições fundamentais. Como Strelnikov também indica, eles não estavam distantes da cidade e das pessoas, através das quais puderam construir rumos e entendimentos da região onde estavam. A inserção ativa desses atores locais foi determinante, desde o princípio, para que os russos tenham podido encontrar e permanecer no lugar chamado São Domingo:

> [...] nosso primeiro movimento aqui, logo que desembarcamos em 30 de junho, foi ir ao dono alemão de uma loja, para o qual tínhamos um cartão de apresentação, e perguntar se seria possível arranjar (Tanasiichuk e outro companheiro) em algum lugar fora da cidade. Wichert (o dono da loja) nos recomendou a um colono alemão que possui um rancho (cabana) na floresta, a uns 12 quilômetros daqui. Na casa desse homem, e depois na de seu vizinho, nós chegamos ao coração da floresta virgem, cheia de árvores e bestas nunca vistas em nossos países.[325]

O cartão de apresentação destinado a Wichert e sua "Casa Alemana" selava uma ligação proporcionada por Walter Schiller, um dos professores que os russos haviam conhecido em La Plata. O trajeto que levou de Schiller até esses colonos e suas famílias, que viviam nas cercanias de Corumbá, nos fornece uma amostra de como a propagação de referências discerne agentes e os conecta em nossa visão de um canal de relações. Percorrendo esse canal específico, os russos nos fazem enxergar algumas presenças e contatos forjados no contexto da imigração alemã na América do Sul. Segundo a informação obtida no estabelecimento em Corumbá, um dos colonos se encontrava na cidade naquele dia e os viajantes recém-chegados então foram até ele. Em sua carta, Fielstrup sempre escreve "São Dominguez" para se referir ao novo local, que afirma, entre parênteses, ser "o nome da fazenda".[326] Strelnikov explica que a vida imigrante daquela família havia começado décadas atrás, quando o patriarca desertou das forças germânicas mobilizadas para a guerra franco-prussiana, ocorrida entre 1870 a 1871. Naquelas terras que recebiam os russos, os velhos alemães já constituíam família e rotina há cerca de vinte anos:

> Eles têm algumas bananas, laranjas, mangas, outras plantas e muitas vacas e bois (perto de 200); suas principais atividades são no pastoreio. O gado passeia livremente pelo Pantanal, destemido pelos prados entre as matas, sem qualquer supervisão. Apenas de tempos em tempos, em caminhadas pela floresta, eles verificam o rebanho e, às vezes, colocam todos em um curral perto da casa. Nossos

[325] Carta de Fielstrup à mãe, 2 de julho de 1914. Rolo 8, Im. 1498.
[326] Ibidem.

> anfitriões ainda falam na língua materna, já os netos loiros são completamente brasileiros e não entendem uma palavra do alemão.[327]

Até a separação da expedição em dois grupos, no dia 15 de julho, e também quando restavam apenas os zoólogos, foi possível contar com a hospitalidade daquelas pessoas. Escrevendo para Manizer, Fielstrup e Geiman no dia 3 de agosto, Strelnikov reforça que "os alemães em S. Domingo são bons conosco. De vez em quando nos trazem pratos saborosos"[328]. Imigrantes como os assentados em São Domingo pareciam estar por toda parte na Corumbá do início do século XX e seus arredores. Pelo capítulo anterior, podemos retomar a percepção de Strelnikov sobre a heterogeneidade de pessoas e idiomas no lugar. Na véspera do 15 de julho que levaria os etnógrafos a Barranco Branco, o grupo esteve em Corumbá com o intuito de reunir provisões. Fielstrup começa a relatar sobre o número, para ele notável, de datas comemorativas históricas por ali, pois aquele era:

> [...] um desses dias e, portanto, as coisas que pudemos comprar foram obtidas graças aos sírios (dos quais a cidade está cheia), que mantêm suas lojas fechadas, enquanto tem uma outra pequena entrada aberta que pode ser expandida para qualquer consumidor que apareça.[329]

Já no dia 3 de agosto, Strelnikov acabava de regressar de uma primeira ida a Puerto Sucre, do lado de lá da fronteira brasileira com a Bolívia, e as notícias que finalmente recebia de uma guerra na Europa eram repassadas por um agente dos vapores que chegavam e partiam de Corumbá. O homem era mais um alemão. Segundo João Carlos de Souza (2005), esses imigrantes reverberavam transformações dramáticas que ocorriam na fisionomia da cidade desde a década de 1870. Com o encerramento da Guerra da Tríplice Aliança (1864-1870), a liberação da navegação internacional do Rio Paraguai, aliada a incentivos fiscais do governo imperial, trouxe novas pessoas e expandiu atividades na região, sobretudo no setor de serviços. Estrangeiros, migrantes de outras partes do próprio país, máquinas e casas comerciais promoveram a vila de Corumbá - que havia sido ocupada pelas forças paraguaias durante a guerra - a uma cidade, em 1878[330]. A circulação de pessoas e mercadorias pelo rio Paraguai e seus tributários veria novos símbolos da modernidade conectarem espaços daquelas fronteiras nacionais na virada do século. Eram esses traços novos na paisagem as linhas do telégrafo - que corriam relevos através dos povoados por

[327] Carta de Strelnikov a Sergei Ivanovich Metalnikov, 28 de julho de 1914. Rolo 12, Im. 10491-10493.
[328] Carta de Strelnikov e Tanasiichuk para Manizer e Fielstrup, 3 de agosto de 1914. Rolo 8, Im. 1451.
[329] Carta de Fielstrup à mãe, 15 de julho de 1914. Rolo 8, Im. 1498.
[330] O autor assinala que, de 1864 ao início da década de 1880, a população de Corumbá triplicou em número (SOUZA, 2005, p. 1).

onde andaram os russos - e as ferrovias, unidades de referência para os deslocamentos de Fielstrup e Manizer por aldeias indígenas entre as cidades de Miranda, Aquidauana e Porto Esperança, de outubro a novembro.

As fontes trazem relatos das incessantes buscas dos zoólogos por locais propícios a coletas e observação de espécimes, processo que lhes trouxe familiaridade com topografias e distâncias da região. Lagoa Seca, Urucum, Ladário e Acurizal são algumas das localidades próximas a Corumbá e citadas nos documentos sobre essas excursões nas matas matogrossenses. Ainda no final do mês de julho, essa movimentação começaria a avaliar possibilidades em terras bolivianas, onde os zoólogos se valeriam de mais alguns suportes. Os dias na Bolívia talvez sejam, na avaliação das fontes documentais, aqueles menos destacados pela dupla russa em termos de agenciamentos humanos. A ênfase em aspectos da própria vida na floresta, clima, tipos de plantas e animais aparece, em toda a expedição, como denominador comum dos registros produzidos pelos naturalistas - ou "nossos meninos"[331], segundo Manizer afirma ser como o resto do grupo os chamava. No caso da ida à Bolívia, há poucos detalhes sobre conexões humanas propriamente, mas alguns atores são mencionados.

Strelnikov escreve que seu primeiro período além da fronteira foi de 1 a 3 de agosto, tempo que passou em um local chamado Puerto Sucre, próximo a Corumbá e rio Paraguai acima. Seguindo o rio naquela direção, o zoólogo tinha a intenção de chegar à Baía de Cáceres, cujos alagados pretendia explorar com seu companheiro. Strelnikov havia partido sozinho para o reconhecimento, enquanto Tanasiichuk ficara guardando o acampamento em São Domingo.[332] Tentando ele mesmo entender os lugares por onde transitava, Strelnikov fez um desenho, simples, mas que nos permite uma aproximação do olhar que tinha. O russo explica que se pretendia que Puerto Sucre integrasse comercialmente o leste da Bolívia aos governos da bacia do rio Paraná - Brasil, Paraguai, Argentina - e, assim, também à Europa. Strelnikov relata que já havia "extensas instalações para a alfândega e casas para funcionários" no local, mas que, naquele momento, apenas um desses "empleados de gobierno" estava morando lá, para cuidar das construções. Percorrendo a transição do rio Paraguai para a Baía de Cáceres - chamada "Arroyo Concepción" - foram encontrados, nesse homem, "recepção calorosa e alojamento para a noite". Apesar da escassez de detalhes nos documentos disponíveis, aquela situação agregou informações e Strelnikov regressava a Corumbá, dois dias depois, com a promessa de terem onde ficar. Dali a cerca de um mês, os

[331] Cartas de Manizer à família, 14 de novembro de 1914, p. 55. Rolo 10, Im. 2124.
[332] Carta de Strelnikov a Sergei Ivanovich Metalnikov, 3 de agosto de 1914. Rolo 12, Im. 10301-10304.

dois zoólogos estariam realizando sua "mudança" para Puerto Suarez, localidade que ficava a quase vinte quilômetros de Puerto Sucre e margeava a Baía de Cáceres (figura 20).[333]

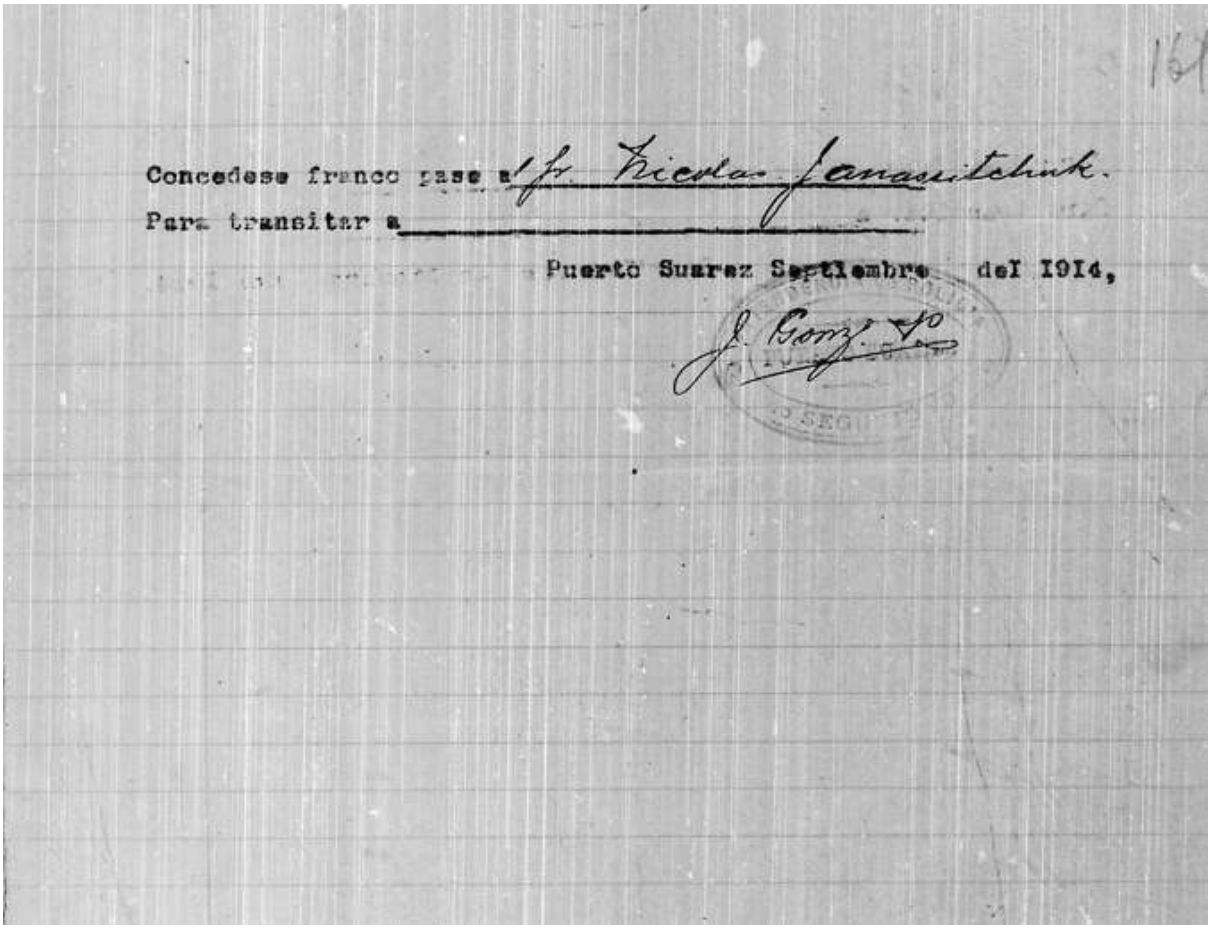
Concedese franco pase a Sr. Nicolas Tanasiichuk.
Para transitar a _____
Puerto Suarez Septiembre del 1914,
J. Gonz. Lo

Figura 20. Documento autorizando a entrada e circulação de Tanasiichuk na Bolívia. Puerto Suárez, setembro de 1914. Fonte - Rolo 12, im. 10314.

No retorno de sua primeira travessia da fronteira, Strelnikov havia esboçado, na base de uma folha do diário, as distâncias entre os lugares:

> Por rio, de P. Suarez até Corumbá são 4 léguas:
> Por terra, pela linha de telégrafo até P. Sucre são 3 ½ léguas, e de P. Sucre a Corumbá são 1 1/2 .
> São 3 horas de P. Sucre a P. Suarez.[334]

Puerto Suarez era mais povoado e lá os russos foram arranjados por militares estacionados em um posto de fronteira. Até o final de setembro, eles ocuparam-se em coletas

[333] Ibidem.
[334] Rascunho feito por Strelnikov no dia 2 de agosto. Rolo 12, im.10302

nos arredores da Baía de Cáceres, como desejavam. No dia 1 de outubro, ambos aceitaram acompanhar alguns dos militares em uma excursão para reparos da linha telegráfica no trecho conectando Puerto Suarez a outro local, chamado San Juan[335]. Esse contexto ainda ofereceu, no caminho, um encontro com os indígenas que viviam em uma comunidade chamada San Miquicho. A partir do contato, os russos puderam formar conhecimentos a respeito dos Chiquitos, sua importância histórica na formação da sociedade boliviana e as relações das quais tomavam parte através das fronteiras nacionais naqueles anos. Strelnikov usa o enquadramento de "semi-civilizados" para se referir àquele grupo que visitava, com seus vínculos ao trabalho e ordenados em fazendas na própria Bolívia e também no Brasil[336]. Os russos acompanharam partes da rotina, que era acompanhada pelo "alcalde"[337] local. Este homem, segundo o russo, era quem se ocupava de uma habitação adaptada em igreja e de introduzir a doutrina cristã aos indígenas da aldeia:

> O mayor (alcalde) dirige a igreja, guarda as chaves, toca as pás que compõem o sino, ele mesmo exerce a "cura" como um padre católico e rege os serviços junto com o cacique.A cura ocorre 1-2 vezes ao ano e os Chiquitos locais mal conhecem Deus. Em suas cabanas não há qualquer sinal de pertencimento à fé cristã.[338]

A vida ali ainda incluía uma pequena escola e um professor militar para instruir as crianças. Em uma passagem, Strelnikov considera que aquelas pessoas "não guardam mais nada de original ou de indígena"[339]. Em outro momento, o russo traz impressões do professor local sobre ensinar no local:

> [...] o maestro reclamou comigo da estupidez e embotamento de seus alunos, que esses Chiquititos não desejam estudar, não comparecem às aulas, vêm quando querem. Eu perguntei - quantos alunos tem o senhor? - Ora 2 ou 3, ora 15, varia. - O que o senhor ensina? - Ler, escrever, aritmética não, muito difícil para eles.[340]

A partir do que ouviram entre militares e indígenas, os zoólogos assinalam que os Chiquitos eram representados por diversos grupos além daquele, alguns dos quais viviam em

---

[335] Relato de Strelnikov sobre o trajeto Puerto Suarez-San Juan, 1 a 8 de outubro de 1914, Leste da Bolívia. Rolo 12, Im.10293-10300.
[336] Relato de Strelnikov sobre a passagem por San Miquicho, Leste da Bolívia. Rolo 12, Im.10278-10285.
[337] Conforme assinalado pelo russo, o "alcalde" era o "intendente, prefeito". Historicamente, alcalde é um título de origem ibérica e marca poderes administrativos desde a Idade Média. Atualmente, o termo ainda é utilizado em diferentes países latino-americanos e suas municipalidades. Em português, existe a palavra "alcaide", que guarda a mesma ideia.
[338] Ibidem, im. 10282.
[339] Ibidem, im. 10283.
[340] Ibidem, im. 10280.

confronto direto com proprietários de terras e elementos do Estado boliviano. Ainda em Puerto Suarez, os russos ouviram sobre um incidente do tipo, bastante recente. Disseram-lhes que, a cerca de cem quilômetros dali, indígenas haviam atacado alguns homens a serviço de uma companhia comercial no longo caminho que ligava Santa Cruz de la Sierra e Puerto Suarez. Dois deles morreram e o governo boliviano enviara um destacamento de dez soldados para punir os nativos envolvidos, mas que acabaram não podendo mais ser localizados[341].

Chiquito, ou Chiquitano, são terminologias que carregam consigo uma parte fundamental da história das práticas coloniais da Coroa Espanhola na Bolívia. Chiquito, como designação genérica da grande diversidade de grupos indígenas habitantes das "terras baixas" do oriente boliviano - que ficaram conhecidas como Chiquitania - é produto das estratégias de criação de atrativos e relações de dependência por parte de missionários jesuítas que atuaram no território desde o final do século XVII até serem expulsos pela administração colonial em 1767. As reduções jesuíticas buscaram favorecer a exploração das terras e manter a vigilância dos limites com a Coroa Portuguesa, agrupando diferentes populações indígenas pelas trocas e pela força (SOUZA et al., 2022, p.4). Pensando em liquidar o inconveniente das singularidades dos cativos, os inacianos também perseguiram a aplicação do idioma mais falado na região como "língua geral" (SILVA, 2007, p.15).

O momento testemunhado pelos cientistas russos vinha de mais de um século de novos conflitos e modalidades de exploração que se desenvolveram especialmente após a independência da Bolívia, em 1825. Ao longo do século XIX, as reduções decaíram e se extinguiram no contexto da ocupação da vasta Chiquitania pelas estâncias de pecuaristas, vindos principalmente de Santa Cruz de la Sierra, que contaram com a provisão do Estado para tratar os indígenas como propriedade (Ibidem, p.68). Houve os recrutados, os que lutaram e os que fugiram, enquanto a população das etnias Chiquito era drasticamente reduzida, também pela corrida do ouro e, depois, a da borracha até as duas primeiras décadas do século XX (JOSÉ DA SILVA, 2011b, pp.173,174). A investigação por algum registro documental ligado ao nome da comunidade indígena San Miquicho, visitada pelos russos, permitiu encontrar a seguinte declaração, em uma publicação de 1925, do Ministério de Guerra e Colonização da Bolívia: "La resolución de 19 de mayo de 1911 consagra el derecho proprietario de los indígenas de San Miquicho, lugar próximo a Puerto Suárez, sobre las tierras que ocupan"[342].

---

[341] Ibidem, im. 10284.

[342] Lavadenz, José, La colonización en Bolivia durante la primera centuria de su independencia. Talleres gráficos de la Intendencia de Guerra, La Paz, 1925. p.26.

O elemento estatal presente em San Miquicho e os militares guarnecidos em Puerto Suárez conferem o gancho para que possamos concluir esta discussão histórica muito breve com mais um ponto. Desde sua emancipação política, a nova república boliviana teve nas mãos o problema da colonização de suas vastas terras a leste. Concedendo hectares a particulares, incentivando a imigração e expedições de reconhecimento, os governos desejavam o crescimento populacional nessas regiões que, afastadas dos centros de poder, eram um desafio às suas pretensões de soberania (BRIDIKHINA, 2015). Nesse sentido, delimitar as fronteiras com o Brasil era um tópico historicamente complexo. Segundo John Wilford (WILFORD, 2000, p. 205), o ato de traçar linhas de fronteira coloca "dentro da geometria", entre outras coisas, "expectativas". Porém, muito além delas estavam os trâmites comerciais, as relações de trabalho e disputas das mais diversas, que povoavam localmente um senso flutuante e por vezes nebuloso do que era um lado e o outro.

Ataques, invasões de terras e roubos de gado através da fronteira eram práticas recorrentes e indicadores da debilidade estatal para alcançar e controlar esses espaços nacionais (BRIDIKHINA, 2015, pp.343,344). Essas preocupações estiveram latentes após eventos como a Guerra da Tríplice Aliança e os conflitos no Acre. Os tratados firmados em cada época complicaram ainda mais as propostas de demarcação (VERGARA, 2010). O segundo deles - o Tratado de Petrópolis, de 1903 - incluiu, na fronteira com Mato Grosso, uma compensação territorial para a Bolívia, que acabava de perder o Acre. A referência que já vimos ser feita pelos russos ao projeto boliviano de um porto fluvial próximo a Corumbá é evidência do interesse do governo em aproveitar "janelas" que o tratado havia proporcionado, para estabelecer uma presença estrutural no rio Paraguai (BRIDIKHINA, 2015, p. 328). Em 1911, esse propósito levou à organização da "Delegación Nacional en el Oriente para el servicio de colonización, administración, construcción y fundación de un puerto sobre el río Paraguay", que buscou vincular uma nova lógica territorial, agregando cantões da província de Chiquitos, com Puerto Suárez como capital (Ibidem, p, 328). Strelnikov escreve que a localidade, com seus 700 a 800 habitantes, era o "centro administrativo de todo o leste da Bolívia"[343].

Apesar dos esforços, a vasta área preenchida por esparsas localidades, com a falta de centros urbanos e militares em isolamento seguiria abrigando inúmeras controvérsias e reacomodações, que mobilizaram autoridades locais, população e as elites de Santa Cruz de la Sierra, que era a maior cidade boliviana fora dos Andes. Tito Carlos Machado de Oliveira

[343] Relato de Strelnikov sobre o trajeto Puerto Suárez-San Juan, 1 a 8 de outubro de 1914, Leste da Bolívia. Rolo 12, Im.10293-10300.

diz que “a Fronteira é um espaço de rebeldias”. Essa noção de desafio às linhas geopolíticas continua, hoje, a encontrar expressão nas populações e identidades que se formaram em meio à lógica própria desses íntimos contatos culturais (OLIVEIRA, 2015, p.123). A excursão militar integrada pelos russos chegou a San Juan no dia 3 de outubro e saiu de lá na noite do dia 8, para retornar a Puerto Suarez. Algumas páginas das anotações de Strelnikov ainda são dedicadas à colônia “Villasonia”, então situada a quatro quilômetros de Puerto Suarez.[344] O intervalo temporal da visita a esse lugar não aparece na fonte e o texto carece de pistas que indiquem se ela teria sido antes ou depois da ida a San Juan. Villasonia consistia em três propriedades de famílias estrangeiras, que haviam se estabelecido ali nos últimos anos, produzindo cana de açúcar e derivados, além de outros cultivos de subsistência. O pioneiro da comunidade era um espanhol, que havia chegado seis anos antes.

Há dois encontros em Villasonia para os quais Strelnikov abre seus próprios parênteses. Um deles foi o “inesperado” russo Mikhail Vlasovich Bodich, que dominava bem o espanhol e, em seu sonho com a América, já guardava alguns anos de dificuldades no continente, de lugar em lugar, antes de ter encontrado aquela colônia na fronteira boliviana. Ele havia partido de Assunção com mais dois companheiros - um espanhol e um paraguaio - após terem decidido viver juntos para ganhar dinheiro. O grupo recebeu um lote de terra em Villasonia e, desde então, mais um espanhol e um uruguaio haviam se juntado a eles, todos vivendo e produzindo juntos. Os olhares interessados dos viajantes russos àquele modelo de comuna agrária perceberam outras nuances das relações que se estabeleciam nas fronteiras, como o contrabando que descobriram ser praticado por esses imigrantes, constantemente atravessando produtos entre Corumbá e Puerto Suarez.[345]

O outro indivíduo nos é introduzido com as seguintes palavras: “Em Villasonia conhecemos um homem muito interessante”. Seu nome era “José Creton”, a princípio um dos homens que trabalhavam no cultivo da cana na comunidade. A nacionalidade de José não é mencionada no texto, mas Strelnikov escreve ter visto um livro em espanhol repousado perto dele, junto a uma máquina que usava no momento. Curiosamente, tratava-se de uma tradução do filósofo espírita russo Aleksandr Aksakof (1832-1903). O volume parece ter sido o pivô do diálogo que fez Strelnikov se surpreender com a “grande erudição” de seu interlocutor. Ele conhecia pensamentos tão diversos como os do positivista Comte e os de sábios indianos, além de ter “muitos livros sobre ciências em geral, espiritismo e teosofia”. Para Strelnikov, era “muito estranho” ter se deparado com uma mente daquelas vivendo e

[344] Relato de Strelnikov sobre a colônia agrícola Villasonia, 1914, Leste da Bolívia. Rolo 12, Im.10286-10291.
[345] Ibidem, im. 10287.

trabalhando naquele lugar. Embora nos interessasse saber que tipos de trocas podem ter ocorrido nesse contexto - as informações transmitidas ou livros fornecidos - o documento não traz essas indicações.[346]

## 5.2 Ciência na Tríplice Fronteira: conhecendo Puerto Bertoni

Decorrido cerca de um mês tomando conhecimento da natureza e de algumas dinâmicas sociais da fronteira em sua face boliviana, Strelnikov e Tanasiichuk rumaram para Assunção, partindo de Corumbá no dia 20 de outubro. O vapor Aurora e o rio Paraguai não foram os únicos velhos conhecidos nesta nova parcela da circulação sul-americana dos jovens cientistas. Mikhanovich - o "inspetor da companhia", que havia conferido os descontos nos bilhetes dos russos ainda em Buenos Aires - estava a bordo. Citado como "austríaco" em documento destacado anteriormente neste capítulo, neste segundo momento o homem é referido como "nosso aliado", elemento que sinaliza a compreensão de uma identificação dos viajantes com o personagem. Acontece que esse encontro iluminou, onde antes se via apenas um ex-súdito da Áustria-Hungria, a especificidade de alguém que também era "ardente campeão de seu eslavismo de Montenegro". Graças a Mikhanovich, a dupla entendeu que poderia prorrogar a validade de seus bilhetes de trânsito por aquele rio para além de dezembro e também foi possível que levassem a carga coletada sem custos[347].

A estadia com o moscovita Ritter na capital paraguaia durou poucos dias e os zoólogos retomaram seus movimentos no dia 31 do mesmo mês, agora por estrada de ferro. Além de ter, de fato, isentado seus compatriotas de tarifas de deslocamento, Ritter também foi quem manteve consigo os itens que já haviam sido coletados até aquele momento. A nova viagem passou por localidades como Villarica e Encarnación antes que, no dia 2 de novembro, os russos subissem a bordo do vapor "España", para subir o rio Paraná. No dia 4, Strelnikov e Tanasiichuk chegaram às terras conhecidas como "Puerto Bertoni".[348] Ainda em Buenos Aires, a campanha de jovens russos ouvira falar no "melhor conhecedor do Paraguai". Europeu radicado com o nome Moisés Santiago Bertoni, o "Dr. Bertoni" havia chegado à América do Sul - "com a esposa, filha e um herbário suíço" - na década de 1880.

[346] Ibidem, im. 10287.
[347] Carta de Strelnikov e Tanasiichuk para Manizer e Fielstrup, 21 de outubro de 1914. Rolo 8, Im. 1447.
[348] Anotações de Strelnikov em Puerto Bertoni, 14 de novembro de 1914. Rolo 12. Im. 10342.

Segundo Strelnikov, o objetivo de Bertoni havia sido, do princípio, se estabelecer no novo destino:

> O próprio Bertoni é suíço, teve sua formação na Universidade de Genebra, principalmente em botânica, e foi bem sucedido em estudar a flora da Suíça. Tinha circulação entre imigrantes russos e conhecia bem Bakunin, Kropotkin e E. Reclus. Deu à sua primeira filha o nome "Vera Zasulich". A vida europeia pouco lhe satisfazia e, aconselhado por Reclus, escolheu a floresta tropical da América do S. para o arranjo de uma vida diferente.[349]

Desde então, às margens do alto Paraná, outros filhos, genros, noras e netos fizeram a família crescer e uma colônia agrícola surgir.

> Todos vivem juntos em um terreno doado pelo governo paraguaio, com 20 quil. de extensão, 6 de larg. As vastas plantações de café, banana, abacaxi, laranja, milho, cana-de-açúcar, alimentam eles mesmos e recebem dinheiro da venda para a Argentina. O dinheiro lhes é necessário para a compra de vestimenta, querosene e velas, mas principalmente livros, revistas e instrumentos para trabalho científico. A família é economicamente e cientificamente auto-suficiente.[350]

Além dos Bertoni, os russos mencionam trabalhadores e inclusive o alojamento que receberam ficava no local em que eles viviam. Ao longo das décadas que formaram Puerto Bertoni, seu fundador havia coletado e identificado inúmeras plantas locais e utilizava o herbário que produzira em uma série de experimentos para obter novas variedades vegetais. Em seus registros, Strelnikov expressa "espanto" com a quantidade de materiais de Bertoni e suas explicações acerca do que vinha desenvolvendo naquele espaço. Por outro lado, se surpreende pelo cientista não ter publicado todos os seus trabalhos, ao que este respondeu: "Mas para que apressar-me? Quando terminar todos os experimentos, quando desaparecerem todas as obscuridades, então é que publicarei." O sentido de autonomia daquelas práticas e conhecimentos produzidos no seio da comunidade ainda contemplava respostas às questões de divulgação e circulação, pois o russo indica que a família ali também "publica a revista "Agronomia", que tanto ajuda o Paraguai na organização de uma economia racional".[351]

A historiografia dá conta dessa estrutura - com meios próprios de experimentação e publicação - e do papel de Bertoni como pioneiro nos estudos sobre aspectos da diversidade

[349] Anotações de Strelnikov em Puerto Bertoni, novembro-dezembro de 1914. Rolo 12. Im. 10348-10349.
[350] Ibidem.
[351] Ibidem.

natural paraguaia. Como importante ator político e social - que mantinha comunicação com intelectuais e instituições na América e na Europa - o naturalista suíço foi pivô de acalorados debates sobre a nação e identidade paraguaias naquele início de século. Grande opositor de alicerces das correntes positivistas e liberais do final do século XIX, ele defendeu abertamente a ideia de uma "civilização guarani" e seus atributos, como virtude do povo paraguaio e da mestiçagem que o havia produzido (FLECK, 2019, p. 1153). Em sua crítica, Bertoni chegou mesmo a desferir ataques aos preceitos da superioridade branca e, de acordo com Maria Sylvia Di Liscia (DI LISCIA, 2009, p.257), "defendeu que a cultura guarani deveria ser tomada como modelo para gerar uma comunidade mais além das fronteiras nacionais". Nas palavras de Danilo Baratti (BARATTI, 2002, p.44), a atuação de Bertoni o teria convertido em "apóstolo" de um "novo nacionalismo paraguaio", proposto nesses termos.

A obra etnográfica de Moisés Bertoni encontrou sua maior continuidade precisamente no que legou a uma "visão nacionalista-indigenista", mobilizada, segundo Baratti, em apropriações e distorções, inclusive no "Paraguai das ditaduras" (Ibidem, p.44). Em relatório, Strelnikov complementa a informação sobre os trabalhadores em Puerto Bertoni, mencionando estar "nenhum deles em condição de trabalho assalariado"[352]. Em outro documento, escreve que "aqui não há proletários, como bem disse o Dr. Bertoni"[353]. Estas afirmativas permitem uma ponderação final sobre o cultivo do símbolo em que o suíço foi feito. Baratti chama a atenção para narrativas que idealizaram o caso das relações entre Bertoni e seus trabalhadores indígenas. Então o autor considera que o apego ao "mito bertoniano" teria nublado a noção de que aquele colono, apesar de tudo, havia sido sempre o patrão para seus peões Mbyá Guarani, conforme se apoia em observações da antropóloga Beate Lehner:

> Entre los peones mbyá y la familia Bertoni se desarrolló una relación especial que se caracterizaba por la mutua confianza y que se manifestaba en el apego que demostraban los peones y sus familias hacia la familia Bertoni. Bertoni era un buen patrón; él y su esposa se preocupaban por el bienestar de sus peones mbyá y, más aún, Bertoni demostraba una sensibilidad e interés hacia el modo de ser y la cultura mbyá que era completamente inusual para su época y lo es, para un patrón, hasta hoy. [...] sospechamos que Bertoni, para los Mbyá, nunca fue más que un patrón, a quien nunca se hablaba de los conceptos fundamentales de la cultura Mbyá (LEHNER, 1999, apud. BARATTI, 2002, p. 45).

[352] Ibidem.
[353] Carta de Strelnikov a Sergei Ivanovich Metalnikov, 25 de janeiro de 1915, Puerto Bertoni. Rolo 12, Im. 10352-10356.

Todo esse envolvimento fez do naturalista, possivelmente, o maior informante não-indígena que os russos teriam encontrado naquelas partes. Tendo ele ocupado essa posição de referência, é importante sublinhar uma série de leituras críticas trazidas pela investigação de Eliane Fleck, concordando sobre a influência substancial de Bertoni no campo ideológico, apesar do que chamaram de "discurso de exaltação poética", "delírio etnológico" ou "conclusões exageradas" presentes em seus textos. São particularmente interessantes as considerações de que o suíço teria baseado suas conclusões, sobretudo, em uma vasta bibliografia, ao invés de trabalhos de campo. Esse desequilíbrio, que incluiu a leitura de muitos jesuítas, foi considerado responsável por uma carência de provas etnográficas em seus estudos (FLECK, 2019, p.1163).

As notícias escritas de Strelnikov e Tanasiichuk nos três primeiros meses como hóspedes dos Bertoni - entre novembro de 1914 e janeiro de 1915 - mencionam a limitação dos russos a excursões mais curtas nas matas, dado o grau de desgaste de seus recursos para as coletas. Eles precisavam, inclusive, de botas novas e adequadas. A falta de estrutura era ainda mais decisiva para os russos ali, pois notavam como as florestas do Alto Paraná eram muito mais densas, escuras e difíceis de penetrar, quando comparadas às planícies pantaneiras de Corumbá. Naquele momento, a dupla indicava estar esperando o envio de sua parcela do dinheiro que havia sido reservado em Buenos Aires no início da expedição, mas não sabiam quando isso ocorreria. Em Puerto Bertoni, qualquer remessa ou novidade era esperada em ciclos de quinze dias, quando o imigrante suíço e sua família recebiam as próprias correspondências, revistas e jornais. Em uma carta a Metalnikov, do dia 5 de fevereiro, Strelnikov projeta um prazo para o início da volta a Petrogrado. Segundo informa a seu supervisor no laboratório Lesgaft, se pensava a conclusão dos trabalhos em junho e a chegada à Rússia no final de agosto. O documento apresenta um contraste entre essa determinação de um desfecho e outro momento, em que declara: "não sei o que poderá acontecer nos próximos três meses". Strelnikov chega a mencionar, para esse período, uma visita a indígenas Guarani da região, mas considera a perspectiva incerta.[354]

A questão financeira é diretamente associada a essa indefinição dos passos seguintes, porém a fonte permite interpretar mais esse esforço dos russos por fixar um prazo de validade para a expedição como algo além da formulação de respostas à guerra na Europa. A imprevisibilidade, que já esticava em muitos meses o tempo longe de casa, dos amigos e famílias, começava a fazer Strelnikov questionar o que ele - entre seus próprios momentos de

[354] Carta de Strelnikov a Sergei Ivanovich Metalnikov, 5 de fevereiro de 1915, Puerto Bertoni. Rolo 12, Im. 10380-10381.

desejo "disparatado" de voltar aos antigos convívios - e seus companheiros ainda suportariam. Se suas resistências seguiam habitando o campo das incógnitas, Strelnikov temia não poder dizer o mesmo dos materiais coletados por ele e Tanasiichuk. A parte inicial da carta fala dessa ansiedade, que não vinha do imprevisível, mas do que se julgava possível e provável:

> Infelizmente, nos últimos dias, tenho me preocupado com o destino de nossas coleções, que permanecem em Assunção, a três dias de distância de nós de barco e trem. No calor local (pois aqui estamos no verão) o álcool decompõe-se rapidamente; os frascos estão muito cheios, pode apodrecer tudo. E não estou com vontade de instruir para trocar o álcool. Depois, na alfândega, podem virar nossas caixas, esquecendo nossos reiterados pedidos para não mexer, o álcool pode vazar dos frascos; embora eles estejam bem atados - mas os nós podem afrouxar, formigas podem roê-los, há cupins em todo lugar, penetrando tudo destrutivamente. Mas que pena do trabalho que for irremediavelmente perdido![355]

Essa atmosfera de preocupações é transmitida ao longo da escrita, mas dá lugar a um *post-scriptum* objetivo e com algumas decisões tomadas:

> PS: Ontem recebemos o dinheiro, depois de amanhã seguiremos para perto das Cataratas do Iguaçu, onde ficaremos por uma semana, e depois vamos até índios ainda puros, por mais tempo. Meu companheiro irá depois para a Rússia, em março, e eu ficarei sozinho. Um dos nossos, Geiman, está há um bom tempo no Chile e conseguiu um emprego a cargo do governo. O outro, o companheiro de Manizer, foi sorteado para voltar a Buenos Aires e resolver os diferentes assuntos para o retorno. Um professor de B.A. o arranjou em um navio argentino de exercício militar, que fará um circuito pela América do S., com o desígnio de coletar material arqueológico para o museu de B.A. Manizer está agora sozinho no Brasil, perto do rio Paraguai.[356]

Possivelmente, essas definições se formaram em um segundo momento e Strelnikov as condensou no final da carta, a tempo de enviá-la. O gatilho parece ter sido financeiro e uma carta posterior, de 28 de fevereiro, é reveladora quanto às limitações práticas dos zoólogos nos últimos meses e ao incômodo de Strelnikov por isso. As seis páginas manuscritas em questão são endereçadas a Filestrup e, em quase todas, Strelnikov reclama do companheiro. O zoólogo indica ter escrito algumas vezes a Fielstrup e também a Geiman - os dois que estiveram novamente em Buenos Aires - sempre pedindo: "Enviem dinheiro!"[357]. A espera foi longa e o processo até a efetiva chegada do dinheiro aos zoólogos ainda envolveu alguns percalços e oportunos intermediários:

---

[355] Ibidem.
[356] Ibidem.
[357] Carta de Strelnikov para Fielstrup, 28 de fevereiro de 1914. Rolo 8, Im. 1439-1444.

> Francamente, caro Fiódor Arturovich! Quantas vezes escrevemos pedindo dinheiro? Pedimos que enviasse assim que possível; [...] E nós até nos alegramos quando recebemos uma carta sua dizendo que mandaria o dinheiro a Ritter. [...] Mas não sei que espíritos lhe fizeram enviar o dinheiro para Posadas. "O mais próximo a vocês" - escreveu. Mas teria considerado a circunstância de que esse "mais próximo" fica a 2 dias de nós e que não temos como nem porquê ir? [...] Você escreve que Bertoni irá nos ajudar. Sim, ele nos ajudou. Mas seria cem vezes melhor se não precisássemos pedir a ele ajuda financeira. Afinal, esperamos mais de 2 meses, já praticamente 3 [...] E não sei o que teria sido se um dos filhos de Bertoni não tivesse ido a Posadas: a esposa dele está em uma situação peculiar. Nós esperamos que ele voltasse no dia 24 com o dinheiro - mas não. Houve alguma complicação ginecológica, Bertoni jr. ficaria em Posadas, e nós sem dinheiro. [...] Tímido, envergonhado, por três vezes lembrei Demitrig Bertoni de enviar-nos os 50 pesos. Assim que os recebemos, partimos - 11/II. Apenas ontem à noite chegamos de volta. Enfim estivemos no Iguasú.[358]

Além dessa situação com os Bertoni, a carta menciona que, bem antes, a dupla já havia contado com um empréstimo fornecido pelo intendente Wanderley, de Corumbá. Strelnikov também teria encomendado a Fielstrup - e não recebeu - certo número de ferramentas para atividade etnográfica, segundo escreve, precisando sua urgência e o plano de visitar indígenas. Então se queixa de que ele e Tanasiichuk fariam a excursão sem o material desejável. Como o próprio Strelnikov assinala, a data do referido documento corresponde à partida dos zoólogos nessa excursão, que marcaria seu último período em coletas e explorações na América do Sul. Antes dela, os russos fizeram dois percursos para conhecerem as Cataratas do Iguaçu pelos lados argentino e brasileiro. As fontes demarcam os períodos de 11 a 15 e de 16 a 25 de fevereiro, mas a investigação localizou informações detalhadas apenas para o segundo intervalo. Strelnikov dedica algumas anotações ao caminho até as Cataratas e sua percepção das mesmas.[359]

[358] Ibidem.
[359] Anotações de Strelnikov sobre as Cataratas do Iguaçu, 16-24 de fevereiro de 1915. Rolo 13, Im. 3228-3239

## 5.3 Encontros, mediação e vidas fluviais nas explorações do Alto Paraná

Em uma parada na localidade chamada Puerto Aguirre[360], os dois cientistas compraram alguns itens, dos quais Strelnikov destaca as novas botas de que precisavam. Da estação de comunicação sem fio que havia ali, os zoólogos enviaram um telegrama para Fielstrup, em Buenos Aires, e seguiram viagem. Já mais próximos de seu destino, eles alcançaram outra colônia de imigrantes europeus, segundo o diário, em território brasileiro. O informante local a receber ênfase no texto de Strelnikov era um carpinteiro russo, que indicou o caminho correto e articulou a hospedagem dos compatriotas com uma família polonesa. A negação da própria condição, inseguranças de adaptação, conflitos e rejeições no novo contexto, além de não saber quando ou se irá voltar para a terra natal são, de acordo com Peter Burke (BURKE, 2017, p.17), algumas das "histórias a se contar" sobre migrações e exílios. A maior parte desses sofrimentos não se abaterá sobre um indivíduo distante de casa em virtude de uma expedição. Entretanto, certa sintonia poderá ser extraída dos encontros entre a experiência do imigrante e a do viajante no campo.

Burke se apoia em diários publicados de Malinowski (MALINOWSKI, 1997) para considerar que alguns antropólogos - um pouco como os imigrantes - percebem-se isolados através de períodos de convivência com pessoas de costumes muito distintos dos seus próprios (BURKE, 2017). Assim, a formação das redes imigrantes de contato e suporte à expedição russa pode ser avaliada em sua contribuição como suprimento mútuo de afinidades culturais. Para todos os integrantes, os momentos em que houve outras pessoas com quem conversar sobre temas e memórias comuns - especialmente quando na própria língua russa - responderam ao problema de se estar desconectado do próprio meio e essência, mais ainda pela guerra. Strelnikov não era antropólogo e quase sempre teve Tanasiichuk a seu lado, mas foi um dos membros que mais escreveu - principalmente já em 1915 - sobre a nostalgia dos círculos que lhe eram familiares: "Às pessoas, às minhas pessoas, irmãos de alma, almeja meu espírito"[361], ele expressa em dada ocasião. Com o russo e também com os poloneses que os hospedaram a caminho das Cataratas do Iguaçu, os dois jovens zoólogos relataram mais uma oportunidade de falarem sobre a guerra e notícias recentes da Rússia. Segundo indicou o carpinteiro, havia muitos colonos alemães ali, de forma que também circulavam atualizações daquele país e seus movimentos no conflito europeu.[362]

[360] Esse é o antigo nome da atual cidade de Puerto Iguazú, no lado argentino da tríplice fronteira.
[361] Carta de Strelnikov a Sergei Ivanovich Metalnikov, 25 de janeiro de 1915, Puerto Bertoni. Rolo 12, Im. 10354.
[362] Anotações de Strelnikov sobre as Cataratas do Iguaçu, 16-24 de fevereiro de 1915. Rolo 13, Im. 3228-3239

Logo após retornarem das Cataratas, os russos deixaram Puerto Bertoni novamente, dessa vez para subir o curso do rio Monday. Partindo no dia 28 de fevereiro, em alguns dias a dupla pretendia encontrar um certo "Don Carlos", que vivia próximo a alguns grupos Guarani mais isolados de contatos com não indígenas. Quando a excursão ainda era um plano sem previsão de entrar em prática, Tanasiichuk se referiu a Dom Carlos como "um ex-alemão, hoje semi-indígena"[363]. Os zoólogos levaram cerca de seis dias para chegarem ao colono alemão e o trajeto foi relatado ao professor Metalnikov em uma carta do dia 24 de março, quando, segundo indica Strelnikov, já estavam vivendo em território indígena. A fonte em questão contém olhares às relações constituídas ao longo do rio Monday e muito ligadas a ele. Strelnikov explica que, "em vários lugares, extraem madeiras valiosas e o chá paraguaio, para transportá-los rio abaixo. Dessa forma, a cada 20-30 quilômetr., às vezes até com mais frequência, pode-se encontrar pessoas"[364]. Nesse sentido, economia e o povoamento ao longo do Monday foram cruciais para a configuração da maneira de viajar dos russos.

A narrativa de Strelnikov sobre o trajeto permite uma compreensão muito clara da expedição no contato com elementos dessa vida local. Conforme escreve, "por toda a parte, fomos bem recebidos, nos deram de comer e de beber". Na passagem por "um desses assentamentos de trabalho", inclusive, um dos empregados no corte do cedro reagiu positivamente ao ouvir que aqueles eram membros da "expedição científica russa" sobre a qual havia lido antes em jornais de Assunção. Segundo os zoólogos souberam por esse homem, nas edições "estava tudo descrito, até as nossas vestes". A dupla iniciara a excursão levando seus utensílios no lombo de uma mula. Strelnikov relata que uma forte chuva os atingiu quando "mal tínhamos percorrido dois quilômetros". Eles conseguiram proteger o aparelho fotográfico - fornecido pelo laboratório Lesgaft ainda na Rússia - em uma mochila, mas o incidente já antecipava dificuldades para o deslocamento. Mais adiante, a participação de um personagem citado como "Señor Paladino" ofereceu uma alternativa. A poucos quilômetros de Puerto Bertoni, Paladino era o "gerente de um dos estabelecimentos para processamento e liga de madeira" e providenciou o embarque dos pertences dos russos com uma leva de produtos que subiriam o rio. Com isso, os jovens puderam seguir a pé - "mais interessante", segundo Strelnikov - sem preocupações com a carga.[365]

[363] Carta de Tanasiichuk a Sergei Ivanovich Metalnikov, 25 de janeiro de 1915, Puerto Bertoni. Rolo 12, Im. 10351.
[364] Carta de Strelnikov a Sergei Ivanovich Metalnikov, 24 de março de 1915, Puerto Bertoni. Rolo 12, Im. 10366-10379.
[365] Ibidem, im. 10379.

Em momento posterior, Strelnikov e Tanasiichuk precisaram alcançar a margem oposta do rio na altura de um conjunto de poucas habitações. Para tal, os russos contaram com uma balsa que atravessava pessoas e animais cotidianamente por ali. Através dos dias no percurso, essas acolhidas, informações e caminhos fornecidos pelos habitantes reverberaram na atenção dos viajantes a mudanças em fisionomias e linguagens que, segundo sua percepção, foram acontecendo. Para os russos, a subida pelo Monday implicou em dar passos cada vez mais adentro do campo da influência Guarani:

> Em todo lugar falam o Guarani (a língua dos indígenas), em uma mistura de indivíduos indígenas e brancos. No terceiro dia também já ocorrem indígenas puros, ainda compreendendo um pouco do espanhol, mas a partir do quinto é o reino da nudez dos índios.[366]

Em outro fragmento, traçando acontecimentos do dia 2 de março, Strelnikov complementa:

> Entramos no país dos índios, onde tão apaixonadamente queríamos penetrar. Aqui foi o começo. Aqui termina a influência da cultura espanhola e europeia, onde começa a indígena, em parte já tendo visto os brancos, adotando algo deles, em parte totalmente silvestres e selvagens, como a tribo indígena Guayaki.[367]

É importante registrar a expressão direta de um desejo pessoal no início desta fala e ter cautela ao observar como, no início, ela denota a demarcação de um limite para onde uma cultura começa e a outra termina. A ideia de entrar no "país dos índios" reforça esse ponto, ao passo que o fechamento do fragmento, e também a citação anterior, o suavizam, considerando porosidades e gradações de influências, pelo menos quanto a indígenas adquirindo elementos do universo branco. Para os estudos sociais das ciências, têm se expandido linhas de interesse pelos contatos interculturais. Ajustados a esta escala, segundo Kapil Raj (2016), começamos a ver pessoas e grupos cruzando as barreiras entre culturas, revelando-as "inextricavelmente enredadas", ao invés de nitidamente apartadas. Pensar essa chave da Interculturalidade, no campo da história da construção e articulação de conhecimentos, abre caminho para reconsiderarmos relações sujeito-objeto no sentido da Transdisciplinaridade (REPETTO, 2012, p. 13). Raj identifica, nessas novas perspectivas, um processo complexo de revisões da "ontologia dicotômica" que baseou abordagens difusionistas e comparativistas por muitas décadas (RAJ, 2016 p. 40). No caso dos estudos da literatura de viagens, a ênfase tradicional

[366] Ibidem, im. 10378
[367] Ibidem, im. 10367.

estava nas representações do explorador europeu acerca do "Outro" e seu mundo de alteridade. Cabe sublinhar o fato de os russos não serem parte do circuito europeu ocidental envolvido nas narrativas da colonização do Novo Mundo. No entanto, Raj afirma que o crescente interesse por relatos "não-Europeus" de viagem traz a percepção de que, de acordo com o autor, "estas narrativas compartilham as mesmas premissas gerais de suas contrapartidas Europeias tradicionais" (RAJ, 2016, p. 43). Notamos, assim, como tendências a esses lugares-comuns estão presentes nos documentos - de russos do início do século XX - trabalhados nesta tese.

De acordo com Eliane Fleck (2019), o início de século até ali havia marcado a república paraguaia com crise econômica e constantes abalos no campo político, somando desde conflitos armados a golpes e trocas de presidente (FLECK, 2019, p.1159). Além dos efeitos dessa instabilidade na capital, as fontes da expedição russa contribuem para a percepção de regiões mais distantes do centro do poder político, através dos movimentos de pessoas que fugiram para o interior do país. Buscando sobreviver, revolucionários, perseguidos políticos e outros foragidos da justiça incorporaram-se às dinâmicas de seus novos destinos. Os zoólogos verificam o contexto da circulação desses agentes e destacam o papel determinante de um deles na consumação dos contatos com os Guarani:

> Nas florestas virgens paraguaias não é difícil encontrar bandidos e criminosos políticos que fugiram da justiça e suas sentenças. No Paraguai, os golpes políticos e revoluções ocorrem com bastante frequência. Durante os oito meses de nossa vida no Paraguai, houve duas revoluções. Todos os paraguaios com motivos para temer a perseguição, e que muitas vezes buscam salvar a própria vida, isolam-se na floresta, mais perto dos indígenas. Perto dos índios é mais simples arranjar uma "nova" vida. Assim, o mencionado senhor González, tendo se estabelecido perto de indígenas, utilizava seu trabalho por um pagamento muito modesto em quaisquer tipos de coisas e cultivava mandioca para produzir fécula, que em ocasiões levava pelo rio até o Alto Paraná, onde podia vendê-la. O senhor González, como quase todos os paraguaios nativos, conhecia bem a língua Guarani. Por isso, pedimos que fosse nosso tradutor. Nós falávamos em espanhol com González e ele traduzia do espanhol para o Guarani e vice-versa.[368]

A contribuição de González, conforme descrita por Strelnikov, permite-nos retomar Kapil Raj, desta vez em seu destaque ao *go-between* (mediador) como ator emergente das histórias voltadas aos intercâmbios culturais. Segundo Raj, o papel do mediador - que também chama de *transcultural broker* (operador transcultural) - se circunscreve às necessidades de comunicação e correção para que sejam mantidos contatos e trâmites entre culturas distintas. De mercadores a navegadores, o autor enumera "profissões intermediárias", vinculadas aos sistemas de troca de produtos, linguagens, hábitos e saberes.

[368] Relatório dos zoólogos para o laboratório Lesgaft, 2 de novembro de 1915. Rolo 14, Im. 3802.

Entre as práticas básicas na garantia dessa "passagem", estão as estratégias de tradução e interpretação (RAJ, 2016). A compreensão dos lugares determinantes de agentes como González na funcionalidade da produção de conhecimentos entre culturas agrega perspectivas renovadas sobre o clássico protagonismo imaginado na figura do viajante.

Os russos encontraram González no dia 5 de março. Uma das primeiras notas de Strelnikov a respeito daquele sujeito foi a seguinte: "Ele se apresentou a nós como bandido. Isso nos surpreendeu e ficamos interessados". Muito receptivo, segundo o relato, o homem os alimentou e "deu-nos um dos índios que trabalhavam para ele, para nos guiar adiante, por onde nós mesmos não atravessaríamos de jeito nenhum".[369] A ideia de "dar" um indivíduo a alguém tende a nos sensibilizar para um conteúdo possível de desumanização e menosprezo, elementos rastreáveis tanto até o olhar do viajante que escreve quanto à própria natureza do tratamento destinado por González àquelas pessoas. Além destas possibilidades, é fundamental atentarmos para os distintos universos culturais em jogo nas traduções, não apenas de fontes documentais. Apesar do trecho original trazer o verbo correspondente ao nosso "dar", o valor e efeito de seu uso poderiam não ser os mesmos para um russo. Se esse fosse o caso, a escolha de um verbo diferente na versão em português poderia imprimir maior fidelidade do que a tradução literal[370].

Em seu "Quase a mesma coisa: experiências de tradução", Umberto Eco problematiza essa "fidelidade" (aspas do autor) das traduções, que considera, primeiro, ser o "empenho em identificar aquilo que, para nós, é o sentido profundo do texto e é a capacidade de negociar a cada instante a solução que nos parece mais justa". Eco busca mostrar que tal exercício é o que mais se aproxima da definição da palavra: "se consultarem qualquer dicionário, verão que entre os sinônimos de fidelidade não está a palavra exatidão. Lá estão antes lealdade, honestidade, respeito, piedade" (ECO, 2007, p. 496). É possível estabelecer um diálogo entre essas disposições e a chave de Latour sobre a produção social do conhecimento, com a qual temos trabalhado no capítulo. A escrita, como forma ou inscrição, porta e circula a informação sobre fenômenos, lugares, mas também sobre sua própria produção (LATOUR, 2000, pp. 23,24). A questão da tradução permite notar que a escrita nos liga, entre outras nuances da produção do conhecimento, às coordenadas culturais do autor do registro. A partir dessa compreensão, a fidelidade na passagem entre idiomas implica em preservar, o quanto

[369] Carta de Strelnikov a Sergei Ivanovich Metalnikov, 24 de março de 1915, Puerto Bertoni. Rolo 12, Im. 10368.

[370] Minha opção por manter o verbo "dar" partiu de consulta à professora nativa Dariya Antoniovna Prestes, que também é intérprete e tradutora. Com ela, pude confirmar que a escolha de palavras na frase russa traz a mesma sensação que em português.

for possível, a conéctica original entre a forma e as relações que a criaram. Em última análise, ainda podemos sugerir que a prática da tradução gera novas inscrições, nas quais deixa suas próprias marcas.

O indígena conduziu os russos dali, por mais alguns quilômetros na mata, até onde vivia Dom Carlos, que já os aguardava com seus pertences. A partir do contato pessoal, Strelnikov traz mais alguns detalhes sobre o anfitrião:

> [...] um brasileiro-alemão, nascido no Brasil, mas que também falava alemão. Por 20 anos, ele navegou por este rio como barqueiro, conhece tudo por aqui, atualmente estabeleceu-se e cultiva sua própria lavoura. Por sua natureza e inclinações, ele é quase um índio. Suas iguarias são carne de veado e larvas de dois tipos de besouros. Vive na floresta com os índios.[371]

Passando a noite do dia 5 com Dom Carlos, os russos tiveram notícia de que um dos redutos indígenas locais - uma tolderia formada por seis cabanas - estava para celebrar um funeral. Desde então, a dupla de viajantes foi movida pelo propósito de testemunhar a cerimônia. Novamente em contato com González, os zoólogos entenderam que apenas indígenas conheciam a localização da tolderia. O fora da lei paraguaio foi, portanto, mais uma vez instrumental como intermediário. Naquele dia, o interlocutor Guarani envolvido era um rapaz chamado "Asintó":

> [...] ele disse ao indígena, na língua dos Guarani, que nós éramos boas pessoas, nada de mal queríamos fazer, mas gostaríamos de conhecer como eles viviam, porque gostávamos de suas vidas. Nós tínhamos presentes para os indígenas: deliberadamente não levávamos nossas armas conosco, para não assustarmos os indígenas enquanto fizéssemos amizade com eles e ganhássemos sua confiança.[372]

Asintó tomou a dianteira e conduziu os russos ao local de nome "Tapuí", onde foram recebidos pelo chefe do grupo. A experiência da chegada incluiu um momento em que a ação de Asintó pode ter salvado os viajantes. Considerando seus próprios conceitos de educação e respeito - assim afirmou Strelnikov - os zoólogos não sentaram na rede do líder Guarani, quando este apresentou sua morada e fez o convite. Depois, enquanto alguns dos indígenas comiam junto a uma fogueira, os russos mantiveram-se afastados, esperando serem chamados. Strelnikov escreve que aquelas pessoas, antes calmas e amigáveis, estavam

---

[371] Carta de Strelnikov a Sergei Ivanovich Metalnikov, 24 de março de 1915, Puerto Bertoni. Rolo 12, Im. 10365.

[372] Manuscrito de Strelnikov: "Da minha vida com os povos indígenas Caingua nas florestas tropicais do Paraguai", 1920, p.4. Rolo 13, Im. 3387.

começando a demonstrar irritação, nos tons de voz e nos olhares. Os russos estavam com medo e a situação se repetia em uma segunda reunião, já a noite, quando Asintó levantou-se:

> [...] e, com uma espiga de milho na mão esquerda, se aproximou de nós, ficou de pé, parado, sem dizer nada. Faminto, peguei a espiga de sua mão, com o devido cuidado, e comecei a comer. Asintó alegrou-se e, nos rostos dos outros indígenas junto à fogueira, surgiram sorrisos. Asintó trouxe outra espiga de milho, Nikola repetiu meu experimento com o mesmo sucesso. À primeira espiga se seguiu outra, os indígenas estavam satisfeitos, nós ficamos saciados e, principalmente, um pouco mais calmos. Depois, tendo nos aproximado dos indígenas, entendemos que, em seu costume, o visitante que desejasse mostrar respeito aos anfitriões e honrá-los deveria, ele mesmo, entrar no círculo, pegar a comida e comer. Quem não faz isso demonstra desprezo e desrespeito, inflige-lhes o mais cruel insulto. Este insulto foi infligido por nós aos indígenas. Que bom que ele foi aliviado pelas ações do nosso guia.[373]

Strelnikov e Tanasiichuk compartilharam seus dias com as crenças e outros desses códigos e expectativas das famílias Caingua[374] Guarani em Tapuí por cerca de três meses (figura 21). Conheceram suas atitudes sobre vida e morte, seus usos e saberes da natureza. Em muitos momentos, se juntaram às suas caçadas, mas também os ensinaram a atirar com arma de fogo e, a pedidos, deram uma pistola ao chefe do grupo. Entre outros presentes que haviam levado, Strelnikov destaca as "coisas úteis para eles, como machadinhas, pratos, linhas e anzóis de pesca", além de "miçangas, botões de estudante e espelhinhos". O russo relata que, ao final, seus anfitriões os convidaram a permanecer com eles indefinidamente.[375] Em uma carta de 15 de abril, Strelnikov volta a descrever problemas quanto à coleta zoológica. Os recursos para o trabalho estavam praticamente esgotados desde que haviam chegado e, ainda em março, Tanasiichuk teve que voltar a Puerto Bertoni, para checar a correspondência, verificar as coleções deixadas lá e retomar o caminho até Tapuí, com suprimentos. Na data da carta em questão, ele apenas acabava de retornar a Strelnikov, trazendo notícias. Embora não seja especificado nas fontes, vale ressaltar que esse deslocamento de Tanasiichuk só pôde ocorrer com base nas noções dos indígenas de como chegar e sair da tolderia.[376]

---

[373] Ibidem, im. 3385.

[374] Juan Ambrosetti, etnógrafo argentino e apoiador da expedição, foi uma bibliografia fundamental para os russos: Ambrosetti, J., "Los indios Cainguá del Alto Paraná (Misiones)", Boletín del Instituto Geográfico Argentino, Buenos Aires, 1894.

[375] Manuscrito de Strelnikov: "Da minha vida com os povos indígenas Caingua nas florestas tropicais do Paraguai", 1920, p.4. Rolo 13, Im. 3387.

[376] Carta de Strelnikov a Sergei Ivanovich Metalnikov, 15 de abril de 1915, Yatay, Rio Monday. Rolo 12, Im. 10324.

Figura 21. Strelnikov (à esquerda) e Tanasiichuk (ao centro) entre indígenas Cainguá Guarani no Alto Paraná. Paraguai, 1915. Fonte - Belov et.al., 2014, p.271.

Segundo a carta, Tanasiichuk reportava que algumas coleções em Puerto Bertoni, principalmente as entomológicas, vinham sendo devoradas por besouros. Ao que indica, eles já não dispunham de naftalina para ajudar a proteger os espécimes e a nova remessa vinda de Buenos Aires chegara tarde para evitar os estragos. Sem boa perspectiva sobre as coletas do presente e ciente das crescentes perdas do trabalho já realizado, Strelnikov passa pessimismo ao supervisor Metalnikov quanto aos resultados que de fato chegariam à Rússia. As coleções de Mato Grosso e Bolívia eram incógnitas, ainda mais antigas, há meses com Ritter em Assunção. Diante deste quadro, Strelnikov parece resignar-se ao que poderia advir da inclinação mais etnográfica do momento que vivia na expedição: "Restou-nos andar por aí entre os indígenas e trocar alguma coisa"[377]. Um último aspecto importante de ser brevemente abordado, em função de sua presença nos registros documentais e como conhecimento diretamente vinculado à prática de campo, é a relação dos russos com soluções para sua própria saúde. A princípio, os cinco membros da expedição desembarcaram em Buenos Aires trazendo consigo uma botica portátil. Uma carta de Strelnikov a Metalnikov, de 25 de janeiro de 1915, informa que o kit havia sido organizado no Laboratório Biológico Lesgaft e que

[377] Ibidem.

duas mulheres ligadas a ele - os nomes citados são “Sofia Lyudvigovna” e “I. Grigorievna" - eram as responsáveis:

> [...] diga a elas que a pequena farmácia composta sob sua supervisão ainda se encontra bem cheia. Nós, graças a Deus, estamos vivos e saudáveis, não adoecemos uma vez sequer. Apenas tivemos que desinfectar as feridas, depois de cortarmos pulgas ou larvas enormes da mosca Dermatobia fora de nossas pernas. Não é um grande problema, mas ainda assim é desgradável quando os vermes vivem e crescem na cabeça, nas costas, nas pernas. Agora aprendemos a sufocá-los com o extrato de folhas de tabaco[378].

O aprendizado sobre a referida terapêutica contra os parasitas não chegou a ser diretamente creditado a um ou outro indivíduo específico, mas o russo estabelece a ligação entre o tabaco e o repertório de conhecimentos indígenas como agente local: “Os indígenas têm seus próprios remédios, tão bons quanto os nossos, e que crescem a cada passo por aqui. Óleo de castor à vontade, quina, ipecacuanha, etc e etc. Vou me esforçar para levar remédios locais para Piter”.[379] Podemos, portanto, detectar uma atenção a essas práticas e àqueles que eram seus detentores. Pouco mais de dois meses após a carta de janeiro, Strelnikov relata outra inserção desses produtos naturais na viagem. Ele explica ter acabado de se recuperar de febres, graças ao uso da quina, enquanto vivia com os Caingua em Tapuí.[380] No mesmo período, Tanasiichuk também sofreu dos mesmos sintomas enquanto fazia seu trajeto de ida e volta entre a tolderia e Puerto Bertoni. Segundo ele mesmo conta a Metalnikov, as febres o atingiram duas vezes nessa ocasião. Na primeira, o zoólogo chegava às terras de Bertoni e se viu obrigado a adiar seu retorno a Strelnikov e aos indígenas. Quando finalmente pôde seguir caminho, Tanasiichuk adoeceu na mata: “Com muita dificuldade, cheguei a algumas pessoas”.[381] Na própria escrita, Strelnikov complementa sobre o papel da planta e sua utilização: “[...] mas a quina de nossa botica curou-me rapidamente, assim como a muitos daqueles que, no caminho, trataram do meu companheiro”.[382]

Retornando dos convívios, trocas e observações no curso do rio Monday, os zoólogos seriam os primeiros membros da expedição a encaminhar o retorno à Rússia. No dia 15 de junho, Strelnikov escreve a Metalnikov de Puerto Bertoni, quando já se aproximava o vapor

---

[378] Carta de Strelnikov a Sergei Ivanovich Metalnikov, 25 de janeiro de 1915, Puerto Bertoni. Rolo 12, Im. 10352.
[379] Ibidem.
[380] Carta de Strelnikov a Sergei Ivanovich Metalnikov, 15 de abril de 1915, Yatay, Rio Monday. Rolo 12, Im. 10324.
[381] Carta de Tanasiichuk a Sergei Ivanovich Metalnikov, 15 de abril de 1915, Yatay, Rio Monday. Rolo 12, Im. 10321.
[382] Carta de Strelnikov a Sergei Ivanovich Metalnikov, 15 de abril de 1915, Yatay, Rio Monday. Rolo 12, Im. 10324.

que os levaria a Assunção[383]. Pela última vez, a dupla transitaria entre os rios Paraná e Paraguai, em cujas relações foram produzidos caminhos, materiais e familiaridades por cerca de um ano. Em Villa Encarnación, o dia 9 de julho traz a carta que, Strelnikov informa, "será a última. Depois dela, em 3-4 semanas começarei a voltar". O documento fala dos dias ainda a serem gastos com trâmites finais dos envios de suas coleções da capital paraguaia a Buenos Aires "[...] onde passaremos umas duas semanas, daremos uma boa olhada nos museus, coletaremos literatura e visitaremos nossos conhecidos argentinos. Já no mar…suspense". Na carta, Strelnikov mostra que uma parte de suas expectativas estava nas coleções de Mato Grosso e Bolívia, que haviam ficado por oito meses em Assunção, enquanto a outra era pelo que encontrariam na Europa e, principalmente, na Rússia.[384] Antes da partida, a rede intelectual portenha teve uma última oferta para os zoólogos naqueles dias. Segundo as fontes[385], eles foram convidados a aguardar ali pelo fim da guerra, na condição de cientistas estrangeiros a serviço do projeto de fundação do Parque Nacional do Iguaçu[386]. Os russos, porém, declinaram da oportunidade e se puseram a caminho de casa no início de agosto.

Alida Metcalf propõe uma tipologia de mediadores, pensando as diferentes modalidades dos encontros coloniais luso-brasileiros (METCALF, 2005). Kapil Raj dialoga com as três categorias da autora e aponta o aspecto "puramente formal" dessa classificação, já que a historiografia tem demonstrado entrelaçamentos das diferentes práticas de mediação, muitas vezes performadas por um mesmo agente (RAJ, 2016, p. 42). Buscando aplicar a chave de Metcalf à expedição, não vemos apenas personagens que foram intermediários dos conhecimentos produzidos entre os russos e contextos locais, mas os próprios viajantes são percebidos nessa posição. Na diversificação de suas atividades, os jovens estudantes foram reconfigurados em mediadores locais por algumas vezes. Fielstrup, por exemplo, aparece como mediador "transacional", quando conduz pontos da comunicação e trocas entre Geiman e os Kadiwéu em Mato Grosso. Em determinado momento, Manizer vem a cumprir esse

---

[383] Carta de Strelnikov a Sergei Ivanovich Metalnikov, 15 de junho de 1915, Puerto Bertoni. Rolo 12, Im. 10328.

[384] Carta de Strelnikov a Sergei Ivanovich Metalnikov, 9 de julho de 1915, Villa Encarnación. Rolo 12, Im. 10327.

[385] Relatório de Strelnikov intitulado *Nautchnie resultati russkoi ekspeditsi 1914-1915g.g. Brazilia, Bolivya i Paragvay* ("Resultados científicos da expedição russa de 1914-1915. Brasil, Bolivia e Paraguai"), apresentado à Sociedade Geográfica Russa em 22 de abril de 1964. Rolo 14, im. 3503-3536.

[386] A parte argentina foi declarada Parque Nacional apenas em 1934, mas a recomendação foi feita, originalmente, em 1902. No Brasil, o Parque foi criado em 1939, no governo de Getúlio Vargas. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/52#:~:text=O%20Parque%20Nacional%20do%20Igua%C3%A7u,caracter%C3%ADstica%20predominantemente%20paisag%C3%ADstica%20e%20ecol%C3%B3gica. Acessado em 30 de março de 2023.
https://iguazuargentina.com/pt/parquenacionaliguazu Acessado em 30 de março 2023.

papel nas relações entre os Borum e o SPI. Os zoólogos, por sua vez, organizavam-se para transportar plantas tropicais (figura 22) para a Rússia e poderiam, assim, ser go-betweens "biológicos". Esses elementos estiveram mais ou menos presentes para cada um dos russos, mas todos eles mediaram conhecimentos em nível "representacional", ou seja, como agentes que elaboraram e forneceram imagens de outras culturas, através das coleções e escritos produzidos.

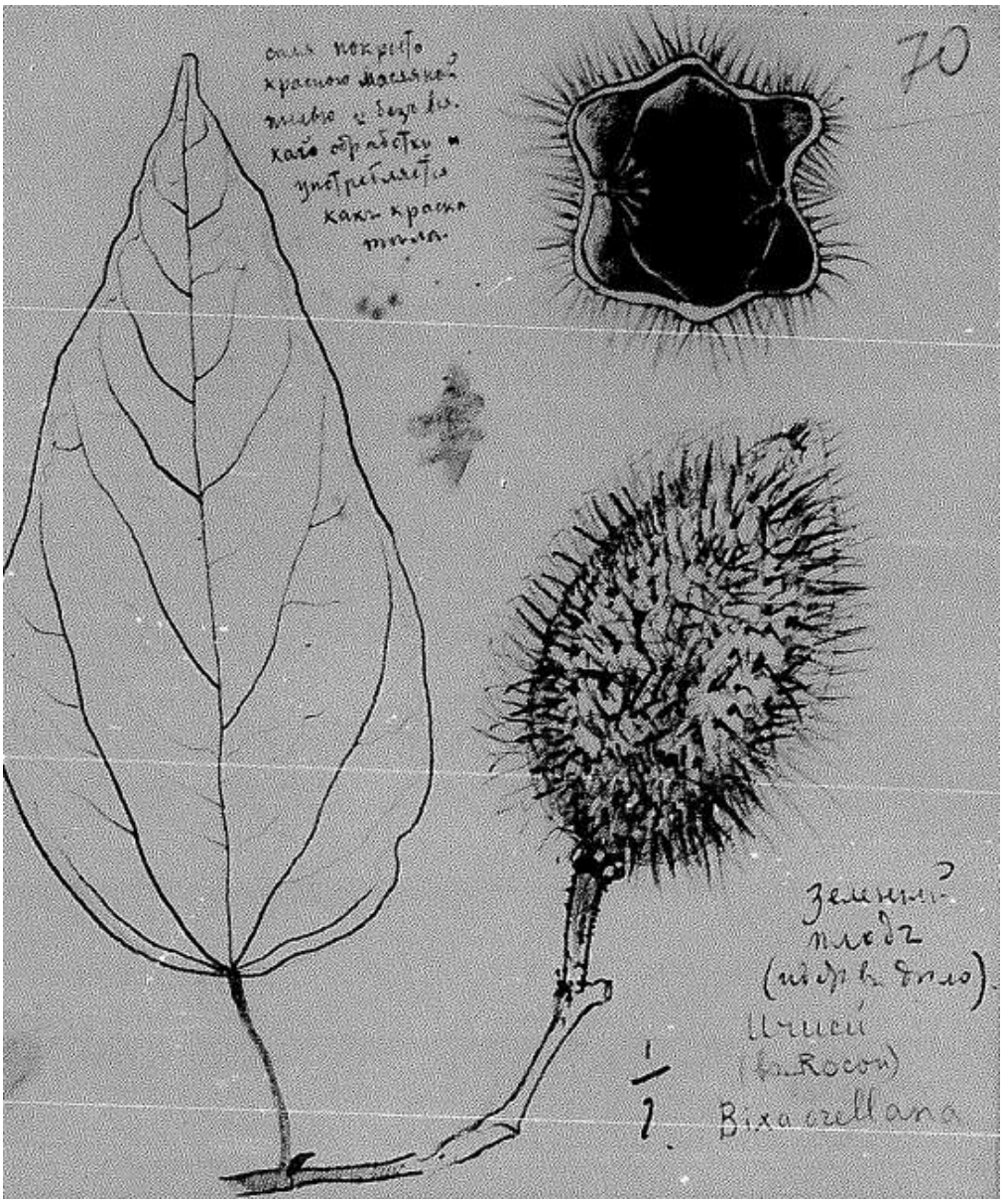


Figura 22. Urucum como exemplo das observações dos naturalistas russos sobre plantas tropicais e seus usos. No texto superior da imagem, fala-se das sementes: "A semente é coberta por um pó oleoso vermelho que, sem nenhum tipo de tratamento, é usado como tinta corporal". O texto inferior diz: "Fruto esverdeado" e depois traz as nomenclaturas locais "Urucú" e "Rocón", além do nome científico "Bixa orellana".
Fonte - Rolo 12, im.10712.

.Dentro do aspecto da mobilidade e das relações de integração e travessia inerentes às suas práticas, os membros da expedição também cabem em uma descrição de Pierre-Yves Saunier:

> [...] cruzam escalas, lugares, territórios, aventuram-se em espaços com limites incertos ou móveis, criam ou usam redes. [...] Eles atravessam formações territoriais "clássicas", em malabarismos de possibilidades e restrições, constroem espaços adaptados à sua própria atividade, cultivam soluções de continuidade e funcionam por redes (SAUNIER, 2005).

A dimensão dessas redes mobilizadas nas explorações de campo dos zoólogos russos evidencia e reforça que sua propriedade redistributiva e "ecológica", pensada por Latour, é humana e não-humana. Toda a vitalidade dos esquemas em articulação com a expedição esteve impressa nos significados produzidos nas relações entre pessoas, outros animais, plantas, rios e embarcações. Nos sentidos da manutenção das próprias condições de coleta - ou seja, pela continuidade citada por Saunier - Strelnikov e Tanasiichuk vincularam-se a lógicas desse ecossistema e registraram saberes. Acampados na floresta tropical, os russos utilizaram partes de algumas plantas como alimento e morada, enquanto outras os salvaram de graves infecções. As dinâmicas locais que mostraram esses usos aos viajantes também estiveram representadas pelos bois alugados para levar coleções e instrumentos pelos arredores de Corumbá, bem como pelos peões, produtores e barqueiros na cadeia madeireira que ditou a logística dos zoólogos entre os rios Monday e Paraná. Como escreveu Diogo de Carvalho Cabral (CABRAL, 2012, p.23), "os humanos fazem-se humanos somente na interação com o resto da biosfera, com um mundo que pode não advir do pensamento, mas que não deixa de "agir" e "falar" através do livre movimento de seu ser".

## Considerações Finais

Era 23 de setembro de 1915, Fielstrup e Manizer na antessala do consulado russo no Rio de Janeiro. A dupla lia os números de agosto de um veículo indicado pelo nome ”Novo Tempo”, quando escutou a voz familiar de Evgeny Stein, o enviado russo de Buenos Aires. Ele estava na capital brasileira por força de questões oficiais, mas trazia uma mensagem de Ambrosetti para Manizer, na qual comunicava que os zoólogos Strelnikov e Tanasiichuk tinham iniciado sua volta à Rússia no começo de agosto. Também havia algo sobre Geiman, que teria passado pelo norte da Argentina, La Paz, Lima e então Callao, até onde se sabia. Munidos dessas notícias, os próprios etnógrafos ainda se despediriam naquela noite e Fielstrup seguiria viagem a bordo do navio Presidente Sarmiento nos dias seguintes[387]. Cerca de uma semana depois, era Manizer quem escrevia um postal, que o companheiro deveria receber quando aportasse de novo em Buenos Aires:

> [...] O Darro já está no porto - pousando na costa. Estou escrevendo as últimas cartas e embarcarei - A companhia (da passagem) não responde por nada e ameaça todo o tipo de desordem no caminho - para o diabo com ela - meu bilhete está no bolso. [...][388]

Já na Rússia, ele retrataria um pouco do que viu no trajeto, quando finalmente esteve mais perto da guerra tão falada e que havia influenciado em seus destinos na América do Sul:

> A Europa mudou de cara. As ruas das cidades inglesas estão cheias de soldados e inválidos; Os vapores ingleses passam à noite como piratas, sem luzes. As restrições de passaporte me mantiveram na Albion[389] livre por mais de uma semana; mas o nome de um russo atrai atenção e simpatia em todos os lugares. Meus companheiros do Brasil eram duas famílias de camponeses siberianos que emigraram para o Brasil e não ficaram por lá.[390]

---

[387] Diário de Fielstrup a bordo do Presidente Sarmiento, , fevereiro-outubro de 1915. Rolo 9, im. 2005,2006.
[388] Postal de Manizer para Fielstrup, Rio de Janeiro, 2 de outubro de 1915. Rolo 8, im. 1458.
[389] Segundo a Enciclopédia Britannica, Albion foi o primeiro nome dado à ilha da Bretanha, por volta do século IV A.C. Link: https://www.britannica.com/place/Albion-island-Europe, acesso em 7 de junho de 2023.
[390] Manizer, 1916a.

No contexto desse breve retrato da Europa em guerra, Manizer ainda menciona o destino específico do vapor Arlanza, que havia cruzado o Atlântico, levando os cinco russos e vários imigrantes ao Rio de Janeiro e Buenos Aires, apenas um ano antes. Tratando do navio de imigrantes como uma personagem humana, com pensamento próprio, o russo escreveu: "Pensasse ele que teria que perecer como um transportador militar na costa da Noruega, vítima da selvageria de seus criadores!"[391] Para Fielstrup, o regresso à terra natal começou em novembro de 1915. Concluído o circuito a bordo do Presidente Sarmiento no início de outubro, o russo entregou materiais a Ambrosetti e constatou que, em sua ausência, as coleções de Mato Grosso haviam finalmente chegado[392]. Em uma carta para seu irmão, Fielstrup não nos deixa esquecer do aspecto fundamental dessa logística das caixas e pertences, também na viagem de retorno à Rússia. Segundo aponta no documento, a questão do vapor que poderia levar a carga produziu indefinições sobre a data de partida naquele momento[393]. Quase um mês após zarpar, Fielstrup registrava seu próprio encontro com imagens e dinâmicas do conflito europeu:

> Pela primeira vez senti claramente o sopro da guerra quando, à entrada do mar da Irlanda, à noite vimos um navio à direita, navegando no mesmo rumo que o nosso e inundado por luzes esverdeadas - era um navio-hospital com os feridos dos Dardanelos.[394]

Aquelas eram algumas das vítimas da chamada Campanha de Galípoli ou Batalha dos Dardanelos. No momento testemunhado por Fielstrup, os aliados - ingleses, franceses, australianos e neozelandeses - retiravam seus combatentes da península turca onde os confrontos haviam percorrido meses. Assim como Manizer mencionou importantes entraves burocráticos na Inglaterra, Fielstrup descreve efeitos daquele ambiente europeu de maior controle e tensão sobre seus deslocamentos:

> À tarde, avistamos um navio no horizonte e, por ordem dele, tivemos que parar. Estávamos diante de uma embarcação inglesa auxiliar. Um bote veio com dois oficiais para revisar nossos papéis. Depois de fazer isso, eles continuaram seu caminho.[395]

[391] Manizer, 1916a.
[392] Carta de Fielstrup para Emil Fielstrup, 13 de outubro de 1915. Rolo 8, im.1470-1471.
[393] Carta de Fielstrup para Emil Fielstrup, 11 de novembro de 1915. Rolo 8, im. 1467-1468.
[394] Diário da volta de Fielstrup à Rússia. Rolo 15, im.11167
[395] Diário da volta de Fielstrup à Rússia. Rolo 15, im.11168.

No contexto dos riscos e problemas que surgiam em cada trecho do percurso, os russos se encontraram na iminência de perder itens que levaram. Como indicou Elena Soboleva (2016), o período de guerra impôs proibições ao trânsito de diversos registros e objetos através de fronteiras, restrição que também atingiu coleções e documentos dos viajantes, inclusive em solo russo (SOBOLEVA, 2016, p. 118). Nesse sentido, parte das coleções de Strelnikov e Tanasiichuk foi retida na cidade de Vologda, em interrupção ao trajeto ferroviário dos itens entre Arkhangelsk e Petrogrado. Foi necessário que Radlov, diretor do MAE, enviasse Tanasiichuk de volta à cidade, com uma "folha aberta" (o documento chamado *otkrity list*, abordado no primeiro capítulo desta tese) e pedido expresso de liberação. Processo similar ocorreu a Fielstrup no final de janeiro de 1916, quando uma de suas caixas precisou ser solicitada posteriormente ao governo finlandês. Manizer, por sua vez, viu todos os seus manuscritos serem apreendidos na estação russa de Beloostrov, a primeira após a fronteira com a Finlândia (Ibidem, p.113,114; 117,118). A solicitação enviada por Radlov ao Chefe da Censura de Guerra, em 2 de novembro de 1915, pode ser aqui citada para ilustrar as situações:

> Por razões desconhecidas, todos os manuscritos de G.G. Manizer, enviado pelo Museu de Antropologia e Etnografia do Imperador Pedro, o Grande, ao Brasil, foram tomados dele no dia 23.10 deste ano, na est. de Beloostrov. Uma vez que tais são propriedade do Museu a mim confiado, então eu pediria humildemente que uma ordem seja feita para a rápida transferência dos manuscritos ao Sr. Manizer ou para enviá-los ao Museu.[396]

Em cada caso, Radlov, Shternberg e o MAE intercederam de forma decisiva na garantia da chegada dos materiais. O museu em si não gozava da autonomia para solucionar os imbróglios e, portanto, sempre buscou articular instâncias superiores na burocracia russa, como a Divisão Histórico-Filológica da Academia de Ciências. Na tese, pudemos verificar reflexos desse elemento de subordinação quando exploramos a etnografia russa pela história institucional do MAE e nos esforços por suas funções científicas. Durante a expedição, o princípio voltou a se fazer presente na dinâmica de pedidos do museu por apoio financeiro aos viajantes no campo. Ao mesmo tempo em que sua autoridade proporcionou alcance na questão dos bens extraviados, a intrincada natureza dessa rede teve o efeito adverso de retardar outras soluções, pela quantidade de etapas, atores e permissões usualmente

[396] Pedido de Vasilii Radlov ao sr. Chefe da Censura de Guerra, 2 de novembro de 1915. apud. Soboleva, 2016, p.117,118.

envolvidas. Em se tratando de redes, uma passagem de Strelnikov exemplifica o reconhecimento dos membros da expedição aos suportes determinantes recebidos na América do Sul:

> Pode-se, com toda a certeza, dizer que, sem essa assistência, com nossos escassos recursos, não somente não teríamos conseguido realizar nossos planos, como teríamos ficado, pelas circunstâncias do tempo de guerra durante a primeira guerra mundial, em uma situação desesperadora.[397]

Os apoios forjados também converteram-se em expressivas contribuições da expedição à ciência sul-americana. Em particular para o Brasil, Manizer legou referências valiosas sobre sociedades e relações que ele mesmo verificou como pouco ou nada estudadas pela ciência nacional. Em intercâmbio com Roquette-Pinto, o russo forneceu materiais de interesse para o Museu Nacional do Rio de Janeiro e incrementou, no processo, suas próprias coleções. Em outro exemplo, o etnógrafo argentino Juan Ambrosetti enriqueceu seu museu com muitos objetos coletados pelos russos, enquanto os amparou em vários sentidos. Devemos lembrar que, naquele momento, ele já era um velho parceiro do MAE, onde esteve em 1912 e, segundo Strelnikov, elucidou muitas coleções sul-americanas ali presentes, enquanto depositou outras[398].

Também as práticas de campo em uma expedição científica são constituídas ou modificadas através de redes locais, e assim ocorreu com os russos. As recomendações de professores experientes, os saberes de outros habitantes das regiões visitadas, bem como os erros e infortúnios vivenciados estimularam muitas conclusões sobre as necessidades reais do trabalho e metodologias mais eficientes. Quando Geiman fez sua lista de itens que deveriam ter sido pensados para a pesquisa etnográfica entre os indígenas Kadiwéu, dele também partiu a seguinte sugestão de dinâmica para uma próxima viagem científica que fosse eventualmente organizada por acadêmicos russos. Notemos que a base de seu pensamento esteve na conhecida vivência de Albert Fric na região e nos diferentes momentos em que eles mesmos presenciaram os fluxos do trabalho indígena nas fazendas e fábricas pelo caminho:

> [...] será necessário recomendar aos jovens na Rússia que primeiro trabalhem nessas fábricas, conheçam a língua e estabeleçam relações com os índios, para só depois

[397] Relatório de Strelnikov intitulado *Nautchnie resultati russkoi ekspeditsi 1914-1915g.g. Brazilia, Bolivya i Paragvay* ("Resultados científicos da expedição russa de 1914-1915. Brasil, Bolivia e Paraguai"), apresentado à Sociedade Geográfica Russa em 22 de abril de 1964. Rolo 14, im. 3532-3533.
[398] Ibidem, im. 3533.

> irem estudá-los, eles não moram longe dos portos - 4-5 pernas. Fric fez o mesmo, até economizando dinheiro.[399]

Além de Manizer, Fielstrup também teve morte precoce e trágica, após ter sido preso pelo regime de Josef Stálin, junto a outros acadêmicos, em 1933 (KARMICHEVA, 2002). Ivan Strelnikov foi, por sua vez, o mais longevo dos membros da expedição e também aquele que, depois de décadas, ainda comunicou pessoalmente sobre aspectos da viagem. Em um de seus relatórios, o zoólogo concentra-se nas impressões guardadas do contato com os indígenas, que declara ter sido seu objetivo real e de seus companheiros. Ao concluir, Strelnikov traz elogios a essas sociedades, apesar de considerar suas culturas pouco desenvolvidas em resposta à farta natureza circundante. Mas desse prisma geograficamente determinista, ele envereda por uma leitura social que recupera a melancolia de suas palavras de 1915, quando deixava as florestas para encontrar a Primeira Guerra Mundial. Falando no desenrolar do segundo conflito mundial, Ivan reposiciona os indígenas em uma contundente crítica ideológica soviética ao capitalismo das potências europeias:

> O que pode ser aprendido com isso? Diferentes pessoas vivem em diferentes países do nosso globo, vivem de maneiras diferentes, mas são todas pessoas nas quais o bem e o mal estão misturados. E esses povos primitivos, de quem tínhamos medo, acabaram sendo pessoas gentis, que nos trataram bem e com quem vivemos amigavelmente. Aprendemos que eles têm a mesma alma humana que nós, inclinados ao bem, à alegria, a ajudar uns aos outros. Sempre se ajudam e vivem juntos, vivem bem. Eles não têm uma cultura rica porque sua natureza é tão generosa que dá tudo de graça e eles não têm incentivo para trabalhar. Quando estamos com frio, temos que fazer roupas, casas, aquecimento central, eletricidade. Nosso clima nos obriga a trabalhar mais, o clima deles predispõe a uma vida mais ociosa e fácil. Mas as pessoas seguem as mesmas que estão em todo o mundo. Quando vivemos com esses índios, passávamos pela última guerra mundial, da qual nós, morando lá, não suspeitávamos, porque estávamos isolados do mundo civilizado. Mas quando soubemos que estava acontecendo uma guerra, pensamos ali, morando nessa floresta, onde era tão tranquilo, onde as flores desabrochavam, os papagaios voavam, onde viviam índios pacíficos… parecia-nos que os europeus cultos haviam enlouquecido, destruindo uns aos outros aos milhões. Qual é o valor dessa cultura e civilização, que leva aos assassinatos, à destruição da cultura e das pessoas? Para nós, nessas florestas tropicais, parecia selvagem e incompreensível, e pensamos: por que isso está acontecendo? Acontece porque nesse mundo capitalista, num mundo de hostilidade, vivem pessoas que chegam ao ponto de lutar entre si com países inteiros e se destroem e destroem a cultura que eles mesmos criaram. Isso é o que pensávamos nas densas florestas tropicais e o que temos que pensar agora, quando vemos relações hostis ao redor e a destruição uns dos outros.Tanto então como agora temos que pensar na necessidade de neutralizar o sistema capitalista que leva a essa destruição, e criar um tempo de paz na terra, em que os valores criados pela cultura não seriam destruídos, mas adornariam a vida humana e a tornariam mais fácil. Não

[399] Diários de Geiman, Mato Grosso, 20 de agosto de 1914. Rolo 13, im.3058.

> precisaríamos nos orgulhar da cultura dos europeus, que são mais selvagens que esses povos primitivos, a cujo modo de vida pacífico teríamos que nos elevar.[400]

Partindo dessas disposições de Strelnikov, podemos delinear a que conclusões principais foram conduzidas as investigações do presente trabalho. Apesar de suas distintas áreas de formação acadêmica, os membros da expedição russa de 1914-1915 foram inspirados pela perspectiva de compreender os indígenas sul-americanos e suas vidas de perto. Para que pudessem chegar a tanto, os viajantes precisaram estar vinculados aos objetivos de coleta de seus apoiadores e, também, a uma diversidade de agentes e suportes nas regiões exploradas. Por meio de uma análise que esteve voltada a elucidar as relações fundamentais no engendramento da expedição, esta tese sustenta que a Primeira Guerra Mundial foi positivamente determinante para a relevância e contribuições do empreendimento. As barreiras e incertezas impostas pelo conflito acabaram por render muitos meses cruciais aos russos, bem além do período que deveriam cumprir originalmente. Esse prolongamento substancial da expedição foi condição decisiva para o estabelecimento de novas conexões locais e coletas, além do aprofundamento e diversificação das atividades de campo.

É possível argumentar, por exemplo, em favor da importância desse quadro para o fôlego alcançado pela prática etnográfica de Manizer no Brasil. A margem temporal ampliada, a partir do final de 1914, possibilitou ao russo maior dedicação aos contatos diretos com sociedades indígenas e, ainda, a pesquisas em acervos locais, para compreensão da etnografia dos povos brasileiros. O valor de tais levantamentos deve ser reforçado sobre a lembrança de que o Brasil não era um destino previsto para Manizer e seus companheiros, que careciam de noções e referências sobre o país. Entende-se que veio dessa busca, durante a presença estendida de Manizer no Brasil, sua descoberta de vestígios da expedição de Langsdorff, no Museu Nacional do Rio de Janeiro. As fontes exploradas neste trabalho permitiram identificar, portanto, que a primeira iniciativa de resgate da campanha de Langsdorff foi engatilhada na instituição brasileira, cuja contribuição ainda se destaca na figura de um de seus funcionários, o antropólogo Alberto Childe, que forneceu informações e materiais essenciais a Manizer.

[400] Relatório de Strelnikov intitulado *V lesakh Iujnói Ameriki* ("Nas florestas da América do Sul"). Apresentado à Sociedade Geográfica da URSS em 26 de janeiro de 1941. Rolo 14, im.3538-3575.

Também a partir das influências do cenário de guerra na Europa, Geiman, que falava apenas russo, produziu seus próprios caminhos em associação às recentes redes da imigração russa ao continente. A documentação evidencia que o viajante instrumentalizou os suportes desses agentes na ampliação de seus horizontes de coleta etnográfica. Por outro lado, os diários pessoais e as cartas de recomendação obtidas nesses círculos russos revelam que Geiman desviou-se, com frequência, de suas atribuições científicas e forjou um objetivo paralelo, buscando propor-se como participante no incentivo e mediação de relações entre as comunidades russas locais e entre estas e sua pátria de origem. Principalmente em Buenos Aires e Assunção, Geiman cercou-se de relações entre esses grupos, muito representados por judeus, visitou colônias agrícolas e deu palestras para compatriotas, agregando à expedição um interessante componente político e migratório que demanda investigação mais profunda.

Agora iniciado no Brasil, este estudo dos documentos da segunda expedição russa na América do Sul aponta seu potencial para a historiografia das relações científicas e sociais nos primeiros anos republicanos de nosso país. Especificamente para o Brasil, os escritos de Manizer e Fielstrup são os que mais fornecem perspectivas valiosas de elementos como o fazer da política indigenista e lutas de povos tradicionais do início do século XX, relações entre espaços territoriais, atores e instituições da sociedade científica nacional naquele momento. Em sentido mais amplo e com os demais membros da expedição, também temos fontes com possibilidades para o estudo de relações locais e internacionais na Primeira Guerra Mundial, mobilidade, imigração e formação de novas comunidades latinoamericanas. Em qualquer desses casos, ainda temos o diálogo com a história das ciências na Rússia imperial, revolucionária e seus olhares às expedições e ao continente americano. Em 1915, o jovem Manizer se deparou com remanescentes da viagem de Langsdorff em meio ao que tínhamos no Brasil e levou esse conhecimento à Rússia. Quase cem anos depois, a memória resgatada de Langsdorff trouxe Manizer e seus companheiros ao Brasil, desta vez através do que havia na Rússia.

## Referências Bibliográficas

## Trabalhos em russo:


Aleksandrenkov E.G. 2009. Chto interesovalo russkir etnografov v Latinskoi Amerike? (“O que interessava aos etnógrafos russos na América Latina?”) *Этнографическое обозрение*. No 4. C. 85–102.

Ajdunova, T.I. 2019. Petr I v russkoi obchestveno-polititcheskoi misli seredini XIX - natchala XX vv (“Pedro I no pensamento sócio-político russo de meados do século XIX ao início do XX”). diss. cand. ist. nauk. Rostov-na-Donu, 2019. - 213 s.

Basargina, E.I., Gruzdeva E.N., Shedrova, I.M., Iodko, O.V., Ponikarovskaya, M.V. 2012. Ekspeditsia akademika G.I. Langsdorfa v Brasiliyu (1821-1829 gg.). По фондам СПб филиала Архива РАН. (“A expedição do acadêmico Langsdorff ao Brasil (1821-1829). A partir dos fundos da filial de São Petersburgo do Arquivo da Academia de Ciências da Rússia.”). под ред. Е.Ю. Басаргиной и И.В. Тункиной.

Belov, D.V., Bredirrin, A.V., Dobrolyubov, S.A., Komissarov, B.N., Naumov, A.S., Sizonenko, A.I., Sokolova, D.V., Tanasiichuk, V.N., Rolina, V.N. 2014. Velikie russkie ekspeditsii: kronika puteshestviy XIX - pervoy poloviny XX v. (“As grandes expedições russas: crônica das viagens do século XIX - primeira metade do XX”). Moscou: Avanta , 2014. pp. 261 - 287.

Buynova K.R. 2014. Russkye puteshestvenniki v Latinskoy Amerike v XIX – pervoy treti XX v.: evolutsya predstavleniy (“Viajantes russos na América Latina entre o século XIX e o primeiro terço do século XX: evolução das representações”). dic. kand. inst. nauk : 07.00.02 / MGU M., 2014. – 196 s.

Chalina, I. V. 2019. Pravda kak konstanta russkovo pravoslavnovo rechevovo ideala (“A verdade como constante no ideal discursivo ortodoxo russo”). Materiali VII Vcerossiskoi nauchno-bogoslovskoi konferentsi (Ekaterinburg, 8–10 fevralya 2019 g.). Ekaterinburgskaya dukhovnaya seminarya, s. 255-263.

Cherlin V.A. 2018 Ivan Dmitrievich Strelnikov. Chast 1. Udivitelnaya zhizn (“Ivan Dmitrievich Strelnikov. Parte 1. Uma vida incrível.”). *Printspy Ekologii*.. No 3

Dridzo A. D. 1996a. Arguentina i Tchili v putevom dnevnike F. A. Fielstrupa (“Argentina e Chile nos diários de viagem de F.A. Fielstrup”). *Kuryer Petrovskoy Kunstkameri*. 1996. Vip. 4–5. S. 262–275.

Dridzo A. D. 1996b. Puteshestvuya na «Sarmiento» (“Viajando no Sarmiento”). *Latinskaya Amerika*. 1996. № 2. S. 109–115.

Dridzo A. D. 1996c. Puteshestvuya na «Sarmiento» (“Viajando no Sarmiento”). *Latinskaya Amerika*. 1996. № 10. S. 112–117.

Dridzo A. D. 1997. Puteshestvuya na «Sarmiento» (“Viajando no Sarmiento”) *Latinskaya Amerika.* 1997. № 6. S. 114–118.

Dridzo A. D. 1998. Kuba v putevom dnevnike F. A. Fielstrupa - 1915 g. (“Cuba no diário de viagem de F.A. Fielstrup - 1915”). *Amerikanskye aborigueni i ikh kultura*. SPB.: MAE RAN, 1998. S. 150–157.

Dridzo A. D. 2000. Puteshestvuya na «Sarmiento» (“Viajando no Sarmiento”). *Latinskaya Amerika*. 2000. № 12. S. 89–93.

Dridzo A. D. 2001. Brasilya v neopublikovanom dnevnike F. A. Fielstrupa - 1915 g. (“Brasil no diário inédito de F.A. Fielstrup - 1915”). *Otkrite Ameriki prodoljayetsya.* SPB.: MAE RAN, 2001. VIP. 3. S. 169–181.

Karmicheva, B.K. 2002.Ot tropitcheskir lesov Amazonki do tsentralnoasiatskir stepei: jizneni put F.A. Fielstrupa (“Das florestas tropicais da Amazônia às estepes centro-asiáticas: trajetória de vida de F.A. Fielstrup”). Represirovainiye etnografi. M, 2002 2-e isdaniye. V.1, c. 152-163.

N. Kin., 1870. Sovremennaia zapadnaia nauka na russkoi pochve ("A moderna ciência ocidental em solo russo"). Otechestvennye zapiski. otd. 2, 204-5.

Khorina, V. V. 2018. Isledovaniya religi v rabotakh S.A. Ratner-Shternberg (“Estudos de religião nos trabalhos de S.A. Ratner-Shternberg”). Obshestvo: filosofiya, istoriya, kultura, n.2, pp. 22-25.

Komissarov B., Lukin B.V. 1965. Russkie utchionie v Latinskoi Amerike (“Cientistas russos na América Latina”). *Priroda*. 1965. n.1. C. 105–107.

Korsun. S. A. 2012. L.I. Shternberg kak amerikanist. (“Shternberg como americanista”) In: Rezvan, E.A. (Org.) Lev Shternberg — grajdanin, utchionii, pedagog. K 150-letyu so dnia rojdenia (“Lev Shternberg - cidadão, cientista, pedagogo. Pelos 150 de seu nascimento. Sankt Peterburg. MAE RAN.

Korsun S.A. 2015. Amerikanistika v Kunstkamere, 1714–2014 (“Americanismo na Kunstkamera, 1714-2014”) СПб.: МАЭ РАН, 2015. 504 с.

Loskutova, M. 2012. “Vliyanie lesov na obmelenie rek est tolko nedokazannaya ipotez”: prikladnaya nauka i gosudarstvennaya politika po upravleniyu prirodnymi recursami v Rossiiskoi imperii vtoroi chetverti XIX v. (““A influência das florestas no assoreamento dos rios é apenas uma hipótese não comprovada”: ciência aplicada e política estatal de gestão de recursos naturais no Império Russo do segundo quartel do século XIX) *Istoriko-Biologicheskie Issledovaniya*, n. 1, 2012, pp. 9–32.

Lukin B.V. K. 1964. 50-letiu russkoi nautchnoi ekspeditsi v Latinskuiu Ameriku (“50 anos da expedição científica russa à América Latina”). *Vestnik AN URSS.* 1964. No 6. C. 107–109.

Lukin B.V. K. 1965. Voprosi ob istorii russkir isledovanii v Latinskoi Amerike - 50 let ekspeditsi 1914–1915 gg ("Questões sobre a história das pesquisas russas na América Latina - 50 anos da expedição de 1914-1915"). *Izvestia Vcesoyusnovo gueografitcheskovo obchestvo.* 1965. T. 97. C. 70–75.

Lukin, B. V. 1977. Iz materialov russkoi ekspeditsi 1914-1915 gg. v Iujnuiu Ameriku ("Dos materiais da expedição russa de 1914-1915 à América do Sul"). Latinskaia Amerika, n.1, 1977, pp. 159-189.

Lyapunova, RG. 1967. Ekspeditsia I.G. Voznesenskovo i ieio znachenie dlya etnografi Russkoi Ameriki ("A expedição de I.G. Voznesensky e seu significado para a etnografia da América Russa") *Сборник МАЭ*. Т. 24. Л., 1967. С. 5–33.

Mironos, A. A. 2000. Uchenye komitety i sovety ministerstv i vedomstv v XIX veke: zadachi, struktura, evolyutsiya. ("Comitês científicos, conselhos ministeriais e departamentais no século XIX: competências, estrutura, evolução".) Nizhnii Novgorod: Nizhnii Novgorod University, 2000, pp. 1-10.

Petri E.L. 1911. Fiódor Karlovich Russov: Perviy utchoni khranitel Museya antropologii i etnografii pri Imperatorskoy Akademii nauk ("Fiódor Karlovich Russov: O primeiro curador científico do Museu de antropologia e etnografia da Academia Imperial de Ciências"). *Sbornik MAE*, T. 1.Vip. 10. S. 1–8.

Ratner-Shternberg S.A. 1928. Lev Yakovlevich Shternberg i Musey antropologi i etnografi Akademii nauk ("Lev Yakovlevich Shternberg e o Museu de antropologia e etnografia da Academia de Ciências"). *Sbornik MAE*. T. 7. C. 31–67.

Shprintsin, N. G. 1947. Materyali russkikh ekspeditsii v Yujnuyu Ameriku, khanyavchyesya v arkhive AN SSSR i Institute etnografii ("Materiais de expedições russas à América do Sul guardados no arquivo da Academia de Ciências da URSS"). SE. 1947. № 2. S. 187–194.

Shprintsin, N. G. 1952. Xavante - Iz materyalov russkoy ekspeditsii v Yujnuyu Ameriku v 1914–1915 gg. ("Os Xavante - A partir dos materiais da expedição russa à América do Sul, em 1914-1915") *Kratkye soobsheniya Instituta etnografii AN SSSR*. Vip. XVII, 1952. S. 47–55.

Shternberg, L.Y. 1917. Musey antropologi i etnografi imeni imperatora Petra Velikovo: Materiali dlya istorii Akademitcheskir utchrejdenii za 1889–1914 gg.("O Museu de antropologia e etnografia Pedro, o Grande: Materiais para a história das instituições Acadêmicas, 1889-1914"). Petrograd, 1917. T. 2. Ch. 1. S. 241–308.

Smirnova N.A. 1966. Vtoraya russkaya ekspeditsiya v Yujnuyu Ameriku 1914–1915 gg., y eyo materyali i koleksii ("A segunda expedição russa à América do Sul, 1914-1915, seus materiais e coleções"). SE. 1966. № 6. S. 98–112.

Soboleva, E.S. 2015 V.V. Radlov i sistema transportirovki v MAE, konets XIX — nachalo XX v. ("V.V. Radlov e o sistema de transporte no MAE, final do século XIX - início do XX").

*Primus inter parus* (k 175-letyu sa dnia rojdenya V.V. Radlova) / Sost. i otv. red.P. Matveyeva, E. Resvan. SPB. S. 155–184.

Soboleva, E.S. 2016. G.G. Manizer – utchastnik vtoroi russkoi ekspeditsi v Iujnuiu Ameriku 1914 – 1915 gg. Brasiliski dnevnik ("G.G. Manizer, membro da segunda expedição russa à América do Sul, 1914-1915. Diários brasileiros") SPB., 2016.

Soboleva, E.S. 2018. Etnografitcheskye marchruti F.A. Fielstrupa po pismam iz Latinskoy Ameriki natchala XX v. ("Rotas etnográficas de F.A. Fielstrup em cartas da América Latina no início do século XX"). *Kunstkamera*, № 1 (*Radlovskye Tchtenya*). S. 217.

Soboleva, E.S. 2020. Materials of the second Russian expedition to South America (1914–1915) in Latin American Museums. Rasiya i Iberoamerika v globariziruiuchemsya mire. pp.2095-2103.

Soboleva E.S. Sorokina S.P. 2020. Jews in South America (According to the materials of the second russian expedition to South America in 1914–1915). *Kunstkamera*, v. 8, n.2. pp.165-180.

Soboleva E.S Sorokina S.P. 2022. The Botocudo Culture of Brazil in H. H. Manizer's Collection. *Etnografia*, v.16, n.2. pp.118-145.

Strelnikova N.I., Strelnikov S. I., Strelnikov K. S. 2017. Ivan Dmitrievich Strelnikov (1887–1981) Put v zhizni i v nauke ("Trajetória na vida e na ciência"). SPB.: Izd-vo «LEMA», 2017. 148 s.

Suny, R. Semenova, A., Mogilner, M. 2001. Imperiya kak ona est: Imperskaia Rossiya, "Natsionalnoe" samosoznanie i teori imperi ("O Império como ele é: Rússia Imperial, autoconsciência "nacional" e teoria do império"). *Ab Imperio*, 1-2/2001, pp. 9-72.

Taksami N.T. 2010. Pa Yujnoy Amerike, 1914–1915. Neatkritye dnevniki S. V. Geimana ("Pela América do Sul, 1914-1915. Os diários inexplorados de S.V. Geiman"). *Sbornik MAE. Etnografya i arkheologya korenovo nacelenya Ameriki*. SPB.: MAE RAN, 2010. T. 56. S. 271–285.

Taksami N.T. 2011. Polevye dnevniki S.V. Geimana, 1914-1915 gg. ("Diários de campo de S.V. Geiman"). *Materyali polevikh issledovaniy MAE RAN*. SPB., 2011. Vip. 11– S. 290–306.

Tanasiichuk, V.N. 1966. Russkye Studyenti v Yujnoy Amerike. ("Estudantes russos na América do Sul"). *Nauka i Jizni,* n.1, 1966. pp. 114-125.

Tanasiichuk, V.N. 2001. Vtaraya rosyiskaya ekspeditsya v Yujnuyu Ameriku 1914-1915 ("A segunda expedição russa à América do Sul, 1914-1915"). *Tr. Gosudarstvenovo Museya Istoriy Sankt- Peterburga, Peterburjets Putechestvuyet,* n. 6, 2001. pp. 134-142.

Tanasiichuk, V.N. 2003. Pyatero na Rio Paraguay ("Um quinteto no Rio Paraguai"). M.: Tovarishestvo nautchnikh issdaniy KMK, 2003. 272 s.

Tumanova, A., Safonov, A. 2021. Politika v nepolititcheskom: ideologiya konstitutsionir reform v programatike professionalnir siezdov natchala XX veka ("Política no não político: ideologia de reformas constitucionais na programática dos congressos profissionais do início do século XX"). *Quaestio Rossica*, v. 9, n.1, pp. 325–340.

## Demais trabalhos:

Adamovsky, E.A., Koublitskaia, M. 2013. Publicaciones de la colectividad rusa en Argentina: un inventario crítico. Centro de Estudios Migratorios Latinoamericanos; *Estudios Migratorios Latinoamericanos*, v.26, n.72, pp. 51-96.

Afanasev, A.F. 1994. Jurors and Jury Trials in Imperial Russia, 1866-1885 in: Eklof, B., Bushnell, J., Zakharova, L (eds.). 1994. Russia's Great Reforms, 1855-1881. Bloomington: Indiana University Press, 1994. xviii, 297 pp.

Alencar, R.P., Soares, P.R.M. 2019. O espírito da Expedição Langsdorff, diplomacia científica e a identidade cultural brasileira. Cultura, vol. 38. pp. 1-26.

Almeida, M.R.C. 2009. "Identidades étnicas e culturais: Novas perspectivas para a história indígena". In: ABREU, Martha; SOIHET, Rachel. *Ensino de História: Conceitos, Temáticas e metodologia.* 2ª ed. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2009, pp. 27-37.

Amoroso, M. 2017. Intenção de arquivo: o invento etnográfico na Comissão Rondon. In: Kury, L., Sá, M.R. (Org.). Rondon: inventários do Brasil 1900-1930. 1a.ed. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2018, v. 1, p. 45-60.

Antunes, A. P. 2015. A rede dos invisíveis: uma análise dos auxiliares na expedição de Louis Agassiz ao Brasil (1865-1866). Dissertação (mestrado em História das Ciências e da Saúde), Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz – Rio de Janeiro: s.n., 2015. 155 f.

Antunes, A. P. 2019. Um naturalista e seus colaboradores na Amazônia: a expedição de Henry Walter Bates ao Brasil. 2019. 397 f. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2019.

Appert, B. 1938. Le régionalisme administratif. Paris: Librairie Technique et Économique, 1938. 256 p.

Arbex Jr., J., Nakamura, D.C. 2017. Os camponeses russos sob o olhar da intelligentsia revolucionária do século XIX e XX. Projeto História, São Paulo, v. 60, pp. 189-220.

Arenas, J.P.A. 2015. Eduardo Fuenzalida Loyola y su contribución a la lucha contra un enemigo mortal: la familia de los rhabdoviridae, género lyssavirus. Revista Médica Clínica Las Condes. v. 26. pp. 813-818.

Augel, M. P. 1979. Ludwig Riedel: viajante alemão no Brasil. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia.

Arruda, L.C. 2003. Posto Fraternidade Indígena: Estratégias de Civilização e Táticas de Resistência 1913-1945. Dissertação (mestrado em História), Universidade Federal do Mato Grosso, UFMT – Cuiabá: s.n., 2003.

Azevedo, F.V., Silva, A.G.S. 2022. Rio da dúvida: olhares sombrios sobre as espacialidades amazônicas. *Revista De Estudos De Literatura, Cultura E Alteridade - Igarapé*, 15(1), 77–88.

Bandeira de Mello, D. 1982. Entre indios e revoluções. São Paulo: Editora Soma.

Baratti, D. 2002. Moisés Santiago Bertoni y la generación nacionalista-indigenista paraguaya. Société suisse des Américanistes / Schweizerische Amerikanisten-Gesellschaft, Bulletin 66-67, 2002-2003, pp. 41-47.

Barnett, H. G., Broom, L., Siegel, B. J., Vogt, E., Watson, J. B. 1954. Acculturation: An Exploratory Formulation The Social Science Research Council Summer Seminar on Acculturation, 1953." *American Anthropologist*, vol. 56, no. 6, 1954, pp. 973–1000.

Beer, D. 2008. Renovating Russia: The Human Sciences and the Fate of Liberal Modernity, 1880–1930. Ithaca: Cornell University Press, 2008.

Beer, D. 2013. Decembrists, Rebels, and Martyrs in Siberian Exile: The "Zerentui Conspiracy" of 1828 and the Fashioning of a Revolutionary Genealogy. Slavic Review, Vol. 72, No. 3

Berman, M. 2007. Tudo que é sólido desmancha no ar. A aventura da modernidade. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2007.

Bhabha, H. K. 1998. O local da cultura. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 441p.

Bigio, E. S. 2007. A ação indigenista brasileira sob a influência militar e da Nova República (1967-1990). *Revista de Estudos e Pesquisas, FUNAI*, Brasília, v.4, n.2, dez. 2007,pp. 13-93

Boggiani, G. 1975. *Os caduveos*. Tradução de Amadeu Amaral Júnior. Belo Horizonte/ São Paulo: Itatiaia/ Edusp, 1975. 307 p.

Borer, D.A. 1997. War loss and political reform: An ongoing pattern in Russian history Studies in Conflict & Terrorism V. 20, n.4. PP. 345-369.

Borges, J.F. 2004. A história negada: em busca de novos caminhos. Teresina, PI: FUNDAPI, Fundação de Apoio Cultural do Piauí, 2004.

Bridikhina, E. 2015. La frontera boliviano-brasileña en construcción (principios del siglo XX): Los conflictos territoriales, fiscales y legales. La Columna Prestes en el territorio

boliviano. *Memórias: Revista de Historia y Arqueología desde el Caribe colombiano*, v.11, n.26. Barranquilla, pp. 322-359.

Brito, C.A.G.; Lima, N.T. 2013. Medicina e antropologia: a saúde no Serviço de Proteção aos Índios (1942 -1956). *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, v. 8, n. 1, pp. 95-112.

Burke, P. 2017. Perdas e ganhos: exilados e expatriados na história do conhecimento na Europa e nas Américas, 1500-2000. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

Cabral. D.C. 2012. O 'bosque de madeiras' e outras histórias: a Mata Atlântica no Brasil Colonial. (Séculos XVIII e XIX). (Tese, Universidade Federal do Rio de Janeiro) - Rio de Janeiro, 2012.

González, L., Aparecida, M. 2018. Quando "o outro" está em casa: mobilidade guarani na tríplice fronteira entre Argentina, Brasil e Paraguai. Iberoamérica Social: revista-red de estudios sociales IX, pp. 39 - 54.

Carneiro, L.A.F. 2019. A Rússia no Brasil do início do século XX: A expedição de 1914-1915. Dissertação (mestrado em História das Ciências e da Saúde), Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz – Rio de Janeiro: s.n., 2019. 126 f.

Caser, A.T. 2009. O medo como problema médico: a criação do Serviço Sanitário da Comissão Rondon. In:Anais do XXV Simpósio Nacional de História – História e Ética. Fortaleza: ANPUH, 2009.

Castro, C. (org.). 2005. Evolucionismo cultural. Textos de Morgan, Tylor e Frazer. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Castro J.F.P. 2017. A short literature review about acculturation in the American Anthropologist. Fluxos & Riscos vol. II n.º2, 2017, Pp. 151 - 159.

Cavalcanti, J.M. 2013. Rudolf Kraus em busca do "ouro da ciência": a diversidade tropical e a elaboração de novas terapêuticas, 1913-1923. História, Ciências, Saúde-Manguinhos (impresso), v.20, pp.221-237.

Clavin, P. 2005. Defining Transnationalism. Contemporary European History, vol 14, n 04, pp.421-439, p.431.

Costa, M.F. 2017. Rondon nas pegadas das expedições científicas de Mato Grosso. In: Kury, L., Sá, M.R. (Org.). Rondon: inventários do Brasil 1900-1930. 1a.ed. Rio de Janeiro: Fiocruz, v. 1, p. 45-60.

Costa, M.F. 2019. Os "*meninos índios"* que Spix e Martius levaram a Munique. *Artelogie* [En ligne], 14 | 2019.

Costa, P.G.A. 2019. O mito do bom selvagem como elemento da identidade nacional brasileira. *Paralaxe* , v. 6, p. 53-69, 2019.

Cunha. M.C. 1992. Introdução a uma história indígena. In: História dos índios no Brasil. São Paulo: Companhia das letras, 1992. Secretaria Municipal de Cultura. FAPESP, p. 9-24.

Di Liscia, M.S., Marrón, M.F. 2009. Sin puerto para el sueño americano: políticas de exclusión, inmigración y tracoma en Argentina (1908-1930). In: Gómez, M.J.C., Sepúlveda, R.L. (Orgs.) Historizar los cuerpos y las violencias. América Latina, siglos XVII-XXI (dossiê). 2009, pp. 1-27.

Di Liscia, M.S. 2012. Desde fuera y desde dentro. Enfermedades, etnias y nación. In: Hochman, G., Di Liscia, M.S. (Org.) Patologías de la patria. Enfermedades, enfermos y nación en América Latina. Buenos Aires: Lugar Editorial, 2012, 280 p.

Dolbilov, M. 2004. Russification and the Bureaucratic Mind in the Russian Empire's Northwestern Region in the 1860s. Kritika, v.5, n.2. pp.245-271.

Dolbilov, M. 2007. Russian nationalism and the nineteenth-century policy of russification in the Russian Empire`s western region. in: Matsuzato, K. (ed.). Imperiology: From empirical knowledge to discussing the Russian Empire. Sapporo: 2007. pp. 141-158.

Domingues. C. M. 2010. A comissão de linhas telegráficas do Mato Grosso ao Amazonas e a integração do Noroeste. IN: XIV Encontro Regional da Anpuh-Rio: memória e patrimônio. Anais do XIV Encontro Regional da Anpuh-Rio: memória e patrimônio. Rio de Janeiro, 29 a 23 de julho.

Domingues, H.M.B, Sá, M.R. 2003. As controvérsias evolucionistas no Brasil do século XIX. In: Domingues, H. M. B.; Sá, M. R, Glick, T.(orgs.) A recepção do Darwinismo no Brasil. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003. p. 97-123.

Duarte, R. H., 2002. Notícia sobre os selvagens do Mucuri. Belo Horizonte: Ed. UFMG. 186p.

Eco, U. 2007. Quase a mesma coisa: experiências de tradução. São Paulo: Record, 458 pp. Tradução de Eliana Aguiar.

Eklof, B., Bushnell, J., Zakharova, L (eds.). 1994. Russia`s Great Reforms, 1855-1881. Bloomington: Indiana University Press, 1994. xviii, 297 pp.

Eklof, B. 1994. Introductions. in: Eklof, B., Bushnell, J., Zakharova, L (eds.). 1994. Russia's Great Reforms, 1855-1881. Bloomington: Indiana University Press, 1994. xviii, 297 pp.

Elguera, A. y Boaglio, C. 1997. La vida porteña en los años veinte. Buenos Aires, Grupo Editor Latinoamericano, 1997.

Elina, O. 2014. Between local practices and global knowledge: public initiatives in the development of agricultural science in Russia in the 19th century and early 20th century. Centaurus, vol. 56, n. 4. pp. 305-329.

Elina, O. 2018. A passion for plants: Collections and power games in botany in the Russian Empire from the 18th to the early 19th century. Centaurus, v.60, n.4. pp. 257–275.

Faria, F. 2017. O neolamarckismo de Edward Drinker Cope e a ideia de progresso biológico no processo evolutivo. Hist. cienc. saúde-Manguinhos, v. 24, n.4. pp.1009-1029.

Farris, G. 1997. The age of russian imperialism in the North Pacific. Kroeber Anthropological Society Papers, n.81, 1997. pp. 187-194.

Fedotova, A. 2014. Forestry Experimental Stations: Russian Proposals of the 1870s. Centaurus, Vol. 56, n. 4. pp. 254–274.

Ferreira, L. M. 2005. Arqueologia do Sul do Brasil e política colonial em Hermann von Ihering. *Anos 90, Porto Alegre,* v. 12, n. 21/22, jan./dez., 2005, pp.415-436.

Field, D. 1994. The Year of Jubilee in: Eklof, B., Bushnell, J., Zakharova, L (eds.). 1994. Russia's Great Reforms, 1855-1881. Bloomington: Indiana University Press, 1994. xviii, 297 pp.

Fischer, G. 2019. "Where are the Botocudos?" Anthropological displays and the entanglements of staring, 1882-1883. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos,* Rio de Janeiro, v.26, n.3, jul.-set. 2019, p.969-992.

Fleck, E. C. D. 2019. "Do meu amor ao Paraguai e à raça guarani": ideias e projetos do naturalista e botânico Moisés Santiago Bertoni (1857-1929). História, Ciências, Saúde-Manguinhos, v.26, n.4. pp.1151-1168.

Foster, M., Henrikson, S. 2009. Symbols of Russian America: Imperial crests and possession plates in North America. Concepts, n. 5, 2009. pp. 1-8.

Frank, E.H. 2005. Viajar é preciso: Theodor Koch-Grünberg e a Völkerkunde alemã do século XIX. *Rev. Antropol.* v.48 n.2. pp.559-584.

Françoso, M. 2005. O Museu Paulista e a história da antropologia no Brasil entre 1946 e 1956. *Revista de Antropologia*, São Paulo, USP, 2005, V. 48 Nº 2.

Frič, P.; Fričova, Y. 1997. (Orgs.). Guido Boggiani fotógrafo. Praga: Nakladatelstvi Titanic, 1997. 139 p.

Fričova, Y. 1997. ... E procuri che non mi dimentichino i comuni amici... (... e procurem que não me esqueçam os nossos amigos comuns...). Trad. Zuzana Borianová. Ibero-Americana Pragensia, Praga, ano 31, p. 132-160, 1997.

Gatrell, P. 1994. The Meaning of the Great Reforms in Russian Economic History. in: Eklof, B., Bushnell, J., Zakharova, L (eds.). 1994. Russia's Great Reforms, 1855-1881. Bloomington: Indiana University Press, 1994. xviii, 297 pp.

Glick, T. 2003. Introdução. In: Domingues, H. M. B.; Sá, M. R, Glick, T.(orgs.) A recepção do Darwinismo no Brasil. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003. p. 19-25.

Gomide, B.B. 2004. Da estepe à caatinga: o romance russo no Brasil (1887-1936). Tese (doutorado em Teoria e História Literária) - Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, São Paulo, p.702, 2004.

Gonçalves, A.F. 2020. A institucionalização da disciplina: o "primitivo" como objeto da ciência. CAOS – Revista Eletrônica de Ciências Sociais v. 2, n. 25, p.149-169.

Graham, L.R. 1993. Science in Russia and the Soviet Union: A Short History. New York: Cambridge University Press, 1993. x, 321 pp.

Greenblatt, S. 1991. Marvelous Possessions: The Wonder of the New World. Chicago: University of Chicago Press, 1991.

Gruzinski, Serge. 2001. O pensamento mestiço. São Paulo: Companhia das Letras, 398 p.

Guimarães, L. M. P. 2001. Memórias partilhadas: os relatos dos viajantes oitocentistas e a idéia de civilização do cacau. História, Ciências, Saúde Manguinhos, vol. VIII (suplemento), 1059-70.

Guimarães, N., Paraíso, M.H. 1991. Krenak: os últimos botocudos de Minas Gerais. Comunicação apresentada à ANPOCS. Salvador, 1991.

Hachten, E. A. In Service to Science and Society: Scientists and the Public in Late Nineteenth-Century Russia. *Osiris*, 17 (2002), 171–209.

Hanciau, N.J. 2005. O entre-lugar. In: Figueiredo, E (org.). Conceitos de literatura e cultura. Juiz de Fora:Editora UFJF/Niterói: EdUFF, p. 141-215.

Hardman F. F.; Kury L. 2004. Nos confins da civilização: Algumas histórias brasileiras de Hercule Florence. História, Ciências, Saúde - Manguinhos, vol. 11(2), maio-ago., 2004, pp. 385-409.

Heidegger, M. 1971. Building, Dwelling, Thinking. In:. Hofsdater, A. (Ed.), Poetry, Language and Thought, pp. 143-162. New York: Harper & Row.

Holanda, S. B. 2010. Visão do paraíso: os motivos edêncios no descobrimento e colonização do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

Ibarra, C., Parada, M. 2020. Producción de sueros y vacunas en Chile, la importancia del abastecimiento local. Rev Chilena Infectol ; 37 (4): 413-421.

Joravsky, D. 1970. The Lysenko Affair. Harvard University Press, Cambridge, Mass., 1970, 462 pp;

José da Silva, G. 2007. Notícias da guerra que não acabou: a Guerra do Paraguai (1864-1870) rememorada pelos índios Kadiwéu. Fronteiras, [S.l.], v. 9, n. 16, 2007.

José da Silva, G. 2011a. Os Kadiwéu e seus etnógrafos de além do Atlântico: História e Antropologia nos séculos XIX e XX. In: XXVI Simpósio Nacional de História, 2011, São

Paulo. Anais do XXVI Simpósio Nacional da ANPUH - Associação Nacional de História. São Paulo: ANPUH-SP, 2011.

José da Silva, G. 2011b A respeito de migrações e estigmas: indígenas Camba-Chiquitano na fronteira BrasilBolívia, segunda metade do século XX. História Unisinos, vol. 15, n. 2, pp. 159-171.

José da Silva, G. 2014. A reserva Indígena Kadiwéu, 1899-1984: memória, identidade e história. Dourados: UFGD, 154p.

Kamusella, T. 2013. Germanization, Polonization, and Russification in the partitioned lands of Poland-Lithuania. *Nationalities Papers*, pp.1-24.

Kan, S. 2003. Lev Shternberg (1861-1927): Russian Socialist, Jewish Activist, Anthropologist. Bulletin: Anthropology, Minorities, Multiculturalism 5: 27-34. Center for Pontic and Caucasian Studies. Kuban State University, Krasnodar.

Kan, S. 2009. Lev Shternberg: Anthropologist, Russian Socialist, Jewish Activist. Lincoln: University of Nebraska Press, 2009.

Kantor, I. 2022. Confins à vista nos mapas do Brasil. Ciência e Cultura, v. 1, p. 1-15.

Kassow, S. 1994. The University Statute of 1863: A Reconsideration. in: Eklof, B., Bushnell, J., Zakharova, L (eds.). 1994. Russia's Great Reforms, 1855-1881. Bloomington: Indiana University Press, 1994. xviii, 297 pp.

Kipp, J. 1994. The Russian Navy and the Problem of Technological Transfer: Technological Backwardness and Military-Industrial Development, 1853-1876. in: Eklof, B., Bushnell, J., Zakharova, L (eds.). 1994. Russia's Great Reforms, 1855-1881. Bloomington: Indiana University Press, 1994. xviii, 297 pp.

Knight, N. 1998. Science, Empire and Nationality: Etnography in the Russian Geographical Society, 1845-1855. In: Burbank, J., Ransel, D.L. (Eds.) Imperial Russia: New Histories for the Empire. Bloomington: Indiana University Press. pp. 108-142.

Knight, N. 2008. Nikolai Kharuzin and the Quest for a Universal Human Science Anthropological Evolutionism and the Russian Ethnographic Tradition, 1885-1900. *Kritika: Explorations in Russian and Eurasian History* 9, 1 , 2008, pp. 83-111.

Kodama, K. 2010. Os estudos etnográficos no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1840-1860): história, viagens e questão indígena. Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum. Belém, v. 5, n. 2, p. 253-272.

Kolchinsky, E., Hossfeld, U., S. Levit, G. 2018. Russian scientists and the Royal Society of London: 350 years of scientific collaboration. *Notes Rec.* 72, 343–363.

Komissarov, B. 1994. Expedição Langsdorff: acervo e fontes históricas. Trad. Marcos Pinto Braga. São Paulo/Brasília: Ed. da Unesp/Langsdorff, 126p.

Komissarov, B. 1994. Expedição Langsdorff: acervo e fontes históricas. Trad. Marcos Pinto Braga. São Paulo/Brasília: Ed. da Unesp/Langsdorff. Resenha de: Figueirôa, S.F.M. 1997. A odisséia de Langsdorff nas florestas do Brasil. História, Ciência, Saúde-Manguinhos. Rio de Janeiro, v.4, n.2.

Konashev, M. B. 2021. Darwin's On the Origin of Species in Russia and in the USSR: some aspects of translation and publication. Studia Historiae Scientiarum 20, pp. 285–315.

Krementsov, N. 2011. From 'Beastly Philosophy' to Medical Genetics: Eugenics in Russia and the Soviet Union. *Annals of Science,* v.68, n.1, 61–92.

Krivosheina, G. 2014. Long Way to the Anthropological Exhibition: The Institutionalization of Physical Anthropology in Russia. Centaurus, vol. 56, n.4. pp. 275-304.

Kury, L. 1998. Ciência e nação: Romantismo e história natural na obra de E. J. da Silva Maia. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos,* V(2): 267-91, jul.-out. 1998.

Kury, L., Fedi, L. 2017. Rondon e o positivismo: a defesa dos fetichistas. In: Kury, L.; Sá, M. R. (Org.). Rondon: Inventários do Brasil, 1900-1930. 1ed. Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson Estúdio, 2017, v. , p. 200-230.

Latour, B. 2000. Redes que a razão desconhece: laboratórios, bibliotecas, coleções. In: Baratin, M. & Jacob, C. (coord.) O poder das bibliotecas: a memória dos livros no ocidente. (21-44), Rio de Janeiro: UFRJ.

Latour, B. 2013. Redes, sociedades, esferas: reflexões de um teórico ator-rede. Informática na educação: teoria & prática, Porto Alegre, v. 16, n. 1, jan./jul.

Ledonne, J.P. 2002. Administrative Regionalization in the Russian Empire 1802-1826. Cahiers du Monde russe, Vol. 43, No. 1. pp. 5-33.

Lehner, B. 1999. Los Mbya y Moisés Bertoni. *Acción, Revista paraguaya de reflexión y diálogo* (Asunción) v.199, n.26.

Leitão, C. M. 1941. História das expedições científicas no Brasil. São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, Porto Alegre: Companhia Editora Nacional, v. 209, 2ed., 1941.

Lévi-Strauss, C. 1978. Myth and Meaning. New York: Schocken, 1978.

Lévi-Strauss, C. 1979. Tristes Trópicos. Lisboa : Edições 70, 1979.

Lima, A.C.S. 1987. Sobre indigenismo, autoritarismo e nacionalidade: considerações sobre a constituição do discurso e da prática da "proteção fraternal" no Brasil. In: Oliveira, J.P. (Org.). Sociedades indígenas e indigenismo no Brasil. Rio de Janeiro : Marco Zero : Ed. UFRJ, 1987. p. 149-204.

Lima, A.C.S.1995. Um grande cerco da paz: Poder tutelar, indianidade e formação do Estado no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1995.

Lima, N.T., SÁ, D.M. 2017. O Território da República e a Comissão Rondon (1907-1930). In: Kury, L., Sá, M.R. (Org.). Rondon: Inventários do Brasil, 1900-1930. 1aed.Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson Estúdio, 2017, v. 1, p. 2-29.

Lincoln, B. 1990. The Great Reforms: Autocracy. Bureaucracy, and the Politics of Change in Imperial Russia. Dekalb, Illinois: Northern Illinois University Press, 1990.

Lindenmeyr, A. 1994. The Rise of Voluntary Associations during the Great Reforms: The Case of Charity. in: Eklof, B., Bushnell, J., Zakharova, L (eds.). 1994. Russia's Great Reforms, 1855-1881. Bloomington: Indiana University Press, 1994. xviii, 297 pp.

Lindenmeyr, A. 1996. Poverty is Not a Vice: charity, society, and the state in Russia. Princeton, N.J.: Princeton Univ.Press,1996.

Lopes, M. M. 1997. O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências naturais no século XIX. São Paulo, Hucitec, 369p.

Lopes, M. M. 2001. Viajando pelo campo e pelas coleções: aspectos de uma controvérsia paleontológica. *História, Ciências, Saúde — Manguinhos* , Rio de Janeiro, v. VIII (suplemento), p. 881-897, 2001.

Lopes, M. M., Figueirôa, S.F.M. 2002-2003. A criação do Museu Paulista na correspondência de Hermann Von Ihering (1850-1930). *Anais do Museu Paulista* , São Paulo, v.10-11, n.11, p.23-36, 2002-2003.

Loreto, M. 2019. As repercussões do caso Lysenko no Brasil. Tese (Doutorado em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia) - Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Loskutova, M. 2011. Public science as a network: the congresses of Russian naturalists and physicians in the 1860s-1910s. Baltic journal of European studies. 2011. Vol. 1. No. 1 (9). P. 196-212.

Loskutova, M. 2014. Early Research on Insect Pests in the Russian Empire: Bureaucracy, Academic Community and Local Knowledge in the 1830s–1840s. Centaurus, vol. 56, n.4. pp. 229 – 253.

Luvizotto, R. 2007. O diário de Langsdorff: o éthos do cientista-viajante. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Lingüística Geral). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

Macagno, L., Montenegro, S., Béliveau, V. 2011. A Tríplice Fronteira: Espaços Nacionais e Dinâmicas Locais. Curitiba: Editora UFPR.

Machado M.H. 1999. O descontínuo na história da cultura colonial e pós-colonial: acidente ou fatalidade? *Revista de História* 141, 1999, p.151-159.

Maciel, L.A. 1998. A nação por um fio: caminhos, práticas e imagens da Comissão Rondon. São Paulo: EDUC, 1998.

Maia, J.M.E. 2005. Entre Henry Ford e Ariel: Caminhos do Americanismo em Vicente Licínio Cardoso. Caderno CRH, Salvador, v.18, n.44, Maio/Agosto, 2005. pp. 197-205.

Marquiegui, D. 2014. Fotografía, "estigmas" físicos y condena social desde los libros de historias clínicas de la colonia nacional de alienados de Open Door, 1901-1930. Revista de Historia Bonaerense, Instituto y Archivo Histórico Municipal de Morón, n. 43, Jun., 2014, pp. 52-64.

Mattos, I.M. 1996. Borum, bugre, kraí. Constituição social da identidade e memória étnica krenak. Dissertação (mestrado em Sociologia), Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais.

Mendes, LCC. 2017. Publicar ou Arquivar? A Revista do IHGB: um periódico a serviço do Império no Oitocentos brasileiro. Revista Latino-Americana de História, v. 6, n. 18, pp. 139-159.

Metcalf, A. C. 2005. Go-Betweens and the Colonization of Brazil, 1500–1600. Austin, TX: University of Texas Press.

Mitchell, T. 1989. The world as exhibition. Comparative Studies in Society and History, v.31, n.2, p.217-236. 1989.

Monteiro, J. 1994. "Contato, alianças e conflitos". In: Negros da terra: Índios e bandeirantes nas origens de São Paulo. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, pp. 29-56.

Montero, P. 2017. A catequese secular de Rondon.. In: Kury, L., Sá, M.R. (Org.). Rondon: inventários do Brasil 1900-1930. 1a.ed. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2018, v. 1, p. 45-60.

Morales, E.P. 2012. Naturaleza, paisaje y sociedad en la experiencia viajera: misioneros y naturalistas en América Andina durante el siglo XVIII. Quito: Corporación Editora Nacional, 2012.

Moratelli, T. 2009. Os trabalhadores da construção da estrada de ferro Noroeste do Brasil - Experiências operárias em um sistema de trabalho de grande empreitada (São Paulo e Mato Grosso, 1905-1914). Dissertação (Mestrado em História), Universidade Estadual de Campinas, 2009.

Müller, A.M. 2011. Indígenas Kadiwéu e posseiros na Serra da Bodoquena: representações na mídia impressa acerca de um conflito. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFGD. Dourados, 2011. 83f.

Nardova, V. 1994. Municipal Self-Government after the 1870 Reform. in: Eklof, B., Bushnell, J., Zakharova, L (eds.). 1994. Russia's Great Reforms, 1855-1881. Bloomington: Indiana University Press, 1994. xviii, 297 pp.

Naughton, Y.P.; Naughton, G.D. 2013. "Westward Went I in Search of Romance": The Transnational Reception of Thomas Mayne Reid's Western Novels. *CEA Critic*, n.75, v.2, pp. 142–157.

Neuberger, J. 1994. Popular Legal Cultures: The St. Petersburg Mirovoi Sud. in: Eklof, B., Bushnell, J., Zakharova, L (eds.). 1994. Russia's Great Reforms, 1855-1881. Bloomington: Indiana University Press, 1994. xviii, 297 pp.

Neumann, R.M. 2021. Representações do Sul do Brasil nos escritos da intelectualidade alemã (1896-1914). Revista Brasileira de História & Ciências Sociais, v. 13 n. 27. pp.99-118.

Oliveira, A.M. 2011. Nos Trilhos da Memória: Estrada de Ferro Noroeste do Brasil e o Surgimento das Cidades em Mato Grosso do Sul. 1. ed. Campo Grande: Life Editora, 2011. v. 1000. 240p .

Oliveira, J.P. 1985. Contexto e horizonte ideológico: reflexões sobre o Estatuto do Índio. In: Santos, S. C. (org.). Sociedades indígenas e o direito: uma questão de direitos humanos. Florianópolis: Ed. da UFSC/CNPq, 1985, p. 17-30.

Oliveira, J.P. 2014. Pacificação e tutela militar na gestão de populações e territórios. Mana, v.20, n.1. 125-161.

Oliveira, E.R.M.B. 2018. Rodolpho von Ihering (1883-1939): a hipofisação como técnica inovadora na piscicultura. *Boletim da Sociedade Brasileira de História da Ciência*, 2018.

Oliveira, T.C.M. 2015. Uma fronteira nas malhas da rebeldia e da criatividade. Cadernos de Estudos Culturais, v. 14, p. 32-55.

Paraíso, M. H. B. 1992. Repensando a política indigenista para os Botocudos no século XIX. *Revista De Antropologia*, *35*, 75-90.

Pascoal, W. V. 2010. Imagens da sociopolítica Borum e suas transformações. 136 f., il. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social)-Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

Pascoal, W. V. 2012. Diáspora e Toponímia na História dos Índios Borum. In: I Colóquio de Pesquisa do Geres, 2012, Alfenas. Anais do I Colóquio de Pesquisa do GERES, 2012.

Pavlenko, A. 2011. Linguistic russification in the Russian Empire: peasants into Russians?. Russian Linguistics, v.35, n.3. pp.331-350.

Pechincha, M. T. S. 2000. Memória e história entre índios brasileiros: os Kadiwéu e seus etnógrafos Darcy Ribeiro e Guido Boggiani. História Revista, Goiânia, vol. 5, n. 1/2, p. 151-163. jan./ dez. 2000.

Pessoa, K.N., Seki, L. 2014. Henri Henrikhovitch Manizer´s botocudo folklore texts: a symbol analysis. Language Typology and Universals, vol. 67, n. 2. pp. 213-22.

Petrov, F. 1994. Crowning the Edifice: The Zemstvo, Local Self-Government, and the Constitutional Movement, 1864-1881. in: Eklof, B., Bushnell, J., Zakharova, L (eds.). 1994. Russia's Great Reforms, 1855-1881. Bloomington: Indiana University Press, 1994. xviii, 297 pp.

Podgorny, I. 2005. La mirada que pasa: museos, educación pública y visualización de la evidencia científica. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v. 12 (suplemento), p. 231-64.

Pomian, K. 1984. Colecção. Enciclopédia Einaudi. Porto: Imprensa Nacional. Casa da Moeda. p. 51-86.

Popov, I. 2008. Orthogenesis versus Darwinism: The Russian case. *Revue d'histoire des sciences*, 61, 367-397.

Postnikov, A., Falk, M. 2015. Exploring and Mapping Alaska: The Russian American Era, 1741–1867. Fairbanks, AK: University of Alaska Press, 525 pp.

Pratt, M. L. 1999. Os Olhos do Império. Relatos de viagem e transculturação. Bauru, EDUSC, 1999, 394p.

Raj, K. 2016. Go-Betweens, Travelers, and Cultural Translators. In: Lightman, Bernard (ed.). A Companion to the History of Science. Hoboken: John Wiley & Sons Incorporated. p.39-57.

Ramos, E.H.C.L, Barbosa Lopes, M.B. 2010. Lugares de memória da imigração na América Latina: as hospedarias dos imigrantes de São Paulo e Buenos Aires. Revista Maracanan, v.6,n.6. pp.171-182

Reis, D.A. 2017. As revoluções russas e a emergência do socialismo autoritário. Estudos avançados, 31 (91), pp. 67-79.

Repetto, M. 2012. Os sentidos das fronteiras na transdisciplinaridade e na interculturalidade.Textos & Debates, Boa Vista, n.22, p. 13-30, jul./dez. 2012.

Reznik, L., Fernandes, R.A.N. 2014. Hospedarias de Imigrantes nas Américas: a criação da hospedaria da Ilha das Flores.Artigos Livres, História v.33, n.1. pp.234-253.

Ribeiro, D. 1980. Kadiwéu: ensaios etnológicos sobre o saber, o azar e a beleza. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1980. 318 p.

Rodrigues, R.A. 2007. Os caçadores-ceramistas do sertão paulista: Um estudo etnoarqueológico da ocupação kaingang no Rio Feio/Aguapeí. Tese (doutorado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. 210 p.

Rogers, J. A. 1973. The Reception of Darwin's Origin of Species by Russian Scientists. *Isis*, vol. 64, n. 4, Dec., 1973, pp. 484-503.

Rudmin, F.W. 2009. Constructs, measurements and models of acculturation and acculturative stress. *International Journal of Intercultural Relations*, 33(2), pp.106-123.

Ruseishvili, S. 2016. Ser russo em São Paulo: os imigrantes russos e a (re)formulação de identidade após a Revolução Bolchevique de 1917. Tese (doutorado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Sociologia. São Paulo, p.383, 2016.

Ruseishvili, S. 2021. Documentos dos apátridas: a materialidade de jornadas migratórias entre mobilidade regulada e subversões dos sujeitos móveis. *Contemporânea*, v. 11, n. 1 p. 011-042.

Sahlins, M. 1997. O “pessimismo sentimental” e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um “objeto” em via de extinção (parte I). *Mana*, 3(1):41-73, 1997.

Santiago, S. 2000 O entre-lugar do discurso latino-americano. in: Santiago, S., Uma literatura nos trópicos. Ensaios sobre dependência cultural. Rio de Janeiro: Rocco, pp. 9-26.

Santos, R.A, Silva, R.M.N.B. 2018. Racismo científico no Brasil: um retrato racial do Brasil pós-escravatura. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, v. 34, n. 68, p. 253-268.

Santos, R.C.M. 2019. Nem tudo são cinzas: a coleção etnográfica formada por E. Roquette-Pinto no Museu Nacional do Rio de Janeiro. Boletim eletrônico da Sociedade Brasileira de História da Ciência, v.20, p.1.

Santos, R. V. 1996. Da morfologia às moléculas, de raça à população: trajetórias conceituais em antropologia física no século XX. In: Maio, M.C. Santos, R.V., (orgs). Raça, ciência e sociedade. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ; CCBB, 1996, pp. 125-140.

Saunier, Pierre-Yves. 2005. Epilogue: A l’assaut de l’espace transnational de l’urbain, ou la piste des mobilités.” Géocarrefour, 80: 249–253.

Schwarcz, L. K. M. 1993. O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil: 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras. 218p.

Seki, L. 1992. Notas para a história dos Botocudo (Borum). Boletim do Museu do Índio, n. 1, Rio de Janeiro: Museu do Índio.

Sevcenko, N. 1996. O front brasileiro na guerra verde: vegetais, colonialismo e cultura. Revista USP, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 108-119.

Shapin, S. 1995. Here and everywhere: sociology of scientific knowledge. *Annual Review of Sociology*, 21, pp. 289-321.

Silva, J.C. 2003. Arqueologia no médio São Francisco. Indígenas, vaqueiros e missionários. Tese (doutorado em História), Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco. 421 p.

Silva, R.B. 2007. Os Chiquitano de Mato Grosso: estudo das classificações sociais em um grupo indígena da fronteira Brasil-Bolívia. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. 226f.

Slepkova, N.V., Yusupova, T.I. 2018. The Zoological Museum of the St. Petersburg Academy of Sciences, 1860s–1910: From an academic institute to a public museum. Centaurus, v.60, n. 4. pp. 294–314.

Souza, J. C. 2005. Corumbá, MS: o desejo de integração à civilização em fins do século XIX. Anais do XXIII Simpósio Nacional de História, ANPUH, Londrina, 2005.

Souza, M.D., Santos, E. N. S., Antonini, R. 2022. Comunidade Chiquitana da região de Cáceres, na fronteira Brasil-Bolívia: Algumas considerações bibliográficas. In: Anais da RedeCT: III Congresso Científico Internacional da Rede de Pesquisadores sobre Povos Originários e Comunidades Tradicionais - RedeCT. Barra dos Bugres, UNEMAT, MT.

Stauffer, D.H. 1959. Origem e fundação do Serviço de Proteção aos Índios. Revista de História, USP, vol. 18, n. 37, 1959, pp. 73-95.

Stites, R. 1989. Revolutionary Dreams: Utopian Vision and Experimental Life in the Russian Revolution. Oxford UP, 1989.

Subrahmanyam, S. 1997. Connected Histories: Notes towards a Reconfiguration of Early Modern Eurasia. Modern Asian Studies, Vol. 31, No. 3, Special Issue: The Eurasian Context of the Early Modern History of Mainland South East Asia, 1400-1800. (Jul., 1997), p. 735-762.

Ustiantseva, N. 1994. Accountable Only to God and the Senate: Peace Mediators and the Great Reforms. in: Eklof, B., Bushnell, J., Zakharova, L (eds.). 1994. Russia's Great Reforms, 1855-1881. Bloomington: Indiana University Press, 1994. xviii, 297 pp.

Vássina, E. 2009. A formação da imagem do Brasil na cultura russa. Revista de Estudos Orientais, n.7, pp.101-110.

Veiga, J. 1994. Organização social e cosmovisão Kaingang: uma introdução ao parentesco, casamento e nominação em uma sociedade Jê meridional. Dissertação (mestrado em Antropologia Social) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo. 226p.

Vergara, M.R. 2010. Ciência, fronteiras e nação: comissões brasileiras na demarcação dos limites territoriais entre Brasil e Bolívia, 1895-1901. Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum., Belém, v. 5, n. 2, pp. 345-361.

Vinkovetsky, I. 2011. Russian America: An Overseas Colony of a Continental Empire, 1804 – 1867. New York: Oxford University Press, 2011.

Weeks, T. R. 1996. Nation and state in late imperial Russia. Nationalism and russification on the western frontier, 1863–1914. Illinois: Northern Illinois University Press, DeKalb, 1996. Pp. 297.

Weinstein, B. 2013. Pensando a história fora da nação: a historiografia da América Latina e o viés transnacional. Revista Eletrônica da ANPHLAC, n.14, p. 9-36, jan./jun.

Welper, E, Barbosa, P. 2013. Nimuendajú e os índios do sul do Brasil. *Tellus*, ano 13, n. 24, p. 385-407, jan./jun. 2013 Campo Grande, MS.

Wilford, J. N. 2000. The mapmakers . New York: Random House, 507p.

Zabala, J. P., Rojas, N. F. 2022a. Sanitary, commercial and scientific-technical rationale in vaccine production at the Bacteriological Institute of the National Department of Hygiene, 1913-1944. Astrolabio, Córdoba , n. 29, p. 2-34.

Zabala, J.P., Rojas, N.F. 2022b. Tensiones, apuestas y debates en la producción de sueros y vacunas (Buenos Aires, comienzos del siglo XX). in: Vallejo, G., Miranda, M., Álvarez, A., Carbonetti, A., Di Liscia, M.S. (eds.). La historia de la salud y la enfermedad interpelada. Latinoamérica y España (siglos XIX-XXI). Buenos Aires: Universidad Nacional de Lanús.

Zakharova, L. 1994. Autocracy and the Reforms of 1861-1874 in Russia: Choosing Paths of Development. in: Eklof, B., Bushnell, J., Zakharova, L (eds.). 1994. Russia's Great Reforms, 1855-1881. Bloomington: Indiana University Press, 1994. xviii, 297 pp.

Zaretsky, Y. 2012. The Russian State and its Universities: A History of the Present. Social Political Philosophy eJournal, Vol. 5, № 185.

## Fontes

## Publicações dos membros da expedição referenciadas no trabalho:

Fielstrup, F.A. 2005. Kadiveo. in Aborigeni Ameriki: predmeti e predstavlenya . SPB, 2005, 399 p.

Manizer G.G. 1916a. Russkie studenti v Iujnoi Amerike. (“Estudantes russos na América do Sul”). Artigo publicado no periódico russo Birjievie Vedomosti, 23 de maio de 1916. Rolo 14, im. 3598, 3599.

Manizer, G.G. 1916b. Botokudi (boruni) po nablyudeniam vo vremia prebivaniy sredi nir v 1915 g. (“Os Botocudos (Boruns), segundo observações feitas durante estadia entre eles em 1915”). Anuário da Sociedade Russa de Antropologia da Universidade de Petrogrado, Petrogrado. Rolo 7: im. 9530 - 9619.

Manizer, G.G. 1917. Iz putchechestvya po Iujnoi Amerike. (“Da viagem pela América do Sul em 1914-1915”). Priroda, Petrogrado, 1917.

Manizer, G.G. 1918. Musika i musikalnye instrumenti nekotopir plemion Brasilii. (“A música e os instrumentos musicais de algumas tribos do Brasil”). Colet. do Museu de Antropologia e Etnografia (Sbornik MAE), tomo V, 1918.

Manizer, G.G. 1967. A expedição do acadêmico G.I. Langsdorff ao Brasil: 1821-1828. São Paulo: Companhia Editora Nacional. Brasiliana, v.329. 244p.

Manizer, G.G. 2006. Os Kaingang de São Paulo. tradução de Juracilda Veiga. Campinas: Curt Nimuendajú, 2006.

Strelnikov, I.D. 1926. Les Kaah-iwá du Paraguay. Atti del XXII. Congresso Internazionale degli Americanisti, Roma, 1926. Vol. II. Roma, p.. 333–366. Rolo 12, im.10547 - 10661.

Strelnikov, I.D. 1928a. The expedition of G.I. Langsdorff to Brazil in 1821-1829. Proceedings of the XXIII International Congress of Americanists, held at New York, September 17–22, 1928. N.Y., p. 751–759. (Cópia impressa cedida pela professora-doutora Elena S. Soboleva)

Strelnikov, I.D. 1928b. La música y la danza de las tribus indias Kaah-iwá (guarani), Kaingang y Botokudo. Proceedings of the XXIII International Congress of Americanists, held at New York, September 17–22, 1928. N.Y., 1930. P. 796–802. (Cópia impressa cedida pela professora-doutora Elena S. Soboleva)

Strelnikov, I.D. 1928c. Les Kaingangs de São Paulo. Proceedings of the XXIII International Congress of Americanists, held at New York, September 17–22, 1928. N.Y., 1930. p. 760-791. (Cópia impressa cedida pela professora-doutora Elena S. Soboleva)

Strelnikov, I. D. 1929. Russkaia ekspeditsia v Brasiliu akademika Langsdorfa (1821-1829). *Priroda*, n.1, 1929. pp. 43-54.

## Documentos no Fundo Langsdorff:

Rolo 7.

- "Materiais sobre a linguagem de 4 povos do Brasil (Xané, Kadiwéu, Kaingang, Botocudo) - Artigo e materiais do português kaingang para o russo e o português". Texto de Manizer, 1917. Rolo 7, im. 9745-9883.

- Dicionário do idioma Borum, com descrições fonéticas dos vocábulos. Manizer, 1915. Rolo 7, im.9912-9986.

Rolo 8.

- Carta de Fielstrup a Emil Fielstrup, 28 de março de 1914, Rolo 8, im. 1526,1527.

- Carta de Fielstrup à mãe, 27 de abril de 1914, - Rolo 8, im.1521.

- Carta de Fielstrup para a mãe, 22 de maio de 1914, Rolo 8, im. 1509.

- Carta de Fielstrup à mãe, 27 de maio de 1914, p. 1. - Rolo 8, im. 1505.

- Carta de Fielstrup à mãe, rio Paraguai, 28 de junho de 1914 . Rolo 8, im.1501.

- Carta de Fielstrup à mãe, 2 de julho de 1914. Rolo 8, Im. 1498.

- Carta de Fielstrup à mãe, 15 de julho de 1914. Rolo 8, Im. 1498.

- Carta de Strelnikov e Tanasiichuk para Manizer e Fielstrup, 3 de agosto de 1914. Rolo 8, Im. 1451.

- Carta de Strelnikov e Tanasiichuk para Manizer e Fielstrup, 21 de outubro de 1914. Rolo 8, Im. 1447.

- Carta de Strelnikov para Fielstrup, 28 de fevereiro de 1915. Rolo 8, Im. 1439-1444.

- Postal de Manizer para Fielstrup, Rio de Janeiro, 2 de outubro de 1915. Rolo 8, im. 1458.

- Carta de Fielstrup para Emil Fielstrup, 13 de outubro de 1915. Rolo 8, im.1470-1471.

- Carta de Fielstrup para Emil Fielstrup, 11 de novembro de 1915. Rolo 8, im. 1467-1468.

- "Os Kadiwéu", artigo apresentado por Fielstrup à Sociedade Geográfica Russa, maio de 1916. Rolo 8, im.1612-1723.

- Anotações de Fielstrup intituladas "Po reke Paragvayu k Kadyuveo" ("Pelo rio Paraguai até os Kadiwéu"), 1916. Rolo 8, im.1274-1329.

Rolo 9.

- Diário de Fielstrup a bordo do navio Presidente Sarmiento, fevereiro-outubro de 1915. Rolo 9, im. 2004.

Rolo 10

- Cartas de Manizer à família, 26 de maio de 1914, pp. 20-21. Rolo 10, Im. 2158-2159.

- Cartas de Manizer à família, 28 e 29 de maio de 1914, p.21 e 22. Rolo 10, im.2104-2178.

- Cartas de Manizer à família, 31 de maio de 1914, p. 25. Rolo 10, Im. 2154.

- Carta de Manizer à família, 14 de junho de 1914, p. 29. Rolo 10, Im. 2150.

- Carta de Manizer à família, 16 de junho de 1914, p. 29. Rolo 10, Im. 2150.

- Cartas de Manizer à família, 26 de junho de 1914, p. 33. Rolo 10, Im. 2146.

- Carta de Manizer à família, 26 de julho de 1914. Rolo 10, im.2104-2178.

- Carta de Manizer à família, 3 de agosto de 1914.Rolo 10, im.2104-2178.
- Carta de Manizer à família, 10 de agosto de 1914, p 44. Rolo 10, im.2104-2178.
- Carta de Manizer à família, 14 de outubro de 1914, p. 44. Rolo 10, im.2104-2178.
- Carta de Manizer à família, 28 de outubro de 1914, p. 48. Rolo 10, im.2104-2178.
- Carta de Manizer à família, 14 de novembro de 1914, p.51. Rolo 10, im.2104-2178.
- Carta de Manizer à família, 25 de novembro de 1914, p. 56. Rolo 10, im.2104-2178.
- Carta de Manizer para Shternberg, 27 de maio de 1914. Rolo 10, im.2300.
- Postal de Manizer para Shternberg, com fotografia, 29 de maio de 1914. Rolo 10, im. 2301,2302.
- Carta de Manizer a Shternberg, 18 de junho de 1914, p.3. Rolo 10, im.2345-2348.
- Carta de Manizer a Shternberg, Mato Grosso, 16 de julho de 1914. Rolo 10, im.2349-2350.
- Carta de Fielstrup para Shternberg, Buenos Aires, 23 de janeiro de 1915. Rolo 10, im.2333-2335.
- Carta de Geiman para Shternberg, 9 de fevereiro de 1915. Rolo 10, im. 2326-2329.
- Carta de Fielstrup para Shternberg, a bordo do navio Presidente Sarmiento, 15 de fevereiro de 1915. Rolo 10, im.2331-2332.
- Relatório preliminar de Manizer sobre a expedição na América do Sul, 20 de fevereiro de 1915. Rolo 10, im.2315-2323.
- Relatório de atividades de Strelnikov e Tanasiichuk para Shternberg, 2 de dezembro de 1915. Rolo 10, im.2294-2298.
- Carta de Geiman a Shternberg, 1916. Rolo 10, Im. 2304-2305.
- Carta de Manizer para Radlov, 8 de maio de 1917. Rolo 10, im.2307-2310.

Rolo 12.

-
- Diário de Strelnikov, 2 de julho de 1914. Rolo 12, im. 10417-10486.
-

- Diário de Strelnikov, 3 de julho de 1914. Rolo 12, im. 10417-10486.

- Diário de Strelnikov, 8 de julho de 1914. Rolo 12, im. 10417-10486.

- Diário de Strelnikov, 15 de julho de 1914. Rolo 12, im. 10417-10486.

- Diário de Strelnikov, 10 de agosto de 1914. Rolo 12, im. 10417-10486.

- Carta de Strelnikov para Sergei Metalnikov, Arlanza, 3 de maio de 1914. Rolo 12, im.10501-10505.

- Carta de Strelnikov a Sergei Ivanovich Metalnikov, 28 de julho de 1914. Rolo 12, Im. 10491-10493.

- Carta de Strelnikov a Sergei Ivanovich Metalnikov, 3 de agosto de 1914. Rolo 12, Im. 10301-10304.

- Carta de Strelnikov a Sergei Ivanovich Metalnikov, 13 de setembro de 1914. Rolo 12, Im. 10271-10310.

- Carta de Strelnikov a Sergei Ivanovich Metalnikov, 25 de janeiro de 1915, Puerto Bertoni. Rolo 12, Im. 10352-10356.

- Carta de Strelnikov a Sergei Ivanovich Metalnikov, 5 de fevereiro de 1915, Puerto Bertoni. Rolo 12, Im. 10380-10381.

- Carta de Strelnikov para Sergei Ivanovich Metalnikov, Alto Paraná, 24 de março de 1915. Rolo 12, im.10366.

- Carta de Strelnikov a Sergei Ivanovich Metalnikov, 15 de abril de 1915, Yatay, Rio Monday. Rolo 12, Im. 10324.

- Carta de Strelnikov a Sergei Ivanovich Metalnikov, 15 de junho de 1915, Puerto Bertoni. Rolo 12, Im. 10328.

- Carta de Strelnikov para Metalnikov, Villa Encarnación, rio Paraná, Paraguai, 9 de julho de 1915. Rolo 12, im.10327.

- Rascunho feito por Strelnikov no dia 2 de agosto. Rolo 12, im.10302

- Relato de Strelnikov sobre o trajeto Puerto Suarez-San Juan, 1 a 8 de outubro de 1914, Leste da Bolívia. Rolo 12, Im.10293-10300.

- Relato de Strelnikov sobre a passagem por San Miquicho, Leste da Bolívia. Rolo 12, Im.10278-10285.

- Relato de Strelnikov sobre a colônia agrícola Villasonia, 1914, Leste da Bolívia. Rolo 12, Im.10286-10291.

- Anotações de Strelnikov em Puerto Bertoni, 14 de novembro de 1914. Rolo 12. Im. 10342.

Rolo 13

- Diários de Geiman, 29 de julho de 1914, caminho para Nalike. Rolo 13, Im. 3121.
- Diários de Geiman, 3 de agosto de 1915, Nalike. Rolo 13, Im. 3113.
- Diários de Geiman, 10 de agosto de 1915, Nalike. Rolo 13, Im. 3100.
- Diários de Geiman, 11 de agosto de 1914, Nalike. Rolo 13, Im. 3091-3095.
- Diários de Geiman, 12 de agosto de 1914, Nalike. Rolo 13, Im. 3087.
- Diários de Geiman, Mato Grosso, 20 de agosto de 1914. Rolo 13, im.3058.
- Diários de Geiman, 24 de agosto de 1914, Barranco Branco. Rolo 13, Im. 3067.
- Diários de Geiman, 25 de agosto de 1914, Barranco Branco. Rolo 13, Im. 3059.
- Diários de Geiman, 26 de agosto de 1914, Barranco Branco. Rolo 13, Im. 3056.
- Diários de Geiman, 29 de agosto a 20 de setembro de 1914. Rolo 13, Im. 3012-3048.
- Diários de Geiman, 2 de setembro de 1914, Assunção. Rolo 13, Im. 3040.
- Diários de Geiman, 3-9 de setembro de 1914, Colônia Nova Itália. Rolo 13, Im. 3033.
- Diários de Geiman, 14 de setembro de 1914, Assunção. Rolo 13, Im. 3021.
- Diários de Geiman, 17-19 de setembro de 1914, Assunção. Rolo 13, Im. 3015-3019.
- Diários de Geiman, 25 de setembro de 1914, Posadas. Rolo 13, Im. 3009.
- Diários de Geiman, 4-7 de outubro de 1914, Puerto Bertoni. Rolo 13, Im. 2973-2980.
- Anotações de Strelnikov sobre as Cataratas do Iguaçu, 16-24 de fevereiro de 1915. Rolo 13, Im. 3228-3239
- Manuscrito de Strelnikov: “Da minha vida com os povos indígenas Caingua nas florestas tropicais do Paraguai”, 1920, p.4. Rolo 13, Im. 3387.
- Trabalho datilografado de Strelnikov, intitulado “Da minha vida com os povos indígenas Cainguá nas florestas tropicais do Paraguai”. 1920. Rolo 13, im. 3387.

- Notas avulsas de Strelnikov, Buenos Aires, junho de 1914, p.28. Rolo 13, Im. 3174.

Rolo 14.

- Relatório dos zoólogos para o laboratório Lesgaft, 2 de novembro de 1915. Rolo 14, Im. 3802.

- Relatório de Strelnikov intitulado *V lesakh Iujnói Ameriki* ("Nas florestas da América do Sul"). Apresentado à Sociedade Geográfica da URSS em 26 de janeiro de 1941. Rolo 14, im.3538-3575.

- Relatório de Strelnikov intitulado *Nautchnie resultati russkoi ekspeditsi 1914-1915g.g. Brazilia, Bolivya i Paragvay* ("Resultados científicos da expedição russa de 1914-1915. Brasil, Bolivia e Paraguai"), apresentado à Sociedade Geográfica Russa em 22 de abril de 1964. Rolo 14, im. 3503-3536.

Rolo 15.

- Fielstrup, Universidade de Tomsk, 1920. Rolo 15, im.11006.

- Rascunho com levantamento bibliográfico de Fielstrup. Rolo 15, im.11117-11122.

- Lista de vocabulário em espanhol, com expressões e palavras utilizadas na Argentina. Rolo 15, im.11123-11131.

- Carta de Fielstrup e Manizer a Geiman, 5 de setembro de 1914. Rolo 15, im.11419-11420.

- Discurso de Vasilii Radlov em homenagem a Genrikh Manizer, Seção das Ciências Históricas e da Filologia da Academia das Ciências da Rússia, 1917, p. 2.

- Diários de Geiman, 22 de novembro - 5 de dezembro de 1914, Uruguai. Rolo 15, Im. 11533-11584.

- Diários de Geiman, 7-29 de dezembro de 1914, p. 9. Rolo 15, Im. 11625.

- Diários de Geiman, 28 de dezembro de 1914, Buenos Aires. Rolo 15, Im. 11634-11637.

- Diários de Geiman, 31 de dezembro de 1914- 16 de janeiro de 1915, Mendoza. Rolo 15, Im. 11645-11657.

- Diários de Geiman, 14 de fevereiro - 29 de março de 1915, Chile. Rolo 15, Im. 11586-11616.

- Diários de Geiman, 30 de março - 4 de maio de 1915, Terra do Fogo, sul do Chile. Rolo 15, Im. 11659-11686.

- Diários de Geiman, 5 de maio a 15 de junho de 1915, Buenos Aires. Rolo 15, Im. 11687.

- Diários de Geiman, 17 de junho de 1915, Colônia Moisés-Ville, Argentina. Rolo 15, Im. 11690.

- Diários de Geiman, 18 junho de 1915, Moisés-Ville, Argentina. Rolo 15, Im. 11691.

- Diários de Geiman, 26 de junho - 8 de julho de 1915, Ledesma-Jujuy, Argentina. Rolo 15, Im. 11694-11708.

- Carta de recomendação escrita pelo engenheiro judeu russo Iuly Nicolaievich Marienhoff (Julio Nicolás Marienhoff; 1861-1932), 6 de janeiro de 1915, Mendoza. Rolo 15, Im. 11464.

- Cartas de recomendação escritas pelo professor Carlos Porter, 20-21 de janeiro de 1915, Santiago. Rolo 15, Im.11471-11475.

- Diário da volta de Fielstrup à Rússia. Rolo 15, im.11167

## Outras fontes utilizadas:


Ambrosetti, J. 1894. “Los indios Cainguá del Alto Paraná (Misiones)”, Boletín del Instituto Geográfico Argentino, Buenos Aires, 1894. http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Aambrosetti-1894-caingua/ambrosetti_1895_caingua_google.pdf, acesso em 17 de dezembro de 2022.

Bogoraz, V. 1926. Le centiéme anniversaire des Expéditions Russes à l'Amérique du Sud. Atti del XXII. Congresso Internazionale degli Americanisti, Roma, 1926. Vol. II. Roma.

Ihering, H. 1907. A anthropologia do estado de São Paulo. Revista do Museu Paulista, vol. VII, Typ. Cardozo, Filho & Cia, São Paulo, 1907, pp. 202-257. http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Aihering-1907-anthropologia/ihering_1907_anthropologia_archive.pdf, acesso em 27 de janeiro de 2021.

Ihering, H. 1911. A questão dos indios no Brazil. Revista do Museu Paulista, vol. VIII, Typ. do Diario Official, São Paulo, 1911, pp. 112-140. http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Aihering-1911-questao/ihering_1911_questao.pdf, acesso em 27 de janeiro de 2021.

Ihering, Hermann. 1912. A ethnographia do Brazil meridional. In Actas del Congreso Internacional de Americanistas, p. 250-263. Buenos Aires. http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Aihering-1912-a-ethnographia/ihering_1912_a_ethnographia.pdf, acesso em 27 de janeiro de 2021.

Lavadenz, José. 1925. La colonización en Bolivia durante la primera centuria de su independencia. Talleres gráficos de la Intendencia de Guerra, La Paz, 1925. p.26. https://books.google.com.br/books?id=Bf89AAAAYAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false, acesso em 11 de dezembro de 2022.

Matéria sobre Alberto Childe. Suplemento Ciência Para Todos, p. 8. (Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional) Edição 32,. Rio de Janeiro, 29 de outubro de 1950. http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=085782&pagfis=475&url=http://memoria.bn.br/docreader#, 12 de abril de 2021.

Nimuendajú, C. 2018. Organização social e crenças dos Botocudos do Leste do Brasil. Tradução de Pedro Ternes Frassetto, Brasília, DF: FUNAI, 2018. 48p. https://kamuri.org.br/kamuri/wp-content/uploads/2021/03/Organiz-Social-Crencas-Botocudos_completo.pdf, acesso em 22 de março de 2021.

Pirogov, N.I. 1985. Izbrannye pedagogicheskie sochineniia ("Textos pedagógicos selecionados") Moscou: Pedagogika, 1985, p. 322. http://elib.gnpbu.ru/text/pirogov_izbrannye-pedagogicheskie-sochinenia_1985/go,4;fs,1/, acesso em 24 de setembro de 2022.

Pogodin, M.P. 1874. Istoriko-politicheskie pisma ("Cartas político-históricas"). https://runivers.ru/upload/iblock/42c/Istoriko-politicheskie%20pisma.pdf, acesso em 15 de setembro de 2022.

Pogodin, M.P. 1867. Polski vopros: Sobranie Rassuzhdenii, zapisok i zamechanii, 1831-1867 ("A questão polonesa: Compilação de pensamentos, notas e observações, 1831-1867"). Moscou, 1867, 146p. https://biblioclub.ru/index.php?page=book_red&id=99359, acesso em 15 de setembro de 2022.

## Sites:

Verbete sobre Rodolpho von Ihering, no Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil.
Link: https://dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/verbetes/ihenrod.htm#topo, acesso em 22 de abril de 2021.

Timofeitchev, Aleksei: *Por que a Rússia tem 2 calendários e perdeu 13 dias de sua história?* Russia Beyond, História, 15 de fevereiro de 2018.
Link: https://br.rbth.com/historia/79945-por-que-russia-2-calendarios-historia, acesso em 17 de abril de 2021.

Sobre a Hospedaria Imigrante da Ilha das Flores, por Beatriz Kushnir, na Brasiliana Fotográfica.
Link: https://brasilianafotografica.bn.gov.br/?p=20341, acesso em 24 de janeiro de 2023.

Sobre o Hotel de Inmigrantes de Buenos Aires, por Maria González Rouco.
Link:http://letras-uruguay.espaciolatino.com/aaa/gonzalez_rouco_maria/hotel_de_inmigrantes.htm, acesso em 26 de janeiro de 2023.

Sobre Antônio Araújo de Azevedo.
Links:
https://bndigital.bn.gov.br/projetos/200anos/araujense.html, acesso em 29 de maio de 2023.
http://mapa.an.gov.br/index.php/publicacoes/70-assuntos/producao/publicacoes-2/biografias/387-antonio-de-araujo-e-azevedo-conde-da-barca, acesso em 29 de maio de 2023.

Sidorova, Irina: *Neste dia: Começava a primeira viagem russa de navio ao redor da Terra.*
Russia Beyond, História, 7 de agosto de 2017.
https://br.rbth.com/arte/historia/2017/08/07/neste-dia-comecava-a-primeira-viagem-russa-de-navio-ao-redor-da-terra_816998, acesso em 29 de maio de 2023.

Conteúdo produzido pelos professores Hugh Seton-Watson e Nicholas Riasanovsky para a Encyclopedia Britannica, 2021.
Link: https://www.britannica.com/place/Russia/History., acesso em 3 de setembro de 2022.

Shmemann, Serge: *Leningrad, Petersburg and the great name debate*.
The New York Times, 13 de junho, 1991, Seção A, página 18.
Matéria do arquivo digital do The New York Times sobre o referendo russo acerca da mudança do nome da cidade de Leningrado de volta para São Petersburgo.
Link:https://www.nytimes.com/1991/06/13/world/leningrad-petersburg-and-the-great-name-debate.html, acesso em 3 de maio de 2021.

Documento de apresentação da exposição "Langsdorff de volta: desenhos e aquarelas de Rugendas, Taunay e Florence", 1988, 1989.
Link: http://13.82.108.85:8080/jspui/bitstream/1357/120/1/AMF07.009.pdf, acesso em 9 de junho de 2021.

Sobre os Parques Nacionais do Iguaçu, no Brasil e na Argentina.
Links:http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/52#:~:text=O%20Parque%20Nacional%20do%20Igua%C3%A7u,caracter%C3%ADstica%20predominantemente%20paisag%C3%ADstica%20e%20ecol%C3%B3gica. Acesso em 30 de março de 2023.
https://iguazuargentina.com/pt/parquenacionaliguazu Acesso em 30 de março 2023.

Sobre Albion, na Encyclopedia Britannica.
Link: https://www.britannica.com/place/Albion-island-Europe, acesso em 7 de junho de 2023.